

Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação



WEDEZÉ
População Indígena Xavante

Grupo Técnico:

Ricardo Ventura Santos	Antropólogo-Coordenador (Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz e Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro)
Carlos E.A. Coimbra Jr.	Ecólogo (Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz)
James R. Welch	Antropólogo (Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz)
Jorge Luiz de Paula	Antropólogo (Fundação Nacional do Índio)
Januária Pereira Mello	Antropóloga (Fundação Nacional do Índio)
Sebastião Carlos Baptista	Engenheiro Agrimensor (Fundação Nacional do Índio)
Luis Antônio de Araújo	Engenheiro Agrônomo (Fundação Nacional do Índio)
Hugo Meireles Heringer	Indigenista (Fundação Nacional do Índio)

Ricardo Ventura Santos

Outubro de 2011

[Signature]

Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação

WEDEZÉ

População Indígena Xavante

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	10
INTRODUÇÃO	11
Objetivos e composição do Grupo Técnico	11
O trabalho de campo e a participação indígena.....	15
Contextualização histórica e política.....	17
Legislação pertinente.....	21
Fontes e metodologia utilizadas	22
Ortografia de vocábulos Xavante	27
1. PRIMEIRA PARTE: DADOS GERAIS	28
1.1. Informações gerais sobre o povo Xavante	28
1.1.1. Filiação cultural e lingüística	28
1.1.2. Migrações.....	35
1.1.3. História do contato permanente e demarcação da terra	44
1.1.4. Censo demográfico	65
1.1.5. Distribuição espacial da população.....	70
1.2. Histórico oral de ocupação da região de Wedezé	72
1.3. Práticas de secessão praticadas pelos Xavante.....	83
2. SEGUNDA PARTE: HABITAÇÃO PERMANENTE	88
2.1. Descrição da distribuição das aldeias e população.....	88
2.2. Critérios do grupo para localização, construção e permanência das aldeias.....	94
3. TERCEIRA PARTE: ATIVIDADES PRODUTIVAS.....	102
3.1. Atividades produtivas.....	102
3.1.1. Coleta	102
3.1.2. Caça.....	106
3.1.3. Pesca	111
3.1.4. Agricultura	113
3.1.5. Animais domésticos.....	117

3.1.6.	Áreas de uso econômico	118
3.2.	Características da economia	127
3.2.1.	Economia tradicional	127
3.2.2.	Alterações ocorridas a partir do contato com a sociedade envolvente	137
3.3.	Relações sócio-econômico-culturais com outros grupos indígenas e com a sociedade envolvente	142
4.	QUARTA PARTE: MEIO AMBIENTE	145
4.1.	Introdução.....	145
4.1.1.	Clima.....	145
4.1.2.	Relevo, solos e hidrografia	145
4.2.	Vegetação	148
4.2.1.	Aspectos distintivos da vegetação da TI Pimentel Barbosa.....	153
4.2.2.	Aspectos distintivos da vegetação de Wedezé.....	157
4.2.3.	Vegetação de valor alimentar, tecnológico e cultural.....	162
4.3.	Os Xavante e a fauna de Pimentel Barbosa e Wedezé	174
4.4.	Impactos das atividades antrópicas e manejo de recursos naturais.....	195
4.5.	Fogo antropogênico e sustentabilidade ambiental	198
4.6.	Justificativa ambiental para os limites da área proposta de Wedezé.....	205
5.	QUINTA PARTE: REPRODUÇÃO FÍSICA E CULTURAL	215
5.1.	Reprodução física.....	215
5.1.1.	Evolução da população	216
5.1.2.	Composição por sexo e idade	217
5.1.3.	Natalidade e fecundidade.....	221
5.1.4.	Mortalidade.....	223
5.1.5.	Comentários gerais.....	225
5.2.	Aspectos cosmológicos e cerimoniais.....	227
5.2.1.	Áreas de usos rituais	229
5.2.2.	Cemitérios.....	235
5.2.3.	Lugares sagrados.....	240
5.2.4.	Sítios arqueológicos.....	240
5.3.	Áreas necessárias à reprodução física e cultural	247
6.	SEXTA PARTE: LEVANTAMENTO FUNDIÁRIO E DELIMITAÇÃO.....	248
6.1.	Características gerais do município de Cocalinho	248
6.2.	Trabalho de campo relacionado ao levantamento fundiário	250

6.3. Localização da TI Wedezé	253
6.4. Ocupantes não-índios na Terra Indígena Wedezé.....	257
7. Conclusão e delimitação	259
BIBLIOGRAFIA	269
ANEXOS	291
Anexo I. Termo de Audiência de Justificação Prévia – Reintegração/Manutenção de Posse, Fazenda Remanso, Mato Grosso, 2010 (Justiça Federal, 2010).	292
Anexo II. Ata de reunião do GT com lideranças Xavante em 18 de dezembro, PI Pimentel Barbosa, Mato Grosso, 2009.	296
Anexo III. Ata de reunião do GT com lideranças Xavante em 7 de julho, aldeia Tanguro, Mato Grosso, 2010.	301
Anexo IV. Carta do Governador de Mato Grosso, Blairo Borges Maggi, ao Ministro da Justiça, 31 de março, Cuiabá, Mato Grosso, 2003 (Maggi, 2003).	303
Anexo V. Carta de lideranças indígenas da TI Pimentel Barbosa ao Presidente da FUNAI, 7 de junho, Brasília, Distrito Federal, 2004 (Tsupredo et al., 2004).	304
Anexo VI. Carta de Claudenor Zopone Jr. da Associação dos Produtores Cana Rica ao Deputado Federal Júlio Lopes, 29 de setembro, Canarana, Mato Grosso, 2004 (Zopone Jr, 2004).	307
Anexo VII. Mapa do INTERMAT de 2010 com mosaico dos títulos primitivos das terras do entorno das TI Pimentel Barbosa e Wedezé, assim como documentos de solicitação e encaminhamento por parte da FUNAI, 2010.	309
Anexo VIII. Autorização de Nilo Oliveira Vellozo, Diretor Substituto do SPI, para entrega de gado para fins de pagamento referente à transferência da sede do PI, 19 de fevereiro, Brasília, Distrito Federal, 1965 (Vellozo, 1965).	312
Anexo IX. Fax de Scopel Empreendimentos e Obras S/A ao Diretor de terras Indígenas da FUNAI, 30 de junho, São Paulo, 2000.	313
Anexo X. Mapa de delimitação da TI Wedezé, Mato Grosso, 2010.....	314
Anexo XI. Ofícios expedidos pela FUNAI e dirigidos para proprietários de terras sobre presença de índios/aldeamentos na região da TI Pimentel Barbosa, 2005 (nºs 232/DAF/2005, 235/DAF/2005, 236/DAF/2005, 293/DAF/2005, 294/DAF/2005, 295/DAF/2005, 296/DAF/2005, 297/DAF/2005, 298/DAF/2005 e 303/DAF/2005).....	315
Anexo XII. Relatório de Levantamento Fundiário de Propriedades Rurais Incidentes na Terra Indígena Wedezé.....	325

LISTA DE FIGURAS

Figura 0.1. Localização da TI Pimentel Barbosa e da área de Wedezé, Mato Grosso.	16
Figura 1.1. Mapa de Glass (1911: 75) com a indicação do local onde os Xavante foram avistados em 1909 nas margens do Rio Araguaia.	45
Figura 1.2. Detalhe de mapa do Instituto de Terras de Mato Grosso (Intermat) que mostra uma “Estrada do SPI” que parte do antigo posto de Pimentel Barbosa (São Domingos), 2002.	49
Figura 1.3. Foto aérea de uma aldeia Xavante em 1944, publicada na revista <i>O Cruzeiro</i>	53
Figura 1.4. Distribuição de presentes entre os Xavante de Wedezé feita por agentes do SPI, 1954.	59
Figura 1.5. Mapa de demarcação da TI Pimentel Barbosa pela FUNAI, 1980.	64
Figura 1.6. Pirâmides etárias da população Xavante, segundo terra indígena e total, 2008.	69
Figura 1.7. Mapa de localização das terras indígenas Xavante, Mato Grosso, 2010.	71
Figura 1.8. Mapa de localização das antigas aldeias Xavante na região de Pimentel Barbosa e Wedezé, 2010.	75
Figura 1.9. Cronologia aproximada dos movimentos de aldeias Xavante na região do Rio das Mortes até a demarcação da TI Pimentel Barbosa.	78
Figura 1.10. Classificação das comunidades Xavante segundo Lopes da Silva.	85
Figura 2.1. Localização das atuais aldeias da TI Pimentel Barbosa, 2010.	89
Figura 2.2. Distribuição da população (porcentagem) da aldeia Wedezé e das aldeias da TI Pimentel Barbosa, 2009.	90
Figura 2.3. Número de casas, segundo aldeias, da TI Pimentel Barbosa, 2009.	93
Figura 2.4. Número médio de moradores por domicílio nas aldeias da TI Pimentel Barbosa, 2009.	94
Figura 2.5. A atual aldeia em Wedezé, Mato Grosso, 2009.	98
Figura 2.6. A atual aldeia em Wedezé, Mato Grosso, 2009.	98
Figura 2.7. Esquema de uma aldeia Xavante.	100
Figura 3.1. Polpa de palmito secando ao sol, TI Pimentel Barbosa, Mato Grosso, 2005.	103
Figura 3.2. Mulher Xavante mostrando tubérculo comestível, TI Pimentel	

Barbosa, Mato Grosso, 2005.....	104
Figura 3.3. Mulher Xavante tirando mel e larvas de abelha, TI Pimentel Barbosa, 2005.....	105
Figura 3.4. Áreas de uso na área proposta de Wedezé, 2010.....	120
Figura 3.5. Carne de caça, produto de caçada coletiva, sendo distribuída para a comunidade, TI Pimentel Barbosa, 2006.....	130
Figura 3.6. Trabalho coletivo de ensacar arroz produzido em uma lavoura comunitária, TI Pimentel Barbosa, 2006.....	131
Figura 3.7. Rotas de <i>trekking</i> percorridas pelos Xavante de Wedezé em 1958.....	133
Figura 3.8. Rotas de <i>trekking</i> percorridas pelos Xavante de Wedezé entre as décadas 1950 e 1970.....	136
Figura 4.1. Etnogeografia Xavante da área proposta de Wedezé.....	147
Figura 4.2. Tipos de vegetação na TI Pimentel Barbosa e na área proposta de Wedezé, 2010.....	152
Figura 4.3. Cerrado <i>stricto sensu</i> , TI Pimentel Barbosa, 2009.....	153
Figura 4.4. Campo de murundu, área de Wedezé, 2010.....	158
Figura 4.5. Campo de murundu com ipucas, área de Wedezé, 2009.....	159
Figura 4.6. Foto aérea do Morro de Wedezé, área de Wedezé, 2009.....	180
Figura 4.7. Desmatamento na região de Pimentel Barbosa e Wedezé no período de 1990-2005, a partir de imagens de satélite.....	197
Figura 4.8. Imagens de satélite da TI Pimentel Barbosa e Wedezé referentes aos anos 1990, 2000, 2005 e 2009, evidenciando em vermelho a distribuição de áreas queimadas.....	201
Figura 4.9. Sucessão vegetacional em área de cerrado na TI Pimentel Barbosa, evidenciando o rápido rebrotamento aproximadamente cinco semanas após a queimada, maio de 2005.....	204
Figura 4.10. Comparação entre área não-queimada (lado direito) e área queimada quatro semanas atrás (lado esquerdo), em campo de murundu na TI Pimentel Barbosa, junho de 2010.....	205
Figura 4.11. Foto aérea das trilhas feitas pelo gado em meio aos murundus, área de Wedezé, 2009.....	206
Figura 5.1. Pirâmide etária do total da população Xavante, 2004.....	218
Figura 5.2. Pirâmides etárias da população Xavante, segundo terra indígena, Mato Grosso, 2004.....	219

Figura 5.3. Idades medianas da população Xavante, por terras indígenas, Mato Grosso, 1999-2001 e 2002-2004.....	220
Figura 5.4. Localização dos cemitérios e sepultamentos Xavante na região de Wedezé, 2010.....	239
Figura 5.5. Cerâmica de origem Xavante encontrada nas proximidades do Morro de Wedezé, 2009.....	244
Figura 5.6. Vista aérea de antiga aldeia Xavante em Wedezé, na qual se nota crescimento diferenciado de vegetação em forma ferradura, 2009.....	246
Figura 6.1. Trabalho de coleta de dados de coordenadas geográficas na porção sul da área de Wedezé, julho de 2010.....	251

LISTA DE TABELAS

Tabela 1.1. Cronograma de alocação e demarcação de terras para os Xavante de Pimentel Barbosa e Wedezé.....	55
Tabela 1.2. População Xavante segundo idade (grupos etários), sexo e terra indígena, 2008.....	66
Tabela 1.3. Porcentagens da população Xavante segundo idade (grupos etários) e terra indígena, sexos combinados, 2008.....	67
Tabela 1.4. Porcentagens da população Xavante segundo grupos etários selecionados e terra indígena, sexos combinados, 2008.....	68
Tabela 1.5. Localização, situação jurídica e extensão das Terras Indígenas Xavante.....	72
Tabela 2.1. População das aldeias localizadas na TI Pimentel Barbosa, segundo sexo e idade (grupos etários), 2009.....	91
Tabela 2.2. Porcentagens da população Xavante, segundo aldeia, sexo e idade (grupos etários), TI Pimentel Barbosa, 2009.....	92
Tabela 3.1. Alimentos comumente cultivados nas roças da TI Pimentel Barbosa, 2009.....	114
Tabela 3.2. Sistema Xavante de classificação de milhos tradicionais segundo cor.....	115
Tabela 3.3. Atividades produtivas sazonais na economia tradicional Xavante.....	128
Tabela 4.1. Etno-classificação Xavante de tipos de vegetação do cerrado.....	150
Tabela 4.2. Lista parcial de plantas de importância na alimentação dos Xavante de Pimentel Barbosa e Wedezé.....	164
Tabela 4.3. Lista parcial de plantas de valor tecnológica dos Xavante de Pimentel Barbosa e Wedezé.....	172
Tabela 4.4. Lista parcial de insetos de importância na alimentação dos Xavante de Pimentel Barbosa e Wedezé.....	177
Tabela 4.5. Lista parcial de peixes de importância na alimentação dos Xavante de Pimentel Barbosa e Wedezé.....	181
Tabela 4.6. Lista parcial de répteis de importância na alimentação dos Xavante de Pimentel Barbosa e Wedezé.....	183
Tabela 4.7. Lista parcial de aves de importância na alimentação e para obtenção de penas (de uso tecnológico ou ritual) dos Xavante de Pimentel Barbosa e Wedezé.....	184



Tabela 4.8. Lista parcial de mamíferos de importância na alimentação dos Xavante de Pimentel Barbosa e Wedezé.....	194
Tabela 5.1. Terras indígenas, população Xavante, incremento do número de aldeias e crescimento médio anual, 1999-2004.	217
Tabela 5.2. População Xavante (%) por terra indígena, segundo três grupos de idades, Mato Grosso, 1999-2001 e 2002-2004.	221
Tabela 5.3. Taxas brutas de natalidade por mil habitantes e variação relativa dessas taxas, Terras Indígenas Xavante, Mato Grosso, 1999- 2001 e 2002-2004.....	222
Tabela 5.4. Taxas de fecundidade total (TFT) observadas em mulheres Xavante de 10-44 anos, Mato Grosso, 1999-2001 e 2002-2004.....	223
Tabela 5.5. Taxa Bruta de Mortalidade (TBM) por mil habitantes, segunda terra indígena, sexo e triênio, população Xavante, Mato Grosso, 1999-2001 e 2002-2004.	224
Tabela 5.6. Taxa de mortalidade Infantil (TMI) por mil nascidos vivos, segundo Terras Indígenas Xavante, Mato Grosso, 1999-2001 e 2002-2004.	225
Tabela 6.1. Condição legal das terras nos municípios da região nordeste de Mato Grosso, Censo Agropecuário do IBGE, 2006.	255
Tabela 6.2. Quadro demonstrativo de ocupantes não-índios da TI Wedezé.	258

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas ajudaram de forma expressiva no processo de construção do presente relatório. A antropóloga Nancy M. Flowers, que ao longo das últimas décadas conduziu importantes trabalhos sobre os Xavante de Pimentel Barbosa, nos auxiliou na reconstrução de aspectos da história dos Xavante, além de ter disponibilizado dados demográficos inéditos. Eduardo Brondízio e Scott S. Hetrick, do "Anthropological Center for Training and Research on Global Environmental Change" (ACT), da Indiana University, nos EUA, conduziram as análises das imagens de satélite e nos ajudaram na preparação de vários mapas de conteúdo ambiental. Luciene Guimarães de Souza, na época trabalhando na Fundação Nacional de Saúde (FUNASA), desde muitos anos vem estudando a demografia dos Xavante e nos forneceu dados recentes sobre distribuição e composição etária e por sexo da população. José Carlos Louzada Morelli, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizou a preparação de diversos mapas. Gostaríamos de agradecer também a José Carlos Levinho, do Museu do Índio/ FUNAI, no Rio de Janeiro, pelo apoio ao longo das diversas etapas de pesquisa que conduziram a este relatório. Labiuai Coimbra fez a tradução e revisão de diversos trechos de trabalhos sobre os Xavante originalmente em inglês. Maurício Viana Gomes de Oliveira e José Rodolfo Mendonça de Lucena, pós-graduandos na Escola Nacional de Saúde Pública/ FIOCRUZ, deram importante apoio durante o trabalho de campo em Wedezé.



INTRODUÇÃO

Objetivos e composição do Grupo Técnico

O objetivo deste documento é apresentar o Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação (RCID) da Terra Indígena Wedezé¹, localizada no município de Cocalinho, no Estado do Mato Grosso, e contígua à TI Pimentel Barbosa do povo Xavante, localizada nos municípios de Canarana e Ribeirão Cascalheira. Este relatório segue as orientações de forma e conteúdo da legislação que normatiza o processo de demarcação de terras indígenas, quais sejam, o Decreto nº 1775/1996 e a Portaria MJ 14/1996.

O Grupo Técnico (GT) responsável pelos estudos antropológicos e ambientais necessários para a elaboração do presente relatório foi formado por três pesquisadores: Ricardo Ventura Santos (antropólogo coordenador, pesquisador titular da Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz e professor associado no Departamento de Antropologia do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro), Carlos Everaldo Alvares Coimbra Junior (ecólogo e antropólogo, pesquisador titular da Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz) e James Robert Welch (antropólogo, pesquisador visitante na Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz), todos com relevante produção acadêmica em antropologia, saúde e demografia sobre as comunidades indígenas em questão. O Grupo também foi composto por três servidores do órgão indigenista com experiência em processos de identificação e delimitação de terras indígenas: Jorge Luiz de Paula (antropólogo), Januária Pereira Mello (antropóloga) e Hugo Meireles Heringer (indigenista). Contou também, em sua etapa de julho de 2010, com a participação do engenheiro agrimensor Sebastião Carlos Baptista e do engenheiro agrônomo Luis Antônio de Araújo.

A parceria entre especialistas e técnicos foi fundamental para a qualidade das informações levantadas e o bom andamento das pesquisas em campo, uma vez que uniu duas práticas complementares necessárias para a eficiente identificação e delimitação de uma terra indígena: conhecimentos oriundos de pesquisa acadêmica sobre o povo indígena e a ecologia do cerrado e experiência legal e administrativa. A parceira foi

¹ As terras às quais nos referimos como Wedezé ao longo deste relatório estão localizadas na margem direita do Rio das Mortes, nas proximidades de TI Pimentel Barbosa, Mato Grosso (vide Figura 0.1). De acordo com a etnogeografia Xavante (James R. Welch, 2008, dados inéditos), o termo Wedezé faz referência especificamente a um grande morro localizado próximo do antigo PI Pimentel Barbosa, anteriormente conhecido como São Domingos (vide Partes 1 e 4 e Figura 4.1).



consolidada através de cinco reuniões entre os pesquisadores, lideranças indígenas e servidores da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), tendo sido, desde o início, solicitada pelo povo indígena, tendo em vista a necessidade de dar encaminhamento à formação do GT e a confiança dos Xavante nos pesquisadores indicados acima, que vêm realizando trabalhos com eles desde 1990.

A primeira reunião, que aconteceu em um momento que antecedeu o estabelecimento do GT em si, ocorreu no dia 29 de outubro de 2008. Dela participaram Paulo Santilli, na ocasião coordenador da Coordenação Geral de Identificação e Delimitação (CGID), Jorge Luiz de Paula, Carlos E.A. Coimbra Jr., James R. Welch e quatro lideranças Xavante de aldeias da TI Pimentel Barbosa. Nesta reunião, Santilli confirmou que Márcio Meira, presidente da FUNAI, havia acertado com lideranças Xavante que seria estabelecido um novo GT (vide abaixo) para conduzir estudos relativos à Wedezé. Desse grupo fariam parte pesquisadores da FIOCRUZ, que participariam do projeto como colaboradores. Os pesquisadores da FIOCRUZ presentes confirmaram a disponibilidade e o interesse em participar do GT.

Uma segunda reunião aconteceu em 9 de fevereiro de 2009, da qual participaram Márcio Meira, José Carlos Levinho (Diretor do Museu do Índio), José Antonio de Sá (Coordenador Geral de Geoprocessamento e Diretor de Proteção Territorial Substituto), Carlos E.A. Coimbra Jr., James R. Welch e duas lideranças da TI Pimentel Barbosa. Nesta reunião os Xavante manifestaram seu desapontamento pois o GT não havia ainda sido formalizado, passados mais de quatro meses do encontro anterior. O presidente da FUNAI reafirmou que o GT seria criado, com a publicação da portaria referente ao mesmo a curto prazo.

Uma terceira reunião foi realizada na FUNAI em Brasília no dia 12 de maio de 2009 e contou com a participação da Coordenadora Geral de Identificação e Delimitação, Leila Sotto-Maior, Ricardo Ventura Santos, Carlos E.A. Coimbra Jr. e James R. Welch, pesquisadores da FioCruz, além de servidores da sede, servidores das regionais da FUNAI de Água Boa e Goiânia e lideranças indígenas Xavante. Nessa reunião, foram apresentados para os pesquisadores os procedimentos relacionados à formação do GT e a condução de seus trabalhos.

A quarta reunião foi realizada na aldeia Tanguro, localizada na TI Pimentel Barbosa, no dia 06 de agosto de 2009, por iniciativa da FUNAI e visou determinar os interesses das várias aldeias da TI Pimentel Barbosa no que tange às terras a serem identificadas e delimitadas. Essa reunião contou com a presença dos servidores da

FUNAI que compõem o GT e também com o servidor da extinta Administração Regional de Água Boa, Francisco dos Santos Magalhães, e lideranças Xavante de todas as aldeias da TI. Na ocasião, os representantes da FUNAI relataram os principais problemas enfrentados no andamento dos estudos do GT anterior (Portaria nº 1054/Pres/2000, publicada em 10/10/2000), iniciado quase uma década antes (Heringer et al., 2009). Da parte das lideranças Xavante, o foco principal da reunião foi solicitar a retomada dos estudos antropológicos e ambientais necessários para a identificação e delimitação da região de Wedezé, onde se localizam aldeias antigas, cemitérios e áreas de uso contínuo do povo Xavante, além do antigo Posto Indígena (PI) Pimentel Barbosa (São Domingos), área de antiga reivindicação dessas comunidades. Justificaram sua posição enfatizando que Wedezé apresenta aspectos materiais e simbólicos de grande importância para o bem-estar dos Xavante, incluindo elementos faunísticos, botânicos e histórico-culturais.

Uma quinta reunião foi realizada na sede da FUNAI em Brasília, no dia 23 de setembro de 2009, e contou com a presença dos pesquisadores da FIOCRUZ, servidores da FUNAI e lideranças indígenas da TI Pimentel Barbosa com o objetivo de firmar a parceria, esclarecer dúvidas e estabelecer cronogramas e prazos para os estudos. Na ocasião foram reconfirmados o interesse e a disponibilidade dos pesquisadores em participar da elaboração dos estudos de identificação e delimitação e o compromisso do antropólogo Ricardo Ventura Santos em coordenar o GT. Nessa reunião, foram apresentados para os pesquisadores os procedimentos relacionados à formação do GT e a condução de seus trabalhos.

No dia 28 de setembro de 2009 foi encaminhado um ofício (nº 856/DAF/2009) da Diretoria de Assuntos Fundiários à Escola Nacional de Saúde Pública da FIOCRUZ formalizando o convite. Tal ofício solicitava a liberação dos pesquisadores para participação no GT, o que foi de pronto atendido pela instituição de pesquisa.

Entre agosto e setembro de 2009, algumas famílias da aldeia Caçula, localizada na TI Pimentel Barbosa, mudaram-se para a região do antigo PI Pimentel Barbosa (São Domingo), na região de Wedezé. Lá instalaram uma aldeia, localizada próxima do local de antigas aldeias Xavante. Essa aldeia se localiza aproximadamente a meio quilômetro da sede da Fazenda Remanso².

² Em 2010 foi ajuizada ação com o objetivo de reintegração de posse da Fazenda Remanso (Justiça Federal, 2010) (Anexo I). Tal ação, apresentada pelos proprietários do imóvel, Antônio Aparecido Cavaglieri e Outros, se seguiu ao estabelecimento na margem direita do Rio das Mortes, em junho de 2009, da aldeia Wedezé por um grupo de Xavante oriundos da aldeia Caçula nos limites da referida propriedade. No dia 20

Em 8 de outubro de 2009 foi publicada no Diário Oficial da União (DOU) a Portaria nº 1242/Pres/2009, que revogou a Portaria Nº 1054/Pres/2000, publicada em 10/10/2000, e suas alterações (relativas ao GT anterior). Foi assim constituído o novo GT para estudos “de natureza antropológica e ambiental em áreas de uso tradicional dos índios Xavante, contíguas a Terra Indígena Pimentel Barbosa, situada nos municípios de Canarana, Ribeirão Cascalheira e Cocalinho/MT...”. Trate-se do GT que produziu o presente relatório.

A primeira viagem de campo do GT aconteceu em outubro de 2009 e contou com a participação de Carlos E.A. Coimbra Jr., James R. Welch, Jorge Luiz de Paula, Januária Pereira Mello e Hugo Meireles Heringer. A viagem envolveu sobrevôo da região de Wedezé e também deslocamento por terra, o que aconteceu com a participação de representantes indígenas. O objetivo foi conhecer *in loco* a região, localizando os tipos de vegetação, as características das paisagens e as áreas de uso pelos Xavante no passado e no presente. Nessa viagem, os representantes indígenas delinearão em termos gerais os limites da terra que eles pleiteavam que fosse demarcada. Os membros do GT, por sua vez, iniciaram a avaliação e verificação do uso dessa região pela comunidade.

Em 5 de novembro de 2009 foi publicada nova portaria, que autorizou a segunda etapa de estudos de campo do GT (Portaria Nº 1313/PRES/2009). Nessa viagem, que aconteceu em dezembro de 2009 e que contou com a participação de Ricardo Ventura Santos, Carlos E.A. Coimbra Jr., Jorge Luiz de Paula, Januária Pereira Mello e Hugo Meireles Heringer, além de coletados mais dados, foi realizada reunião com as comunidades da TI Pimentel Barbosa e da área de Wedezé, na qual foi apresentada e discutida proposta inicial de limite da TI Wedezé (vide Anexo II). Nessa reunião, as lideranças e velhos reafirmaram, de forma unânime, seu desejo de priorizar a reivindicação da área de Wedezé antes de qualquer outra. Foram apresentados dados obtidos em campo e discutidos mapas de uso e ocupação indicando a área pleiteada, elaborados pelos pesquisadores e lideranças indígenas durante a viagem a Wedezé em outubro de 2009. As lideranças e velhos presentes afirmaram que os mapas apresentados e discutidos representavam adequadamente a área tradicional dos Xavante em Wedezé. Essa área está apresentada na Figura 0.1. Foi feita também viagem à região de Wedezé e

de julho de 2010 foi realizada audiência na Segunda Vara da Seção Judiciária do Estado de Mato Grosso, em Cuiabá, presidida pelo Juiz Federal Paulo César Lopes. Na ocasião, foi indeferido o pedido de liminar pleiteado (Anexo I). Um dos aspectos indicados na decisão judicial diz respeito à existência de processo administrativo referente à delimitação de terra indígena, da qual trata o presente Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação.

visitada a aldeia Xavante lá recentemente estabelecida.

Finalmente, a Portaria nº 15, de 18 de junho de 2010, autorizou a terceira e última etapa de campo do GT, que se realizou em julho de 2010. Nesta última etapa foram coletados dados de georreferenciamento precisos, necessários para a elaboração do memorial descritivo dos limites e também feitos o levantamento cartorial e a caracterização fundiária. Foram também visitadas todas as aldeias da TI Pimentel Barbosa visando levantamento adicional de dados sobre a história e uso da área de Wedezé. Foi ainda realizada uma reunião na aldeia Tanguro com lideranças Xavante da TI Pimentel Barbosa (Anexo III).

O trabalho de campo e a participação indígena

A participação indígena em todas as etapas do processo de identificação, delimitação e demarcação das terras é uma exigência descrita no Decreto 1775/1996, no seu 3º Parágrafo: "O grupo indígena envolvido, representado segundo suas formas próprias, participará do procedimento em todas as suas fases".

Em todas as etapas de elaboração dos estudos e definição dos limites da terra detalhadas neste relatório, a participação de indígenas de todas as aldeias da TI Pimentel Barbosa e da área proposta de Wedezé foi efetiva e de extrema valia, não somente no levantamento de dados antropológicos e socioambientais, como também nas reuniões e decisões do GT. Representantes escolhidos pelas comunidades participaram inclusive do sobrevôo realizado em outubro de 2009 e da coleta dos dados georreferenciados.

Vale destacar que em nenhum momento do trabalho houve problemas com relação à escolha dos representantes indígenas que acompanhariam a equipe técnica. Essa definição dos responsáveis pelo acompanhamento foi sempre e unicamente das próprias comunidades, que a comunicava à equipe técnica. Não houve interferência ou rejeição por parte do GT quanto à escolha desses representantes.

Contextualização histórica e política

A demarcação da região de Wedezé como terra indígena tem sido um ponto de contínuo interesse e preocupação por parte dos Xavante de Pimentel Barbosa.

Na data de 13 de junho de 2000, o indigenista F.S. Magalhães escreveu uma carta para o presidente da FUNAI informando a ocupação iminente de um local adjacente ao antigo PI Pimentel Barbosa, que hoje se encontra em uma fazenda localizada na margem direita do Rio das Mortes, por famílias da TI Pimentel Barbosa (Magalhães, 2000a). Nessa carta ele explicou que, devido a negociações irregulares conduzidas por Jamiro Batista Arantes, um antigo funcionário da FUNAI, essas áreas de moradia foram temporariamente deixadas pelos índios no início da década de 1970, o que resultou na instalação da Fazenda Remanço Assú na antiga área do PI Pimentel Barbosa e a subsequente relocação dos Xavante para a margem esquerda do Rio das Mortes (vide Parte 1). Segundo esse indigenista:

“As lideranças buscam com este ato, não apenas a retomada do que lhes pertence, porém acima de tudo, a preservação dos diversos cemitérios, inclusive o local onde foram enterrados os corpos do Coronel Pimentel Barbosa e seis dos seus acompanhantes, quando do massacre ocorrido...”. (Magalhães, 2000a)

Em memorando de 20 de junho de 2000, F.S. Magalhães requereu a urgente formação de uma comissão para conduzir estudos antropológicos (Magalhães, 2000b).

No dia 10 de outubro de 2000, o presidente da FUNAI publicou a Portaria nº 1054/Pres, posteriormente complementada pela Portaria nº 618/2001 que constituiu um GT para realizar estudos e levantamentos de identificação e delimitação, sob a coordenação do antropólogo Ricardo Manoel Calaça.

Para o ano de 2003 há documentos que mostram que houve significativa mobilização por parte das lideranças políticas de Mato Grosso contra a iniciativa de demarcação de novas terras indígenas no Estado. Em 31 de março de 2003, o Governador de Mato Grosso, Blairo Borges Maggi, encaminhou documento ao Ministro da Justiça, Márcio Tomaz Bastos, pressionando contra novas demarcações (vide Anexo IV) (Maggi, 2003). Segundo o Governador, mesmo sem qualquer respaldo técnico específico para substanciar a declaração, “as terras já demarcadas são mais do que suficientes para atender às necessidades dos mesmos [povos indígenas]”. O Governador criticava a existência, no âmbito da FUNAI, de nove portarias de processos de identificação e delimitação e dezesseis outras para estudos e reestudos de áreas. Na visão do Governador,

“a questão do índio não é de agregar mais terras à sua população e sim a implantação de uma política de atenção à população indígena, que garanta a sua pluralidade cultural e étnica”.

Adicionalmente, em 10 de junho de 2003, a Assembléia Legislativa do Estado de Mato Grosso, através de seu Presidente, o Deputado Riva, encaminhou ao Ministro da Justiça uma “moção de congratulações” pela “suspensão de demarcação de áreas indígenas” (Riva, 2003). Tal documento afirmava: “A Assembléia Legislativa do Estado de Mato Grosso, por seus membros e a requerimento do Deputado Riva, manifesta sua mais veemente congratulação ao Ministro da Justiça, Márcio Thomaz Bastos, em virtude da sensata decisão em suspender a demarcação das áreas indígenas, buscando um estudo completo sobre a situação indígena no Estado antes de homologar relatórios visando a ampliação de áreas indígenas”. Este documento complementa indicando que “...foram suspensas as demarcações e há um prazo de 24 meses para que sejam realizados os estudos e levantamentos”.

Em 15 de abril de 2003, o Chefe de Gabinete do Ministro da Justiça, Sérgio Sérulo da Cunha, encaminhou memorando (nº 884/GM) ao Presidente da FUNAI solicitando “manifestação de Vossa Senhoria acerca do contido na correspondência do Governador do Estado de Mato Grosso, que trata da demarcação de áreas indígenas naquele Estado” (Cunha, 2003).

Deduz-se pelo descrito acima que o clima político, a partir da pressão exercida pelo Governador Maggi e demais lideranças políticas de Mato Grosso, impactaram sobre os estudos de identificação e delimitação das terras Xavante. Assim, em 21 de novembro de 2003, o então Presidente da FUNAI, Mércio Pereira Gomes, dirigiu carta (nº 229/2003/Pres. FUNAI) a diversas lideranças indígenas da região de Parabubure indicando “a suspensão dos trabalhos de campo do GT nomeado pela Portaria nº 592/PRES/FUNAI/03 encarregada dessa revisão, bem como a análise técnica por parte da Diretoria de Assuntos Fundiários do material até o momento produzido pelo referido GT” (Gomes, 2003).

Em 26 de maio de 2004, o então presidente da FUNAI, Mércio Pereira Gomes, visitou os Xavante da TI Pimentel Barbosa. De acordo com os líderes presentes na reunião, Gomes comunicou à comunidade que a proposta de demarcação contemplada pelo GT dizia respeito a duas regiões separadas, uma ao norte da atual TI Pimentel Barbosa, na margem esquerda do Rio das Mortes, e uma ao leste, na margem direita do mesmo rio (segundo entrevistas concedidas a James R. Welch, em 2004 por lideranças

Xavante na aldeia Pimentel Barbosa e entrevista concedida a Carlos E.A. Coimbra Jr. em dezembro de 2009 pelo cacique Tsuptó Buprewên Wa'iri Xavante). Nessa reunião, Gomes expressou que a proposta abrangia uma área grande demais para que sua demarcação fosse considerada devido as limitações de verba e aos conflitos que causariam com os proprietários de terra locais e com os municípios. Gomes pediu para que eles escolhessem uma das duas áreas, excluindo, portanto, a outra. No dia 02 de junho de 2004, após a entrega da versão preliminar do relatório circunstanciado do antropólogo Ricardo Calaçã e a reunião com o Presidente da FUNAI, foi realizada reunião na sede da FUNAI em Brasília entre funcionários e representantes Xavante. Em uma carta de 07 de junho de 2004, no contexto da reunião recém realizada, a comunidade concordou com a exclusão das terras do norte para que a FUNAI pudesse continuar com o processo de identificação, delimitação e demarcação das terras a leste (Wedezé) de forma mais imediata (vide Anexo V) (Tsupredo et al., 2004). Este documento faz referência à colocação do então Presidente quanto ao "reconhecimento da falta de recursos para solucionar tal pleito, bem como a inimizade e conflito que poderiam ocorrer com proprietários e municípios envolvidos". Diante disso, as lideranças optaram pela chamada "Área II" (São Domingos), ou seja, a região de Wedezé. Eles escolheram dar prioridade à área de Wedezé com base na justificativa que lá havia animais de caça em maior abundância.

Ricardo Calaçã encaminhou a primeira versão do relatório em 28 de outubro de 2003 e foi emitido parecer preliminar (Parecer no 78/CGID/DAF) em 12 de abril de 2004. Entre outros pontos, o parecer solicitava aprofundamento de conceitos e idéias expostos no texto. As principais considerações apresentadas no parecer apontavam para a necessidade de melhor relacionar os dados apresentados com o território requerido. A segunda versão do relatório foi encaminhada em 08 de abril de 2005. Não há referência quanto à existência de um segundo parecer. No entanto, vários dos pontos destacados no parecer da primeira versão do relatório não foram alterados na segunda versão encaminhada. Ressalte-se que a segunda versão não conta tampouco com a parte de levantamento fundiário que, segundo a Portaria Nº 14/96, deve compor o sexto capítulo de um Relatório Circunstanciado. O levantamento fundiário apresenta informações fundamentais no contexto de um Relatório Circunstanciado, incluindo análise e caracterização histórica e sociológica da ocupação não-indígena da região, lista dos ocupantes atuais não indígenas, pesquisa cartorial de registro das propriedades e vistoria socioeconômica das benfeitorias realizadas por esses ocupantes.

A partir do contexto exposto, fica evidente que, durante o período em que o



coordenador do GT encaminhou a versão preliminar do relatório e o mesmo estava sob análise (entre outubro de 2003 e abril de 2005), o contexto político estava marcado por grande pressão política tanto sobre a FUNAI como sobre os índios. Enfatize-se que a posição dos Xavante, no sentido de “concentrar esforços” em uma das áreas, assim como a mediação realizada pela FUNAI, deve ser interpretada como, em um contexto politicamente difícil, uma estratégia para chegarem a uma solução minimamente satisfatória naquele momento.

Além da pressão política no âmbito federal, já referida, foram também realizadas tentativas de acordos de cooperação de caráter econômico. Em agosto de 2004, uma proposta foi submetida à FUNAI pela Associação de Produtores Cana Rica, que representava 400 proprietários de terras ao norte da TI Pimentel Barbosa. A proposta envolvia promover projetos de produção de alimentos nas aldeias da TI Pimentel Barbosa e em outras terras Xavante, em troca da exclusão de suas terras no processo de demarcação (vide Anexo VI) (Associação de Produtores de Cana Rica, 2004; Zopone Jr, 2004). Os objetivos anunciados por essa proposta incluíam a redução da fome, a intensificação da agricultura, o desenvolvimento de atividades educacionais, a recuperação da paisagem do cerrado no entorno das aldeias e a introdução da agricultura mecanizada. Vale mencionar que a proposta menciona a necessidade de recuperação do cerrado perto das aldeias com base na justificativa de que teria sido desmatado durante queimadas promovidos pelos Xavante (vide Parte 4). Essa proposta contava com o suporte do Governo do Estado de Mato Grosso e dos municípios na área, que participariam através de assistência escolar e a reconstrução de estradas.

De acordo com líderes da TI Pimentel Barbosa, tal proposta de oferecer suporte agrícola em troca da exclusão de terras que estavam indicadas no processo de identificação e delimitação foi feita sem o conhecimento da comunidade Xavante, tampouco seu consentimento. Ainda segundo os Xavante, a decisão de permitir que a FUNAI priorizasse a região de Wedezé foi feita antes e sem o conhecimento da proposta da Associação de Produtores Cana Rica³.

³ Na documentação analisada por este GT, foi identificado um conjunto de documentos encadernados em um volume único no acervo do Coordenador-Geral de Identificação e Delimitação (CGID) da FUNAI. O primeiro documento desse conjunto é a já referida proposta de desenvolvimento da Associação de Produtores Cana Rica, cuja data é de 29 de setembro de 2004. Adiante no volume há uma carta assinada por diversas lideranças indígenas da TI Pimentel Barbosa, datada de 07 de junho de 2004 e dirigida ao Presidente da FUNAI, Mércio Gomes. Nessa carta, que é, portanto, anterior à proposta dos produtores, as lideranças indicam a preferência pela demarcação da área de Wedezé. Ou seja, não há evidências na documentação de concordância dos indígenas, através das suas assinaturas, quanto à proposta dos

Em 2009, desesperados por terem esperado nove anos pela disposição legal da FUNAI a respeito do estado do estudo demarcatório, os Xavante decidiram ocupar novamente terras em Wedezé, conforme já referido (Silva Filho, 2009). Famílias oriundas da aldeia Caçula estabeleceram uma aldeia no mesmo local anteriormente ocupado pelos Xavante nas décadas de 1950 e 60 (Figura 1.8).

Legislação pertinente

A Constituição Federal de 1998 dispõe em seu Artigo 231 que:

“São reconhecidos aos índios, sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.”

Entende-se por terras tradicionalmente ocupadas pelos índios (Artigo 231 §1º, 2º, C.F.):

§ 1º, “São terras tradicionalmente ocupadas pelos índios as por eles habitadas em caráter permanente, as imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários a seu bem estar e as necessárias a sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições.”

Com a intenção de regulamentar o procedimento administrativo de demarcação das terras indígenas, foi publicado o Decreto nº 1775, de 8 de janeiro de 1996, que estabeleceu as regras, etapas e competências do órgão indigenista para a regularização das terras indígenas no país. Este decreto também define a exigência de um GT para a elaboração dos estudos necessários que constituirão o Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação. Com o objetivo de padronizar esse relatório, de modo que apresente elementos objetivos devidamente fundamentados, foi publicada a Portaria 14 MJ, de 09 de janeiro de 1996. Embora essa normativa afirme ser possível utilizar outros elementos, define as seis partes fundamentais de um Relatório Circunstanciado, que o presente estudo seguiu.

Além disso, é importante ressaltar que todo o processo de construção do presente relatório foi produzido de acordo com o que dispõe a Convenção Nº.169 da Organização Internacional do Trabalho-OIT, promulgada pelo Decreto nº.5051, de 19 de abril de 2004. Vale destacar principalmente os Artigos 2º e 6º, que reconhecem que os povos indígenas devem assumir suas próprias instituições e que todas as políticas públicas voltadas a esses povos tem que se realizar com consultas prévias, livres e informadas.

produtores, já que a carta das lideranças antecede a proposta dos produtores.



Portanto, se a atual TI Pimentel Barbosa foi identificada e demarcada seguindo os parâmetros referentes ao período anterior à promulgação da Constituição de 1988, os trabalhos de identificação e delimitação da área de Wedezé que estão sendo realizados por esse GT seguem ritos atrelados ao período posterior⁴.

Fontes e metodologia utilizadas

Além de entrevistas com os Xavante sobre sua história e conhecimentos tradicionais acerca do seu território descritas abaixo, foram entrevistados funcionários da FUNAI que conviveram com os Xavante no período quando moraram em aldeia próxima do PI Pimentel Barbosa (São Domingos), situada na região de Wedezé, antes de serem transferido para o outro lado do Rio das Mortes em 1973 (vide Parte 1). Foram utilizados documentos primários do acervo do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), arquivados no Museu do Índio e com cópias microfilmadas na FUNAI/Brasília, e do acervo do Departamento de Documentação (DOC) da Diretoria de Proteção Territorial da FUNAI, que concentra os processos de regularização fundiária indígena do país e legislações pertinentes sobre o assunto. Foram também consultados antigos relatórios de identificação e delimitação da TI Pimentel Barbosa. Entre outros aspectos analisados neste relatório, a documentação consultada na FUNAI é especialmente importante, pois apresenta cartas e documentos oficiais que comprovam as negociações que levaram à remoção dos Xavante do PI Pimentel Barbosa (São Domingos) do lado direito para o esquerdo do Rio das Mortes, processo que foi concluído no ano 1973.

Foi também consultada bibliografia antropológica relativa aos Xavante, e em particular aos Xavante de Pimentel Barbosa e Wedezé. Desde a década de 1950 diversos antropólogos, em particular David Maybury-Lewis, Laura Graham, James R. Welch, Nancy Flowers, Ricardo Ventura Santos e Carlos E.A. Coimbra Jr., realizaram trabalhos

⁴ Sobre esse ponto, é informativo trecho da Informação Técnica no. 049/DPT/ FUNAI, de 16 de julho de 2010 (FUNAI, 2010), preparada para instruir a Ação de Reintegração de Posse da Fazenda Remanso (Justiça Federal, 2010) (ver Nota 2 e Anexo I para informações adicionais). Segundo a Informação Técnica, "...justificar-se-ia a instauração de processo para identificação e delimitação da TI Pimentel Barbosa, uma vez que o processo originário de demarcação da mencionada TI apresentou vícios administrativos que resultam na supressão de porções de terras tradicionalmente ocupadas pelos Xavante. Ou seja, as razões e motivos que fundamentam de forma articulada o pleito pela regularização fundiária ora em comento podem ser assim elencadas: (1) a constituição da TI Pimentel Barbosa foi realizada anteriormente a Constituição de 1988, na qual se constatou a exclusão de terras tradicionalmente ocupadas e imprescindíveis à reprodução física e cultural dos povos indígenas; (2) os limites finais da TI Pimentel Barbosa, não obstante terem sido desenvolvidos estudos histórico[s] e antropológicos por esta Fundação para sua identificação e delimitação, tiveram por fundamento parâmetros outros, que não técnicos, em atendimento à conveniência dos interesses econômicos regionais".



antropológicos em comunidades da TI Pimentel Barbosa, o que consiste em um importante acervo de informações. Ao longo deste relatório essas fontes estão claramente indicadas. Dentre as fontes utilizadas, vale destacar que este relatório utiliza vários trechos do livro "The Xavante in Transition" (Coimbra et al., 2002) e da tese de doutorado de James R. Welch (2009).

Além dos trabalhos publicados pelos antropólogos, há de se destacar o uso das anotações de campo de Nancy Flowers e James R. Welch. Nancy Flowers morou na aldeia de Pimentel Barbosa em 1976/1977, portanto em um momento crítico para a compreensão da saída dos Xavante de Wedezé e a constituição do atual aldeia de Pimentel Barbosa. Nancy Flowers foi uma interlocutora extremamente importante ao longo do processo de preparação deste relatório, não somente colocando à disposição suas notas de campo, como também provendo outras informações. James R. Welch também disponibilizou seus dados inéditos coletados no período 2004-2009, referentes à organização social e política e atividades produtivas atuais.

Por iniciativa das comunidades da TI Pimentel Barbosa, têm sido produzidos livros, documentários e outros materiais, alguns dos quais de autoria indígena. Muitos trazem informações e depoimentos, em geral das pessoas mais idosas, de grande importância para reconstruir a história dos Xavante a partir de suas próprias perspectivas. Tais materiais foram fontes importantes para este relatório.

Outra fonte de informação relevante consistiu nos dados demográficos sobre os Xavante, fornecida por Luciene Guimarães de Souza. Esses dados derivam de seu trabalho de organização, atualização e análise de dados no Sistema de Informação da Atenção à Saúde Indígena (SIASI), no âmbito do Distrito Sanitário Especial Indígena Xavante, em Barra do Garças.

Procedimentos da pesquisa antropológica: A pesquisa antropológica foi conduzida por três especialistas, Coimbra, Santos e Welch, os dois primeiros com 20 e o terceiro com 6 anos de experiência de campo entre os Xavante. Para fins deste relatório, o trabalho de campo envolveu três visitas à TI Pimentel Barbosa e à Wedezé, quando entrevistas abertas e semi-estruturadas acerca de tópicos específicos (história oral, padrões de uso dos recursos naturais, cerimônias, etnobiologia e etnogeografia, entre outros) foram realizadas com vistas a complementar dados coletados anteriormente pelos próprios pesquisadores (Carlos E.A. Coimbra e James R. Welch, dados inéditos). Essas informações também foram comparadas a dados publicados por outros antropólogos que trabalharam com a mesma população em épocas anteriores (p.ex., Coimbra et al., 2002;

0020/11
48
fmm

Flowers, 1983a, 1983b; Graham, 1995; Lopes da Silva, 1986; Maybury-Lewis, 1984 [1967]). As perguntas foram formuladas com vistas a prover informações complementares, resolver inconsistências com informações anteriormente publicadas e, de particular importância, possibilitar que os Xavante se manifestassem em suas próprias palavras acerca de aspectos de sua cultura e história que considerassem relevantes. Um ponto sempre presente foi aquele de permitir aos entrevistados interpretar as questões e formular as respostas de acordo com suas próprias perspectivas, sem interferências dos entrevistadores.

As entrevistas foram conduzidas de duas formas. A primeira delas foi de caráter individual, meio utilizado no caso do entrevistado ser um reconhecido “especialista nativo” no tema e/ou apresentar profundo conhecimento pessoal sobre temas pertinentes a esse relatório. Quando possível, as perguntas levantadas nas entrevistas individuais foram também feitas para outras pessoas da comunidade. A consistência foi avaliada através da comparação das respostas obtidas a partir de diferentes indivíduos, de modo a identificar similaridades e/ou diferenças. O segundo formato foi o de entrevistas em grupo, utilizado no caso de questões de conhecimento mais generalizado na população e para estimular recuperação de memória coletiva sobre assuntos históricos. Neste caso, as questões foram colocadas para grupos de adultos ou de idosos, de modo que se privilegiou o levantamento de informações acerca de questões de caráter coletivo. Nesses casos, as respostas foram avaliadas à luz do conhecimento derivado das pesquisas anteriores conduzidas por Coimbra e Welch, assim como dados inéditos e aqueles anteriormente publicados por outros antropólogos que trabalharam na TI Pimentel Barbosa. Esse componente do trabalho de campo se beneficiou particularmente de dados coletados por Nancy Flowers (inéditos), pesquisadora anteriormente referida que realizou pesquisa de campo na aldeia Pimentel Barbosa em 1976-1977.

Métodos de pesquisa sobre questões etnobiológicas e etnoambientais. A pesquisa etnoambiental foi conduzida a partir da metodologia chamada “levantamento rápido” (“rapid-assessment”). De modo a estimular informantes Xavante a desenvolverem temas relacionados ao ambiente, foram realizadas entrevistas de grupo durante as quais eram apresentadas imagens publicadas referentes à fauna e flora do cerrado. Sempre que possível, o conteúdo das respostas obtidas nessas entrevistas foi complementado com dados oriundos de observações de campo de modo a possibilitar o registro de informações específicas. Durante todas as etapas, foi realizada documentação fotográfica de paisagens e espécies botânicas, com ênfase para aquelas consideradas como marcapedras dos

diferentes ecossistemas do bioma cerrado.

As entrevistas sobre elementos etnobiológicos enfocaram principalmente quatro pontos: tipos de vegetação, etnobotânica, etnozootologia e áreas de uso. No caso dos tipos de vegetação, as primeiras entrevistas foram feitas durante sobrevôo e durante a realização de percursos terrestre e fluvial da região de Wedezé, que contaram com a participação de informantes Xavante. As coordenadas geográficas dos diversos exemplos de cada um dos tipos de vegetação presentes na TI Pimentel Barbosa e em Wedezé foram obtidas através de GPS. Para cada exemplo, foram feitas diversas descrições quanto à estrutura da vegetação, espécies dominantes e suas características distintivas. Esses dados foram comparados a descrições disponíveis em trabalhos técnicos publicados sobre ecologia de cerrados de modo a relacionar os tipos de vegetação observados com informações oriundas da literatura especializada. Os resultados foram então comparados com os dados obtidos a partir de imagens de satélite da área sob estudo com vistas a determinar, de forma aproximada, a participação relativa de cada tipo de vegetação na cobertura vegetal total da TI Pimentel Barbosa e de Wedezé. Em entrevistas individuais, os informantes foram indagados sobre tipos específicos de vegetação, quando se buscava a identificação no sistema classificatório Xavante, o que era a seguir comparado com dados etnobiológicos coletados anteriormente por Welch e com trabalhos de referência em ecologia do cerrado (Eiten, 1972; Leeuwenberg et al., 2007) com vistas a identificar inconsistências e ambigüidades. A seguir, entrevistas em grupo eram conduzidas com vistas a complementar dados incompletos e resolver inconsistências.

No caso das informações etnobotânicas, as investigações enfocaram as plantas comestíveis e de uso tecnológico. Não foram estudadas plantas medicinais, pois o conhecimento relacionado às mesmas não somente é considerado secreto pelos Xavante (vide Parte 4), como também implicaria em atender à complexa legislação sobre conhecimento tradicional nativo, o que fugiria aos objetivos desse relatório (Araújo e Capobianco, 1996). A identificação das plantas comestíveis e de tecnologia se baseou em dados levantados em entrevistas individuais e de grupo realizadas visando identificar os nomes equivalentes das espécies em português. Para facilitar, foram apresentados aos informantes ilustrações presentes em publicações botânicas sobre o cerrado (Silva Jr et al., 2005; Silva Jr. e Pereira, 2009).

O levantamento etnozoológico também enfocou as espécies utilizadas na alimentação Xavante. Tal como na pesquisa etnobotânica, a identificação das espécies de

animais comestíveis levou em consideração dados coletados por outros pesquisadores que abordaram o tema em suas pesquisas (Carrara, 1997). Essas fontes foram sistematicamente verificadas e complementadas com entrevistas individuais, nas quais figuras de animais eram apresentadas a indivíduos específicos com vistas a estimular que eles se manifestassem sobre seus nomes e usos. Como em outros momentos da pesquisa, buscou-se dirimir lacunas e ambigüidades de informações durante as entrevistas de grupo. Para facilitar, foram apresentadas aos informantes ilustrações presentes em publicações em zoologia (Antas et al., 2009; Emmons e Feer, 1997; Melo et al., 2005).

Entrevistas com os Xavante sobre os usos da área de Wedezé foram realizadas por ocasião de viagens de reconhecimento *in loco* e de visitas a cada um das 10 aldeias (nove na TI Pimentel Barbosa e na aldeia de Wedezé). Durante as entrevistas, buscou-se levantar informações sobre os seguintes pontos: (1) atividades econômicas e recursos etnobiológicos existentes (ênfatisando plantas e animais previamente identificados como tendo valor econômico e/ou sócio-cultural); (2) vegetação e sistema de classificação das paisagens; (3) localizações e características etnogeográficas específicas. O ponto 1 forneceu a base para perguntar aos entrevistados sobre os locais de realização de atividades e de ocorrência de recursos naturais. No caso de dados etnobiológicos (tanto etnobotânicos como etnozoológicos), os entrevistados foram perguntados sobre os locais de ocorrência das espécies mais prevalentes ou onde as mesmas eram preferencialmente encontradas. O ponto 2 visou identificar os recursos mais valorizados pelos Xavante em cada um dos tipos básicos de vegetação observados em Wedezé. Quanto ao ponto 3, a localização de recursos de importância econômica e sociocultural foi feita através de visitas aos locais, entrevistas e inspeção visual de mapas (incluindo mapas topográficos do IBGE e imagens de satélite – Google Earth). Os entrevistados foram estimulados a identificar e descrever recursos naturais e atividades associadas a cada tipo de vegetação.

Métodos utilizados na análise espacial a partir de imagens de satélite: Foram utilizados procedimentos de pré-processamento com vistas a preparar e calibrar imagens Landsat para análise multitemporal, incluindo georreferenciamento e registro de imagens e calibração atmosférica e radiométrica. Estas análises permitiram investigar mudanças nos padrões de cobertura vegetal e de uso da paisagem, em particular no que diz respeito a desmatamento. A área sob análise, que inclui a TI Pimentel Barbosa e Wedezé, localiza-se na intersecção de quatro quadrantes de WRS-II (Landat TM e ETM+), Trajetos 223-224 e Linhas 069-070. A busca e a localização dos quadrantes foram conduzidas primariamente utilizando-se ferramentas disponibilizadas pelo INPE (Instituto Nacional



de Pesquisas Espaciais), USGS (United States Geological Survey) e o chamado "The Global Land Cover Facility" (GLCF). As imagens pertinentes foram identificadas e obtidas a partir do INPE e GLCF. Imagens relacionadas ao "Global Land Survey" (GLS), referentes aos anos de 1990, 2000 e 2005 (GLFC: <http://gls.umd.edu/>), foram analisadas em um primeiro momento e as pertinentes processadas e classificadas segundo critérios de qualidade. Além disso, imagens referentes a 2009 foram obtidas a partir do INPE e selecionadas para inclusão no mapa apresentado na Figura 4.7. As imagens foram individualmente calibradas e corrigidas utilizando-se procedimentos desenvolvidos por pesquisadores ligados ao Center for the Study of Institutions, Population, and Environmental Change (CIPEC), na Indiana University, Bloomington, EUA (www.cipec.org) (Green et al., 2002). Uma vez corrigidas e calibradas, as imagens foram justapostas de modo a cobrir a totalidade da área de interesse. Justaposições de imagens referentes aos anos de 1990, 2000 e 2005 foram geradas e posteriormente analisadas a partir de classificação híbrida (i.e., supervisionada e não supervisionada), utilizando-se metodologia descrita em Jensen (1996) e Brondizio et al. (1996). As análises de cobertura da terra foram conduzidas utilizando-se os programas Erdas Imagine 8.3 e ArcGIS 9.3.1. Os mapas gerados foram revisados pelos participantes do projeto, que tinham experiência de campo, tendo-se realizado os ajustes e edições pertinentes. Os procedimentos de análise espacial foram conduzidos por Eduardo Brondizio, professor e pesquisador, e Scott Hetrick, técnico, ligados ao Anthropological Center for Training and Research on Global Environmental Change (ACT), da Indiana University, Bloomington, EUA.

Ortografia de vocábulos Xavante

Neste relatório, a grafia de termos nativos é feita de acordo com a ortografia atualmente em uso por professores Xavante na Escola Municipal de Pimentel Barbosa. Esta ortografia está em fase de transição e foi desenvolvida originalmente por missionários lingüistas (Hall et al., 1987; Lachnitt, 2003) baseada nos dialetos falados em algumas comunidades. Foi posteriormente modificada pela sua aplicação e transmissão por pessoas Xavante escolarizadas residentes na TI Pimentel Barbosa e continua se transformando. O sistema, como é usado atualmente, difere de versões utilizadas em outras comunidades Xavante (especialmente pela preferência em se usar o *s* ao invés do *ts* e *z* ao invés de *dz*) e de formas como foram utilizadas em publicações coordenadas por membros das comunidades da TI Pimentel Barbosa.

1. PRIMEIRA PARTE: DADOS GERAIS

1.1. Informações gerais sobre o povo Xavante

1.1.1. Filiação cultural e lingüística

A língua primária dos moradores da TI Pimentel Barbosa e daqueles que atualmente vivem na área adjacente de Wedezé é o Xavante. Trate-se de uma língua que pertence ao sub-grupo Jê Central da família Jê, tronco Macro-Jê (Rodrigues, 1999)⁵.

No início do século XIX, o naturalista Karl von Martius (1867) reconheceu as semelhanças lingüísticas e culturais entre vários povos indígenas do Brasil Central e introduziu o termo genérico “Gê”, hoje grafado “Jê” no Brasil (Rodrigues, 1986), para caracterizá-los. A classificação contemporânea dos grupos Jê baseia-se nos trabalhos de Loukotka (1935) e Nimuendaju (1942), que os dividem em três ramificações principais.

1. Os grupos Jê do Norte estão divididos em Timbira do Leste (incluindo os Krahô, os Ramkókamekra ou Canela, os Parakatejé ou Gavião e outros grupos), Timbira do Oeste (Apinayé), Kayapó do Norte e do Sul (Kreen-akarôre ou Panará) e Suyá.

2. Os Jê Centrais têm duas sub-ramificações: uma, Akwẽ, inclui os Xavante, Xerente, e Xakriabá; a outra era constituída pelos Akroá (freqüentemente divididos em Akroá-Assu e Akroá-Mirim), com os intimamente ligados Gueguê, hoje considerados extintos.

3. Os Jê do Sul incluem os Kaingang, Xokleng (Aweikoma) e Botocudo de Santa Catarina.

As línguas da família Jê foram posteriormente incluídas no tronco Macro-Jê, que as situam próximas a outras línguas relacionadas, como Bororo, Pataxó, Maxakali, Ofayé, Karajá e Rikbaktsa (Greenberg, 1956; Mason, 1950). As línguas do tronco Macro-Jê são faladas pelos povos que vivem a leste e no centro do planalto brasileiro e na parte leste do Brasil, entre o Rio de Janeiro e a Bahia (Urban, 1992).

Segundo a reconstrução histórica-lingüística feita por Urban (1992), a separação entre as línguas Jê e as outras línguas Macro-Jê pode ter se iniciado cinco ou seis mil anos atrás. O sub-grupo Jê Central é considerado o tronco de origem das línguas Jê e provavelmente surgiu nas regiões das cabeceiras dos rios São Francisco e Tocantins, perto

⁵ A Parte 1 deste relatório é parcialmente baseada em trechos selecionados do livro “The Xavante in Transition” (Coimbra et al., 2002), previamente publicado por membros deste GT (além de Carlos E.A. Coimbra Jr., outro autor deste livro é Ricardo Ventura Santos). Os outros dois autores são Nancy Flowers e Francisco M. Salzano.

do antigo território dos Xakriabá. A separação das línguas dos Jê do Sul pode ter ocorrido a cerca de três mil anos atrás, quando alguns grupos migraram para o sul.

Na região do Brasil Central, por volta de 800 DC, são encontrados sítios arqueológicos atribuídos a populações agricultoras, com cerâmicas e casas dispostas em círculo, assemelhando-se à organização das aldeias típicas de populações que habitam o cerrado no presente (Wüst e Barreto, 1999). Uma vez que muitos dos grupos indígenas do Brasil Central falam línguas relacionadas àquela dos Xavante (Jê e Macro-Jê), e partilham práticas de subsistência e organização social, argumenta-se que as semelhanças observadas no registro arqueológico indicam um longo período de familiaridade dos povos Jê com o cerrado.

Além de sua relação lingüística, os grupos que ocupam os planaltos do Brasil Central compartilham muitas outras semelhanças culturais (Lowie, 1941; Nimuendaju e Lowie, 1937). Eles constroem grandes aldeias nucleadas nas quais as casas formam um círculo (ou um semicírculo no caso dos Jê Centrais) ao redor de uma praça central onde ocorrem eventos da comunidade. A organização social das sociedades Jê é extraordinariamente complexa. Essa complexidade atraiu a atenção de antropólogos desde longo tempo e constituiu tema importante das pesquisas etnológicas no Brasil (para revisões vide Carneiro da Cunha, 1993; Maybury-Lewis, 1979). Essas sociedades apresentam estruturas sociais que freqüentemente exibem morfologias dualísticas, além de poder incluir outras morfologias, como linhagens, metades descendentes e não descendentes, classes de idade, sociedades de homens e laços de amizade formal. Muitos grupos Jê praticam corridas de tora cerimoniais, na qual duas equipes carregam toras pesadas, geralmente de buriti, por uma distância de vários quilômetros, passando-as, sucessivamente, do ombro do membro de uma equipe para o de outro.

Embora todos os grupos Jê do Brasil Central venham praticando por muito tempo a agricultura e dependam dela para sua subsistência durante uma grande parte do ano, a maioria deles, até recentemente, apresentava ao longo do ano períodos de dispersão, quando as famílias praticavam *trekking*, isto é, faziam longas expedições de caça e coleta durante as quais sobreviviam principalmente de alimentos silvestres (vide Parte 3). No passado, essas expedições freqüentemente cobriam longas distâncias, criando uma familiaridade com o ambiente físico e seus recursos naturais, assim como com os demais povos que habitavam o entorno. Atualmente, em menor ou maior grau, os grupos Jê estão confinados em terras indígenas de vários tamanhos, o que os levou a modificar esse padrão de mobilidade, realizando excursões mais breves ou abandonando-as por

completo.

Os Jê do Brasil Central tendem a manter relações entre suas aldeias, ainda que nem sempre sejam amigáveis. A ocorrência de variados laços de parentesco propicia uma base para a formação de alianças políticas entre grupos autônomas, tecendo uma rede social ao redor de cada indivíduo, que o vincula a outras comunidades. Desse modo, se as condições em sua própria aldeia se tornarem desfavoráveis, a pessoa pode eventualmente se mudar para outra.

É possível, conforme Gross (1979) sugeriu, que no passado as aldeias Jê tenham sido maiores e a organização social mais elaborada como resultado do conflito colonial. Possivelmente, algumas aldeias chegaram a ter uma população de 1.000 ou mais pessoas. Por vezes, eram organizados grandes grupos de homens para atacar povoamentos de não índios. Também conseguiam escapar das expedições punitivas dispersando-se em grupos menores, que podiam passar longo tempo vagando pelo cerrado sem uma aldeia base, inclusive não praticando a agricultura. Segundo esse autor, esses períodos eram sem dúvida de muita tensão e sofrimento, mas a tática certamente permitiu que alguns grupos sobrevivessem a eventos catastróficos, que possivelmente se tornaram mais freqüentes após a invasão de seu território pelos colonizadores.

Uma vez que todos os grupos Jê Centrais, com exceção dos Xavante e Xerente, desapareceram⁶, devemos recorrer a relatos anteriores para tentar reconstruir as relações entre eles até a época da migração dos Xavante na direção leste, quando se estabeleceram no lado oeste do Rio Araguaia por volta de 1850. No início do século XIX, von Martius (1867) compilou listas de palavras obtidas de informantes identificados como Xavante, Xerente, Akroá-Mirim e Xakriabá. A comparação dessas listas de palavras sugere que, em termos de semelhanças, as línguas faladas entre os Jê Centrais eram pouco mais do que dialetos (Flowers, 1983a).

Ao longo dos séculos XVIII e XIX, uma rede ampla e flexível de aldeias de grupos Jê Centrais cobriu a região que vai desde os afluentes a oeste do Rio São Francisco até o Rio Araguaia. Alianças, separações e recombinações entre essas aldeias se deram em resposta a diversas pressões que resultaram de ataques dos colonizadores, a

⁶ Os Xakriabá, que guardam forte proximidade lingüística com os Xavante e os Xerente, eram presença importante em Goiás no século XVIII. Esse povo foi quase completamente dizimados nas guerras coloniais, mas 200 Xakriabá foram assentados, em 1775, em Santana do Rio das Velhas, em Minas Gerais (Ravagnani, 1978). Eles se misturaram aos camponeses da região e, por volta do início do século XIX, quando Saint-Hilaire (1847-1848) e Eschwege (1830) visitaram a aldeia Xakriabá, encontraram apenas algumas pessoas que falavam sua língua nativa. Os sobreviventes vivem atualmente no noroeste de Minas Gerais e totalizam cerca de 5.000 pessoas (Ricardo, 1996).

extinção de grupos “pacificados” e hostilidades que se originaram de rivalidades entre lideranças.

Os Xavante e os Xerente podem ter sido um único povo até o século XIX, quando os Xavante atravessaram o Araguaia definitivamente, tendo os Xerente permanecido na região do Rio Tocantins. Em 2006, 2.569 Xerente viviam em terras indígenas no Estado do Tocantins (Ricardo e Ricardo, 2006).

Em muitos aspectos, a sociedade Xavante apresenta os complexos padrões de organização social típico dos grupos Jê em geral, como descrito acima. Assim, constroem grandes aldeias semicirculares. Na sociedade Xavante, uma ênfase cultural particular reside na diferenciação de idade, como pode ser exemplificado pela inter-relação dos sistemas de categorias e classes de idade (Welch, 2009, 2010b). Enquanto as categorias de idade referem-se a estágios da vida para homens e mulheres (crianças pequenas, adolescentes, jovens adultos e adultos maduros), o sistema de classes de idade é formado por oito coortes etárias nomeadas que se sucedem em um ciclo de aproximadamente 40 anos.

Rapazes jovens, com idades entre aproximadamente oito e 13 anos, tornam-se *wapté* (pré-iniciados). Então, deixam suas famílias e vão viver em grupo no *hõ*, uma casa que é construída especificamente para os rapazes em uma das extremidades do semicírculo da aldeia. Um menino começa a pertencer a uma classe de idade quando se muda para o *hõ*, onde permanecerá até sua classe ser iniciada na categoria dos homens adultos recém-iniciados, aproximadamente cinco anos depois. De acordo com Maybury-Lewis:

“A casa dos solteiros é... a pedra angular do sistema de classes de idade. É lá que o menino Xavante sente pela primeira vez o que significa pertencer a uma classe de idade. Lá, ele aprende a participar do companheirismo que caracteriza o sistema e que supera distinções de clã e linhagem... Até então, pode-se dizer que não são considerados realmente como membros da sociedade Xavante: eles não têm ainda posição definida em uma sociedade cujas atividades sociais e cerimoniais são desempenhadas, em grande parte, pelas classes de idade... Os Xavante não se preocupam em calcular a idade de seus filhos até que eles se tornem membros de uma classe de idade. A partir daí, o que importa são as suas idades relativas, ou seja, a classe de idade a qual pertencem.” (Maybury-Lewis, 1984 [1967]: 153-155)

Uma vez que existem oito classes de idade, com diferença de aproximadamente cinco anos entre eles, o ciclo completo dura mais ou menos quatro décadas. Por exemplo, em 1953 a classe de idade *tirowa* entrou no *hõ* e em 1958 foi iniciada, ou seja, seus



integrantes tornaram-se parte da categoria de idade *ritei'wa* (adultos jovens). A classe etária que em seguida entrou no *hō* foi a *nōzō'u*. Em 1963, os membros da classe de idade *tirowa*, que entraram no *hō* uma década antes, tornaram-se *iprédu* (adultos maduros). Uma vez que, com o passar do tempo os Xavante reciclam os nomes das classes de idade, chega um dado momento em que o ciclo se repete. Assim, uma nova classe de idade de nome *tirowa* entrou no *hō* em 2002 e outra e nome *nōzō'u* entrou em 2008.

O sistema de classes de idade também funciona para as mulheres. Conforme destacado por Maybury-Lewis (1984 [1967]: 199):

“Na época em que um grupo de meninos pequenos é levado pela primeira vez à casa dos solteiros e, assim, incorporado a uma classe de idade, as meninas que têm aproximadamente a mesma idade passam também a ser consideradas membros dessa mesma classe. Dessa forma, basta dizer-se que o nome de suas classes de idade para indicar-se as idades e o grau de maturidade de homens e mulheres Xavante”.

Há diferenças importantes, no entanto. As meninas do mesmo grupo etário dos meninos *wapté* não são separadas das famílias e já podem estar casadas. Durante os anos que marcam o fim da infância para a adolescência, quando os rapazes se envolvem em atividades especiais enquanto moram no *hō*, elas ajudam as mães e outros parentes do sexo feminino nas tarefas domésticas e no cuidado das crianças pequenas. É importante mencionar que há também um sistema informal de categorias de idade, que opera simultaneamente com o sistema formal descrito acima. Nesse sistema informal, as categorias diferem entre mulheres e homens (Lopes da Silva, 1986; Müller, 1976; Welch, 2010b).

Os sistemas chamados “clãs” e “linhagens” são duas outras dimensões fundamentais da organização social Xavante (Maybury-Lewis, 1984 [1967]). De acordo com este autor, na sociedade Xavante linhagens seriam grupos de descendência relativamente estáticos associadas a um dos três clãs patrilineares. Subseqüentemente, essas instituições foram estudadas por outros pesquisadores, que as descreveram em outros termos. Baseando-se em pesquisas recentes entre os Xavante de TI Pimentel Barbosa (Graham, 1995; Welch, 2009), a morfologia que Maybury-Lewis denominou de clã atualmente é referida como um sistema de metades exogâmicas. Segundo Graham (1995), o terceiro clã presente no modelo de Maybury-Lewis, o *topdató*, na realidade opera como uma linhagem da metade *ōwawē*.

Recentes estudos de Welch (2009), realizados também na TI Pimentel Barbosa, sugerem que a noção de linhagem de Maybury-Lewis deve ser revista. Precedentes para

essa reavaliação podem ser encontrados nos trabalhos de Lopes da Silva (1986) e Müller (1976). Lopes da Silva reinterpretou o que Maybury-Lewis chamou de linhagens como prerrogativas no campo cerimonial. Müller descreveu o sistema de linhagem em termos de transmissão individualizada de conhecimentos secretos, ao invés de associações estritamente patrilineares. Welch caracterizou as linhagens Xavante como a “posse de conhecimentos que se pode herdar” e que freqüentemente segue linhas de descendência patrilineares, mas que também pode ser passado de acordo com outros princípios. Em muitos casos, a posse de conhecimentos pode ser identificada através do sufixo *-tede'wa* (“dono”). Os conteúdos desses conhecimentos são variados e freqüentemente guardados sob extremo segredo, não raro envolvendo capacidades para controlar fenômenos naturais ou reger atividades rituais (vide Partes 4 e 5). Além da transmissão patrilinear, a posse de conhecimentos pode ser dada de presente ou roubada, o que pode resultar em sua transferência para outras patrilineagens. Por sua vez, o conhecimento secreto feminino tende a ser transmitido de mães para filhas.

Outro aspecto importante da organização social Xavante é o faccionalismo político. Conforme destaca Maybury-Lewis (1984 [1967]: 250), “As facções competem eternamente por poder e prestígio...”. As competições políticas internas podem ser intensas, favorecendo a divisão de aldeias. Um segmento adversário, por vezes um grupo de famílias extensas, pode partir para fundar uma nova aldeia ou para unir-se a outra já estabelecida a partir da ocorrência de conflitos internos (Maybury-Lewis, 1984 [1967]; Neel e Salzano, 1967).

As ambições políticas dos homens maduros, envolvendo poder, prestígio e recursos materiais, são expressas por meio do faccionalismo. Normalmente, um homem conta principalmente com seus filhos, irmãos e os filhos de seus irmãos. Sua liderança pode atrair também outros aliados. Segundo Maybury-Lewis (1984 [1967]: 224) escreveu, “A filiação clânica por se não é significativa. Adquire significado apenas contextualmente. O contexto, por sua vez, é configurado pela estrutura facionária da comunidade...”. O chefe da aldeia ou “cacique” é o líder da facção que tem maior influência na comunidade. Quando as rivalidades e as divergências alcançam um determinado ponto, é possível que uma facção com menos influência parta para se juntar a outra aldeia ou para fundar uma nova.

Os Xavante praticam a poliginia. Entre eles, a poliginia é freqüentemente sororal, ou seja, se um rapaz se casa com uma moça em cuja família há várias filhas, ele poderá primeiro casar-se com a mais velha, depois com a irmã ou irmãs mais novas, à medida

que elas atingem a idade apropriada. A residência pós-matrimônio segue um padrão de uxorilocalidade, ou seja, o marido preferencialmente se muda para a casa dos pais da noiva. Frequentemente irmãos casam-se dentro da mesma família. Portanto, um arranjo comum é aquele de dois ou mais irmãos casarem-se com as filhas de uma mesma família. Alguns homens, depois de anos de casamento, ou após a morte da primeira esposa, podem casar-se com uma mulher bem mais nova. Nesse caso, a jovem esposa é normalmente trazida para morar na casa do marido, não seguindo necessariamente, portanto, a prática da uxorilocalidade que se aplica na ocasião do primeiro casamento de um rapaz.

Conforme observa Graham (1995), o casamento entre os Xavante é um processo gradual. Começa com o noivado e prossegue quando se considera que a menina tem idade suficiente para o enlace. Em um primeiro momento, o rapaz faz visitas noturnas à noiva, na casa dela. Passado um período, quando o noivo já está na categoria de idade de adultos jovens (*ritei'wa*) e os nubentes se conhecem suficientemente, o rapaz sai para caçar com seus primos, tios e outros homens da sua comunidade e oferece a carne obtida à família de seu futuro sogro. Quando o presente de carne é aceito pelos parentes da noiva, o casamento se oficializa (vide Graham, 1995; Maybury-Lewis, 1984 [1967]). Geralmente, o rapaz passa a residir na casa da noiva a partir desse dia, a menos que ainda seja membro da categoria de idade de adultos jovens (*ritei'wa*). Neste caso, continuará visitando-a, mas somente à noite, mudando-se quando vier a se tornar membro da categoria de homens maduros (*iprédu*).

A vida social dos Xavante é intensa, sendo ordenada e animada por atividades rituais. Alguns rituais ocorrem diariamente, como a reunião do conselho de homens (*warã*), assim como o canto e a dança dos rapazes em volta da aldeia. Outros são sazonais, como as corridas de tora (*uiwede*), realizadas principalmente na estação das chuvas. Há também as caçadas de fogo (*du*) na estação da seca (vide Partes 3 e 4). Outros rituais ainda celebram eventos do ciclo de vida, como a iniciação dos meninos, os casamentos e a formação espiritual.

Todas as noites, e frequentemente também cedo pela manhã, os homens maduros da aldeia realizam a *warã*, reunião formal na qual são tratados os assuntos públicos da comunidade. Os pontos de discussão podem envolver planos para expedições de caça ou pesca, realização de cerimônias, resolução de rixas entre famílias, interações com a FUNAI ou a Fundação Nacional de Saúde (FUNASA) e quaisquer outros assuntos que afetem a aldeia como um todo. Quando os líderes retornam de uma viagem, costumam



fazer um relato para o conselho. Se pessoas não pertencentes à comunidade, como antropólogos ou outros pesquisadores, desejarem realizar trabalho na comunidade, devem ser apresentadas ao conselho e explicar seus planos, os quais podem ser aceitos ou não.

Em geral, as corridas de tora são disputadas por duas equipes, formadas pela classe de idade iniciada mais recentemente e pela classe imediatamente mais velha. As equipes se pintam de forma distinta. Não somente os homens, como também as mulheres, participam de corridas de toras. Essa atividade dá às mulheres a oportunidade de se pintarem e agirem como membro de seu grupo etário.

A cerimônia *wai'a*, na qual os homens iniciados participam várias vezes ao longo do ano, normalmente ocorre de um dia para outro, ainda que possa durar três dias ou mais. É um ritual complexo durante o qual os homens buscam entrar em contato com poderes espirituais e ganhar sua proteção (vide Parte 5). Embora a influência missionária tenha suprimido o *wai'a* em várias aldeias Xavante, esse ritual tem se realizado de forma contínua nas aldeias da TI Pimentel Barbosa.

1.1.2. Migrações

A primeira referência aos Xavante nos documentos coloniais de que se tem notícia foi feita em um mapa datado de 1751, que mostra a localização do chamado "Sertão do Gentio Xavante" a leste da Ilha do Bananal (vide Chaim, 1974). Segundo Maybury-Lewis (1965b) haveria indícios de presença dos Xavante ao norte da Província de Goyaz, na divisa com o Maranhão.

Em 1762, uma carta escrita pelo Governador João Manuel Mello, da então Província de Goyaz, endereçada ao Rei de Portugal, descreveu em detalhe um ataque Xavante aos campos de mineração em Crixás (in RIHGB, 1918). Segundo essa carta, o avanço dos índios contra Crixás só foi impedido quando os colonizadores armaram 300 escravos que trabalhavam no garimpo. Os Xavante se retiraram, porém, após poucos dias, começaram a assaltar as lavouras com um grande número de guerreiros armados. Os garimpeiros ficaram em estado de alerta e partiram para expulsar os índios, mas tiveram medo de atacá-los porque os Xavante eram muito numerosos e bem armados. As forças em conflito permaneceram diante uma da outra durante dois dias sem qualquer ataque, até que os Xavante finalmente se retiraram.

Por causa dos ataques dos Xavante, os colonizadores fizeram ao governador um apelo de socorro, com o argumento de que eram muito poucos para resistir a um número

tão grande de índios. Em sua carta, Mello (in RIHGB, 1918) propôs que os garimpeiros organizassem uma bandeira. Ele também observou que enviar uma bandeira a um território inexplorado era duplamente vantajoso, já que, além de procurarem ouro, poderiam perseguir e punir os Xavante. Nesse período, aproximadamente quarenta anos depois de se descobrir ouro em Goiás pela primeira vez na década de 1720, os garimpos de ouro conhecidos estavam se esgotando rapidamente. À medida que esses se tornavam cada vez menos produtivos, os garimpeiros se convenciam de que deveria haver ricos locais inexplorados em regiões onde não ousavam se aventurar por causa da presença de índios hostis. Portanto, muitas bandeiras tinham duplo objetivo: atacar os índios e procurar ouro.

A bandeira foi finalmente estabelecida em 1764, depois de um atraso de dois anos em virtude de disputas sobre o pagamento dos custos envolvidos (RIHGB, 1918). Por fim, foi composta por apenas 200 homens em vez dos 500 que constavam do plano inicial. Depois de muitos dias de busca, os rastreadores de índios que acompanhavam a bandeira encontraram uma trilha que levava a uma aldeia Xavante muito populosa, que os bandeirantes atacaram ao amanhecer. Os índios foram pegos de surpresa, muitos foram mortos e os sobreviventes fugiram, deixando apenas algumas crianças na aldeia. Todavia, não foram longe e, quando os Xavante viram que os agressores eram pouco numerosos, prepararam um contra-ataque. O bandeirante João de Godoy enviou um índio que falava a língua Xavante levando uma mensagem para o líder do grupo, oferecendo a paz se declarassem lealdade ao rei de Portugal e abraçassem a fé católica. O chefe Xavante fingiu que não estava conseguindo ouvir a mensagem e pediu que o mensageiro se aproximasse. Quando este o fez, o chefe e seus guerreiros atiraram nele, matando-o (RIHGB, 1918).

Os Xavante, em seguida, retiraram-se lentamente, atraindo a bandeira para uma perseguição em terreno difícil, até alcançarem um rio largo e veloz, o qual os índios atravessaram, detendo-se na margem oposta. Qualquer entusiasmo restante às tropas para continuar a campanha foi levado pelas chuvas, que então caíam sem trégua durante aquele mês de setembro. Conforme observou Mello (in RIHGB, 1918), na estação chuvosa, os mosquetes ficavam molhados e não disparavam, dando vantagem aos adversários armados de arcos e flechas. A bandeira bateu em retirada e João de Godoy informou ao governador que, na estação seca seguinte, tentariam destruir outras duas aldeias Xavante da região. Segundo Mello, esta era a única maneira eficaz de se lidar com índios, "...pois tem mostrado a experiência que todos estes Gentios em lhes queimando as Aldeias, e lhes



aprizionando os filhos, vão buscar Certões mais remotos para se estabelecerem, e não tornão a invadir as nossas terras” (in RIHGB, 1918: 90).

Em vez de cessarem, as hostilidades com os Xavante só fariam aumentar nos anos seguintes. Dez anos mais tarde, em 1774, o sucessor de Mello, Jose d'Almeida e Vasconcellos (in RIHGB, 1918: 96-97), relatou que, na estação seca anterior, os Xavante tinham atacado quatro povoados de garimpeiros ao longo do Rio Tocantins. Isso indica que os Xavante, naquela época, longe de buscar “Certões mais remotos”, estavam se expandindo na direção leste.

Em 1757, um novo sistema que impunha controle secular sobre os índios foi adotado em todo o Brasil. Essa legislação, conhecida como Diretório⁷, suspendia a escravidão de índios, encorajava os casamentos inter-étnicos e idealizava a conversão gradual das aldeias em municipalidades. O objetivo era a integração gradual dos índios à população geral. Com essa legislação, a Coroa Portuguesa enfatizou seus interesse, que era povoar seus vastos domínios no Brasil com súditos de Portugal, fossem eles índios ou não, acima daqueles dos colonizadores, para quem os índios pacificados eram apenas uma fonte de mão-de-obra braçal (Almeida, 1997; Hemming, 1987; Prado, 1963).

No início da década de 1780, os Xavante formavam um dos poucos grupos indígenas de Goiás que permaneciam hostis. Eles eram mais ativos no norte da capitania, onde diversas fazendas de gado tinham sido abandonadas por causa das depredações feitas pelos Xavante. Também, devido aos seguidos assaltos às plantações, os garimpeiros estavam ficando desabastecidos de alimentos (RIHGB, 1918).

Em 1784, o governador Tristão de Menezes organizou uma nova bandeira para pacificar os Xavante. Em 1790, o documento *Relação da Conquista do Gentio Xavante*, atribuído ao Tenente dos Dragões José Rodrigues Freire, foi publicado em Lisboa (Freire, 1951 [1790]). Ele dá um testemunho dos eventos que se seguiram. Vale analisar detalhadamente esse relato porque o mesmo oferece uma excelente perspectiva acerca das motivações, bem como das estratégias usadas pelo governo colonial ao lidar com grupos indígenas em Goiás (vide também Karasch, 1992).

Conforme relatado por Freire, a bandeira obteve êxito ao alcançar a aldeia dos “bárbaros homicidas”, os quais rejeitaram firmemente todas as propostas de paz. Freire

⁷ Pelas normas do Diretório, as ordens religiosas não tinham mais controle temporal ou civil sobre os índios pacificados. Deviam limitar suas atividades à conversão e instrução religiosas. Os índios deveriam ser assentados em colônias ou “missões seculares”, também chamadas de “aldeias,” administradas por “diretores,” autoridades nomeadas pelos governadores (vide Almeida, 1997; Hemming, 1987).



especulou que os Xavante, uma vez que tinham matado recentemente vários portugueses, temiam que essas propostas de paz fossem apenas uma armadilha com a intenção de enganá-los. Quando o comandante se deu conta de que as propostas de paz não estavam levando a lugar algum, deu aos Kayapó que acompanhavam a bandeira ordens para que fizessem prisioneiros, as quais executaram com muito prazer, segundo o relato, pois os Xavante eram seus inimigos tradicionais. Dessa forma, capturaram um guerreiro, quatro mulheres e várias crianças Xavante, retornando, em seguida, para a capital de Goyaz. O governador tratou o prisioneiro Xavante com tanto “carinho e afabilidade” que ele prometeu tentar convencer seus companheiros acerca das boas intenções dos não-índios. Esse Xavante, que passou a se chamar Tristão, em homenagem ao governador, teve permissão para voltar à sua aldeia alguns meses depois a fim de levar a mensagem de paz do governo. Segundo ela, os Xavante deveriam “vir participar entre os brancos dos doces frutos da sociedade civil, ficando dêsse modo em perpétuo esquecimento tôdas as hostilidades que nós haviam feito, e todos os crimes, que contra nos haviam aleivosamente perpretado” (Freire, 1951 [1790]: 14-15).

Depois de muita discussão, durante as quais Tristão escapou por pouco de ser morto por sua própria gente sob suspeita de traição, os líderes da aldeia ficaram aparentemente convencidos. Isso porque ele teve permissão de voltar até os não-índios, junto com o irmão e várias mulheres, com a mensagem de que os Xavante estariam prontos para a paz e que deveria ser preparado um assentamento onde seria plantada uma lavoura para sua subsistência. No início da estiagem seguinte, um guia deveria encontrá-los em um local pré-determinado, quando então todo o grupo se mudaria para o assentamento.

O governador começou os preparativos para construir uma aldeia para os Xavante em um local chamado Carretão, não muito longe de Vila Boa⁸, Mandou plantar uma lavoura para a subsistência dos recém-chegados. Porém, o processo de assentamento não transcorreu tão tranqüilamente quanto desejava o governador. No ponto de encontro combinado, o guia encontrou apenas um grupo Xavante preparado para caçar. Os soldados logo se deram conta que estavam cercados por um grande número de guerreiros que tinham vindo armados e prontos para combater, demonstrando que eles tinham pouca

⁸ Carretão não era a única aldeia onde os Xavante foram assentados. No final do século XVIII, algumas situavam-se em Mossamedes (Chaim, 1983). No século XIX, missionários italianos fundaram aldeias ao longo do Araguaia, em Estiva, Salinas e São Joaquim do Jamimbu, onde alguns grupos Xavante estavam assentados (Hemming, 1987; Lopes da Silva, 1992). Deve-se destacar que muitos grupos Xavante nunca aceitaram a sedentarização.



confiança na boa fé dos portugueses. Segundo Freire, um indivíduo da tribo Akroá, que fazia parte do grupo de guias, pôs os Xavante em alerta contra os não-índios. Foi o chefe dos Kayapó que finalmente persuadiu os Xavante a baixarem os arcos e flechas, pois ele declarou que, se não o fizessem, os próprios Kayapó, junto com os portugueses, procurariam e destruiriam todas as aldeias Xavante, qualquer que fosse a distância.

No início da estação seca seguinte, o governador ficou estarecido ao receber a notícia vinda do norte de que mais de dois mil Xavante estavam marchando em direção à capital. Tristão de Menezes nunca imaginou que viriam tantos. A idéia de que os índios poderiam chegar a Vila Boa em grande número o enchia de apreensão, pois era um ano de seca e os habitantes tinham poucas provisões para si mesmos, o que dirá o suficiente para alimentar duas mil bocas a mais. Depois de consultar as autoridades da cidade, o governador decidiu dividir os Xavante em dois grupos, um para ser assentado em Carretão e o outro em Salinas, mais ao norte, próximo ao Rio Araguaia. Isso não apenas facilitaria prover a subsistência dos Xavante nas duas aldeias, como também diminuiria a ameaça em potencial representada por tantos guerreiros juntos.

O governador enviou uma escolta com ordens para guiar os Xavante por estradas secundárias e evitar as cidades, mas os soldados acharam mais fácil simplesmente levá-los de cidade a cidade. A princípio, os habitantes ficaram aterrorizados, escondendo as famílias e fechando as lojas, mas quando viram que os índios eram amistosos, encheram-nos de presentes e até contribuíram com alimentos para a futura aldeia. No entanto, quando os Xavante chegaram ao local onde a estrada se bifurcava, a autoridade que deveria dividir o grupo encontrou tanta resistência, que foi obrigada a desistir do plano. Quando deixaram a mata, os Xavante declararam que queriam viver entre os não-índios e não em um lugar distante como Salinas, que era conhecido por ter um clima pouco saudável e estar infestado de mosquitos. Em janeiro de 1788, depois de seis meses de viagem, pois seguiam devagar, carregando crianças, idosos e doentes, os Xavante finalmente entraram em Carretão ao som de, segundo o relato de Freire, "dos seus desagradáveis instrumentos, alaridos e danças, de que se compõem os seus fesejos ao seu uso" (Freire, 1951 [1790]: 18).

O grupo se estabeleceu em Carretão, e apenas o chefe e alguns outros líderes foram à capital, onde o governador deu ao primeiro tantos presentes que, quando voltou à aldeia, fez um discurso fervoroso a fim de convencer seus seguidores das boas intenções do governo e de encorajá-los a trabalhar na lavoura com as ferramentas que o governador lhe tinha dado para distribuir. Tristão de Menezes tinha motivo para estar satisfeito com o

aparente sucesso do assentamento Xavante, pois agora era possível fazer a prospecção de ouro em regiões onde ninguém ousava se aventurar até aquele momento. Vários mineradores que tinham sido prisioneiros dos Xavante e liberados na época do assentamento garantiram ao governador que tinham visto locais prováveis de presença de ouro durante o cativeiro, mas estavam incapazes de fazer a prospecção porque não tinham as ferramentas necessárias.

Freire concluiu seu “Relação da Conquista do Gentio Xavante” de forma altamente otimista. Escreveu que um padre batizou 412 crianças Xavante em uma visita, apesar do fato de que muitas famílias estavam ausentes da aldeia, tendo fugido para a floresta por causa de uma epidemia que os atacou quase imediatamente após sua chegada, matando mais de cem pessoas. Desde que a epidemia terminara, as condições, segundo Freire, estavam melhorando, pois os Xavante estavam se tornando agricultores e, portanto, havia mais alimentos. O governador pôde ter a satisfação de ter libertado “os povos desta Capitania de outras tantas feras, que lhe devoraram as entranhas; e ao mesmo tempo a incomparável glória de ter grangeado à Igreja igual número de filhos, com outros tantos vassalos ao Império Português” (Freire, 1951 [1790]: 19).

Embora parecesse que a aldeia estava florescendo na época em que Freire escreveu seu relato, em poucos anos Carretão estava praticamente deserta (Ravagnani, 1978). Na década de 1780, devia haver bem mais de dez mil índios assentados em diversas aldeias em Goiás. No fim do século, restavam apenas alguns e qualquer tentativa de “civilizá-los” de acordo com as normas do Diretório havia fracassado. A situação era bem semelhante à de 50 anos antes: praticamente não havia índios pacificados em Goiás.

Naquela época, o grupo indígena mais poderoso e atuante em Goiás era o Xavante, que aparentemente estava se expandindo para o leste. Na mesma época, os Xerente começaram a ser mencionados na literatura. Segundo Pohl (1951 [1837]), cujo informante era um colonizador que tinha sido capturado pelos Xavante e que morou com eles durante vários anos, os Xavante, os Xerente e os Akroá-Mirim, anteriormente grupos distintos, estavam agora unidos em um só. Espalhavam-se por um vasto território nas duas margens do Rio Tocantins, indo de Porto Real, rio abaixo, até São Pedro de Alcântara, e na direção leste até a região de Pastos Bons, no Maranhão. Mattos (1875), em escrito de 1824, calculou que os Xavante tinham quatro mil guerreiros, o que indicaria uma população total de, pelo menos, 12 mil pessoas, incluindo mulheres e crianças.

Depois de mais de um século de guerras, reassentamentos e epidemias, os índios em Goiás ainda eram numerosos e defendiam com vigor seus territórios. Os grupos



retaliavam contra as expedições de captura de escravos, as quais eram novamente semilegalizadas, com invasão e destruição de fazendas e roubo de gado (Prado, 1963). A deterioração econômica da região e o resultante declínio da população em geral também eram fatores relevantes. As relações entre índios e não-índios tinham piorado muito desde o século XVIII, quando os governadores de Goiás comemoraram o sucesso dos aldeamentos na manutenção da paz. Os poucos índios que permaneceram nas aldeias viviam miseravelmente, sujeitos à autoridade de diretores ignorantes e freqüentemente violentos.

Por volta de meados do século XIX, o naturalista francês Conde de Castelnau viajou cruzando Minas Gerais até Goiás (Castelnau, 1850). Parece claro que naquela época os Xavante já estavam migrando na direção oeste, pois Castelnau ouviu falar de uma grande aldeia Xavante a oeste do Rio Araguaia. Uma vez que os Xavante se retiraram cruzando o Araguaia, separaram-se dos Xerente. Foi quando estes começaram a ser cercados pelos colonizadores. Na década de 1860, parece que a separação entre Xavante e Xerente estava completa. Aqueles que eram então conhecidos como Xerente estavam pacificados e assentados ao longo do Rio Tocantins, particularmente na região da foz do Rio do Sono. Os Xavante se distinguiam como aqueles que migraram para além do Araguaia e que permaneciam, em sua maioria, livres. Na década de 1860, os colonizadores que viviam às margens do Rio Araguaia contaram ao General Couto de Magalhães (1934) que uma coluna de fumaça vista ao norte indicava os acampamentos Xavante ao longo do Rio das Mortes.

É quase certo que a separação dos Xavante e Xerente, bem como a retirada cruzando o Araguaia, foram causadas pela expansão das frentes demográficas. Por volta de 1824, a população de Goiás tinha crescido 25% desde o censo de 1804 (Castelnau, 1850; Pohl, 1951 [1837]). No século XVIII, os índios das aldeias de assentamento mantinham contato com seus parentes livres cujas aldeias se localizavam na mesma região (RIHGB, 1918). Índios livres visitavam as aldeias de assentamento quando estavam migrando e, a seguir partiam novamente. As autoridades condenavam esse costume, mas, enquanto a região não estava dominada pelos colonizadores e os Xavante eram livres para ir e vir, não podiam fazer muito para controlá-los. Esses contatos se tornaram cada vez mais difíceis à medida que a população de colonizadores aumentava. Entretanto, no oeste de Goiás ainda havia relativamente poucos colonizadores, e além do Araguaia menos ainda. Foi, portanto, nessa direção que os Xavante migraram.

Em meados do século XIX, o governo imperial brasileiro tinha, em grande parte,

003011
66
Jemma

abandonado as tentativas de controlar os índios por meio de expedições punitivas. Em 1857, um decreto devolveu a administração das aldeias para a Igreja. No Araguaia, as autoridades provinciais estavam buscando promover a navegação, encorajando assentamentos missionários de indígenas pacificados. Missionários capuchinhos italianos fundaram missões no Araguaia e foram bem-sucedidos em assentar muitos Karajá e Xavante. Esperava-se que essas missões, protegidas por pequenas guarnições militares, se tornassem os núcleos de assentamentos que supririam a navegação fluvial de combustível e provisões (Hemming, 1987).

Por essa época, alguns grupos Xavante já tinham cruzado o Araguaia e estavam assentados na região do Rio das Mortes. Em 1856, o Frei Sigismundo de Taggia, juntamente com um grupo de índios de missões, soldados e colonizadores, subiu o Rio das Mortes, tentando contatar os Xavante (Hemming, 1987; Karasch, 1992). Alcançaram uma aldeia, mas encontraram apenas mulheres, crianças e homens velhos, pois os homens jovens estavam caçando. Apesar das ofertas de paz e presentes que os índios das missões trouxeram, um velho disse-lhes que não queria saber de não-índios, os quais sabia serem ruins, pois, quando os Xavante estavam em Carretão, sofreram maus-tratos. O grupo retirou-se com prudência antes do retorno dos caçadores. Porém, antes de alcançarem as canoas no rio, pararam para dormir e sofreram uma emboscada. Na luta que se seguiu, os Xavante foram afugentados com tiros e alguns foram mortos. De volta à missão no Araguaia, Frei Sigismundo solicitou armas às autoridades para que pudesse tentar novamente contatar os “selvagens” Xavante, mas não há registro de que o tenha feito.

A história da expansão Xavante no leste do Mato Grosso por volta de meados do século XIX é difícil de estabelecer em seus detalhes. Muito do que se conhece sobre esse período tem origem em reconstituições com base em histórias da tradição oral coletadas por missionários e antropólogos no século XX, portanto muitas décadas depois de os eventos terem ocorrido (vide Giaccaria e Heide, 1972 [1984]; Graham, 1995; Leeuwenberg e Salimon, 1999; Lopes da Silva, 1992). Com exceção das disputas com os Boróro ao sul e com os Karajá no Araguaia, não há registro de conflitos dos Xavante com outros índios. Até o século XX, poucos colonizadores, cujas cidades mais próximas encontravam-se ao longo do Araguaia ou distantes a oeste, nas proximidades de Cuiabá, tentaram penetrar na região desconhecida para onde os Xavante haviam migrado.

De acordo com uma interpretação dos registros históricos, muitos Xavante cruzaram o Rio das Mortes em meados da década de 1850, e “...o grupo [que ficou] a leste do rio [das Mortes] tenha sido extinto, já que não há mais referência a eles nos

documentos da época" (Ravagnani, in Lopes da Silva, 1992: 365). Entretanto, nem todos os Xavante cruzaram o Rio das Mortes. Em 1858, notificou-se a presença de um grupo de índios perto de uma cidade nas proximidades de Vila Boa, alarmando os moradores, ainda que os primeiros não demonstrassem hostilidade. De acordo com o governador de Goiás, esses índios provavelmente pertenciam à "numerosa horda dos Chavantes que habitam, segundo estou informado, as populosas aldeias que me conta existirem na margem esquerda do Araguaia, proximadamente à foz de rio do Peixe" (Ravagnani, 1978: 132).

A hipótese na qual os Xavante passaram a residir exclusivamente a leste do Rio das Mortes em meados da década de 1850 é refutada pela tradição oral Xavante, de acordo com a qual inúmeras aldeias foram ocupadas, por períodos extensos, entre os rios Araguaia e das Mortes (vide também Parte 1.2). Há também registros históricos dos anos 1930 que indicam que os Xavante ocupavam as duas margens do Rio das Mortes desde longa data (Parte 1.1.3). Parece que, em meados de 1800, a maior parte da população Xavante migrou para as proximidades do Rio das Mortes, onde estabeleceram aldeias em ambos os lados em diferentes momentos, até a transferência definitiva do PI Pimentel Barbosa para a margem esquerda (Vide Parte 1.3).

Documentos históricos de 1880 confirmam a presença Xavante na região do Rio das Mortes. Em 1887, uma expedição que subia esse rio, liderada por Jaci Caldas, foi atacada por um grupo Xavante. Caldas e dois outros membros do grupo foram feridos gravemente e a expedição foi forçada a recuar (Caldas, 1941).

Entre os Xavante localizados na região do Rio das Mortes, a rejeição à aproximação dos não-índios estava tão firmemente entranhada que demorou quase cem anos até que outro contato pacífico fosse realizado. É provável que um dos motivos para essa rejeição fosse o medo de doenças infecciosas. Os Xavante inclusive rejeitavam contato com grupos indígenas vizinhos receosos de que esses pudessem transmitir doenças. Segundo Maybury-Lewis (1984 [1967]: 49): "Os Xavante desprezam os Karajá mas os temem. Dizem que estes os infectam com doenças, quer por contágio, quer por feitiçaria, segundo o estado de espírito do informante". Um Karajá contou a Hermano Ribeiro da Silva (1935: 227) que grupos de Xerente costumavam passar pela Ilha do Bananal a caminho de sua visita aos parentes Xavante, até que, segundo ele, os líderes Xavante ordenaram-lhes que não retornassem, uma vez que, em virtude da associação com os não-índios, os Xerente seriam portadores de doenças.

De meados do século XIX até o início do século XX, os Xavante foram deixados relativamente em paz. Um motivo pelo qual isso aconteceu foi porque as fronteiras



demográficas e econômicas mais importantes estavam, por exemplo, nas regiões do Rio Guaporé e no Pantanal, longe de seus territórios. Durante a maior parte desse período, uma parcela expressiva da população Xavante viveu na aldeia Sõrepre, a oeste do Rio das Mortes, nos flancos da Serra do Roncador, que constituía o local de referência principal do grupo (Graham, 1995; Lopes da Silva, 1992). Nas décadas seguintes, grupos que permaneceram nessa área, ou seja, os ancestrais da população Xavante que reside atualmente na TI Pimentel Barbosa e na área de Wedezé, foram os primeiros a manter contato permanente com o SPI (vide Parte 1.2).

1.1.3. História do contato permanente e demarcação da terra

Logo após seu estabelecimento na região do Rio das Mortes, os Xavante tiveram que enfrentar outras invasões de seu território. Colonizadores estavam chegando no Mato Grosso e se estabelecendo às margens do Rio das Mortes. Os Xavante ocasionalmente emboscavam e matavam esses pioneiros. Em retaliação, os colonos organizavam grupos para invadir as aldeias Xavante, matando os habitantes e queimando as habitações (Maybury-Lewis, 1984 [1967]). Gradualmente, os Xavante adquiriram uma reputação nacional de ferocidade. Eles seriam considerados tão traiçoeiros, que, segundo um relato, "...até corriam com os pés apontando para a direção contrária, a fim de desorientar seus perseguidores" (Smith, 1971: 34).

Nos meses de julho e agosto de 1909, uma expedição de reconhecimento da Missão Evangélica Sul-Americana de Liverpool, Inglaterra, visitou a Ilha do Bananal com o objetivo de investigar os índios Karajá. Em uma descrição dessa viagem, há menção a terem visto um grupo Xavante na margem esquerda do Rio das Mortes, em uma localidade acima da Ilha do Bananal, além do povoado de São José, aproximadamente na mesma latitude do Morro de Wedezé (Figura 1.1):

"No raiar da manhã seguinte, seguimos viagem e, após três horas remando, paramos para tomar café da manhã em uma pequena ilha. Enquanto Sylverio estava preparando arroz, Odidi começou a explorar as redondezas e logo retornou com a notícia que um grupo dos terríveis Chavante estava fazendo uma refeição do outro lado da mesma ilha. Pela areia, caminhando cuidadosamente uma curta distância, pude ver o grupo de selvagens vermelhos sentados no entorno de uma fogueira. Com seus olhos e ouvidos apurados, rapidamente perceberam nossa presença e entraram no mato, e não mais os vimos." (Glass, 1911: 18-19)

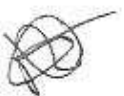
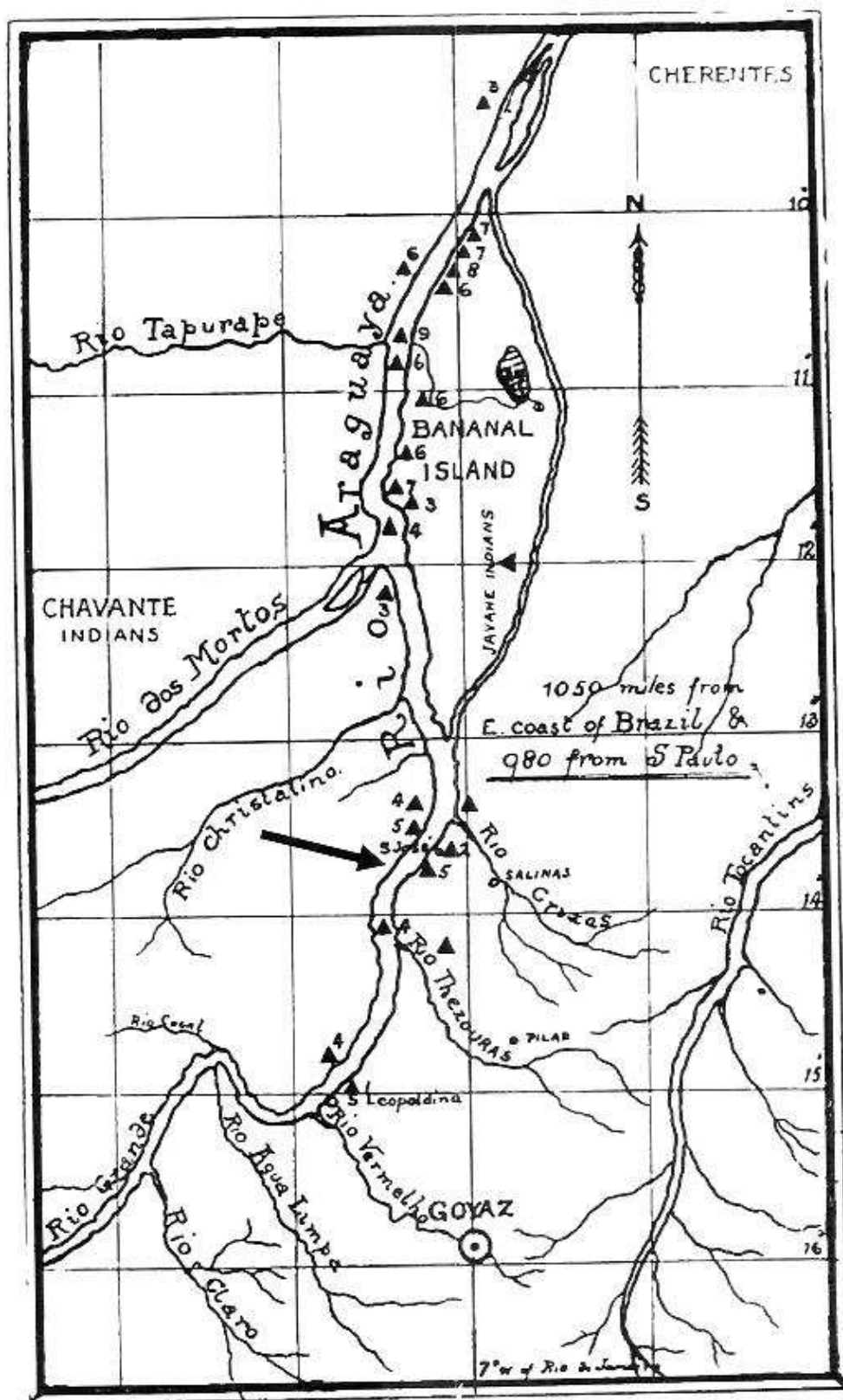


Figura 1.1. Mapa de Glass (1911: 75) com a indicação do local onde os Xavante foram avistados em 1909 nas margens do Rio Araguaia.



Nota: a localização aproximada na qual foi avistado o grupo Xavante, indicada pela seta, foi estimada pelos autores desse relatório a partir da descrição de Glass (1911: 75).

Em um momento posterior da viagem, após chegar à Ilha do Bananal, em um ponto localizado entre o Rio das Mortes e o Rio Tapirapé, aproximadamente na latitude onde se localiza atualmente a TI Marãiwatê, Glass observou:

“Naquela ocasião a lua nasceu tarde e as noites eram escuras. Mas a luz das estrelas era suficiente para indicar a linha escura da margem do rio onde viviam os Xavante, uma milha distante além do Araguaia. Uma queimada da mata, não muito distante da margem oposta do rio, lançava um brilho vermelho sobre as águas, e se refletia em uma nuvem da fumaça acima da superfície, gerando uma cena impressionante e espetacular, ainda mais por causa do entorno imediato. Acima e abaixo da margem do rio onde estávamos era território dos Carajás, enquanto que logo do outro lado era terra dos temidos Chavantes. Estes, uns poucos meses antes, haviam atacado e matado alguns Carajás que tinham se aventurado a abrir uma pequena roça do outro lado do rio... Qualquer trabalho missionário com foco na tribo Carajá estaria em contato direto com todos esses outros [indígenas]...” (Glass, 1911: 31)

O autor menciona também que havia aproximadamente 2.000 Xavante vivendo nas “redondezas” da Ilha do Bananal em 1909. Essas várias citações demonstram que, na primeira década dos anos 1900, os Xavante estavam amplamente distribuídos nas terras localizadas na margem esquerda do Rio Araguaia. Seu território incluía tanto as margens esquerda e direita do Rio das Mortes, em locais tão distantes como a região a sul da área proposta de Wedezé, até o norte, na região do Rio Tapirapé. Esta última citação é também importante porque menciona a ocorrência de uma grande queimada no território Xavante, algo típico no contexto das práticas tradicionais deste povo, qual seja, uso de fogo em caçadas coletivas, que são realizadas durante a época de seca (vide Partes 3 e 4).

O avanço no território Xavante durante as décadas de 1930 e 1940 foi planejado e conduzido segundo política governamental da época. A década de 1930 tornou-se um momento decisivo na história econômica e política brasileira, quando um governo fortemente centralizador, presidido por Getúlio Vargas, reforçou o nacionalismo e a intervenção estatal na economia e na sociedade⁹. Durante esse período, o governo enfatizou a necessidade de estimular o desenvolvimento e a integração nacional. Expressando essa ideologia, em 1938, o regime Vargas lançou a “Marcha para o Oeste”, um programa para tornar acessíveis as regiões centrais do Brasil e desenvolvê-las, vistas naquela época como desabitadas e isoladas do processo de desenvolvimento econômico do país como um todo.

A Marcha para o Oeste tomou corpo pela primeira vez no esforço exploratório

⁹ Vide Carone (1976), Fausto (1994), Levine (1970) e Skidmore (1967) sobre Vargas e o “Estado Novo”.

batizado de Expedição Roncador-Xingu, organizada por uma agência governamental – Fundação Brasil Central (FBC) – criada por meio de decreto-lei em 1943 (Garfield, 1996; Menezes, 2000; Villas Boas e Villas Boas, 1994). O mandato da FBC era construir a infra-estrutura que permitiria o subsequente assentamento e desenvolvimento econômico das regiões centrais do Brasil. Essa infra-estrutura incluía estradas, escolas, hospitais, aeroportos, etc. Foram definidas metas específicas, como o assentamento de duzentas famílias por ano na região ao longo do Rio das Mortes e na Serra do Roncador. O plano previa que a criação de gado se tornasse a base da economia regional (Garfield, 1996: 82-91).

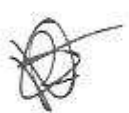
A presença dos Xavante na região obviamente impunha uma barreira que teria de ser superada se os planos da FBC fossem ser cumpridos. A intensificação dos esforços do SPI¹⁰ no início da década de 1940 para estabelecer contato com os Xavante se devia, em parte, ao fato de que a rota planejada para a Expedição Roncador-Xingu cruzava territórios que se sabiam ocupados por eles. Isso foi claramente expresso em um documento de instrução de 1944 do SPI, endereçado ao indigenista desse Serviço, Francisco Meireles, que coordenaria o esforço de estabelecer o contato permanente (SPI, 1944). Esse documento enfatiza a urgência de estabelecer contato pacífico com os Xavante, já que a Expedição Roncador-Xingu em breve cruzaria o Rio das Mortes e, necessariamente, atravessaria o território desse povo. A FBC colaboraria com o SPI, contribuindo com recursos financeiros para acelerar o processo de atração, uma vez que a FBC não tinha qualquer intenção de atrasar as próprias atividades para esperar “a pacificação desses índios, que ainda são arredios e hostis, já que sabemos que esse processo leva muito tempo para produzir resultados” (SPI, 1944: 1-2).

A dificuldade de estabelecer contato pacífico com os Xavante ficou evidente na década de 1930. No ano 1931, dois padres salesianos, Saciloti e Fuchs, foram mortos em uma tentativa que não foi sucedida (Durore e Carletti, 1936; Lopes da Silva, 1992).

Em 1936, um grupo de Xavante matou o filho de um posseiro. Por retaliação, uma expedição bem-armada foi formada e, de acordo com os guias Bororo, dizimou completamente uma aldeia Xavante (Maybury-Lewis, 1984 [1967]).

Em 1937, uma expedição que partiu de São Paulo, chamada Bandeira

¹⁰ O SPI era uma agência do governo federal brasileiro, fundada na década de 1910, tendo um oficial militar, Cândido Mariano da Silva Rondon, como diretor. O objetivo declarado da agência era contatar grupos indígenas isolados e protegê-los dos efeitos destrutivos da expansão das fronteiras. Sobre a história do SPI, vide Lima (1995) e Stauffer (1955).



Anhangüera, liderada por Hermano Ribeiro da Silva, encontrou um campo de caça Xavante abandonado perto do Rio Cristalino. Eles exploraram as terras a leste do Rio das Mortes, no sentido da Serra do Roncador e encontraram uma aldeia Xavante. Apesar dos presentes distribuídos pelos expedicionários, os Xavante responderam com flechadas. Os membros da expedição reagiram estourando fogos de artifício e com isso os índios fugiram, segundo os relatos. Os exploradores então entraram nas casas e pegaram os objetos que encontraram, deixando em troca alguns itens industrializados. Concluindo o saque, partiram em retirada (Brasileiro, 1938).

Em 1938, outra expedição oriunda de São Paulo, a Bandeira Piratininga, liderada por Willi Aureli, entrou em uma aldeia Xavante localizada na margem esquerda do Rio das Mortes, mas foi repelida. Os Xavante os perseguiram até o Rio das Mortes e espancaram pauladas um expedicionário que tentava fugir a nado (Aureli, 1943) (veja a Parte 1.2 para o que parece ser a versão Xavante desta história).

Por essa época, o SPI também sofreu sua própria tragédia. Em 1941, um inspetor do SPI, Genésio Pimentel Barbosa, montou um “posto de atração” no Rio das Mortes (Freitas Filho, 1954; Maybury-Lewis, 1984 [1967]). O mesmo foi construído onde, em 1931, o Padre Hippolyto Chovelon estabeleceu uma base de operações da Missão Salesiana com vistas a catequizar os Xavante. Esse local, chamado São Domingos, estava localizado na margem direita do Rio das Mortes, aos pés do Morro de Wedezé. Os funcionários do SPI começaram a cortar trilhas ao longo das quais deixavam, conforme o procedimento padrão de pacificação, presentes, como facas, lâminas de machado, painéis e outros bens manufaturados. A equipe de atração entusiasmou-se quando os índios começaram a pegar os presentes. Contudo, inesperadamente, Pimentel Barbosa, com vários de seus homens, foi emboscado e morto. O posto foi posteriormente renomeado de São Domingos para Pimentel Barbosa em homenagem ao falecido inspetor do SPI.

Vale destacar que há documentos oficiais que atestam não somente a localização específica do PI Pimentel Barbosa, como também suas ligações com outras localidades do leste de Mato Grosso. A Figura 1.2 apresenta detalhe de um mapa do Instituto de Terras de Mato Grosso (Intermat) do ano 2002 que tem indicações relevantes sobre o Posto e também as vias de acesso ao mesmo na década de 1950, quando ocorreram as primeiras titulações de terras da região de Wedezé (Almeida, 2002) (Anexo VII). Vê-se uma chamada “Estrada do SPI” que parte do posto indígena na direção sul, paralela Córrego de (Corixo) São Domingos, atravessando as diversas propriedades. Em entrevista realizada no dia 21 de setembro de 2009, Jurandir Barros, atual funcionário da FUNAI



0030/11
74
Rmnd

Segundo relatório do SPI referente ao ano 1930, "Esses índios tem o seu habitat nas margens do Rio das Mortes, que corre todo o estado do Mato Grosso, mas se aglomeram, principalmente, nas proximidades da sua confluência com o Araguaia" (Fernandes da Costa, 1931: 76). Um relatório do SPI do mesmo ano relata um ataque Xavante que ocorreu aos Karajá na Ilha do Bananal (Garfield, 1996). De acordo com uma versão do relatório (Silva, 1935), um grupo de Xavante matou dois Karajá que estavam pescando numa praia, depois desaparecendo. Outros Karajá morreram ou desapareceram quando entraram no território Xavante.

Um registro de 1935 indicou, tomando como referência o Rio Araguaia, "O livre patrimonio desses selvagens bravios distende-se agora por toda a margem esquerda até o Tapirapés, no trecho de perto de 120 leguas indevassadas por christãos" (Silva, 1935: 62).

Em 1938, o Padre Hippolyto Chovelon (1938) relatou ter estabelecido contato pacífico com os Xavante na margem direita do Rio das Mortes, nas redondezas de Wedezé. De acordo com esse relato, eles subiram o Morro de Wedezé (ou São Domingos), localizada na margem direita do Rio das Mortes, e "...nas fraldas do morro vimos rastos dos índios Chavantes a procura dos cocos babassús". Posteriormente, seguindo o curso do rio, "duas flechas partem da matta direita e veiu cahir deante da proa de nosso barco [sic]". Quando investigaram a origem das flechas, encontraram índios, arcos e flechas em mãos, calmamente os observando. De acordo com o Padre Chovelon, o território Xavante naquele tempo era vasto, pois se estendia do Rio das Mortes até o Rio Xingu, no lado oeste, e ao sudeste, até a estrada que ligava a cidade de Goyaz (atualmente conhecido como Goiás Velho) à Cuiabá.

Também em 1938, Szaffka (1942) relatou ter encontrado "primitivas balsas" dos Xavante na margem esquerda do Rio das Mortes, que as usariam para cruzar o rio. Segundo esse relato:

"No outro lado do rio [margem direita] via-se o princípio dum caminho. Os donos das balsas vinham por esse caminho – como mais tarde verificamos – de suas aldeias situadas sobre o Rio das Mortes e o Rio Araguaia. Vinham buscar mantimentos (caça etc.) nos terrenos já secos, ou faziam apenas uma visita aos seus parentes da aldeia deste lado do rio...". (Szaffka, 1942: 173)

Segundo um documento do SPI de 1944 que descreve detalhadamente ações que deveriam ser tomadas em prol da pacificação dos Xavante, "O Chavante tem a região Mortes-Cristalino como campo de caça, como se tem verificado nas suas penetrações agora no verão" (SPI, 1944). Os mesmo documento menciona um sub-grupo específico

que passou o inverno na região Cristalino-Mortes.

Em 1948, Herbert Baldus escreveu sobre os Xavante:

“Parece que os ‘isolacionistas’ [os Xavante] atravessaram freqüentemente o rio das Mortes, mas não o Araguaia, isto é, mataram Karajá e brancos só na margem esquerda deste rio [Araguaia], mas Boróro e brancos também no interior da margem direita do rio das Mortes. Por outro lado, houve invasões dos brancos na margem oposta do mesmo rio [das Mortes].” (Baldus, 1948: 157)

De acordo com Baldus, os Xavante nunca invadiram as terras dos outros índios nem de colonizadores, limitando-se a defender o território onde se refugiaram. Ainda segundo esse autor, “Os choques que os Karajá tiveram com estes sempre se deram na margem esquerda do Araguaia”, que era parte do território Xavante naquele tempo (Baldus, 1951: 126-127).

Em torno de 1954, um médico sanitário do SPI relatou que os Xavante ocupavam ambas as margens do Rio das Mortes e, no sentido leste, até o Rio Cristalino (Freitas Filho, 1954). A história oral Xavante também faz referência à existência de uma aldeia localizada às margens do Rio Cristalino durante a década de 1950 (vide Parte 1.2). Freitas Filho (1954) citou que em 1954, havia roças utilizadas pelos Xavante nas margens do Rio Água Preta¹¹.

Em 1958, Maybury-Lewis observou várias famílias deixando Wedezé para realizar longas expedições de caça e coleta, conhecidas na literatura antropológica como *treks*. Essas expedições ocorriam em regiões localizadas em ambas as margens do Rio das Mortes (Maybury-Lewis, 1984 [1967]). De acordo com um mapa preparado por esse antropólogo e reproduzido em sua monografia (Figura 3.7), os grupos familiares chegaram a se deslocar até a região do Rio São João, localizada a oeste do Rio das Mortes. Do outro lado do Rio das Mortes, a leste, alcançavam a desembocadura do Rio Cristalino, no extremo sul da Ilha do Bananal, continuando ao longo da margem esquerda do Rio Araguaia, até próximo da localidade de Bandeirante.

¹¹ No dia 21 de setembro de 2009, Ricardo Ventura Santos e Januária Pereira Mello entrevistaram Jurandir Barros em Água Boa, Mato Grosso. Na entrevista, Jurandir indicou que nasceu em Wedezé em 1948, sendo filho de João de Souza Barros, que trabalhava no PI de São Domingos na época. Outros cinco irmãos também nasceram em Wedezé. Jurandir viveu em São Domingos até os 12 anos, tendo saído por quatro anos para fins de estudo e retornando a seguir. Residiu em São Domingos até 1973, quando o posto foi removido para a margem esquerda do Rio das Mortes. Segundo ele, quando lá vivia, havia roças do SPI e dos Xavante nas duas margens do Rio Água Preta. Na entrevista Jurandir indicou que a região do Água Preta era um local tradicionalmente utilizado pelos Xavante para fins de agricultura. Outros comentários de Jurandir disseram respeito aos usos dos Xavante da região do Cristalino e do Forquilha para atividades de caça.

76
Jornal

Esses documentos históricos indicam que, nas décadas precedentes ao estabelecimento do contato pacífico com o SPI, os Xavante viviam e utilizavam terras em ambas as margens do Rio das Mortes, incluindo a área Wedezé. Maybury-Lewis resumiu a situação da seguinte maneira:

“Houve tempo em que os Xavante decididamente consideravam o Araguaia como sendo o limite oriental de seus domínios pois atacavam regularmente as pessoas que tentavam se estabelecer a oeste do rio. Mais tarde, os Xavante recuaram para além do rio das Mortes mas ainda percorriam as terras situadas entre este e o Araguaia, de modo que só os brasileiros mais destemidos estabeleciam-se ali. Mesmo depois da “pacificação” dos índios, suas andanças preocupavam a população local. Os habitantes de povoados distantes como Cocalinho e Aruanã, mesmo em 1958 ainda se sentiam amedrontados inibidos quando grupos de Xavante vinham às cidades.” (Maybury-Lewis, 1984 [1967]: 47)

A conclusão de que os Xavante ocupavam as duas margens do Rio das Mortes é corroborada pela tradição oral Xavante, que conta que ali havia aldeias antigas e que atividades coletivas de caça e coleta eram exercidas na área de Wedezé desde antes do contato permanente (vide Parte 1.2).

Na década de 1940, os Xavante estavam bem conscientes de que o mundo exterior estava, mais uma vez, avançando em sua direção. Segundo Ravagnani (1978: 162-163), os Xavante estavam:

“Encurralados, sem possibilidades de novas migrações, cercados por criadores de gado, com o território invadido por todos os lados, seus rios navegados por poderosas lanchas motorizadas, seus campos cortados por várias expedições, as aldeias tomadas por surpresas e atacadas por armas eficientes, suas casas vasculhadas e roubadas, fazendas e povoados florescendo em suas terras...”.

O poder e a determinação dos invasores eram evidentes. Nos jornais e revistas publicados naqueles anos, há o registro de que vôos sobre aldeias Xavante eram comuns. Em 1940, Getúlio Vargas, numa viagem à região do Araguaia para promover a Marcha para o Oeste, deu instruções para que seu avião sobrevoasse aldeias não contatadas de índios Xavante “extremamente ferozes” (Garfield, 1997: 749). A imprensa brasileira, com relatos sensacionalistas de investidas ousadas em território Xavante, buscava satisfazer a curiosidade do público. O editor de *O Cruzeiro*, mais importante revista semanal de notícias do Brasil na época, enviou um avião com um repórter e um fotógrafo para sobrevoar aldeias Xavante em baixa altitude (Morais, 1994; Nasser, 1944). Quando o avião mergulhou em direção às habitações, homens armados de arcos e flechas e porretes tentaram revidar. O avião voava tão baixo que uma borduna arremessada pelos Xavante o

atingiu, danificando a cauda (Figura 1.3).

Figura 1.3. Foto aérea de uma aldeia Xavante em 1944, publicada na revista *O Cruzeiro*.

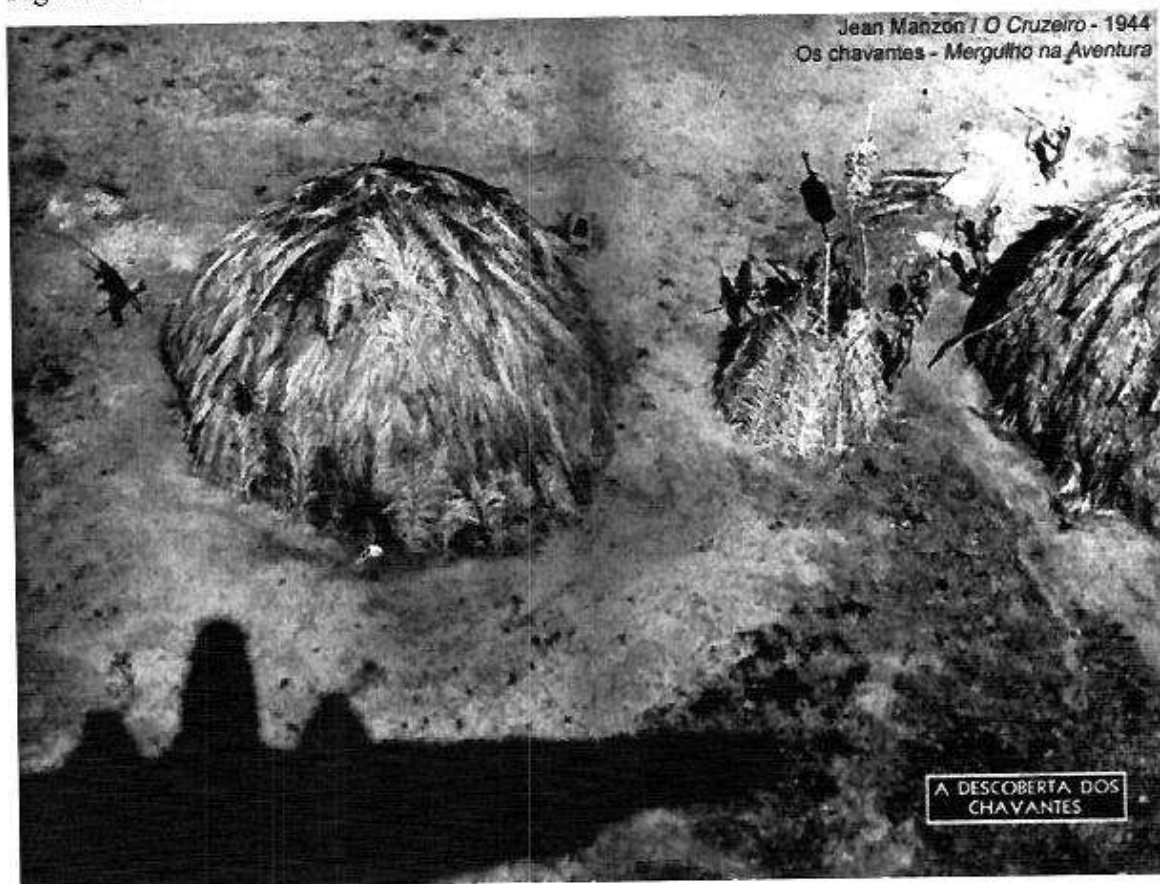


Foto: Jean Manzon.

Obs.: Note na parte inferior da fotografia a sombra do avião.

O progresso da equipe de “pacificação” do SPI, organizada em 1944 sob a liderança de Francisco Meireles, e instalada no “posto de atração” às margens do Rio das Mortes, era lento. Todavia, em um período de dois anos, Meireles pode reportar que o primeiro grupo Xavante tinha aceitado presentes e que, após poucos meses, estavam visitando o posto¹². Em 1945, a expedição Roncador-Xingu, liderada pelos irmãos Villas Boas, atravessou o território Xavante em direção às cabeceiras do Rio Xingu. A expedição foi seguida pelos Xavante, que em dado momento atiraram pedras no seu acampamento. Em uma ocasião, quando a expedição se aproximou de uma aldeia e foi atacada pelos Xavante, os membros da expedição afugentaram os índios atirando para cima (Villas Boas e Villas Boas, 1994).

O grupo que primeiro aceitou o contato, em 1946, era liderado por um homem

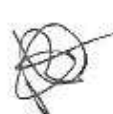
¹² Vide Garfield (1996) para uma descrição da pacificação dos Xavante por Meireles.

0030/11
78
Jenne

nascido na antiga aldeia Sõrepré, chamado Apõwẽ. A população da TI Pimentel Barbosa e da área de Wedezé, no qual este estudo se baseia, tem suas origens diretamente ligadas ao grupo de Apõwẽ. Testemunhas presentes na época do contato relataram que os Xavante, depois de acostumarem-se com as trocas, freqüentemente iniciavam a permuta oferecendo arcos em troca de algo (Fonseca, 1948). O grupo de Apõwẽ, que se tornou mais próximo da equipe do SPI, recebeu grande quantidade de presentes. Por volta de 1949, Meireles tinha distribuído aproximadamente 4.000 facões e 2.000 lâminas de machado, bem como uma variedade de outras ferramentas e utensílios (Souza, 1953a, 1953b).

Em 1950, uma expedição da Força Aérea Brasileira construiu uma pista de pouso em uma localidade próxima da Serra do Roncador. Em um dado momento, os militares foram visitados por um grande grupo de Xavante, que incluiu pela primeira vez mulheres e crianças (Souza, 1953b). No mesmo ano, Francisco Meireles e sua equipe visitaram a aldeia de Apõwẽ, tornando-se os primeiros não-índios a entrarem pacificamente em uma aldeia Xavante no século XX (Souza, 1953b). Em 1956, o grupo de Apõwẽ mudou-se da margem esquerda do Rio das Mortes para a oposta, vindo a se instalar em Wedezé, o mesmo local que já tinham habitado anteriormente, antes de estabelecerem a aldeia de Sõrepré. Essa última mudança parece ter sido realizada para se aproximarem do PI Pimentel Barbosa, que tinha sido estabelecido nesse local pelo SPI na década anterior.

Esforços oficiais para alocar terra para o povo Xavante começaram em 1950, através de uma doação feita pelo Estado de Mato Grosso de uma grande extensão de terras situadas na margem esquerda do Rio das Mortes. Essa doação foi formalizada pelo Decreto Estadual nº 903 de 1950, que destinava 1.931.000 ha. Essas terras compreendiam uma vasta área entre o Rio São João, cerca de 88 km a noroeste do limite superior da atual TI Pimentel Barbosa, e a cidade de Xavantina. Esses limites abrangiam uma região bastante menor se comparada àquela que, posteriormente, foi demarcada como a TI Pimentel Barbosa. O decreto estipulava ainda que, se a terra não fosse medida e demarcada pelo SPI no prazo de dois anos, deveria ser revertida ao Estado. Em 1956, com o Decreto Estadual nº 948, essa área foi substancialmente reduzida, com a retirada de 1.114.500 ha, resultando em 816.500 ha, menos da metade do estabelecido no Decreto nº 903. Novo prazo de dois anos para medição e demarcação foi estabelecido. De acordo com relatórios de agentes do SPI, essas áreas já estavam sendo vendidas pelo Estado de Mato Grosso ao público muito antes do prazo de dois anos ter sido alcançado (Maybury-Lewis, 1984 [1967]).



003011
79
Jenne

Após 1956, houve pouca mobilização com vistas ao estabelecimento de uma reserva para os Xavante de Pimentel Barbosa e de Wedezé (vide Tabela 1.1). Contudo, documentos internos do SPI e correspondências trocadas entre a agência indigenista e interessados locais nos anos 60 revelam um debate contínuo sobre se o povo Xavante teria direito às terras da margem direita do Rio das Mortes, incluindo a área de Wedezé. No cerne desse debate estava um conflito entre proprietários de terras, principalmente Jayme Rodrigues Barbosa, e o SPI e, posteriormente, a FUNAI, a respeito da mudança do PI Pimentel Barbosa da margem direita do Rio das Mortes para a margem esquerda, que correspondia à área que o Estado de Mato Grosso havia doado para os Xavante viverem. As terras localizadas na margem direita, parte das quais de propriedade do J.R. Barbosa, foram vendidas pelo Estado para particulares em 1953, antes inclusive das aldeias Xavante terem sido mudadas para a região localizada à esquerda do Rio das Mortes (Barbosa, 1963).

Tabela 1.1. Cronograma de alocação e demarcação de terras para os Xavante de Pimentel Barbosa e Wedezé.

Data	Título	Descrição
28/03/1950	Decreto Estadual nº 903	Formaliza a doação de uma área de 1.931.000 ha na margem esquerda do Rio das Mortes, pelo Estado do Mato Grosso, para o uso dos índios Xavante.
15/12/1956	Decreto Estadual nº 948	Diminui a área reservada para os Xavante pelo decreto nº 903 para 816.500 ha (redução de 1.114.500 ha).
23/09/1969	Decreto Federal nº 65.212	Diminui a área reservada para os Xavante pelo decreto nº 948 para 286.000 ha (redução de 530.500 ha).
12/10/1969	Decreto Federal nº 65.405	Indica os termos de identificação de limites e localização das áreas referidas no decreto nº 65.212.
19/09/1972	Portaria 1104 do Ministério do Interior	Diminui a área reservada para os Xavante pelo decreto nº 65.212 para 265.000 ha (redução de 21.000 ha).
27/02/1975	Decreto Federal nº 75.426	Diminui a área reservada para os Xavante pela portaria nº 1104 para 204.000 ha (redução de 61.000 ha).
09/03/1979	Decreto Federal nº 83.262	Aumenta a área reservada para os Xavante pelo decreto nº 75.426 para 300.600 ha (aumento de 96.600 ha).
12/08/1980	Decreto Federal nº 85.025	Aumenta a área reservada para os Xavante pelo decreto nº 83.262 para 328.966 ha (aumento de 28.366 ha).
20/08/1986	Decreto Federal nº 93.147	Homologa a TI Pimentel Barbosa identificada através do decreto nº 85.025, com uma área de 328.966 ha.

Em 1960, Ismael da Silva Leitão, supervisor regional do SPI, encontrou agrimensores medindo lotes nas terras da margem direita do Rio das Mortes, onde o posto de SPI e as aldeias indígenas estavam localizados (Garfield, 1996). Nos mapas dos

1000
80
Jornal

agrimensores, o posto do SPI tinha sido deslocado arbitrariamente para a margem esquerda. Em uma carta datada de 1963 para o diretor do SPI, J.R. Barbosa afirmava que, em 1959, quando ele estava negociando a compra de terra na margem direita do Rio das Mortes, o diretor do SPI informou que a localização do PI Pimentel Barbosa na margem direita era provisória, e que esforços estavam sendo realizados para transferi-lo para a margem esquerda (Barbosa, 1963). Na mesma carta, J.R. Barbosa propôs indenizar o SPI de modo a cobrir as melhorias realizadas na terra que ele havia comprado. Em correspondência interna do SPI, em resposta a carta de J.R. Barbosa, foram expressas dúvidas e preocupações a respeito da proposta de mudança de PI Pimentel Barbosa para a finalidade de liberação da terra para o desenvolvimento privado. Em uma carta de 1963, Walter Velloso, funcionário do SPI, escreveu:

“O aspecto da maior gravidade no caso, está na venda feita pelo Governo do Estado de Mato Grosso, de terras indígenas, à terceiros. Existindo índios na gleba em questão, a eles pertencem a gleba, tanto faz que seja ela situada na margem direita ou na margem esquerda do rio das Mortes. O simples fato de ter sido doada outra gleba para os referidos índios, não invalida o direito de posse dos silvícolas às terras onde estão atualmente localizados...” (Velloso, 1963)

Como discutido acima, as terras na margem direita do Rio das Mortes eram ocupadas e utilizadas pelos Xavante desde aproximadamente 1850 (vide Parte 1.1.3). As propostas de demarcação e proteção da terra para os Xavante não foram adiante por falta de fundos e funcionários (Garfield, 1996). Os agentes do SPI eram instruídos a patrulhar a área do posto para evitar invasões e a não permitir a legalização das terras invadidas, mas seus relatos e apelos à sede raramente surtiam efeito.

Leitão relatou de forma indignada que o governo do Mato Grosso havia vendido por valor irrisório a terra onde o posto do SPI se localizava desde os anos 1940 (Garfield, 1996). Porém, em uma carta de 23 de janeiro de 1964, Leitão argumentou que as terras da margem direita, onde se localizava o PI Pimentel Barbosa, já pertenceriam ao proprietário J.R. Barbosa porque ele tinha um título de posse dessas terras (Leitão, 1964). Naquele mesmo ano, Luiz de France Pereira Araujo, chefe da Seção do Patrimônio Indígena do SPI, escreveu:

“A área, onde está o Pôsto ‘Pimentel Barbosa’, é domínio original dos XAVANTES, de permanência efetiva como ‘domicílio coletivo’, desde sua pacificação pelo serviço. Sua venda ao Sr. Jayme Rodrigues Barbosa, pelo Governo do Estado de Mato Grosso, ferindo preceitos constitucionais, pode ser contestada judicialmente. O outro lado do Rio das Mortes, local pretendido para mudança do Pôsto em questão, é, também, domínio

0030 / 11
81
Jenne

original dos XAVANTES.” (Araujo, 1964).

Em 1965, Nilo Oliveira Velloso, diretor substituto do SPI, autorizou J.R. Barbosa a entregar nove cabeças de gado da raça zebu como pagamento parcial pela cessão da área ocupada pelo PI Pimentel Barbosa (vide Anexo VIII) (Velloso, 1965). O mesmo documento especificava que o posto não seria transferido para a margem esquerda do Rio das Mortes até que J.R. Barbosa pagasse um adicional de quinhentos mil cruzeiros para o SPI. Passaram-se vários anos até que o posto fosse transferido. De 1965 a 1969, J.R. Barbosa solicitou diversas vezes para que o posto indígena fosse transferido de suas terras para margem esquerda do Rio das Mortes.

Finalmente, em 1973, o posto foi definitivamente transferido para o local onde um grupo de índios já havia se estabelecido, chamado Etênheritipá, liberando a área de Wedezé para interesses privados. O assunto dos direitos dos índios sobre as terras da margem direita do Rio das Mortes foi abordado em um documento escrito no ano 1969 por Romildo Carvalho, diretor da FUNAI, que afirmou, diferindo da evidência histórica, que a presença do P.I. Pimentel Barbosa na margem direita do Rio das Mortes ocorria por motivos meramente estratégicos, de caráter temporário, afirmando que os Xavante anteriormente ocupavam somente a margem esquerda do rio (Carvalho, 1969)¹³.

Embora Meircles tenha conseguido estabelecer contato com um grupo Xavante em 1946, ainda levaria muitos anos até que todos os Xavante entrassem em contato permanente. Enfraquecidos por doença e esgotados pelos confrontos com colonos, vários grupos Xavante começaram a estabelecer relações pacíficas com diferentes representantes da sociedade brasileira durante as décadas de 1950 e 1960. Muitos grupos Xavante refugiaram-se em missões católicas salesianas ou em postos do SPI, onde freqüentemente chegavam doentes e famintos¹⁴.

Dos anos 1950 aos anos 1970, o grupo que ocupava a região da TI Pimentel Barbosa e Wedezé mudou-se várias vezes. Em 1956, uma década depois de estabelecer contato com o SPI, construiu sua aldeia a pouca distância do PI Pimentel Barbosa, naquele tempo na região de Wedezé, na margem direita do Rio das Mortes. O posto, que um dia pareceu ser uma fonte inesgotável de bens de troca, viu sua importância ser

¹³ Essa posição de Romildo Carvalho, que a princípio parece prejudicial para os Xavante, pode ter ocorrido em um contexto de tentar, ao menos, conseguir a delimitação de alguma área para o grupo de Pimentel Barbosa. Como indicado anteriormente, inclusive na Tabela 1.1, nos anos 1960 ocorreram diversas reduções expressivas da extensão das terras a eles alocadas.

¹⁴ Vide Silva (1992) e Maybury-Lewis (1984 [1967]) para relatos a cerca da história de contatos de diferentes grupos Xavante.

0030111
82
Jenne

drasticamente reduzida uma vez que os Xavante não eram mais temidos (Figura 1.4). Um inspetor do SPI que visitava o local criticou severamente Leitão, o chefe do PI Pimentel Barbosa, por seu método “obsoleto e paternalista” de administrar os índios, já que o agente permitia que os índios continuassem sua rotina de caça e coleta, ao mesmo tempo quando distribuía remédios, ferramentas e roupas, sem obrigar os Xavante a trabalhar por isso (Velloso, 1957).

Em 1957-1958, o antropólogo David Maybury-Lewis viveu com esse grupo em Wedezé e o estudou (Maybury-Lewis, 1965a, 1984 [1967]). Naquela época:

“...os Xavante raramente passavam mais do que uma ou duas semanas na aldeia, por ocasião de cerimônias importantes. Viam o posto como uma fonte de provisões e de bens manufaturados. A influência do encarregado do Posto parecia diretamente proporcional ao suprimento de presentes de que dispusesse. Ele tinha o cuidado de reservar a parte de leão para o chefe e para os membros da linhagem deste...” (Maybury-Lewis, 1984 [1967]: 70)

Todavia, quando Maybury-Lewis retornou em 1962 com uma equipe de geneticistas e antropólogos (vide Neel et al., 1964), encontrou a situação alterada:

“Em 1958, a aldeia era formada por 17 casas e mais uma casa dos solteiros. Em 1962, havia apenas dez, além da casa dos solteiros. Houvera um decréscimo considerável em sua população devido à epidemias e guerras fatais...”. (Maybury-Lewis, 1984 [1967]: 70-72)

Segundo esse autor, muitas dessas lutas foram provavelmente provocadas por ciúme gerado a partir da distribuição de mercadorias industrializadas de troca. Acusações de feitiçaria também aumentaram com o crescimento das mortes devido às epidemias, o que levaram a conflitos internos e, eventualmente, mortes. Ademais, os Xavante agora usavam roupas e haviam se tornado altamente dependentes das mercadorias industrializadas que o posto fornecia.

58

Figura 1.4. Distribuição de presentes entre os Xavante de Wedezé feita por agentes do SPI, 1954.



Fonte: Acervo do SPI, Museu do Índio/FUNAI, Rio de Janeiro (Fundo SPI, Relatórios SPI, 1954, Caixa 486, Planilha 087, Microfilme 379, Posto 888, Documento 07).

Nessa mesma época, houve uma cisão de aldeia, quando algumas pessoas de Wedezé se mudaram para um lugar chamado Ôtô (Figura 1.8). Mais tarde, parte deste grupo se juntou novamente com o grupo de Wedezé, enquanto outros foram para São Marcos. Por volta de 1964, outra parte da aldeia migrou para um local conhecido como Pazahöi'waprê, que ficava na margem esquerda do Rio das Mortes, seguindo rio acima a partir de Wedezé (Figura 1.8). No início da década de 1970, esse grupo mudou-se novamente, dessa vez de volta para o local conhecido como Etênhriritipá, que posteriormente recebeu pela FUNAI o nome de Pimentel Barbosa, quando o posto indígena com o mesmo nome, localizado na região de Wedezé, foi transferido para lá (Graham, 1995; Maybury-Lewis, 1984 [1967]). Segundo o indigenista F.S. Magalhães, um não-índio que morava com os Xavante em Wedezé desde criança, já havia grande

parte do grupo morando em Etênhiritipá antes da mudança definitiva do resto do grupo em 1973 (vide Figura 1.8)¹⁵.

F.S. Magalhães, que trabalhou na realocação do posto Pimentel Barbosa de Wedezé para Etênhiritipá, descreveu em uma entrevista a esse GT suas memórias sobre a mudança e as negociações que ocorreram. Segundo ele:

“Aí o Jamiro [Batista Arantes, chefe do posto], por determinação do ex-presidente da FUNAI..., determinou... que fosse feito um fechamento de negociação, que já tinha iniciado anteriormente, da mudança do posto para onde está hoje [em Etênhiritipá]... Então esta mudança deste posto eu fiz... utilizando transporte de carroça, tração animal, para transportar todos os pertences do posto... Mais de um mês para poder fazer o transporte... Os índios já estavam morando lá [em Etênhiritipá]. Parte dos índios morava na [Pazahöi'wapré]. Já em 1973, quando houve definitivamente a mudança do posto, aí os índios saíram do posto e foram para a aldeia onde é hoje...

“...Eles [os índios] foram praticamente forçados [a se mudarem de Wedezé para Etênhiritipá]... Foram incentivados a ir para lá... Quem incentivou na época... foi o Jamiro... Foi a pedido do [Presidente da FUNAI]... para poder ser negociada... onde esta hoje a terra que está sendo reivindicada [Wedezé]... A Fazenda Bonança, que na época o proprietário era Ivo... e o Plínio... tudo lá da região de São Paulo... Eles que concretizaram a negociação para levar o posto para lá [para Etênhiritipá]...

“[A negociação] envolveu construção de quatro casas, uma casa de chefe de posto, um escritório, uma enfermaria com residência, uma escola com residência, uma pista de pouso medindo 1200 metros de comprimento por 50 metros de largura... três pontes... recuperação da estrada até as margens do Rio das Mortes, confrontando com a Bonança...

“Na época, em 1971, quando boa parte dos índios estava naquele local, lá na [Etênhiritipá]... eu com o rádio-telegrafista, de nome Herbert de Souza... então nós saímos lá de [Wedezé], fomos lá onde estava os índios levando naquela época 200 e poucos mil cruzeiros. Isso em espécie. Então levou lá para os índios... para distribuir entre os índios... [Esse dinheiro foi entregue] pelo Jamiro...

“Quando o Presidente da FUNAI... esteve lá [em Wedezé], praticamente na última visita dele, que esteve reunido lá o Jamiro [e outros]... então o Presidente determinou que o Jamiro conversasse com os índios para que eles atravessassem, fossem para o outro lado do Rio das Mortes...” (Trechos de entrevista concedida por Francisco dos Santos Magalhães, a Ricardo Ventura Santos, Januária Pereira Mello, Jorge Luiz de Paula e Hugo Meireles Heringer em Água Boa, Mato Grosso, em 21 de dezembro de 2009).

¹⁵ F.S. Magalhães, em sua juventude morou no PI Pimentel Barbosa (São Domingos) antes da mudança deste para o lado esquerdo do Rio das Mortes. Magalhães é fluente na língua Xavante e é atualmente funcionário da FUNAI em Água Boa, Mato Grosso.

0080/11
85
fome

A localidade onde se situa Etênhiritipá, que depois também veio a ser conhecida como a aldeia de Pimentel Barbosa, tem estado ocupada desde então¹⁶. No presente, desde 2006, há duas aldeias no local, quais sejam, Pimentel Barbosa e Etênhiritipá.

Em 1966, as terras dos Xavante de Marãiwasede, o único grupo que ainda não havia sido “pacificado”, foram compradas por investidores de uma corporação de São Paulo para o estabelecimento de uma grande fazenda de gado. Os Xavante de Marãiwasede, alguns dos quais eram parentes dos que naquela época moravam na área de Wedezé e na área da atual TI Pimentel Barbosa (Maybury-Lewis, 1984 [1967]), foram reunidos e transportados em um avião da Força Aérea Brasileira para a Missão Salesiana em São Marcos. No ano seguinte, quase um terço dos que para lá foram levados morreram em uma epidemia de sarampo (Garfield, 1996). Desde 1985, sobreviventes de Marãiwasede, que deixaram São Marcos, se instalaram em uma aldeia nova (Água Branca) na extremidade sul da TI Pimentel Barbosa. Ainda que a TI Marãiwasede tenha sido homologada em 1998 e muitas famílias tenham se mudado para lá em 2004, um grupo da então aldeia Água Branca permaneceu na TI Pimentel Barbosa, na aldeia cujo nome atual é Belém.

A partir de 1969, uma série de decretos e portarias da FUNAI redefiniu e, no cômputo final, reduziu as terras localizadas na margem esquerda do Rio das Mortes que foram alocadas para o uso do povo Xavante de Pimentel Barbosa e Wedezé (Tabela 1.1). O Decreto Federal no. 65.212, de 23/09/1969, diminuiu a área para 286.000 ha, uma redução de 530.500 ha em relação à originalmente reservada pelo Decreto 948. O Decreto Federal no. 65.405, de 12/10/1969, indicou os termos de identificação de limites e localização das áreas referidas no Decreto 65.212.

Através da Portaria 1104, de 19/09/1972, o Ministério do Interior diminuiu a área para 265.000 ha, uma redução de 21.000 ha. Esta área compreendia uma porção de terra na margem esquerda do Rio das Mortes, definida por suas margens a leste, o Rio Corixão ao norte, a então planejada BR-158 ao oeste e o Rio Curuá (ou Água Suja) ao sul. Em 27/02/1975, o Decreto Federal nº 75.426 diminuiu a área para 204.000 ha, uma redução de 61.000 ha. Esta redução pretendia “corrigir” o limite oeste da área, de modo a

¹⁶ A atual aldeia Pimentel Barbosa, por ser situada no lugar conhecido pelos Xavante como Etênhiritipá, era designada por esse nome antes de vir a ser chamada de Pimentel Barbosa, o que aconteceu com a mudança do PI Pimentel Barbosa da margem direita para a esquerda do Rio das Mortes. A atual aldeia Etênhiritipá, que foi estabelecida em 2006, é também situada no mesmo local, a menos de um quilômetro de distância da aldeia Pimentel Barbosa. Apesar dessa segunda aldeia ter adotado o nome Etênhiritipá para fins oficiais, na memória cultural dos velhos da aldeia Pimentel Barbosa, o nome se aplica igualmente às duas aldeias.

0030/11
86
jmm

acomodar uma divergência entre a localização proposta e a localização atual da BR-158, que foi tomada como base para o limite oeste de acordo com a portaria nº 1104, o que resultou no estabelecimento de propriedades privadas na terra indígena (Reis, 1974). Contudo, segundo o superintendente regional do SPI Ismael da Silva Leitão, em entrevista concedida à antropóloga Nancy Flowers (dados inéditos a partir de pesquisa de campo realizada em 1976-1977), a maior parte da área dentro dos limites da terra indígena havia sido vendida para particulares. Isso aconteceu através da emissão de certidões negativas pela FUNAI, que declaravam que não havia índios naquelas terras. O relato de Leitão sugere que as reduções mencionadas acima, que aconteceram entre 1969 e 1975, visaram regularizar essas vendas ilegais de terras Xavante.

Durante as décadas de 1970 e 1980, os Xavante envolveram-se profundamente nos esforços para recuperar seus territórios não incluídos nas demarcações, sobre os quais reivindicavam direitos (Garfield, 1996; Graham, 1995; Lopes da Silva, 1992; Menezes, 1982). Em 1976, quando Flowers chegou a Pimentel Barbosa para realizar sua pesquisa (vide Flowers, 1983a), a interação entre os líderes Xavante com os proprietários ou administradores das fazendas que circundavam a reserva era caracterizada por uma tolerância tensa, marcada por suspeitas e ressentimentos. Dois anos antes, os Xavante foram persuadidos a concordar com a troca de 62.000 ha de terra da reserva por gado, máquinas de costura e pela promessa de construir uma ponte. A terra foi subsequentemente dividida e vendida. Como o gado não chegou, desenvolveu-se uma luta entre as lideranças que apoiavam a troca, e outras que se opunham a ela. Os Xavante também questionavam a fronteira sul da reserva, onde diziam que cartógrafos da FUNAI que pesquisaram o local haviam trocado os nomes de dois rios, demarcando, portanto, uma área menor e permitindo que a área deixada de fora fosse vendida. Durante esse período, a terra disponível para os Xavante estava diminuindo consideravelmente à medida que fazendeiros ocupavam áreas cada vez mais próximas, a ponto de serem estabelecidas fazendas distantes uns poucos quilômetros da aldeia. Quando Flowers deixou a reserva em 1977, equipes de homens Xavante estavam abrindo uma trilha para marcar o que a comunidade considerava ser o correto limite de sua reserva.

Os líderes de Pimentel Barbosa e outras terras indígenas fizeram inúmeras viagens a Brasília, tornando-se cada vez mais combativos à medida que a inércia da FUNAI continuava (Vale, 1980a, 1980b). Em maio de 1980, um grupo de líderes Xavante tomou de assalto o escritório do presidente da FUNAI e se recusou a sair, exigindo de forma agressiva que "... ele faça alguma coisa para garantir suas terras e que ele acabe com a

corrupção na própria FUNAI" (Maybury-Lewis, 1983: 55). Esse incidente recebeu ampla cobertura da imprensa brasileira. Por fim, os Xavante da TI Pimentel Barbosa, nesse momento morando em uma única aldeia (Etênhiritipá ou Pimentel Barbosa), decidiram expulsar os fazendeiros invasores, com ou sem o apoio da FUNAI. Em Pimentel Barbosa, homens pintados e armados com bordunas e arcos e flechas cercaram a sede de uma das fazendas antes do amanhecer. Um funcionário da fazenda descreveu o que aconteceu:

"Ao amanhecer a casa estava cercada. Um deles (Xavante) chamou o capataz para dizer-lhe que tínhamos até o meio-dia para ir embora. Então ele fez um sinal, um chamado, e vários Xavante imediatamente tomaram de assalto a casa... Então eles nos ajudaram a carregar a picape com tudo o que pudéssemos levar. Pouco antes do meio-dia eles nos mandaram embora. Eles sempre foram amigáveis conosco, mas Jesus, eles estavam furiosos naquela ocasião! Nós nem tentamos resistir. Quando estávamos partindo vimos as mulheres chegando com seus cestos, para carregar tudo o que conseguissem" (Graham, 1995: 38).

A tomada do local completou-se sem violência e sinalizou de forma clara a determinação Xavante. Em 1979, seguindo-se a um encontro em Etênhiritipá com líderes de outras terras Xavante, o povo de Pimentel Barbosa intensificou seus esforços políticos para conseguir a demarcação de suas terras conforme o que consideravam o correto.

A partir do ano 1979, em resposta às reivindicações da comunidade indígena e face aos achados de uma comissão especial constituída para investigar irregularidades na definição dos limites estabelecidos anteriormente (Albuquerque et al., 1978), dois decretos aumentaram o tamanho da área (Tabela 1.1). Em 09/03/1979, o Decreto Federal no. 83.262 aumentou a área para 300.600ha, ou seja, um acréscimo de 96.600ha. Em 12/08/1980, o Decreto Federal no. 85.025 aumentou a área para 328.966ha, um acréscimo de 28.366ha. Esses decretos pretendiam retificar erros cometidos anteriormente pela própria FUNAI, que resultaram em drásticas reduções na extensão das terras dos Xavante de Pimentel Barbosa e Wedezé (Figura 1.5). Dentre os erros mais graves estavam a troca dos nomes dos rios Água Suja e Curuá e o reposicionamento do Rio Água Boa, de modo a reduzir artificialmente os limites da terra que foi demarcada (Albuquerque et al., 1978; Reis, 1979). A última alteração no tamanho da área foi em 1980, antes da nova constituição brasileira de 1988. Vale mencionar que no mapa reproduzido na Figura 1.5, constam os nomes dos rios que cruzam a TI Pimentel Barbosa tanto em português como em Xavante, de modo a deixar evidentes as corretas localizações dos cursos de água.

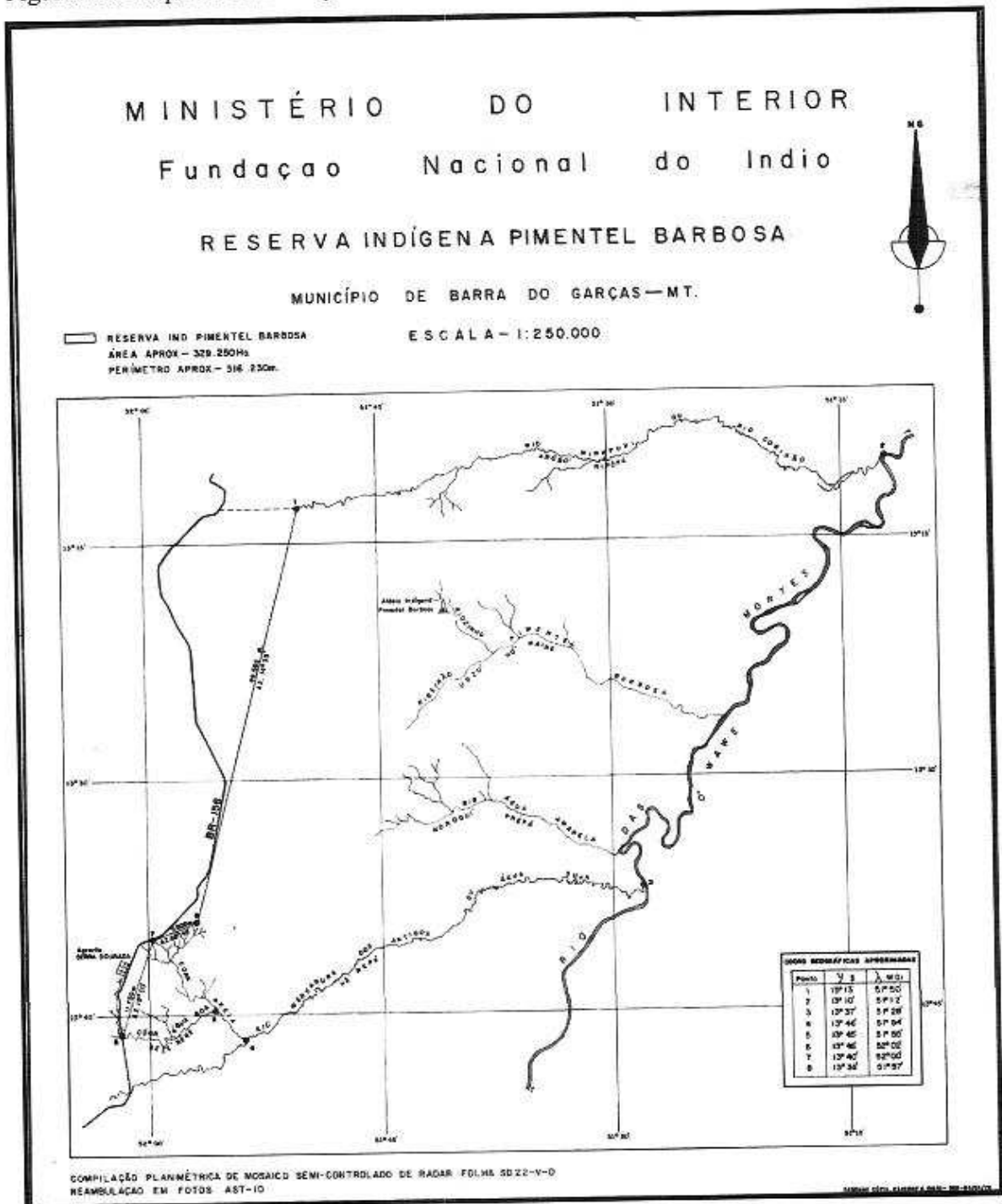
Pelo Decreto Federal no. 93.147, de 20/08/1986, a área à esquerda do Rio das Mortes, com 328.966 ha, foi homologada. Comparada à área original da reserva, de 1950,



0050111
88
funme

este decreto resultou em uma redução de cerca de 1.602.034 ha (Tabela 1.1).

Figura 1.5. Mapa de demarcação da TI Pimentel Barbosa pela FUNAI, 1980.



1.1.4. Censo demográfico

Dados derivados do Sistema de Informação da Atenção à Saúde Indígena (SIASI), coletados pelo Distrito Sanitário Indígena Xavante, em Barra do Garças, os mais recentes localizados por esse GT, indicam que a população Xavante em 2008 era de 14469 pessoas (Tabela 1.2). Desse total, o maior número de pessoas residia em Parabubure (39,5), seguido de São Marcos (21,4%). Ou seja, nessas duas terras vivem aproximadamente 60% da população total da etnia. Com exceção de Sangradouro (11,4%), todas as demais terras indígenas apresentam tamanhos de população que não atingem 10% do contingente populacional total Xavante.

Uma característica demográfica importante da população Xavante, que é também comum em outros povos indígenas (Pagliaro et al., 2005), é que aproximadamente 20% da população é composta de menores de 5 anos (Tabela 1.3). Algumas terras indígenas, como Marãiwatsede e Pimentel Barbosa, apresentam quantidades de crianças menores de 5 anos que alcançam aproximadamente 23%. Tal padrão de estrutura etária bastante jovem fica evidente ao se analisar as pirâmides etárias das várias terras indígenas (Figura 1.6). Tais pirâmides apresentam bases largas, que são típicas de populações com alta fecundidade¹⁷.

Como se pode observar na Tabela 1.4, ao se analisar a composição da população segundo grupos etários mais agregados, nota-se que mais de 50% tem idade inferior a 15 anos. Por outro lado, a proporção de pessoas idosas, com mais de 60 anos, é baixa, totalizando 5% para todas as terras Xavante, variando de 4,0% em São Marcos a 6,6% em Marãiwatsede. Vale mencionar que as pirâmides etárias (Figura 1.6) apresentam incrementos nas idades mais elevadas, o que se deve ao fato de agruparem todos os indivíduos acima de 75 anos.

Quanto à composição por sexo (Tabela 1.2), observa-se que a porcentagem de homens (7452 ou 51,5%) é superior a de mulheres. Pessoas do sexo masculino predominam em todas as terras, com exceção de Marãiwatsede e Pimentel Barbosa, onde há proporcionalmente mais mulheres.

¹⁷ A Parte 5 deste relatório apresenta uma análise detalhada das características demográficas dos Xavante, incluindo níveis de fecundidade.

Tabela 1.2. População Xavante segundo idade (grupos etários), sexo e terra indígena, 2008.

Idade	Arenópolis			Marechal Rondon			Marabáwatsede			Pimentel Barbosa			Parabubure			Sangradouro			São Marcos			Total Geral		
	Masc	Fem	Total	Masc	Fem	Total	Masc	Fem	Total	Masc	Fem	Total	Masc	Fem	Total	Masc	Fem	Total	Masc	Fem	Total	Masc	Fem	Total
0 a 4	135	112	247	75	65	140	71	84	155	142	177	319	559	503	1062	178	184	362	313	273	586	1473	1398	2871
5 a 9	125	112	237	68	53	121	67	69	136	140	145	285	543	527	1070	137	128	265	293	235	528	1373	1269	2642
10 a 14	87	90	177	37	40	77	34	52	86	88	99	187	403	361	764	114	107	221	226	182	408	989	931	1920
15 a 19	75	64	139	40	38	78	39	30	69	81	78	159	316	324	640	106	93	199	196	181	377	847	808	1655
20 a 24	59	56	115	27	27	54	27	27	54	54	49	103	279	281	560	77	68	145	168	139	307	691	647	1338
25 a 29	47	47	94	26	38	64	28	22	50	37	39	76	200	225	425	70	51	121	141	108	249	549	536	1079
30 a 34	34	44	78	15	20	35	17	20	37	30	37	67	157	144	301	37	43	80	102	75	177	392	383	775
35 a 39	21	21	42	21	12	33	18	12	30	26	25	51	118	118	236	33	30	63	71	63	134	308	281	589
40 a 44	21	16	37	5	11	16	3	5	8	14	23	37	95	82	177	24	27	51	48	54	102	210	218	428
45 a 49	22	16	38	10	5	15	2	3	5	14	15	29	56	39	95	18	16	34	30	26	56	152	120	272
50 a 54	3	1	4	2	1	3	2	1	3	6	5	11	20	17	37	5	4	9	14	9	23	52	38	90
55 a 59	3	5	8	2	0	2	2	0	2	8	4	12	14	9	23	9	8	17	15	7	22	53	33	86
60 a 64	4	1	5	5	3	8	6	0	6	3	1	4	15	10	25	10	3	13	11	10	21	48	28	76
65 a 69	4	3	7	2	0	2	2	4	6	2	5	7	12	14	26	9	4	13	7	9	16	38	39	77
70 a 74	2	2	4	0	9	9	1	1	2	5	5	10	17	19	36	5	15	20	6	12	18	36	63	99
75 +	29	27	56	9	6	15	14	23	37	20	25	45	112	102	214	19	17	36	38	31	69	241	231	472
Total	671	617	1288	344	328	672	327	353	680	670	732	1402	2910	2775	5685	851	798	1649	1679	1414	3093	7452	7017	14469

Fonte: Distrito Sanitário Especial Indígena Xavante, Barra do Garças.

Obs.: Parabubure inclui as TI Chão Preto, Parabubure e Ubawawe.

Tabela 1.3. Porcentagens da população Xavante segundo idade (grupos etários) e terra indígena, sexos combinados, 2008.

Idade	Areões	Marechal Rondon	Marãiwatsede	Pimentel Barbosa	Paraburure	Sangradouro	São Marcos	Total geral
0 a 4	19,2	20,8	22,8	22,8	18,7	22,0	18,9	19,8
5 a 9	18,4	18,0	20,0	20,3	18,8	16,1	17,1	18,3
10 a 14	13,7	11,5	12,6	13,3	13,4	13,4	13,2	13,3
15 a 19	10,8	11,6	10,1	11,3	11,2	12,1	12,2	11,4
20 a 24	8,9	8,0	7,9	7,3	9,9	8,8	9,9	9,2
25 a 29	7,3	9,5	7,4	5,4	7,5	7,3	8,1	7,5
30 a 34	6,1	5,2	5,4	4,8	5,3	4,9	5,7	5,4
35 a 39	3,3	4,9	4,4	3,6	4,2	3,8	4,3	4,1
40 a 44	2,9	2,4	1,2	2,6	3,1	3,1	3,3	3,0
45 a 49	3,0	2,2	0,7	2,1	1,7	2,1	1,8	1,9
50 a 54	0,3	0,4	0,4	0,8	0,7	0,5	0,7	0,6
55 a 59	0,6	0,3	0,3	0,9	0,4	1,0	0,7	0,6
60 a 64	0,4	1,2	0,0	0,3	0,4	0,8	0,7	0,5
65 a 69	0,5	0,3	0,9	0,5	0,5	0,8	0,5	0,5
70 a 74	0,3	1,3	0,3	0,7	0,6	1,2	0,6	0,7
75 +	4,3	2,2	5,4	3,2	3,8	2,2	2,2	3,3
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Distrito Sanitário Especial Indígena Xavante, Barra do Garças.

Obs.: Paraburure inclui as TI Chão Preto, Paraburure e Ubawawe.

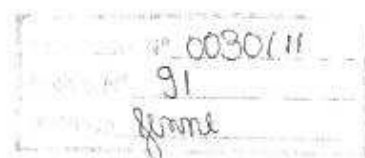


Tabela 1.4. Porcentagens da população Xavante segundo grupos etários selecionados e terra indígena, sexos combinados, 2008.

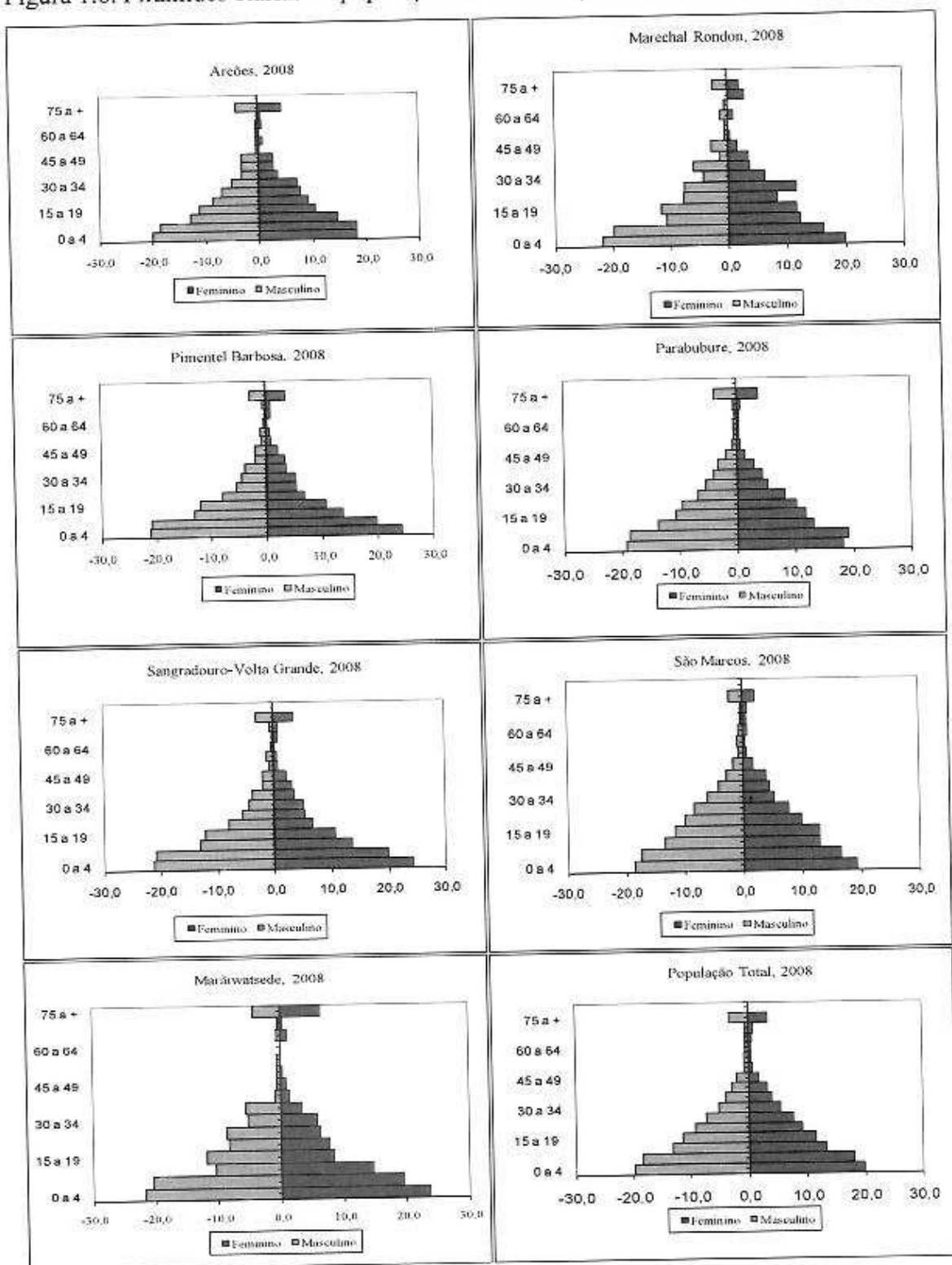
Idade	Arcões	Marechal Rondón	Marãiwatse	Pimentel Barbosa	Paraburure	Sangradouro	São Marcos	Total geral
0 a 14	51,3	50,3	55,4	56,4	50,9	51,4	49,2	51,4
15 a 29	27,0	29,2	25,4	24,1	28,5	28,2	30,2	28,1
30 a 44	12,2	12,5	11,0	11,1	12,6	11,8	13,4	12,4
45 a 59	3,9	3,0	1,5	3,7	2,7	3,6	3,3	3,1
60+	5,6	5,1	6,6	4,7	5,3	5,0	4,0	5,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Distrito Sanitário Especial Indígena Xavante, Barra do Garças.

Obs.: Paraburure inclui as TI Chão Preto, Paraburure e Ubawawe.

0030/11
92
Yenne

Figura 1.6. Pirâmides etárias da população Xavante, segundo terra indígena e total, 2008.



Fonte: Distrito Sanitário Especial Indígena Xavante, Barra do Garças.
Obs.: Parabubure inclui as TI Chão Preto, Parabubure e Ubawawe.

1.1.5. Distribuição espacial da população

Os Xavante vivem hoje, como no passado, em uma região do planalto brasileiro, caracterizada por áreas de altimetria situada na faixa de 400 metros, drenadas por rios que correm para o norte: o Tocantins, o Araguaia e o Xingu (Figura 1.7). A maior parte dessa região, localizada na porção sudeste da bacia do rio Amazonas, à qual a literatura freqüentemente se refere de forma pouco precisa como "Brasil Central", é coberta predominantemente pelos vários tipos de vegetação presentes no cerrado¹⁸.

O povo Xavante está distribuído em nove terras indígenas, que são Pimentel Barbosa, Areões, Marãiwatsede, São Marcos, Parabubure, Ubawawe, Chão Preto, Marechal Rondon e Sangradouro/Volta Grande (Figura 1.7). A localização, situação jurídica e extensão dessas terras indígenas são apresentadas na Tabela 1.5. Os critérios históricos e culturais determinantes dessa distribuição são discutidos nas Partes 2 e 3 do presente relatório.

¹⁸ Referimo-nos aos Xavante como habitantes da região amazônica. Genericamente, a região amazônica é associada com a floresta tropical. Todavia, a Amazônia é constituída por um conjunto de vegetação muito mais complexo, incluindo áreas de "cerrado". Pode-se argumentar, com base na hidrografia, que as terras Xavante fazem parte da Amazônia. Algumas terras localizam-se na cabeceira do Rio Xingu, um afluente do Rio Amazonas. As terras indígenas de Marechal Rondon e Parabubure ficam nos rios Curisevo e Culuene, afluentes do Xingu. Um rio de particular importância, que constitui uma das fronteiras de terras indígenas Xavante, incluindo Pimentel Barbosa, é o Rio das Mortes, afluente do Araguaia, por sua vez um afluente do Tocantins. O Tocantins deságua não no Amazonas, mas na Baía de Marajó, no Oceano Atlântico. A região onde os Xavante vivem também foi definida como parte da Amazônia por razões geo-políticas e econômicas. Considera-se que as terras indígenas Xavante localizam-se na "Amazônia Legal", uma categoria política e econômica que vem sendo utilizada desde a década de 1960 para fins do planejamento de desenvolvimento econômico. A "Amazônia Legal" abrange os Estados do Amapá, Roraima, Pará, Amazonas, Rondônia, Acre, Mato Grosso, partes do Tocantins, ao norte de 13° de latitude Sul e do Maranhão, ao oeste de 44° de longitude Oeste (Fearnside, 1986).



Figura 1.7. Mapa de localização das terras indígenas Xavante, Mato Grosso, 2010.

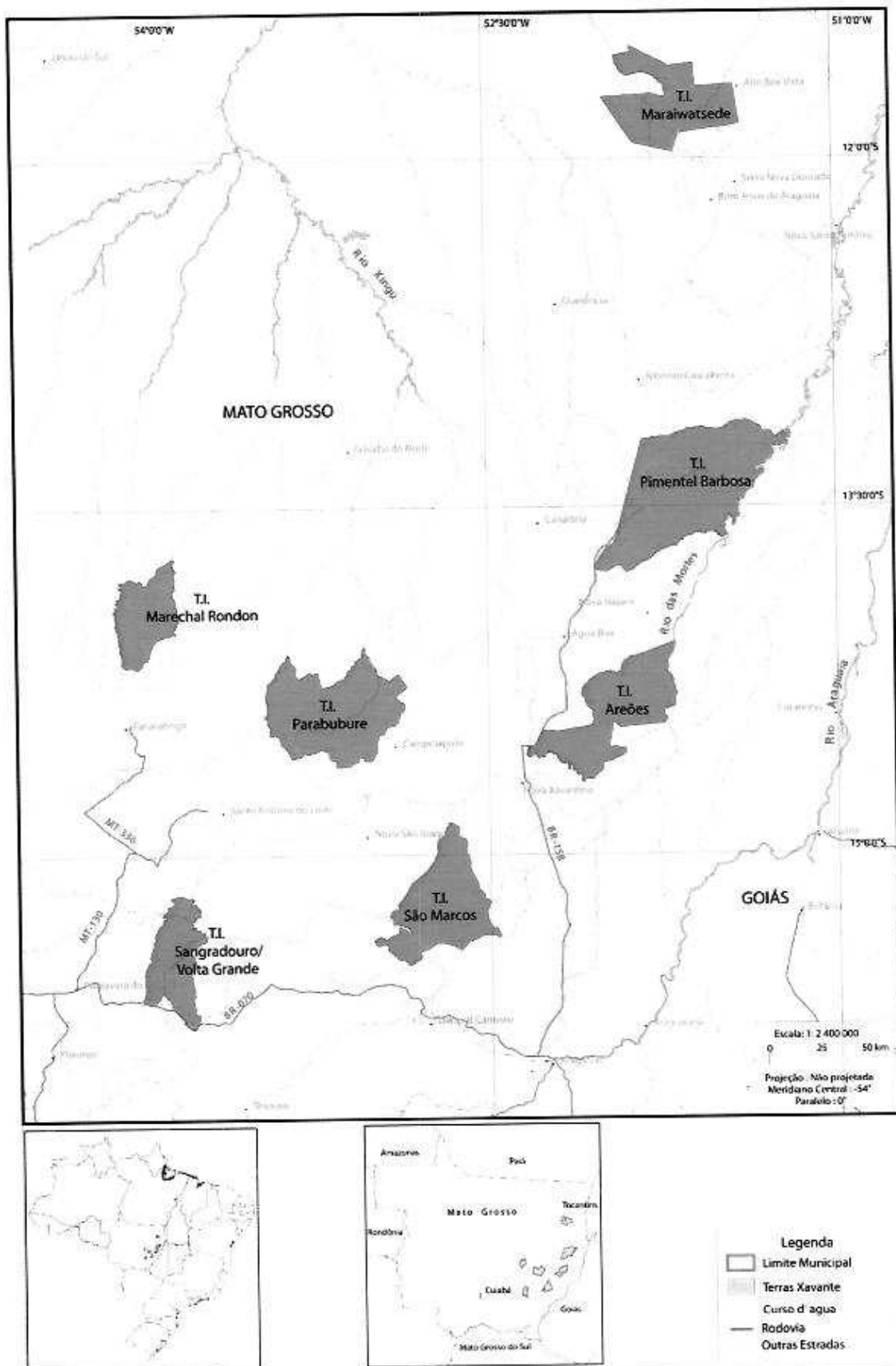


Tabela 1.5. Localização, situação jurídica e extensão das Terras Indígenas Xavante.

Nome da Terra Indígena	Municípios	Situação Jurídica	Extensão (ha)
Pimentel Barbosa	Canarana e Ribeirão Cascalheira	Homologada (1986)	328.966
Areões	Água Boa	Homologada (1996)	218.515
Marãiwatsede	Alto Boa Vista, Bom Jesus do Araguaia e São Félix do Araguaia	Homologada (1998)	165.241
São Marcos	Barra do Garças	Regularizada /Declarada Reservada Indígena pelo SPI (1972)	188.478
Parabubure	Água Boa, Campinápolis e Nova Xavantina	Homologada (1991)	224.447
Ubawawe	Novo São Joaquim	Homologada (2000)	52.234
Chão Preto	Campinápolis	Homologada (2001)	12.741
Marechal Rondon	Paranatinga	Homologada (1996)	98.500
Sangradouro/Volta Grande	General Carneiro, Novo São Joaquim e Poxoréo	Homologada (1991)	100.280

1.2. Histórico oral de ocupação da região de Wedezé

A tradição oral Xavante traça uma trajetória de migração contínua, da costa do Atlântico (próximo ao mar, onde o sol nasce, na visão Xavante) até o Brasil Central, incluindo a travessia do Rio Araguaia na direção da região do Rio das Mortes (Coimbra et al., 2002; Giaccaria e Heide, 1972 [1984]; Graham, 1995; Leeuwenberg e Robinson, 2000; Lopes da Silva, 1992, 1999). Essa história conta inúmeros momentos de interações, tanto pacíficas quanto hostis, com não-indígenas. De acordo com histórias contadas por velhos Xavante das terras indígenas de São Marcos e Sangradouro (Giaccaria e Heide, 1972 [1984]), a lembrança mais remota de uma aldeia Xavante a situa no Rio Araguaia (chamada de Dunari, "casas cobertas com capim"). Tal aldeia foi habitada até a chegada dos colonizadores, fazendo com que eles cruzassem o rio rumo a oeste. Segundo esses velhos, os Xavante se estabeleceram então no Rio Cristalino, em um local chamado Marãto'bre. Quando foram atacados nesse local por não-índios auxiliados por um grupo de aliados Xavante, quase todos os homens adultos foram mortos. Eles então seguiram para um local mais distante a oeste e chegaram ao Rio das Mortes.

Segundo alguns relatos Xavante (Leeuwenberg e Salimon, 1999), após cruzarem o Araguaia, os Xavante permaneceram anos entre os dois rios, até que alguns indivíduos decidiram cruzarem o Rio das Mortes.

Os Xavante têm uma narrativa que conta como que seus antepassados cruzaram

0030/11
93
Jenne

um rio largo nas costas de um boto. A lenda conta como os colonizadores começaram a derrubar a floresta e a plantar na margem leste do rio. Um velho de Pimentel Barbosa, Sereburã, conta a história do seguinte modo (Sereburã et al., 1998: 89):

“Um pouco só atravessou o rio das Mortes para o lado onde estamos vivendo agora. A resto do povo ficou para trás. Pensamos que ia dar tudo certo. Mas de repente o boto apareceu e passou na frente. Eles devem ter ficado com medo da fumaça que saiu da água. A gente ficava com medo mesmo... O grupo que atravessou pedia para os parentes cuidarem bem dos sobrinhos. ‘Não neguem nada para o seu sobrinho! Atendam os seus pedidos!’ O povo que ficou do outro lado do rio era muita gente. Muito mais do que os que atravessaram.”

Esta história é por vezes interpretada como o momento decisivo da separação entre os Xavante e os Xerente no Rio Araguaia (Graham, 1995; Lopes da Silva, 1982; Maybury-Lewis, 1965b). Na versão contada por Sereburã, velho da aldeia Pimentel Barbosa, os Xavante cruzaram o Rio das Mortes, vindo de onde nasce o sol, fugindo de lugares onde havia muitos colonizadores (Sereburã et al., 1998: 88-89).

Segundo a história oral Xavante, doenças poderiam ser provocadas por artigos pertencentes a não-índios ou a outros seres desconhecidos (Giaccaria e Heide, 1975: 173-180). Eles explicaram um episódio particular que ocorreu há muito tempo, quando muitos dos homens mais corajosos de uma aldeia haviam morrido, um grupo de mulheres resolveu atacar de surpresa os não-índios. Depois de dias de busca, elas chegaram a um vilarejo e se pintaram para o ataque. Então, ouviram gritos estranhos e começou a soprar um vento; não era um povoado de colonizadores, mas uma aldeia de espíritos maléficos que desapareceram quando as mulheres se aproximaram. Elas entraram nas casas vazias, procurando facas e outras ferramentas. Não acharam esses itens, portanto levaram algumas armas e outros objetos que pertenciam aos espíritos. Quando deixaram o vilarejo, as mulheres começaram a ficar doentes. Ficaram com medo de morrer e, afirmaram: “Talvez sejam essas coisas que estamos levando. É isso mesmo”. As mulheres recuaram no caminho que fizeram e, à medida que percorriam o trajeto, recuperavam-se. Quando chegaram a casa, todos ficaram impressionados com suas aventuras. “E eles como que são, como que são?”, perguntavam sobre os espíritos que as mulheres encontraram. “Eles, eles têm rosto chato, rosto chato, são envolvidos com penas e rosto branco... É *tsimihöpãri!*”¹⁹ Essa narrativa demonstra o medo das doenças introduzidas presente na

¹⁹ Uma narrativa contada nos anos 1970 aos missionários salesianos por um Xavante idoso descreve a experiência de um homem sofrendo de uma doença que poderia muito bem ter sido varíola (Giaccaria e Heide, 1975: 36-43).

história oral Xavante e a expressão, por meio da identificação dos forasteiros como monstros, da idéia de que o contato com não-índios era perigoso.

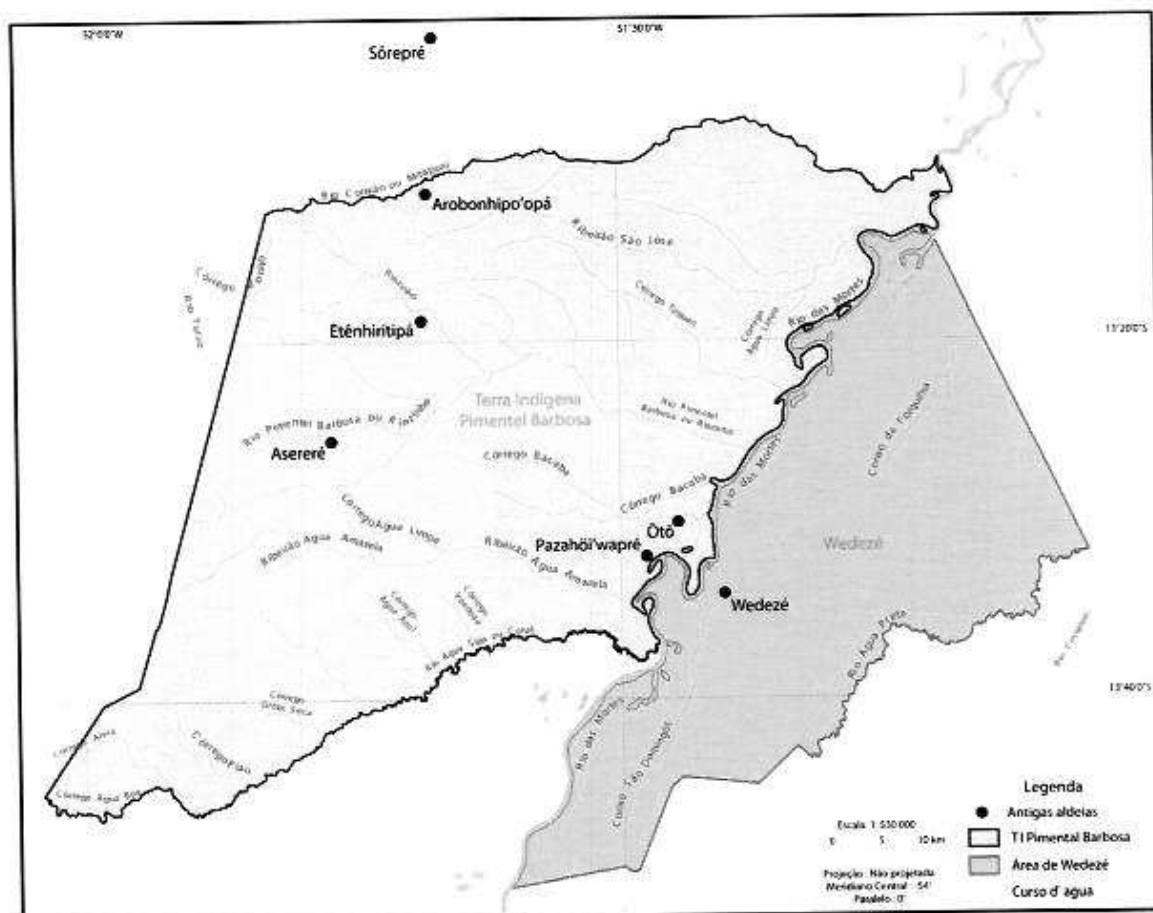
Relatos orais com algumas diferenças quanto à seqüência temporal das aldeias na região do Rio das Mortes têm sido documentados na TI Pimentel Barbosa e em outras terras Xavante. As diferenças podem ser atribuídas à tendência dos membros de cada grupo tratarem os eventos mais próximos no tempo e espaço dos seus próprios grupos locais com maior especificidade (Graham, 1995).

De acordo com relatos coletados na TI Pimentel Barbosa (James R. Welch, dados inéditos), os Xavante constituíam um grupo politicamente unificado e de alta mobilidade antes de chegarem ao Rio das Mortes e construírem uma primeira aldeia "fixa" em Wedezé, na margem direita do Rio das Mortes²⁰. Wedezé é considerada pelos velhos a primeira aldeia fixa do povo Xavante, uma vez que se seguiu a uma época de alta mobilidade e iniciou uma nova fase de aldeias que duravam vários anos. O local foi ocupado por muitas décadas e habitado por toda a população Xavante, que seria próxima de duas ou três mil pessoas naquela época. Apesar de se referirem ao povo Xavante, quando habitava Wedezé durante aquele período, como uma única comunidade, os relatos indicam que a aldeia não se mantinha totalmente fixa em determinado lugar, como as atuais costumam ser. Podia acontecer a mudança do local da aldeia em uma mesma região, mas continuavam com a mesma designação. Além disso, ainda que os Xavante fossem um povo unido, não quer dizer que toda a população ocupasse os mesmos sítios ao mesmo tempo. Por vezes, grupos familiares deixavam Wedezé em excursões e ocasionalmente estabeleciam acampamentos e aldeias provisórias em diferentes pontos do território. Conseqüentemente, a começar pela primeira chegada dos Xavante em Wedezé, no início da era pré-contato, cada grupo familiar tem uma história um pouco diferente de seus movimentos históricos e dos assentamentos. No entanto, todas as histórias remetem aos mesmos movimentos básicos da maior parte da população entre uma série de aldeias antigas, reconhecidas por todos os velhos de Pimentel Barbosa e Wedezé (Figura 1.8).

²⁰ De acordo com a tradição oral Xavante, duas aldeias permanentes foram construídas no local Wedezé. A primeira, mencionada nessa passagem, foi muito antes do contato pacífico ter sido estabelecido com o SPI na década de 1940, provavelmente em meados da década de 1850 (vide Parte 1.1.2). A segunda, que ocorreu após esse contato, foi o campo de estudo Xavante primário do antropólogo Maybury-Lewis (1984 [1967]) nas décadas de 1950 e 1960.



Figura 1.8. Mapa de localização das antigas aldeias Xavante na região de Pimentel Barbosa e Wedezé, 2010.



Obs.: os limites da TI Wedezé são aproximados.

De acordo com os mesmos relatos, depois de viverem por muitos anos em Wedezé, antes do contato oficial ter sido estabelecido com o SPI na mesma região, alguns colonizadores não-indígenas adentraram a região e se situaram nas proximidades da comunidade em Wedezé²¹. As relações entre alguns eles e os Xavante foram, inicialmente, pacíficas. Aconteceu o caso de um homem não-índio que se interessou por uma mulher Xavante, que era casada, e deu a ela muitos presentes para ganhar sua admiração. Ela chegou a visitá-lo em sua casa e eles começaram a ter relações sexuais. Em um dado momento, ele também a visitou quando ela estava preparando comida para os seus filhos. Ele fez sexo com ela na frente de seus filhos e marido. Sua família e os outros da comunidade ficaram surpresos e ofendidos com tal comportamento e por isso

²¹ Segundo a história oral Xavante, conforme nos foi relatada de maneira consistente pelos velhos de Pimentel Barbosa e Wedezé, o contato oficial que teria sido estabelecido entre o povo Xavante e o SPI em 1946 não foi o primeiro com não-indígenas na região do Rio das Mortes. Esse relato é consistente com o que se conhece acerca do processo histórico de expansão demográfica e econômica na região Centro-Oeste, que se intensificou a partir do século XIX.

deixaram Wedezé, cruzando o Rio das Mortes rumo ao oeste²². Seu marido também partiu, abandonando-a com o não-índio. Contudo, seus dois irmãos, Pareupsewawe e Serezaduté, permaneceram para convencê-la a deixar o não-índio e voltar aos Xavante. Finalmente, ela decidiu ficar e seus irmãos deixaram a região em busca de seu povo.

Nesse meio tempo, depois de deixar Wedezé, os Xavante já tinham cruzado o Rio das Mortes e se deslocavam rumo ao noroeste, se estabelecendo a cerca de 65 quilômetros nesta direção a partir do rio, próximo a cabeceira do Rio São João, constituindo a aldeia Sõrepré. Apesar de os Xavante realizarem visitas freqüentes às terras situadas na margem esquerda do Rio das Mortes, essa teria sido a primeira vez que estabeleceram uma aldeia permanente do lado esquerdo do rio. Segundo a história oral Xavante, a aldeia de Sõrepré é considerada de grande importância, por ser o local quando, pela última vez, os Xavante viveram unificados do ponto de vista político. Os relatos colhidos na TI Pimentel Barbosa assemelham-se àqueles de outras comunidades Xavante, que também indicam Sõrepré como um importante marco na história do povo (Graham, 1995; Lopes da Silva, 1992).

Segundo narrativas dos velhos da TI Pimentel Barbosa, foram bons tempos para os Xavante enquanto ali viveram. A terra era vermelha e fértil, a população cresceu, a aldeia era grande e as pessoas viviam tanto que chegavam a uma idade em que ficavam “curvados como tatus”. Quando o *warã* (conselho dos homens) se reunia no centro da aldeia, havia tantos homens que, em vez de um círculo, como vemos atualmente nas aldeias Xavante, os homens tinham de se organizar em vários círculos. Os idosos de cabelos brancos sentavam-se no centro, atrás deles, conforme os grupos etários, se colocavam os homens mais jovens: um círculo de homens de meia-idade, outro círculo, e mais outro, e finalmente os mais novos no círculo de fora.

Segundo Lopes da Silva (1992), Sõrepré foi ocupada desde o fim do século XIX até a década de 1920. Tal como nos relatos sobre a primeira ocupação de Wedezé, o local da aldeia de Sõrepré teria se modificado inúmeras vezes. Diferentes sub-grupos iam e vinham, formando assentamentos em outros acampamentos e aldeias temporárias da região por períodos de tempo limitados (James R. Welch, dados inéditos). Muitas destas aldeias, cujas localizações específicas não são conhecidas, incluem Abotonho'u (também

²² Relatos Xavante acerca dos possíveis motivos que os levavam a mudar a localização de aldeias pode incluir inúmeros fatores de ordem demográfica e ambiental (veja Parte 2). No caso específico do primeiro deslocamento do grupo a partir de Wedezé, os velhos mencionam especificamente o comportamento inapropriado que caracterizou a relação entre essa mulher Xavante e seu amante não-indígena como o motivo que desencadeou a mudança. Em outras palavras, a mudança poderia ter acontecido por várias razões, mas essa série de eventos é identificada como motivadora da tomada de decisão que, em última instância, levou-os a efetivamente deixarem Wedezé naquele momento específico.

0030/11
JOL
Jenne

chamada Riwahu ou Hötörã Zarazé), Mo'õniró, e Hu'uhi (Sereburã et al., 1998).

Apesar de Sõrepré ser considerada o último momento quando foram politicamente unificados, velhos de Pimentel Barbosa e Wedezé também identificam a dispersão a partir de Sõrepré como um momento histórico particular no qual conflitos políticos internos suplantaram a unidade. A dissolução de Sõrepré ocorreu gradualmente, com o conflito interno provocando uma série de represálias entre diferentes sub-grupos. Com o aumento dos conflitos, nem toda a população permaneceu em Sõrepré. Movimentos sucessivos de diferentes grupos familiares resultaram no estabelecimento de novos assentamentos em outros lugares, alguns tão longe quanto aqueles localizados no Rio das Mortes, próximo a São Félix, Marãiwatsede, Rio Couto de Magalhães e Rio Sete de Setembro (Lopes da Silva, 1992) (Nancy Flowers, dados inéditos). Alguns desses sub-grupos posteriormente voltaram à Sõrepré, mas outros se estabeleceram definitivamente em outros locais.

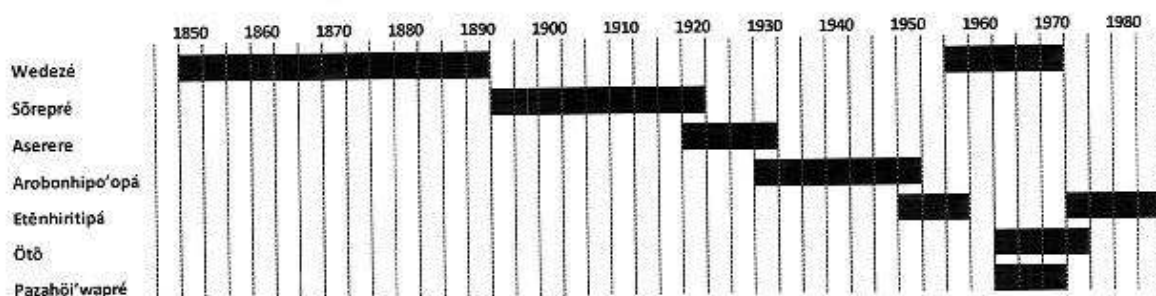
Quando Sõrepré se dissolveu, alguns grupos se mudaram para terras mais distantes ao oeste e norte, ao passo que o grupo que atualmente ocupa a TI Pimentel Barbosa permaneceu nas proximidades do Rio das Mortes. De acordo com os velhos dessa terra indígena, o primeiro grupo se deslocou definitivamente para o norte, estabelecendo-se na região de Marãiwatsede. Posteriormente, outro grupo se deslocou para o oeste e eventualmente veio a se constituir nas populações que atualmente vivem nas TI Marechal Rondon, Parabubure, Sangradouro/Volta Grande e São Marcos (James R. Welch, dados inéditos).

A história oral dos movimentos que aconteceram após Sõrepré, como foi contada pelo grupo que veio a se estabelecer na TI Pimentel Barbosa, enfoca as áreas situadas nas proximidades de Pimentel Barbosa e Wedezé, em ambos os lados do Rio das Mortes (James R. Welch, dados inéditos). As principais aldeias que foram estabelecidas durante esse período, até a demarcação da TI Pimentel Barbosa, são localizadas na Figura 1.8 e a cronologia dessas ocupações apontadas na Figura 1.9. De acordo com esses velhos, uma das primeiras aldeias foi Asereré, que eles dizem ter sido localizada entre as aldeias atuais de Caçula e Pimentel Barbosa, nos limites da atual TI Pimentel Barbosa (Figura 1.8). Este sítio foi habitado por algum tempo antes do abandono final de Sõrepré. Entretanto, quando Sõrepré se dissolveu, uma parcela de sua população se uniu ao grupo que já estava em Asereré (Sereburã et al., 1998). Alguns ancestrais dos membros do grupo que agora reside na TI Pimentel Barbosa e na aldeia Wedezé deslocaram-se de Sõrepré para Hu'uhi, e em seguida Abotonho'u, antes de chegarem a Asereré. Este grupo foi liderado pelo irmão de Apõwẽ, Prasé. Alguns dos membros da população que vive em Pimentel

0030/11
102
Sereburã

Babosa e Wedezé nasceram nessa época. Este é o caso, por exemplo, de uma velha da aldeia de Pimentel Barbosa, que nasceu em Hu'uhi (James R. Welch, dados inéditos). Velhos Xavante contam sobre o ataque à Asereré perpetrado por não-índios acompanhados de homens Xerente (Sereburã et al., 1998). Tal relato lembra aquele da Bandeira Piratininga, de 1938, liderada por Willy Aureli (Parte 1.1). Posteriormente, esse grupo formou uma aldeia em um local chamado Sinhorôtdõ, seguido por uma aldeia em Etênhiritipá, no mesmo local das atuais aldeias de Pimentel Barbosa e Etênhiritipá.

Figura 1.9. Cronologia aproximada dos movimentos de aldeias Xavante na região do Rio das Mortes até a demarcação da TI Pimentel Barbosa.



O grupo de Apöwê, então liderado pelo seu pai, Paraipá, seguiu caminho um pouco diferente. Após deixarem Sõrepré, foram viver em Eterã'urã, às margens de um afluente do Rio Sete de Setembro, perto do Rio Culucene (Nancy flowers, dados inéditos). Um residente atual da aldeia Pimentel Barbosa nasceu em Eterã'urã naquela época. O grupo de Apöwê foi então para Arobonhipo'opá, localizada na margem direita do Rio Corixão (Figura 1.8). Doze moradores atuais das aldeias Pimentel Barbosa e Etênhiritipá nasceram em Arobonhipo'opá nessa época. De acordo com uma entrevista com Apöwê, foram integrantes desse grupo que emboscaram o inspetor do SPI, Genésio Pimentel Barbosa, durante sua expedição para pacificar os Xavante (Nancy Flowers, dados inéditos). De acordo com um velho Xavante:

“Pimentel Barbosa estava no acampamento. Ele começou a balançar as facas [presentes] no ar. Os [brancos] estavam com medo. Mas os [Xavante] não tiveram dó. Pimentel pediu para ninguém atirar. Ele balançou as facas tentando impedir o ataque... Primeiro foram mortos os trabalhadores, depois mataram Pimentel. Ele estava armado mas não atirou. Os [Xavante] se juntaram. Pegaram e derrubaram Pimentel no chão. Ele foi morto por último... Esse povo que foi atacado estava ali para avisar os [Xavante] da chegada dos [brancos]. Não sei por que foram mortos... Não era para fazer mal...” (Sereburã et al., 1998: 114-115)

0030/11
103
Sereburã

De acordo com velhos Xavante, na primeira vez que um avião sobrevoou uma aldeia Xavante, eles estavam em uma caminhada pelo cerrado. É provável que se trate do mesmo evento relatado na revista *O Cruzeiro*, no qual um avião realizou rasantes sobre as casas e chegou a ser atingido por uma flecha (Nasser e Manzon, 1946) (Figura 1.3). O avião espalhou tamanho pânico que um ancião de Pimentel Barbosa recordar-se-ia do episódio cinco décadas depois, nos anos 1990: “[d]ava muito medo! Muito medo! Tinha gente correndo de um lado para o outro. Todo mundo apavorado, escondendo os filhos, sem saber o que fazer... Muito medo!” (Sereburã et al., 1998: 117).

Velhos Xavante recordam que, em 1946, quando foi estabelecido contato permanente com o SPI perto de Wedezé, o grupo de Apõwê estava em Arobonhipo’opá. Foi quando decidiram estabelecer contato com o SPI de forma pacífica (Sereburã et al., 1998).

De acordo com o ponto de vista Xavante sobre os eventos, segundo explicação de Warodi, o filho mais velho de Apõwê, foi este, e não Meireles, quem “iniciou e controlou o contato”, salvando os sertanistas dos outros Xavante que estavam zangados (Graham, 1995: 33-34). No entanto, essa decisão não foi unânime: enquanto o grupo de Apõwê aceitou o contato, outros permaneceram hostis. Logo após o contato com o SPI, o grupo de Apõwê mudou-se para o local chamado Etênheritipá, onde são situadas as atuais aldeias de Pimentel Barbosa e Etênheritipá. Cinco indivíduos que ainda vivem nessas aldeias nasceram no local durante essa ocupação histórica (James R. Welch, dados inéditos).

Posteriormente, quando o grupo de Apõwê já mantinha relações pacíficas com os não-índios, decidiram se mudar de Etênheritipá para Wedezé, próximo ao posto do SPI na margem direita do Rio das Mortes. De acordo com um velho, “Foi daqui, de Etênheritipá que houve uma divisão. Foi daqui que voltamos para [o Rio das Mortes]... Atravessamos o rio das Mortes para onde nossos avós viviam...” (Sereburã et al., 1998: 133). Muitos Xavante que ainda vivem na TI Pimentel Barbosa e na área de Wedezé nasceram naquela época em Wedezé, incluindo 25 pessoas. Uma lista desses homens (h) e mulheres (m) com suas respectivas aldeias de residência atuais segue abaixo (entrevistas concedidas a James R. Welch nas aldeias de Pimentel Barbosa, Etênheritipá, Caçula, Tanguro, Reata e Wederã nos meses de maio a julho de 2010):

- | | |
|------------------------------------|-----------------------------------|
| 1. Cleuza (m – Pimentel Barbosa) | 4. Aroldo (h – Pimentel Barbosa) |
| 2. Vanda (m – Pimentel Barbosa) | 5. Roberto (h – Pimentel Barbosa) |
| 3. Zé Paulo (h – Pimentel Barbosa) | 6. Aparecida (m – Pimentel) |

- Barbosa)
7. Wahipó (h – Pimentel Barbosa)
 8. Tsuptó (h – Pimentel Barbosa)
 9. Raimunda (m – Pimentel
Barbosa)
 10. Neuza (m – Pimentel Barbosa)
 11. Márcia (m – Pimentel Barbosa)
 12. Araci (m – Pimentel Barbosa)
 13. Marilda (m – Pimentel Barbosa)
 14. Cariri (m – Etênhiritipá)
 15. José Guimarães (h – Caçula)

16. Março (h – Tanguro)
17. Rosana (m – Tanguro)
18. Jacinta (m – Tanguro)
19. Ezins (h – Tanguro)
20. Ivan (h – Asereré)
21. Ivo (h – Asereré)
22. Zé Maria (h – Asereré)
23. Bio (h – Wedezé)
24. Ro'onhi'isudu (m – Wedezé)
25. Alfredo (h – Reata)

Naquela época, enquanto a maioria do grupo habitava Wedezé, um sub-grupo ficou por aproximadamente dois anos no Rio Cristalino, na aldeia antiga Pi'ahö, identificado por um velho Xavante como localizada na margem direita desse rio, perto da confluência do Rio Água Preta. De acordo com o relato de velhos da TI Pimentel Barbosa, Pi'ahö tinha aproximadamente 35 habitantes, a maior parte constituída de grupos familiares que não se alinhavam politicamente com o grupo de Apöwê (Nancy Flowers, Carlos E.A. Coimbra e James R. Welch, dados inéditos). A morte de aproximadamente vinte pessoas de Pi'ahö em um curto período de tempo foi interpretada como resultante de feitiçaria. Segue uma lista parcial dos homens (h) e mulheres (h) que foram enterradas em Pi'ahö, segundo relatos de velhos da TI Pimentel Barbosa (entrevista concedida a James R. Welch na aldeia Pimentel Barbosa na data de 13 de maio de 2010).

1. Urebepté (h)
2. Uini (m)
3. Biwéwāwe (m)
4. Höinhirbowē (h)
5. Pezé (m)
6. Wautomo'wa (m)
7. Wautomo'wehō (m)
8. Wautomo'terōtó (m)
9. Répári'ō (m)

10. Uwá (m)
11. Wa'aihō (h)
12. Hönhi'robowē (h)
13. Duiwe (h)
14. Sōwazé (h)
15. Wedeté (h)
16. Paraptōwé (h)
17. Wēnhō'rā (h)

A redução populacional e a diminuição do conflito fizeram com que os sobreviventes se reunissem ao grupo de Wedezé. Das pessoas que moraram em Pi'ahö e voltaram para Wedezé, nove ainda estão vivas, residindo na TI Pimentel Barbosa ou na

área de Wedezé. Segue uma lista desses homens (h) e mulheres (m) (entrevista concedida a James R. Welch na aldeia Pimentel Barbosa na data de 13 de maio de 2010).

- | | |
|-------------------------|--------------------|
| 1. Simô (h) | 6. Da'mari (m) |
| 2. Sewadí (h) | 7. Penhi'wa'ri (m) |
| 3. Ubuho (m) | 8. Wautomo'awe (m) |
| 4. Ru'wẽ'warazu'ata (h) | 9. Peza'hõri (m) |
| 5. Uma (m) | |

Durante o período de residência em Wedezé, os Xavante utilizaram uma vasta região da margem direita do Rio das Mortes para caça e coleta. Como uma velha da aldeia Wedezé, Wautômõ'aba, contou,

"Aqui [em Wedezé] os Xavante faziam longas caminhadas em busca de alimentos e ainda atravessavam o Rio Cristalino... Nossa mãe nos levava à região da serra, no Rio Cristalino, em busca de alimentos para coletar. A gente ia lá para arrancar cará e inhame. Nossa mãe tirava esses alimentos e os colocava em cestas para nós carregarmos... Nossa mãe fazia longas caminhadas nessa região. Fazia casas provisórias para acamparmos (indicando com a mão para o leste, até o Rio Cristalino, para sul até Arobo're e ao norte até Wedezé)." (James R. Welch, dados inéditos).

Apesar de a região de Wedezé ter sido ocupada no período entre 1956 e 1972, algumas famílias saíram antes. O primeiro grupo a deixar Wedezé formou a aldeia Ôtõ, localizada nas margens de uma lagoa no lado esquerdo do Rio das Mortes, rio abaixo de Wedezé (vide Figura 1.8). De acordo com Maybury-Lewis, esse deslocamento ocorreu entre 1958 e 1962 (Maybury-Lewis, 1984 [1967]). Pouco tempo depois, outro grupo estabeleceu a aldeia Pazahõ'i'wapré, também na margem esquerda, porém rio acima (James R. Welch e Nancy Flowers, dados inéditos) (vide Figura 1.8). Nessa época, outro grupo viveu temporariamente em Asereré, localizado perto da aldeia Caçula (James R. Welch e Nancy Flowers, dados inéditos). Após alguns anos, esses diferentes grupos, incluindo grupos familiares que permaneceram em Wedezé, se reuniram em Pazahõ'i'wapré para realizarem os rituais de iniciação dos meninos adolescentes (James R. Welch, dados inéditos). De acordo com Tsuptó Buprewên Wa'iri Xavante, atual cacique da aldeia Pimentel Barbosa, essa realocação gradual de Wedezé para a margem esquerda do Rio das Mortes foi motivada pela presença crescente de não-indígenas no PI Pimentel Barbosa (São Domingos) e não pretendia ser definitiva. Como ele explicou,

"O que eu ouço quando os velhos contam a história [Wedezé] é que não sabiam se a mudança para [Pazahõ'i'wapré] seria uma coisa definida. Mas, quando os velhos resolveram, por exemplo, mudar para



[Pazahöi'wapré], os brancos estavam incomodando... É a partir daí que os velhos decidiram chamar o resto do grupo, mas os outros grupos já tinham atravessado porque tinha muito branco entrando aí... E depois, quando mudaram para lá, viram que eles não podiam voltar naquele lugar. Por quê? Logo depois que eles saíram para [Pazahöi'wapré], os brancos já tinham ali, uns já colocando cavalo, colocando gado. E os velhos nem imaginavam porque tinha esse movimento em Wedezé. Então, acharam muito esquisito isso..."

De acordo com Tsuptó, antes da mudança definitiva do grupo inteiro de Pazahöi'wapré para Etênhiritipá, alguns Xavante foram lá para escolher o local de uma provável aldeia. Ao perceberem que alguns Xavante estavam em Etênhiritipá, e que a comunidade considerava se mudar para lá, proprietários de terras locais, em concordância com servidores da FUNAI, construíram prédios e uma pista de pouso lá para que o PI Pimentel Barbosa fosse transferido para a margem esquerda do Rio das Mortes. Segundo depoimentos dos índios, isso ocorreu sem a comunidade Xavante ter sido consultada (vide Parte 1.1.3. para um relato desse acordo baseado em documentos históricos).

O novo assentamento em Etênhiritipá acabou por se tornar permanente devido à rápida circunscrição das terras Xavante pelos fazendeiros e pela presença continuada do posto da FUNAI naquele local e, mais recentemente, do posto de saúde da FUNASA. A pressão dos fazendeiros intensificou-se, a ponto de fazendas terem se estabelecido a poucos quilômetros da aldeia. Como explicou o velho Serezabdi, "O limite da reserva estava bem ali no [local] séwari. Os [brancos] estavam perto de nós, apertando a gente... Aí tomamos a decisão de expulsar os fazendeiros, por nossa conta mesmo" (Sereburã et al., 1998: 154). Depois de uma série de ataques dos Xavante, vários fazendeiros das proximidades de Etênhiritipá se retiraram.

Segundo relatos de velhos de Pimentel Barbosa e Wedezé, os Xavante nunca deixaram de visitar e utilizar a região de Wedezé, até mesmo depois da realocação para o lado esquerdo do rio. Nos anos seguintes continuaram a usar Wedezé para caça, pesca e atividades de coleta. Em 2009, cerimônias de grupos etários foram feitas lá e, a seguir, o grupo de Caçula construiu lá uma aldeia. Nas palavras da velha Wautômô'aba,

"Nessa terra, onde estou hoje, construíamos casas provisórias. Há cemitérios espalhados nessa região onde nossos avôs foram enterrados. Eu me sinto feliz aqui, como se tivesse nenhum branco. Agora têm os brancos aqui, mas estou aqui para morar para sempre."

A continuidade da ocupação Xavante das terras de Wedezé é inclusive reconhecida por fazendeiros da região, conforme depoimentos de lideranças das aldeias da TI Pimentel

0030611
JCF
Jonne

Barbosa que, há décadas, costumam contactar os gerentes ou outros funcionários das fazendas para avisá-los sobre eventuais entradas para visitar cemitérios, realizar caçadas ou outras atividades. Também há evidências de reconhecimento por parte dos proprietários das fazendas acerca do uso contínuo da área de Wedezé pelos Xavante. Por exemplo, um fax datado de 30 de junho de 2000, da Empresa Scopel Empreendimentos, representante legal da Fazenda Remanso, solicita à FUNAI providências diante da presença de índios Xavante que se encontravam nos limites da fazenda para a realização de caçada (vide Anexo IX).

1.3. Práticas de secessão praticadas pelos Xavante

A história do povo Xavante, tanto a documental como aquela baseada em registros orais (vide Partes 1.1.2 e 1.2), indica que ocorreu uma série de divisões desde a época que eles residiram na Província de Goyaz, nos séculos XVIII e XIX, até os dias de hoje. Como foi dito anteriormente, o povo Xavante se separou dos Xerente em meados de 1800, quando começaram a se deslocar em direção ao leste matogrossense. Apesar de divisões anteriores serem mencionadas na história oral Xavante, a divisão mais marcante ocorreu na aldeia de Sõrepré, que foi ocupada desde o final do século XIX até a década de 1920, quando ocorreu uma fase de intenso conflito interno. De acordo com entrevistas com velhos Xavante, naquela época o povo Xavante era unificado politicamente (James R. Welch, dados inéditos). Ou seja, mantinham uma estrutura de liderança única, baseada no conselho de homens (*warã*), que tomava decisões a partir do consenso, após ouvidos os homens mais velhos. Mesmo que, eventualmente, grupos familiares se ausentassem para atividades de caça, pesca e coleta, os homens adultos desses grupo continuavam a fazer parte do *warã* e a respeitar as decisões desse conselho. Subseqüentemente, depois do início do processo de cisão dos diversos sub-grupos a partir de Sõrepré, as novas aldeias ganharam autonomia política e passaram a respeitar principalmente as decisões tomadas pelos seus próprios *warã*.

De acordo com Lopes da Silva (1992), com a escalada dos conflitos internos, aconteceu uma série de divisões em Sõrepré. Inicialmente, um grupo saiu e se deslocou para o noroeste, provavelmente se estabelecendo na região do Rio Sete de Setembro. Em torno dessa mesma época, outro grupo deixou e se deslocou para a região do Rio Couto de Magalhães. Posteriormente, dois outros grupos deixaram Sõrepré, o primeiro rumo à Arobonhipo'opá, localizado na cabeceira do Rio São João, não muito distante de Sõrepré,

e o outro indo para Marãiwasede, próximo ao Rio Suiá-Missu. As divisões em Sõrepré parecem ter ocorrido devido a conflitos políticos internos e por pressões associadas à chegada de colonizadores não-indígenas, o que teria levado ao surgimento de epidemias (Lopes da Silva, 1992).

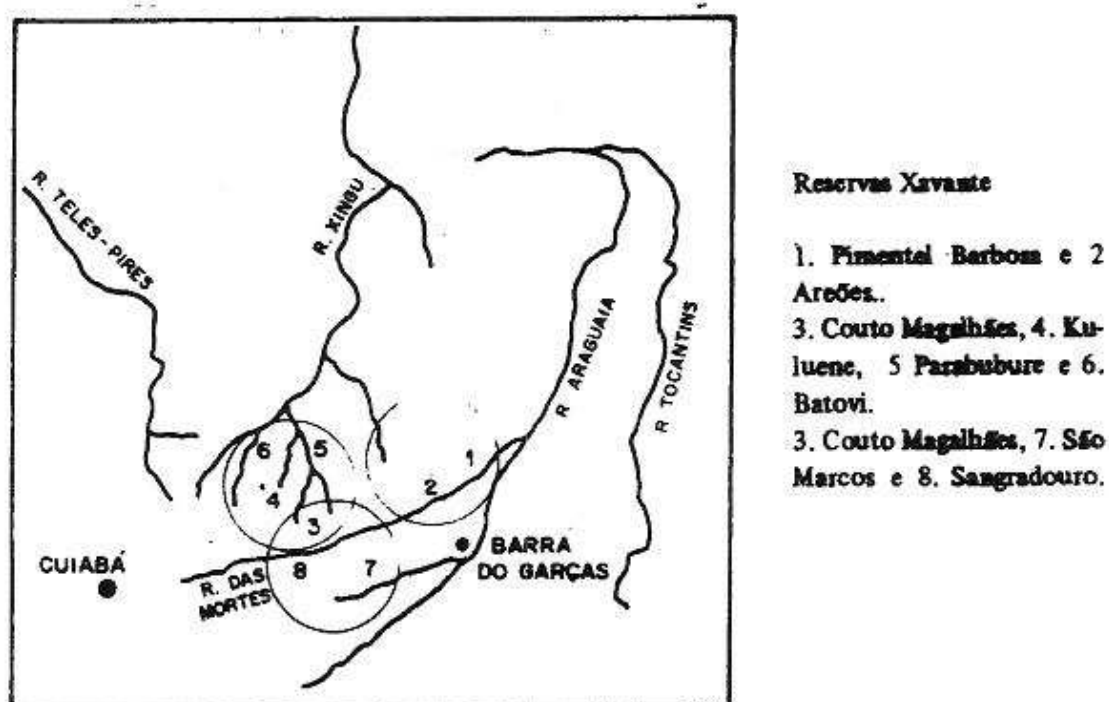
Perseguidos, e sofrendo os efeitos devastadores de epidemias, dois grupos que viviam na região do Rio Couto de Magalhães refugiaram-se com os salesianos nas missões de Sangradouro e Merure, sendo que o último foi posteriormente realocado para a missão de São Marcos (Lopes da Silva, 1992). De forma semelhante, muitos grupos Xavante do leste, e posteriormente, do sul de Pimentel Barbosa e Wedezé, passaram por divisões e realocações devido a pressões das doenças e dos conflitos.

Maybury-Lewis descreveu a organização geopolítica da população Xavante durante as décadas de 1950 e 1960 em termos de regiões distintas (os do oeste e os do leste) (Maybury-Lewis, 1984 [1967]). Os Xavante do oeste abarcavam grupos da região do Xingu, no Rio Batoví e em Simões Lopes, e os de Sangradouro e São Marcos. Os Xavante do leste abarcavam aqueles que viviam em Areões, Capitariquara, Santa Terezinha, Wedezé e Marãiwasede. De acordo com o antropólogo, os Xavante que viviam nessas duas regiões tiveram pouco contato entre si.

Aracy Lopes da Silva (1986) propôs um modelo diferente para a distribuição da população Xavante. Ela os separou em três regiões de acordo com a intensidade do contato e da relação entre as aldeias, se eles continuaram a morar na região ocupada durante o período inicial de contato e de acordo com a presença de agentes governamentais e/ou religiosos que mediavam sua relação com a sociedade nacional (Figura 1.10).



Figura 1.10. Classificação das comunidades Xavante segundo Lopes da Silva.



Fonte: Lopes da Silva (1986: 34).

O primeiro agrupamento consiste dos Xavante com os quais Meireles fez contato em 1946 e seus descendentes, que estão atualmente assentados nas terras indígenas de Pimentel Barbosa e Areões (Figura 1.7). Na década de 1950, esse grupo se dividiu. Aqueles que aceitaram a liderança de Apõwê se mudaram em 1956 para as proximidades do posto de atração do SPI em Wedezé (o posto Pimentel Barbosa, anteriormente conhecido como São Domingos), onde permaneceram até 1973. Alguns dos dissidentes, após uma série de mudanças, acabaram por se estabelecer em um posto do SPI próximo a Xavantina, que passou a se chamar Areões, enquanto outros foram para São Marcos.

O segundo agrupamento vive atualmente nas proximidades de duas missões salesianas. Na década de 1950, chegaram à missão salesiana localizada em Merure, onde viviam índios Boróro, vários grupos Xavante, que ali chegaram refugiados. Uma vez que os Xavante eram inimigos tradicionais dos Boróro, os salesianos construíram duas novas missões, uma em Sangradouro e outra em São Marcos, ambas mais próximas da cabeceira do Rio das Mortes (Figura 1.7). Durante a década de 1960, São Marcos recebeu mais famílias Xavante, inclusive todo o grupo de Marãiwasede, vindo do norte, pois ele haviam perdido suas terras para um grande conglomerado pecuarista de São Paulo. Os Xavante em São Marcos e Sangradouro foram extensamente expostos à influência missionária.

0030/111
log
Jenne

A maioria dos membros do terceiro agrupamento tem origem que remonta à aldeia Parabubu, anterior ao contato, localizada nas cabeceiras do Rio Couto Magalhães, afluente do Rio Culuene, que por sua vez deságua no Xingu (Lopes da Silva, 1992). Na década de 1950, por causa de conflitos com colonos, essa aldeia se dividiu em grupos menores, os quais foram obrigados a avançar mais para o oeste, para fora de seus limites tradicionais. A maioria acabou sendo assentada em dois postos do SPI criados para eles, um no Rio Batovi e o outro em Simões Lopes. Esses Xavante foram catequizados por missionários protestantes americanos da Missão Indígena Sul-Americana.

Para os Xavante de Pimentel Barbosa e Wedezé, o início do período pós-contato foi semelhante em alguns aspectos aos relatos daqueles que deixaram para regiões mais distantes. Eles também sofreram doenças e conflitos e viveram muitos episódios de tensões internas. No entanto, nem todas as divisões ocorreram por causa de conflitos políticos. A tradição oral Xavante também inclui muitos exemplos de divisões que ocorreram pacificamente. Por exemplo, de acordo com os velhos, a partida sucessiva de diferentes grupos de Wedezé, nos anos 60, não ocorreu por conta de um conflito, mas pelo fato de muitos grupos familiares terem decidido partir em épocas diferentes devido à crescente presença de não-indígenas naquela região. Eles também expressaram opiniões divergentes sobre para onde ir a partir de Wedezé. Cada grupo se deslocou para o local que julgou ter o solo mais fértil e maior abundância de animais para a caça. Em contraste aos grupos Xavante que deixaram a região de Pimentel Barbosa e Wedezé, esses grupos se reuniram mais tarde, quando se mudaram para Pazahöi'wapré e depois para Etênheritipá. Esse tipo de separação temporária e reunificação pode ser interpretada como uma variação do tipo de mobilidade que caracterizou os Xavante desde tempos remotos antes do contato. Uma forma de mobilidade envolve as caminhadas, quando sub-unidades de aldeias já estabelecidas partem periodicamente por longos períodos para caçar e viver em acampamentos temporários. Esta outra forma de mobilidade envolve o assentamento de novas aldeias por mais de um ano sem a finalidade de separação definitiva.

Depois que os antigos ocupantes de Wedezé se mudaram para Etênheritipá e a TI Pimentel Barbosa foi estabelecida, iniciou-se novo processo de divisões. De 1973 a 1980, quase toda a população viveu em Etênheritipá. A população total em 1975 era de 275 indivíduos (Nancy Flowers, dados inéditos). Em 1980, após os Xavante terem lutado e conseguido recuperar mais terras para a reserva, o grupo de Etênheritipá separou-se. A facção dissidente fundou uma aldeia no local onde havia uma fazenda abandonada, dando-lhe o nome de Caçula. Outra facção partiu em 1983 para fundar Tanguro (Garfield,

1996; Graham, 1995). Em 1996, fundou-se Wederã. Algumas dessas comunidades foram subseqüentemente divididas pelo menos uma vez com o estabelecimento das aldeias de Canoa, Asereré e Reata em anos recentes. Ao que parece, todas essas divisões se deram por causa de disputas políticas e rivalidades internas²³.

O processo de divisão de aldeias está intimamente relacionado à dinâmica política Xavante, o que gera faccionalismo baseado no parentesco e no prestígio. Como explica Graham (1993), o *warã* se constitui em um fórum para discussão aberta de pontos conflitantes. Quando os homens falam, não constroem seu discurso como representativo de sua posição individual, mas sim como a posição de sua facção. Ao fazer discursos formais, os velhos falam de uma maneira especial, cujo estilo e vocabulário diferem da linguagem coloquial. Outros podem aliar seus discursos ao do orador, ampliando seu coletivo. Segundo Graham (1993: 718), "as práticas discursivas das reuniões *warã* dissolvem física e acusticamente as fronteiras entre os indivíduos a fim de promover a coesão social e neutralizar o faccionalismo que constantemente ameaça dividir a comunidade".

Como detalhado na Parte 1, o faccionalismo é um elemento central do processo político Xavante. Envolve questões ligadas a poder e prestígio individuais, assim como o alcance das influências sobre a comunidade por parte de grupos familiares específicos. Atualmente o poder e prestígio de um líder dependem em grande parte de sua habilidade de lidar de forma eficaz com pessoas estranhas ao grupo e de obter para a sua comunidade concessões e benefícios oriundos de fontes externas, inclusive da FUNAI ou FUNASA, e de ONGs nacionais e internacionais que possam prestar assistência material ou oferecer oportunidades de desenvolvimento da comunidade. Se um líder e sua facção não conseguirem obter os resultados previstos, correm o risco de perder o controle da comunidade. A divisão em facções que permeia a política interna Xavante pode ter ajudado a conscientizar os líderes do valor da opinião geral da comunidade ao lidar com instituições externas, pois é apenas pelo apoio coletivo que podem manter sua posição. Os líderes Xavante rapidamente tomaram conhecimento da importância da mídia, aproveitando-se do valor da "imagem" ao aparecer em trajes cerimoniais completos nos confrontos com autoridades.

²³ O histórico da divisão das aldeias na TI Pimentel Barbosa é também discutido na Parte 2 deste relatório.

2. SEGUNDA PARTE: HABITAÇÃO PERMANENTE

Nesta parte abordamos aspectos da habitação permanente com foco na distribuição das aldeias e da população, além dos critérios do grupo para localização, construção e permanência das aldeias. Outros aspectos de fundamental importância no que diz respeito à habitação permanente envolvem ocupações do espaço por meio de atividades de subsistência e as rituais-cerimoniais, mesmo sem a existência de moradias estabelecidas. Esses aspectos acerca dos padrões de habitação permanente dos Xavante da área de Wedezé estão apresentados nas Partes 3 e 5, além de resumidas na Parte 7²⁴.

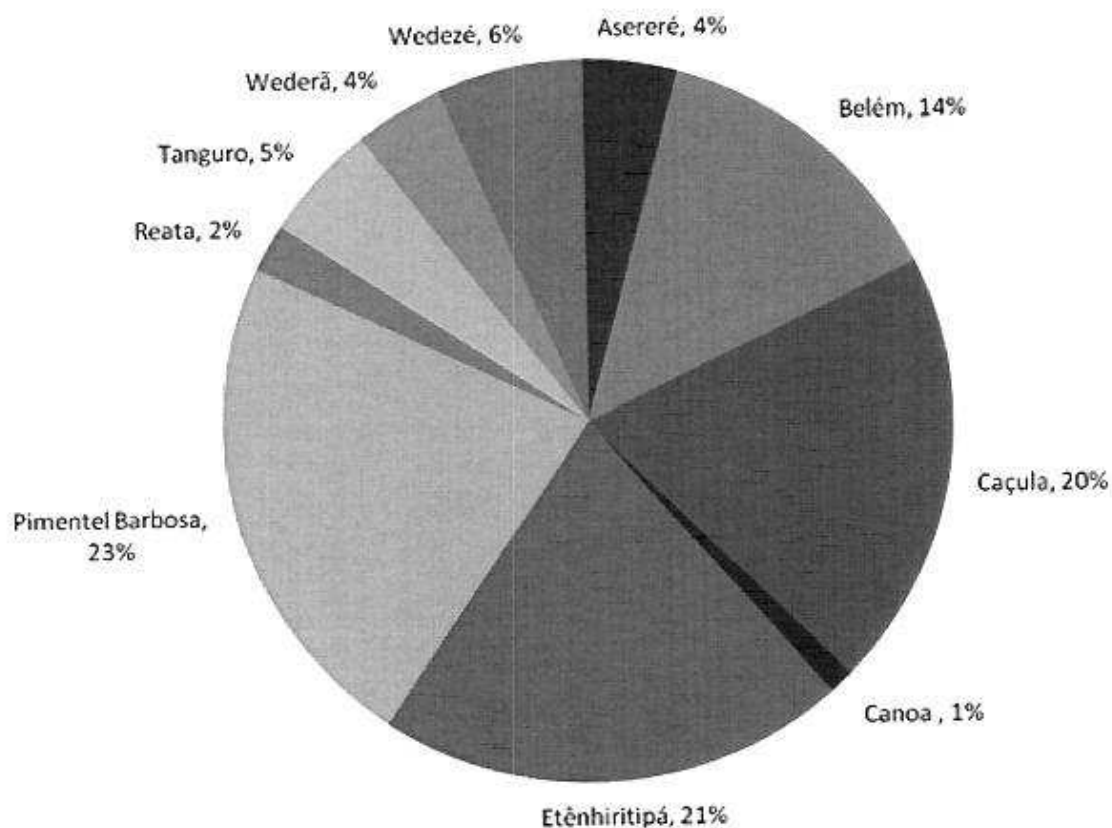
2.1. Descrição da distribuição das aldeias e população

Atualmente existem nove aldeias na TI Pimentel Barbosa e uma aldeia na área de Wedezé. Como pode ser visto na Figura 2.1, há aldeias tanto na parte norte como na parte sul da TI Pimentel Barbosa. Quanto ao sentido leste-oeste, a maior concentração de aldeias é na parte oeste da terra indígena. Ou seja, todas as aldeias, com exceção de Wedezé, estão relativamente distantes das margens do Rio das Mortes. Adiante nesta Parte do relatório detalharemos os fatores que determinaram esta distribuição espacial.

Dados derivados do Sistema de Informação da Atenção à Saúde Indígena (SIASI), coletados pelo Distrito Sanitário Indígena Barra do Garças, indicam que a população da TI Pimentel Barbosa em 2009 era de 1.466 pessoas (Figura 2.2 e Tabela 2.1). A aldeia com maior população era Caçula (383 pessoas). Outras duas aldeias apresentavam 300 ou mais pessoas, quais sejam, Pimentel Barbosa (332) e Etênheritipá (306). Há uma quarta aldeia relativamente populosa (Belém, com uma população de 200 pessoas). Todas as demais aldeias apresentavam população inferior a 100 pessoas, com duas delas apresentando população inferior a 50 pessoas (Canoa e Reata). A população da aldeia Wedezé, de 88 pessoas, representava 6% do total das dez aldeias. Segundo pesquisas realizadas por membros desse GT, em julho de 2011, a população da aldeia Wedezé havia aumentado para 100 pessoas.

²⁴ Em particular, outros aspectos de habitação permanente são explorados a partir de análises com base nas Figuras 1.8, 3.4, 3.8, 5.4.

Figura 2.2. Distribuição da população (porcentagem) da aldeia Wedezé e das aldeias da TI Pimentel Barbosa, 2009.



Fonte: Distrito Sanitário Especial Indígena Xavante, Barra do Garças.

Obs.: Não foram realizados censos em 2009 nas aldeias Etênhiritipá, Pimentel Barbosa e Wederã. Estimativas populacionais para essas aldeias foram calculadas adicionando-se os nascimentos e retirando-se os óbitos do quantitativo de pessoas indicado nos relatórios mensais das equipes da FUNASA. A aldeia Wedezé ainda não existia na época do último levantamento. A população de Wedezé foi determinada por esse GT durante pesquisa de campo. O número de pessoas residentes na aldeia Caçula foi estimado a partir da subtração das pessoas que migraram para Wedezé.

Tabela 2.1. População das aldeias localizadas na TI Pimentel Barbosa, segundo sexo e idade (grupos etários), 2009.

Grupo etário	Asereré			Belém			Caculé			Canoa			Etêniritipá			Pimentel Barbosa			Reata			Tunguro			Wederá			Total Geral			
	M	F	Total	M	F	Total	M	F	Total	M	F	Total	M	F	Total	M	F	Total	M	F	Total	M	F	Total	M	F	Total				
0 a 4	6	4	10	14	20	34	41	39	80	2	1	3	27	26	53	32	31	63	5	0	5	8	10	18	4	11	15	139	142	281	
5 a 9	6	9	15	18	19	37	46	36	82	1	2	3	29	31	60	34	32	66	3	7	10	6	6	12	6	4	10	149	146	295	
10 a 14	2	6	8	11	15	26	36	22	58	2	1	3	33	27	60	28	24	52	3	2	5	5	9	14	4	3	7	124	109	233	
15 a 19	3	4	7	17	7	24	18	17	35	1	0	1	21	19	40	15	23	38	1	1	2	6	3	9	3	3	6	85	77	162	
20 a 24	3	3	6	11	13	24	17	18	35	0	0	0	15	4	19	11	11	22	2	1	3	2	2	4	0	2	2	61	54	115	
25 a 29	2	2	4	8	7	15	15	12	27	0	0	0	5	5	10	10	10	20	0	1	1	3	1	4	4	1	5	47	39	86	
30 a 34	0	0	0	1	4	5	6	8	14	0	0	0	7	13	20	7	9	16	2	3	5	1	2	3	3	1	3	4	25	42	67
35 a 39	2	2	4	4	5	9	4	4	8	1	1	2	6	10	16	8	5	13	0	0	0	2	3	5	1	0	1	28	30	58	
40 a 44	1	2	3	4	4	8	7	4	11	0	0	0	4	2	6	5	6	11	0	0	0	0	1	1	1	1	2	22	20	42	
45 a 49	1	0	1	1	1	2	6	6	12	0	0	0	3	4	7	3	3	6	0	0	0	2	0	2	0	1	1	16	15	31	
50 a 54	1	0	1	1	0	1	0	0	0	1	1	1	0	3	3	2	2	4	0	0	0	1	1	2	0	0	0	5	7	12	
55 a 59	0	0	0	1	0	1	3	1	4	0	0	0	1	0	1	1	1	2	0	0	0	0	1	1	1	0	1	6	3	9	
60 a 64	0	0	0	0	2	2	0	2	3	0	0	0	3	0	0	2	0	1	0	0	0	1	0	1	1	0	1	7	4	8	
65 a 69	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	2	3	0	0	0	0	0	0	0	1	0	3	2	4	
70 a 74	0	0	0	0	1	1	0	1	1	0	1	1	0	1	1	1	4	5	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	9	10
75 a 79	0	0	0	3	1	4	1	6	7	1	0	1	0	0	0	3	0	3	0	0	0	0	0	0	0	1	1	2	9	8	17
80 a 84	0	0	0	0	0	0	2	2	4	0	1	1	0	5	5	0	1	1	1	0	1	1	0	0	0	0	0	0	2	10	12
85 e +	0	3	3	2	5	7	1	1	2	1	0	1	1	1	2	1	4	5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	6	14	20	
Total	27	35	62	96	104	200	204	179	383	9	8	17	155	151	306	164	168	332	16	16	32	37	39	76	27	31	58	735	731	1466	

Fonte: Distrito Sanitário Especial Indígena Xavante, Barra do Garças.

Obs.: Não foram realizados censos em 2009 nas aldeias Etênhiritipá, Pimentel Barbosa e Wederá. Estimativas populacionais para essas aldeias foram calculadas adicionando-se os nascimentos e retirando-se os óbitos do quantitativo de pessoas indicado nos relatórios mensais das equipes da FUNASA. A aldeia Wederá ainda não existia na época do último levantamento.

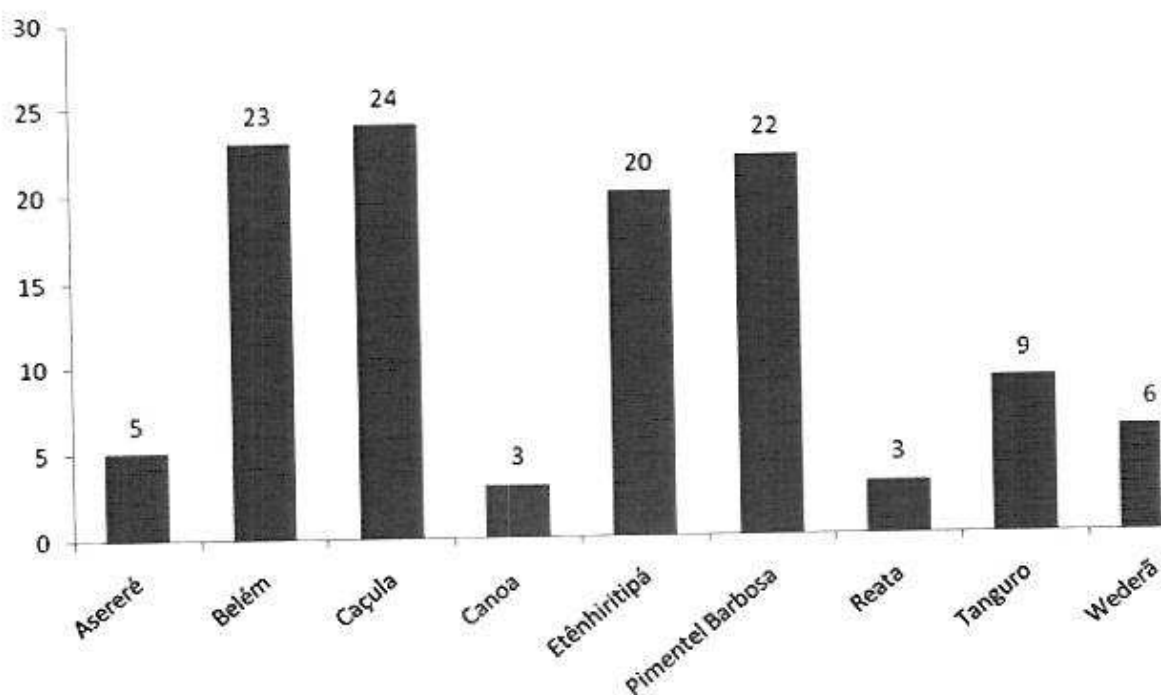
0030/11
115
Jmm

Ainda que haja grande variação nos volumes de população entre as diversas aldeias, em todas elas mais de 50% das pessoas apresentavam idade inferior a 15 anos (Tabela 2.1), o que é consistente com o padrão geral Xavante detalhado na Parte 1 deste relatório. Por outro lado, a quantidade de pessoas idosas, com mais de 60 anos, é baixa, totalizando 4,8% para o conjunto das aldeias.

Quanto à composição por sexo (Tabela 2.1), observa-se que as quantidades de homens e mulheres são muito semelhantes (735 e 731, respectivamente). Há diferenças entre as aldeias no que diz respeito à composição por sexo, o que se deve possivelmente a variações aleatórias devido aos pequenos números de população (vide também Tabela 2.2).

Já que diferem significativamente em tamanho de população, o número total de casas varia bastante entre as diversas aldeias (Figura 2.3). Em 2009, a aldeia de Reata era a que apresentava o menor número de casas (3). Nas três aldeias maiores (Pimentel Barbosa, Etênhiritipá e Caçula), a quantidade de casas variava entre 20 e 24.

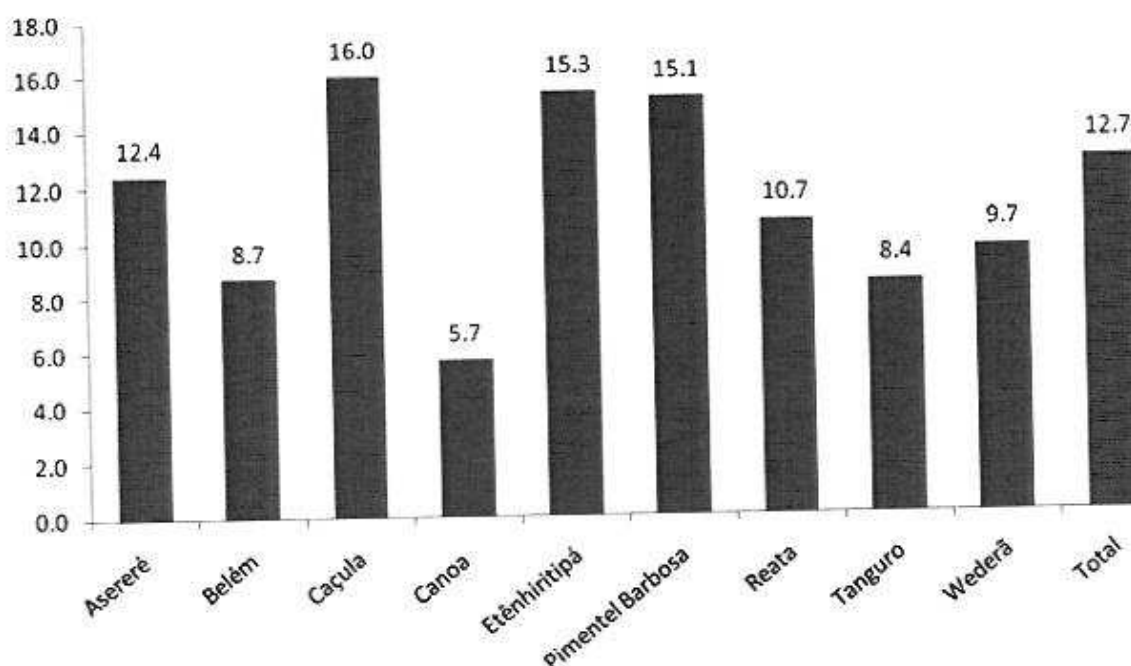
Figura 2.3. Número de casas, segundo aldeias, da TI Pimentel Barbosa, 2009.



Obs.: A aldeia Wedezé ainda não existia por ocasião do último levantamento da FUNASA, que serviu de base para a construção desse gráfico. Sua população está somada à da aldeia Caçula.



Figura 2.4. Número médio de moradores por domicílio nas aldeias da TI Pimentel Barbosa, 2009.



Obs.: A aldeia Wedezé ainda não existia por ocasião do último levantamento da FUNASA, que serviu de base para a construção desse gráfico. Sua população está somada à da aldeia Caçula.

Ao se calcular a média de moradores por domicílio, nota-se, em geral, valores superiores a 10. É nas aldeias maiores onde se observam as médias mais elevadas, alcançando 16 moradores por domicílio em Caçula. Canoa é a aldeia com menor média, de 5,7. No conjunto das aldeias, a média foi de 12,7 moradores por domicílio (Figura 2.4).

2.2. Critérios do grupo para localização, construção e permanência das aldeias

Conforme indicado por Lopes da Silva (1992: 369-370), “A sociedade Xavante caracteriza-se por um intenso dinamismo político vivenciado através de disputas e alianças entre facções... Conflitos são solucionados pelo conselho dos homens maduros de cada aldeia, não havendo a figura de um líder supremo, com autoridade ou reconhecimento no conjunto das aldeias. Cada aldeia é um universo político em si mesmo. Conflitos não solucionados tendem a resultar em cisões da aldeia onde tiveram lugar...” (vide também Maybury-Lewis, 1984 [1967]). A dinâmica de faccionalismo no processo político Xavante é discutida em maior detalhe na Parte 1 deste relatório.

É importante ressaltar que a formação de novas aldeias nas terras Xavante, ao

117
Jornal

mesmo tempo em que é alimentada pelo faccionalismo político Xavante, tem atualmente determinantes adicionais. Segundo Paula e Paula (2005: 69):

“...outro fator que influi decididamente nesse processo de fragmentação das aldeias Xavante é proporcionado pela disponibilidade de cargos de professor e agente de saúde conquistados junto às administrações municipal e estadual. Esses cargos tendem a possibilitar uma fonte de recursos extra até então inexistente para as facções Xavante, o que permite um rompimento mais seguro de uma facção minoritária que se retira de uma determinada aldeia-mãe.”

Conforme indicado na Parte 1, no ano 1973, toda a população residente na TI Pimentel Barbosa vivia em uma única aldeia, localizada no lado esquerdo do Rio das Mortes, cujo nome era Etênheritipá ou Pimentel Barbosa, com uma população de aproximadamente 275 pessoas. Desde então aconteceram várias divisões de população, resultando em dez aldeias, o que está intimamente associado ao padrão de faccionalismo político que caracteriza a sociedade Xavante. Como em outras áreas Xavante, no contexto contemporâneo, as diversas razões que levam às divisões incluem disputas políticas internas, acesso e uso dos territórios, perspectivas diferentes sobre estratégias de desenvolvimento econômico e padrões de interação e proximidade com os não índios, entre outros.

De um ponto de vista esquemático, é possível, considerando a aldeia Wedezé e as existentes na TI Pimentel Barbosa, definir três conjuntos principais (Figura 2.1). O primeiro é composto pelas aldeias de Pimentel Barbosa, Etênheritipá e Wederã; o segundo pelas aldeias de Asereré, Caçula, Canoa, Reata, Tanguro e Belém; finalmente, o terceiro, por Wedezé.

O primeiro conjunto está situado na região norte da terra indígena, derivando diretamente da aldeia formada no início da década 1970, quando a população Xavante se deslocou das margens do Rio das Mortes para as cabeceiras do Riozinho ou Rio Pimentel Barbosa. Duas das aldeias desse primeiro conjunto (Wederã e Etênheritipá) resultam de subdivisões da aldeia principal de Pimentel Barbosa (também conhecida como Etênheritipá antes da segunda divisão), que aconteceram respectivamente em 1996 e 2006. Das três aldeias que compõem o primeiro conjunto, as duas que são vizinhas (Pimentel Barbosa e Etênheritipá) estão localizadas no mesmo local de uma aldeia ocupada pelos Xavante anteriormente, na década de 1950. Os velhos Xavante se recordam que, no passado, o entorno desse sítio era valorizado pela abundância de caça. Os sítios onde se localizam todas essas três aldeias também serviram, ao longo da história

0030111
118
Pimenta

de ocupação dos Xavante na região do Rio das Mortes, como importantes lugares de acampamento. Grupos familiares que viviam em aldeias localizadas em outras áreas rotineiramente visitavam, para fins de caça e coleta, esses locais onde estão atualmente as três aldeias (vide Parte 3).

O segundo conjunto de aldeias está situado mais ao sul da terra indígena. De maneira semelhante ao descrito para o primeiro conjunto, as aldeias do segundo têm em comum o fato de estarem localizadas em áreas que, em épocas passadas, antes da década de 1940, quando aconteceu o contato permanente com o SPI, terem servido como importantes sítios de acampamentos para os Xavante. Segundo os velhos da TI Pimentel Barbosa, os locais onde se situam as aldeias atuais de Caçula, Tanguro, Canoa, Asereré, Reata e Belém eram visitados freqüentemente por grupos familiares durante suas expedições de caça e coleta (vide Parte 3). Além disso, alguns desses mesmos lugares (como, por exemplo, as áreas atualmente ocupadas por Caçula, Tanguro, Reata e Canoa) eram anteriormente fazendas que foram retomadas pelos Xavante nas décadas de 1970-80. É possível que tais localidades tenham sido valorizadas pelos fazendeiros por alguns dos mesmos motivos que levaram os Xavante a escolhê-las para suas atividades produtivas em vários momentos no passado, tais como a disponibilidade de água, a qualidade dos solos e a produtividade ambiental.

Desse segundo conjunto, a primeira aldeia a ser estabelecida foi a Caçula. Segundo relato de F.S. Magalhães,

“[A primeira aldeia depois de Pimentel Barbosa foi Caçula]... Parreri foi o anfitrião da aldeia... Ele decidiu e foi para lá [local da aldeia Caçula]. Ele e a família dele... Ainda era fazenda. Ainda não tinha sido... desapropriada aquela área não quando [Parreri] foi para lá. Foi o primeiro passo que deu para uma futura ampliação... Ele foi para lá em 1974... O nome da fazenda era Fazenda Caçula... Ele ficou acima da Fazenda Caçula, numa das cabeceiras do Riozinho, ou Rio Pimentel Barbosa... [Essas aldeias novas, como Caçula, Tanguro, Reata e Canoa, são todas nomes de fazendas antigas]... A única aldeia que não teve nome de fazenda foi Água Branca... que é onde é [a atual aldeia de] Belém, ali era a fazenda de... não lembro o nome da fazenda”. (Trechos de entrevista concedida por Francisco dos Santos Magalhães a Ricardo Ventura Santos, Januária Pereira Mello, Jorge Luiz de Paula e Hugo Meireles Heringer em Água Boa, Mato Grosso, em 21 de dezembro de 2009)

Na década de 1980 e no início dos anos 1990, aconteceram novas divisões na aldeia de Pimentel Barbosa. Algumas famílias se mudaram para a aldeia Caçula, aumentando seu tamanho. Em 1983 uma facção da aldeia Caçula fundou a aldeia de Tanguro (Garfield, 1996; Graham, 1995). As aldeias de Asereré, Canoa e Reata foram

fundadas a partir de 2000 por famílias vindas sobretudo de Caçula e Tanguro.

Uma outra característica desse segundo conjunto é que várias aldeias (Asereré, Tanguro e Reata) estão próximas do vilarejo da Matinha, situado às margens da rodovia BR-158. Assim, além do critério de ocupação de áreas que foram anteriormente sítios de acampamento, aldeias antigas e fazendas, o estabelecimento desse segundo conjunto está relacionado à menor distância em relação a centros urbanos, como Matinha, Água Boa e Canarana. Se as aldeias de Pimentel Barbosa, Etênheritipá e Wederã, do primeiro conjunto, estão localizadas a 40-50 km da Matinha, a população do segundo conjunto (Asereré, Reata e Tanguro) pode se deslocar a pé até lá.

Vale destacar que nesse segundo conjunto está incluída a aldeia Belém, anteriormente conhecida como Água Branca. A população que vive nessa aldeia não é diretamente relacionada ao grupo que se manteve na região do Rio das Mortes após a dispersão do povo Xavante de Sôrepre (vide Parte 1), como as demais existentes em Pimentel Barbosa. Essa aldeia foi fundada na década de 1980. Recentemente, houve uma diminuição no tamanho dessa aldeia, já que parte da população se mudou para Marãiwatsede. Essa foi a região para onde esse grupo havia se deslocado originalmente, após a dispersão que se deu a partir de Sôrepre. Como indicado na Parte 1, na década de 1960 este grupo foi transferido para a TI São Marcos, onde permaneceu até a fundação da aldeia de Água Branca. Segundo Paula e Paula (2005), uma parte deste grupo foi primeiramente para a TI Parabubure, onde residiram por um tempo até se mudarem para Água Branca.

Finalmente, o terceiro conjunto é representado por uma única aldeia, Wedezé, criada em 2009 (Figuras 2.5 e 2.6). Não está localizada na atual terra indígena, mas sim na outra margem do Rio das Mortes. Conforme descrito na Parte 1, Wedezé foi fundada por um grupo vindo de Caçula em um local anteriormente ocupado pelos Xavante. Tal como é o caso de várias outras aldeias da TI Pimentel Barbosa, Wedezé se situa em um local que foi previamente habitado pelos Xavante, conforme detalhado na Parte 1, e também serviu como importante sítio de acampamento em várias fases da história dos Xavante na região do Rio das Mortes.

Figura 2.5. A atual aldeia em Wedezé, Mato Grosso, 2009.

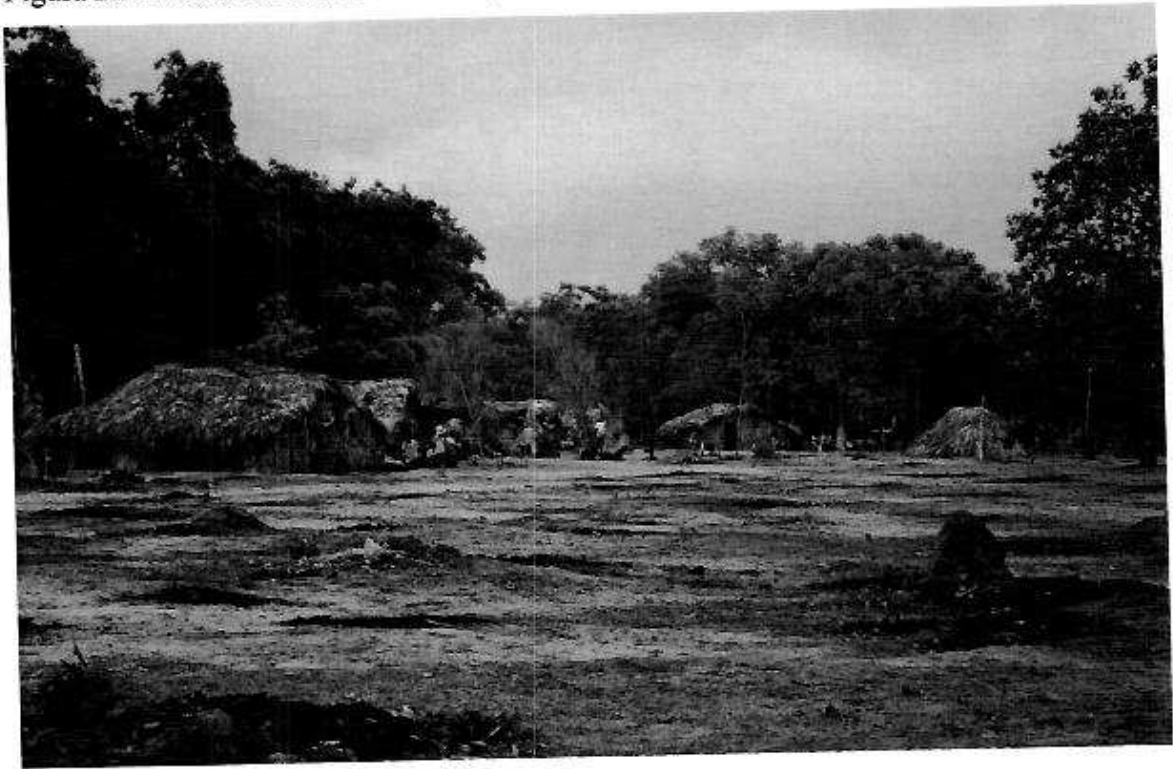


Foto: James R. Welch

Figura 2.6. A atual aldeia em Wedezé, Mato Grosso, 2009.

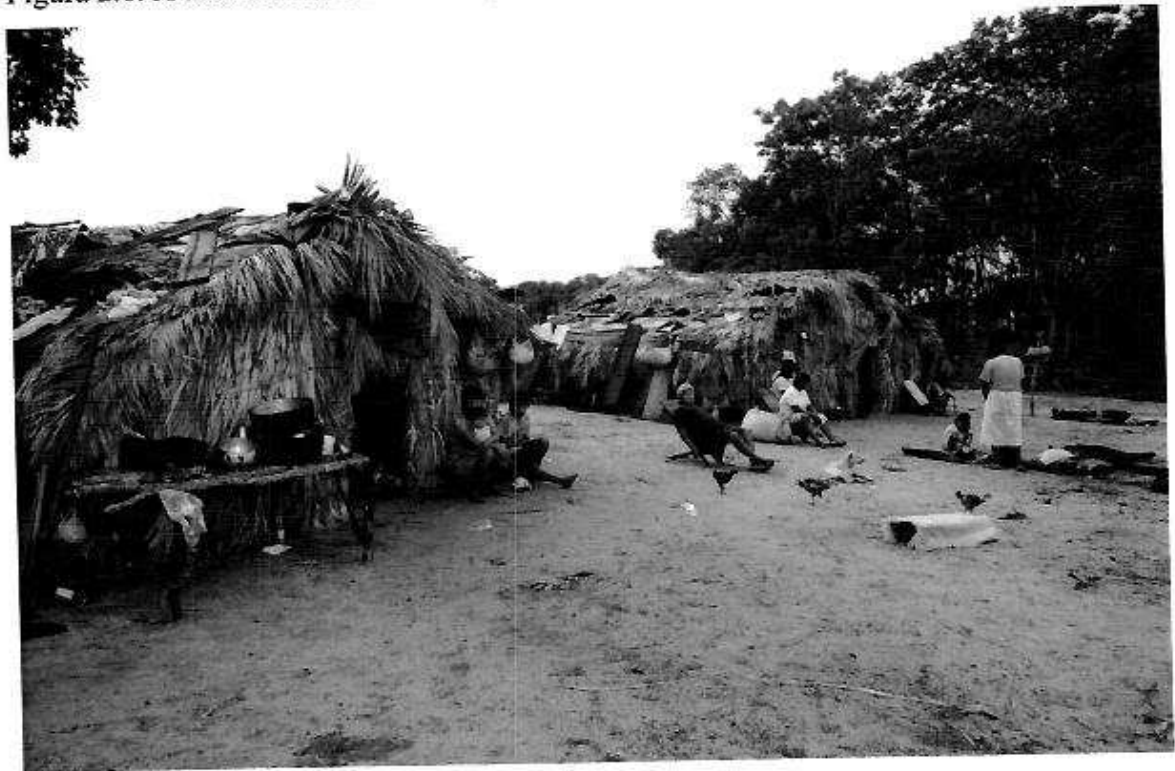


Foto: James R. Welch

0030/11
JdI
Jmone

Tanto as aldeias antigas como as novas, mesmo se formadas em locais que foram anteriormente fazendas, seguem em geral um mesmo padrão ambiental. Como detalhado na Parte 4 deste relatório, o bioma do cerrado é um ambiente que inclui diversos tipos de vegetação, desde o campo limpo até a mata ciliar. As aldeias Xavante aqui consideradas são construídas em regiões de cerrado *stricto-sensu*.

Historicamente, as aldeias Xavante da região da TI Pimentel Barbosa e da área de Wedezé situavam-se nas proximidades de cursos d'água pequenos ou grandes, lagoas, ou mesmo áreas de solo úmido (vide Figura 1.8). Nesse último caso, seus habitantes obtinham água a partir de pequenos buracos por eles escavados. Trata-se de um padrão que, de modo geral, se aplica para as aldeias atuais dessa região. No presente, diferente que no passado, todas as dez aldeias estão situadas próximas de cursos d'água pequenos.

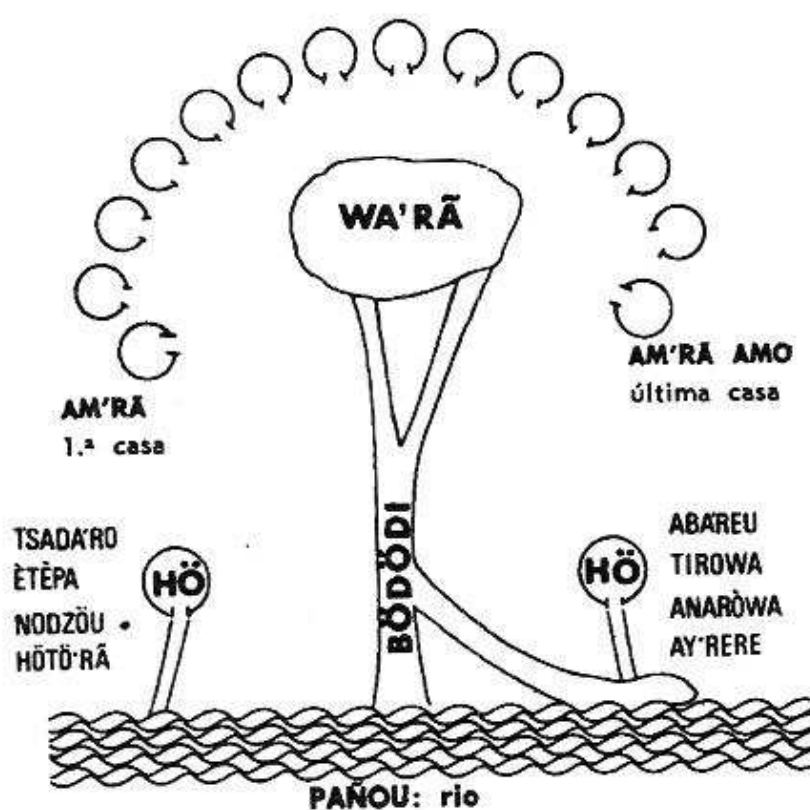
Há também um aspecto temporal importante na distribuição das aldeias, associado a mudanças territoriais e econômicas que aconteceram nas últimas décadas. No passado, os Xavante faziam *trekking* (conhecido como *zōmori* e *hōmono* pelos Xavante, vide Parte 3), prática que se tornou menos freqüente nas últimas décadas. Essa atividade era associada à grande mobilidade das aldeias Xavante do passado (vide Parte 1). Em alguns casos, as aldeias eram temporárias, durando um ano ou menos. Em outros casos, permaneciam no mesmo local por alguns anos ou mais, ainda que não fossem fixas, já que seus residentes anteviam mudar para outros locais, a depender das circunstâncias políticas e da disponibilidade de recursos naturais. No caso da TI Pimentel Barbosa e da área de Wedezé, o padrão de elevada mobilidade se alterou a partir da década de 1970 devido a diversos fatores. Em primeiro lugar, houve uma redução e circunscrição do território devido à crescente ocupação da região por fazendeiros, com isso restringindo o acesso dos índios a uma adequada extensão de terra necessária à realização de expedições e mudanças de localização das aldeias. Além disso, os postos estabelecidos pelo SPI e depois pela FUNAI estimularam a sedentarização, já que se tornaram locais de oferta de serviços de saúde, distribuição de itens industrializados e alimentos, suporte agrícola e também fonte de recursos financeiros por conta do trabalho assalariado (Coimbra et al., 2002; Graham, 1995; Lopes da Silva, 1992; Maybury-Lewis, 1984 [1967]).

No presente, a presença de postos da FUNASA e das escolas continua a ser fator de estímulo à fixação de algumas aldeias Xavante em um mesmo local, ainda que outros fatores estejam ganhando importância no que tange à dinâmica espacial da população. Devido à restrição territorial e ao rápido crescimento populacional, observa-se uma tendência de divisão e não simplesmente realocação de aldeias. Em outras palavras,

atualmente há uma tendência para aldeias inteiras não se mudarem como um todo, mas sim em se dividirem, com parte da população permanecendo no mesmo local e outra se deslocando para nova localidade, muitas vezes nas proximidades da aldeia original. Portanto, nota-se uma tendência de permanência das aldeias no mesmo local, ao mesmo tempo em que cresce o número total de aldeias (vide Parte 3). Desde que os Xavante se mudaram do Rio das Mortes para Etênhiritipá, processo finalizado em 1973, nenhuma aldeia deixou de existir, mas várias outras foram fundadas.

Em relação a sua disposição, as aldeias atuais da TI Pimentel Barbosa e da área de Wedezé seguem um padrão tradicional, que expressa em várias maneiras tanto a organização social como a ideologia da comunidade (Lopes da Silva, 1983). Essa disposição é caracterizada pela distribuição das casas em um semicírculo, com abertura voltada para um riacho, cuja água é usada para fins domésticos e banho (Figura 2.7).

Figura 2.7. Esquema de uma aldeia Xavante.



Fonte: Giaccaria e Heide (1972 [1984]: 56).

A área no centro da aldeia é onde o *warã* (conselho dos homens) se reúne duas vezes por dia. Muitas das atividades que são realizadas nessa área central dizem respeito,

123
femme

de alguma forma, à vida social da aldeia: um grupo de caçadores retorna com a caça, joga-se o futebol no final da tarde, os times da corrida de toras chegam e largam seus troncos, rapazes formam círculos de dança e cantam na frente das casas ou um homem grita para que todos ouçam a decisão tomada no *warã*. Durante o dia, as mulheres passam pelo centro da aldeia para pegar água, em direção às roças ou no caminho para visitar parentes ou ir a outros lugares. No semicírculo de casas, as portas estão voltadas para o centro. A vida doméstica acontece dentro de cada casa, em seus arredores imediatos, nas roças ou em outros espaços.



3. TERCEIRA PARTE: ATIVIDADES PRODUTIVAS

3.1. Atividades produtivas

O sistema de subsistência tradicional dos Xavante pode ser caracterizado como uma combinação de caça, coleta e agricultura, o que envolve a utilização do território das mais diversas maneiras. A importância de cada uma dessas práticas mudou com o tempo, à medida que os Xavante vivenciaram diferentes processos históricos e sócio-políticos. No presente, embora modificações substanciais tenham ocorrido, os Xavante de Pimentel Barbosa e Wedezé continuam, em larga medida, a depender do bioma do cerrado, de forma que descrições etnográficas anteriores acerca das atividades produtivas e de subsistência (vide, por exemplo, Giaccaria e Heide, 1972 [1984]; Maybury-Lewis, 1984 [1967]) soam extraordinariamente atuais para alguém que os visite.

A partir da década de 1970, diversas outras atividades produtivas foram realizadas em momentos distintos na TI Pimentel Barbosa, incluindo cultivo de arroz, criação de gado e trabalho assalariado, além da introdução de benefícios sociais de origem federal. Pode-se afirmar que a economia dos Xavante da TI Pimentel Barbosa nos dias atuais é uma complexa combinação entre as atividades tradicionais de caça, pesca, coleta e agricultura e outras que foram introduzidas nas últimas décadas.

A seguir detalhamos aspectos da caça, pesca, coleta e agricultura dos Xavante da TI Pimentel Barbosa e da área de Wedezé. Ao mesmo tempo que localizamos a importância dessas diversas dimensões nas atividades produtivas dos Xavante, abordamos as transformações que aconteceram ao longo do tempo. Ao final da seção 3.1 serão detalhadas as principais áreas de uso de interesse econômico na região de Wedezé.

3.1.1. Coleta

Segundo Maybury-Lewis (1984 [1967]: 87),

“Sem a caça, a cultura Xavante seria muito diferente; mas sem a coleta, os Xavante não seriam jamais capazes de existir. Em 1958, os Xavante de São Domingos [ou Wedezé] não comiam carne todos os dias e chegavam a ficar sem carne durante vários dias seguidos quando estavam muito ocupados para ir caçar. Nunca se passava um dia, porém, sem que os produtos naturais da região estivessem à mão”.

Essa afirmação ilustra de forma clara a importância, na alimentação Xavante, de produtos silvestres obtidos a partir da coleta, especialmente raízes e tubérculos.



A flora do cerrado continua a ser uma fonte vital de diversidade na subsistência dos Xavante de Pimentel Barbosa e Wedezé. Espécies importantes de palmeiras que podem fornecer palmitos e cocos incluem o babaçu (*Orbignya phalerata*), tucum (*Astrocaryum* sp.), macaúba (*Acrocomia aculeata*) e espécies de *Syagrus*, *Acanthococcus* e *Bactris* (vide Tabela 4.2). O palmito do tucum e da macaúba pode ser comido cru, desidratado ou preparado na forma de bolo (Figura 3.1). Os frutos do buriti (*Mauritia flexuosa*) são também bastante apreciados pelos Xavante, sendo comidos crus.

Enquanto vários produtos de palmeiras são obtidos durante a maior parte do ano, há um número de outros recursos vegetais presentes na alimentação Xavante que somente estão disponíveis em estações específicas. Importantes frutos sazonais incluem caju (*Anacardium* spp.), murici (*Byrsonima* spp.), mangaba (*Hancornia speciosa*) e jatobá (*Hymenaea* spp.), dentre muitos outros (vide Tabela 4.2). De particular importância é o pequi (*Caryocar brasiliense*), que os Xavante consomem em grande quantidade nos meses de novembro a janeiro.

Figura 3.1. Polpa de palmito secando ao sol, TI Pimentel Barbosa, Mato Grosso, 2005.

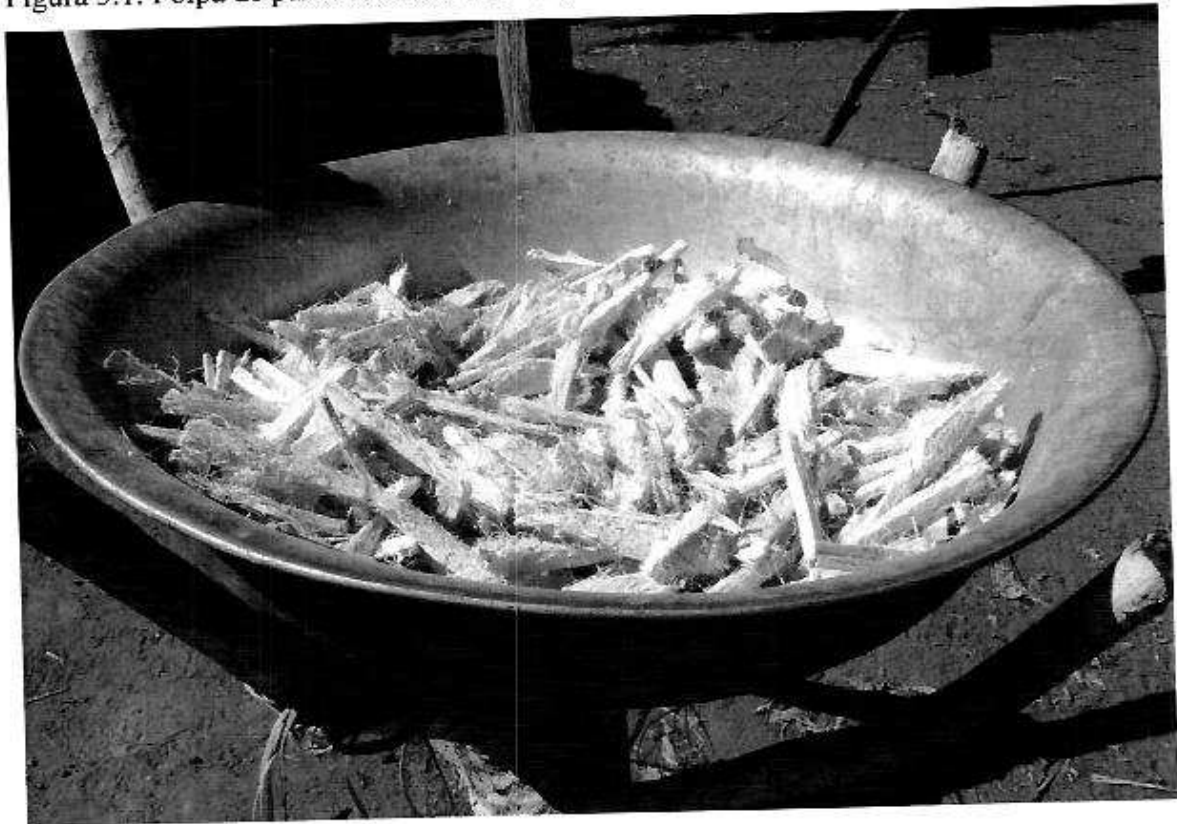


Foto: James R. Welch

Além dos frutos, uma ampla variedade de raízes e tubérculos comestíveis é apreciada pelos Xavante. No apêndice de sua etnografia, Maybury-Lewis (1984 [1967]) lista os nomes Xavante para sete tipos de raízes do cerrado comumente consumidas. Giaccaria e Heide (1972 [1984]: 79) listam 14 tipos diferentes de raízes silvestres que os Xavante identificam como comestíveis, enquanto pesquisas mais recentes identificam 22 tipos distintos (Leeuwenberg et al., 2007). De acordo com Giaccaria e Heide (1972 [1984]: 79), "... duas ou três variedades de batatas são recolhidas e também cultivadas; os tubérculos pequenos se conservam recolhidos em cestos postos na cabana ou colocados fora em cima de paus até o tempo da plantação". As raízes e tubérculos são altamente valorizadas pelos Xavante por serem percebidas como benéficos à saúde (Figura 3.2 e Tabela 4.2).

Figura 3.2. Mulher Xavante mostrando tubérculo comestível, TI Pimentel Barbosa, Mato Grosso, 2005.



Photo: James R. Welch

Os Xavante também coletam grande variedade de plantas usadas para outros fins que não alimentícios, como medicinal, tecnológico (construção de casas e cestaria, por

exemplo) e ritual/cerimonial (adornos). As palmeiras buriti, buritirana, babaçu e indaiá figuram dentre as mais importantes no fornecimento de fibras utilizadas para fins tecnológicos e artesanais.

Os Xavante identificam mais de dez variedades de méis obtidos a partir de diferentes espécies de abelhas silvestres encontradas no cerrado e/ou nas matas ciliares/de galeria (Giaccaria e Heide, 1972 [1984]; Maybury-Lewis, 1984 [1967]). Ainda dentre os insetos, Maybury-Lewis (1984 [1967]) e Giaccaria e Heide (1972 [1984]) registraram o consumo de larvas de abelhas, saúva (*Atta* sp.), gafanhotos e alguns besouros (Figura 3.3 e Tabela 4.4).

Figura 3.3. Mulher Xavante tirando mel e larvas de abelha, TI Pimentel Barbosa, 2005.



Foto: James R. Welch.

Apesar de não exclusiva, a coleta é uma das principais atividades de subsistência desempenhadas pelas mulheres Xavante. Elas são responsáveis pela maior parte da coleta de alimentos a serem consumidos no domicílio, assim como de fibras usadas na confecção de cestas e outros utensílios. Os homens também se envolvem na coleta, como quando, por exemplo, são necessárias grandes quantidades de folhas de palmeira, postes e

0030/11
127
ferme

estacas, a serem utilizadas no reparo de uma casa ou na construção de uma nova. Em algumas ocasiões, homens, mulheres e crianças podem sair juntos para colher quantidades maiores de tubérculos, palmitos e frutos silvestres. Algumas das dinâmicas sociais da coleta praticada pelas mulheres são abordadas em dois documentários cinematográficos recentemente produzidos por comunidades da TI Pimentel Barbosa (Flória, 2008; Xavante e Parinai'á, 2007).

Na década de 50, os Xavante passavam vários meses do ano fazendo *trekking*, que são longas expedições pelo cerrado, quando se dividiam em grupos menores (vide Parte 3.2). Durante essas viagens dependiam exclusivamente de alimentos silvestres. Atualmente, a maior parte da coleta se dá em um raio de 10 a 15 km das aldeias, nas proximidades das poucas estradas que atravessam a TI Pimentel Barbosa e nas cercanias dos pontos de acesso à área de Wedezé. A maior parte das atividades femininas de coleta são executadas a pé em locais cujo acesso se dá através de excursões que duram um único dia. Apesar de as mulheres conduzirem essas atividades freqüentemente adjacentes às suas aldeias, áreas próximas às roças geralmente são preferidas porque em geral têm recursos mais abundantes e podem ser acessadas no curso de suas rotinas diárias de atividades (James R. Welch, dados inéditos).

Uma imagem comum no entorno das aldeias é a de mulheres voltando das roças com cestas cheias de produtos vegetais coletados, além dos produtos produzidos nas roças. Algumas vezes também trazem consigo grandes quantidades de folhas de palmeira, cestas contendo lenha ou frutos silvestres e tubérculos. Por vezes, as mulheres mandam seus filhos das roças para a aldeia com esses materiais amarrados na garupa de suas bicicletas, para entregá-los a seus parentes na aldeia.

Portanto, ainda que tenham ocorrido importantes mudanças nos padrões de coleta dos Xavante de Pimentel Barbosa, essa atividade permanece central na economia da população.

3.1.2. Caça

Maybury-Lewis (1984 [1967]: 79) destaca que, embora a caça não fosse economicamente tão importante quanto a coleta, "...a carne supera – e muito – qualquer outro item de sua dieta em sua escala de preferência". Certamente isso ainda se mantém no presente. Várias décadas depois do contato permanente, a caça continua sendo uma atividade fundamental para os Xavante da TI Pimentel Barbosa e Wedezé.

Porcos do mato, incluindo queixada e caititu, são possivelmente a caça favorita dos Xavante. A anta e o cervo são também muito apreciados. O veado catingueiro, em geral, tem seu território na mata ciliar/de galeria, embora possa ser visto em áreas de cerrado margeando a floresta. Tamanduás, tatus e roedores de porte médio (paca e cutia) são também caçados como alimento pelos Xavante. Enquanto o tamanduá-bandeira e a maioria dos tatus são avistados no cerrado, roedores como a paca são habitantes típicos das matas ciliares/de galeria e, conseqüentemente, de mais difícil visualização. Quatis, os únicos carnívoros considerados comestíveis pelos Xavante, preferem áreas de mata fechada, mas também podem ser encontrados em cerrados densos. As cutias são comuns em praticamente todos os tipos de ambientes da TI Pimentel Barbosa e Wedezé (vide Tabela 4.7 para uma lista dos mamíferos utilizados como alimento pelos Xavante).

As matas ciliares/de galeria são locais onde os Xavante caçam várias espécies de pássaros de tamanho médio, incluindo espécies de mutum (*Crax* sp.), macuco (*Crypturellus* sp. e *Tinamus* sp.), jacu (*Penelope* sp.) e jacutinga (*Pipile* sp.). Várias espécies de pombo (*Columba* spp.) podem ser encontradas tanto nas matas ciliares/de galeria quanto no cerrado. O pato-do-mato (*Cairina moschata*) habita lagoas e margens de rios. A ema (*Rhea americana*) é caçada no cerrado aberto, onde corre em grupos de 15 a 20 animais. Outro pássaro do cerrado que pode ser caçado como alimento é a seriema (*Cariama cristata*). Papagaios (*Amazona* spp.), arara (*Ara ararauna*) e tucanos (*Ramphastus* spp.) podem ser usados como alimento após as penas terem sido cuidadosamente retiradas para serem usadas na confecção de enfeites (vide Tabela 4.7 para uma lista das aves utilizadas como alimento ou como fonte de penas pelos Xavante).

Alguns répteis são comidos pelos Xavante. Entre eles, podem ser citados o jabuti (*Geochelone* sp.), a tartaruga (*Podocnemis expansa*) e o tracajá (*Podocnemis unifilis*). Nos meses de estiagem, quando são muitas as praias ao longo do Rio das Mortes, os Xavante coletam ovos de tartaruga e tracajá. Segundo os Xavante de Pimentel Barbosa, seus antepassados também comiam outros répteis, incluindo cobras como sucuri (*Eunectes* sp.), jibóia (*Boa constrictor*) e outras não peçonhentas.

As atividades de caça entre os Xavante acontecem de diferentes formas, podendo ser tanto individuais como coletivas. As caçadas individuais podem envolver um homem somente, como também um pequeno grupo de caçadores. Nesses casos, participam geralmente filhos, irmãos, primos (que são irmãos classificatórios) e/ou amigos. Por vezes, a esposa do caçador o acompanha, mas não participa diretamente das atividades de caça propriamente ditas. Por outro lado, as caçadas coletivas são organizadas no âmbito

comunitário e envolvem a maioria dos homens da aldeia. Por vezes, homens de outras aldeias também participam. Essas caçadas podem ser de curta (*aba*) ou de mais longa duração. As mais longas podem durar 10 dias ou mais e incluir somente homens (*hōmono*) ou grupos familiares, nesse caso com a presença de mulheres e crianças (*zōmori*). Os três tipos de caçadas podem envolver o uso de fogo (*du*) para proporcionar maior rendimento (vide Parte 3). Por vezes, as caçadas coletivas estão associadas a atividades cerimoniais (vide Parte 5).

Nas caçadas individuais, geralmente, um homem deixa a aldeia a pé ou, nos dias atuais, de motocicleta, comumente portando um rifle calibre 0.22, munição, faca e outros poucos apetrechos. Essas caçadas individuais podem acontecer em diversos locais, com preferência dada aos cerrados e campos, mas também em matas secas, cerradões e, com menos frequência, nas matas ciliares/de galeria. A caçada individual pode ocorrer também oportunisticamente quando, por exemplo, os homens se deslocam para as roças ou durante viagens à cidade, pois sempre que possível levam alguma arma de fogo a bordo de seus veículos. Desse modo, estão sempre prontos para abater um animal caso o avistem.

O produto das caçadas individuais é propriedade daqueles que integraram o grupo de caçadores e se destina ao consumo de seus respectivos domicílios. No entanto, também pode haver partilha de carne entre os membros do grupo de caçadores. Durante diferentes fases da caçada, os homens costumam dividir animais inteiros ou partes deles, de modo que cada um possa retornar com alguma quantidade de carne, independentemente de seu sucesso individual. Ao retornarem à aldeia, os homens geralmente entregam a carne para suas sogras ou esposas, que, por sua vez, dividem-na com outros membros do próprio domicílio, com vizinhos e outros parentes. Nesse sentido, a produção individual obtida em uma caçada possui forte caráter coletivo, apesar de restrito à rede social dos caçadores envolvidos.

Na década de 1950, Maybury-Lewis (1984 [1967]: 86) observou que caçadas coletivas eram muito mais produtivas do que as individuais: "Estas caçadas sempre propiciavam enorme quantidade de carne: suficiente para alimentar os homens enquanto estavam fora da aldeia e suficiente para alimentar toda a comunidade durante três ou quatro dias depois de sua chegada". Uma pesquisa da década de 1970 confirmou tal observação, ao mostrar que caçadas coletivas foram bem sucedidas em 67% das vezes, enquanto que caçadas individuais tiveram um percentual de sucesso de apenas 21% (Flowers, 1983b).

Durante a estiagem, as caçadas coletivas envolvem frequentemente o uso de fogo. Essa estratégia de caçada contempla atear focos de fogo no perímetro de um grande círculo e, logo depois, iniciar focos de incêndio no centro deste mesmo círculo. Cria-se uma situação na qual os animais, atordoados, passam a se deslocar em várias direções. Com isso, se tornam presas mais fáceis de serem abatidas pelos caçadores. O aumento de visibilidade propiciado pela queima do capim é outro elemento que aumenta a eficiência da caçada. Portanto, ao contrário do que se imagina, a estratégia de uso de fogo para fins cinegéticos não direciona os animais para um único ponto onde possam ser mais facilmente abatidos, mas aumenta a sua vulnerabilidade pelo atordoamento e melhor visibilidade (James R. Welch, dados inéditos).

O uso de fogo nas caçadas coletivas constitui característica central da estratégia de caça Xavante, podendo render grande quantidade de carne, freqüentemente para fins cerimoniais. Esse tipo de caçada coletiva é considerada tão eficaz pelos Xavante, além de amplamente praticada, que Flowers observou que, nas noites de agosto, "...o brilho dos fogos pode ser visto a uma longa distância e uma nuvem de fumaça paira sobre a aldeia" (1983a: 235). As caçadas coletivas com fogo geralmente acontecem nos campos abertos no início da estiagem (em torno de maio-junho) e em áreas de cerrados e cerradões em julho-agosto, quando a vegetação e o solo estão mais secos. No passado, a caçada coletiva com o fogo constituiu um dos principais motivos para os Xavante empreenderem longas e extensas expedições de caça e coleta (Maybury-Lewis, 1984 [1967]). Nos dias de hoje, a caçada com o fogo permanece sendo uma atividade valorizada, apesar de ocorrer em um contexto socioeconômico um tanto diferente (vide Partes 3.2 e 5).

Diversas evidências, tanto ecológicas quanto relatos orais, sugerem que o padrão tradicional da caçada com o fogo praticado pelos Xavante não destrói a vegetação ou degrada o ambiente. Na verdade, pode estimular o crescimento de certas plantas ou fitofisionomias, resultando no aumento da biodiversidade e produtividade. Os aspectos ecológicos das práticas de manejo de paisagem através do uso de fogo pelos Xavante são discutidos em detalhes na Parte 4.

Em comparação com as caçadas individuais, as coletivas envolvem uma mais extensa divisão da carne obtida. Por exemplo, os primeiros membros de uma das metades exogâmicas (*poreza'ôno* ou *ôwawe*) que chegarem ao local onde o caçador (da outra metade) abateu o animal podem solicitar determinadas partes do mesmo. Ainda que essa partilha varie segundo a espécie abatida, o padrão mais comum é aquele no qual os homens da metade oposta àquela do caçador terem direito a uma das patas, porções do



abdômen, lombo, fígado, cabeça e estômago. Se uma caçada coletiva não estiver sendo conduzida para fins cerimoniais, nenhuma outra redistribuição acontecerá até que os caçadores retornem às suas casas, onde a carne será distribuída de acordo com os mesmos princípios da caçada individual.

A caçada coletiva continua sendo importante nos dias de hoje não só como fonte de alimento, mas também por sua relação com atividades cerimoniais. Ainda que essas caçadas possam ser organizadas unicamente para os fins de obtenção de carne, são geralmente conduzidas com objetivos cerimoniais específicos. A cerimônia mais freqüentemente associada a uma caçada coletiva é o casamento (*dabasa*). Outros momentos cerimoniais associados às caçadas coletivas ocorrem no contexto das atividades vinculadas às classes de idade masculinas e, portanto, envolvem unicamente os homens. Os contextos cerimoniais e as formas através das quais a carne de caça é dividida estão descritos em detalhe na Parte 5.

De acordo com uma pesquisa efetuada na TI Pimentel Barbosa nos anos de 2004 e 2005 (Welch, 2005, 2010a), as caçadas coletivas vêm adquirindo ainda mais importância cultural na vida social contemporânea por serem avaliadas pelos Xavante como um símbolo de tradicionalismo, inclusive entre os jovens. Apesar de outras formas de caçar terem se tornado menos freqüentes nos últimos anos, as caçadas coletivas continuam atraindo os membros mais jovens das comunidades da TI Pimentel Barbosa e da área de Wedezé, despertando grande interesse e entusiasmo entre eles. Tal pesquisa demonstrou que a relevância cultural das caçadas coletivas está relacionada, em parte, a sua importância para a realização de importantes cerimônias, como o casamento e a iniciação de jovens, como mencionada acima. Além disso, a utilização de novas tecnologias, como armas de fogo e veículos motorizados, facilitam sua compatibilidade com a vida contemporânea nas aldeias, sem comprometer seu valor sociocultural como atividade ritual tradicional.

O uso de transporte motorizado resultou em mudanças na distribuição espacial das caçadas coletivas. Enquanto caçadas individuais são geralmente feitas a pé ou, em menor escala, de motocicleta, veículos maiores são geralmente utilizados para transportar um maior número de caçadores para locais mais distantes. Conseqüentemente, locais que antes eram acessíveis somente se o caçador deixasse a aldeia antes do nascer do sol e retornasse depois de escurecer, ou se passasse vários dias acampando, atualmente podem ser alcançados saindo-se da aldeia pela manhã e retornando ao final da tarde.

Uma maior facilidade de deslocamento torna a caçada coletiva mais prática em

uma era de crescentes demandas para os Xavante devido a novos fatores, como a intensificação agrícola, dependência de serviços de saúde providos por postos da FUNASA, além de freqüentes compromissos políticos ou comerciais fora da terra indígena. Ainda, o uso de veículos motorizados permite que os Xavante de Pimentel Barbosa e Wedezé organizem melhor a distribuição espacial e temporal de caçadas coletivas para reduzir a pressão dessa atividade sobre os estoques silvestres e controlar a freqüência de queimadas em cada local. A consciência acerca da necessidade de conservação parece ter aumentado nos últimos anos, parcialmente como consequência de projetos de manejo de caça que chamam atenção para a necessidade de planejar a distribuição das caçadas para evitar sua prática excessiva próximo às aldeias (Leeuwenberg, 1995, 1997; Leeuwenberg e Robinson, 2000).

Um exemplo importante do uso de veículos motorizados para caçadas coletivas é a prática corrente de viajar entre as aldeias da TI Pimentel Barbosa até as terras na região de Wedezé. As caçadas coletivas em Wedezé têm sido facilitadas pelo uso de veículos motorizados para permitirem o acesso a sítios tradicionais de caça situados na margem direita do Rio das Mortes.

Pesquisa realizada entre 2004 e 2010 mostrou que Wedezé permanece sendo um local favorável à caça coletiva por sua abundância de animais de grande porte e pelo seu valor histórico, como local de importantes aldeias ancestrais e cemitérios, tipicamente sendo visitada diversas vezes ao ano (James R. Welch, dados inéditos) (vide Parte 5). Essas ocasiões são valorizadas pelas comunidades da TI Pimentel Barbosa e Wedezé não só pela oportunidade de se obter carne, como para a realização de cerimônias de casamento e aquelas relacionadas às classes de idade. O uso contínuo de Wedezé para a caça coletiva tem contribuído para a manutenção de atividades culturais tradicionais enquanto redistribui pressões ambientais na TI Pimentel Barbosa.

3.1.3. Pesca

Os Xavante de Pimentel Barbosa e Wedezé pescam preferencialmente quando o nível da água dos rios e ribeirões está baixando (março-abril), ou durante a seca, quando o nível da água é menor. Esse também é o período do ano no qual as atividades agrícolas demandam menos investimento de tempo por parte da população.

Dentre os ciclídeos mais comumente pescados pelos Xavante, destacam-se o valorizado tucunaré e diversas espécies de cará, que são encontrados em diferentes

0030/11
193
Jenne

ambientes aquáticos, principalmente nas lagoas. Diversas espécies de bagres (Pimelodidae), encontrados em geral em locais com águas mais profundas, são também valorizadas, como o pintado e filhote. A família Caracidae inclui o maior número de espécies capturadas nos rios e lagoas da região, destacando-se as piranhas, sardinhas, pirapitinga, pacu e matrinhã. Outras espécies de peixes comumente pescados pelos Xavante incluem o curimatã, pescada e piaus. Também merecem destaque o peixe-cachorra e a traíra, ambos muito apreciados (vide Tabela 4.5 para lista de peixes do Rio das Mortes e afluentes utilizados na alimentação Xavante).

A pesca nos riachos menores é eventual. Um grupo de mulheres pode sair para um dia de pesca, levando consigo suas crianças. Meninos pequenos também organizam seus próprios grupos de pesca e se dirigem aos pequenos cursos d'água próximos das aldeias.

A pesca é mais produtiva no Rio das Mortes e nas lagoas próximas às suas margens. Essas lagoas e seus respectivos nomes Xavante são indicados na Figura 4.1. A composição dos grupos que participam de expedições de pesca mais longas é variada e pode incluir famílias inteiras. Frequentemente, essas pescarias duram uma semana ou mais. Outra forma de pescaria envolve grupos de homens organizados segundo classes de idade, cujos membros frequentemente viajam juntos a partir das aldeias localizadas na TI Pimentel Barbosa para o Rio das Mortes, acampando em suas margens, geralmente nas cercanias de Wedezé. Nessas ocasiões, como detalhado na Parte 5, grupos de jovens e seus mentores passam de um a vários dias pescando e conduzindo importantes atividades cerimoniais, que devem ser mantidas em segredo dos demais, razão pela qual não podem ser realizadas nas proximidades das aldeias (Welch, 2009). Qualquer oportunidade para pescar no Rio das Mortes ou em suas lagoas é altamente valorizada para atender à demanda familiar por alimentos e, no caso dos homens jovens, de fornecer alimentos aos seus mentores, segundo o sistema de classes de idade.

De acordo com Maybury-Lewis, os Xavante “não são muito hábeis em flechar os peixes na água e não dispõem de flechas pontiagudas que atravessam as escamas dos peixes ao invés de simplesmente ricochetear” (Maybury-Lewis, 1984 [1967]: 97). Apesar dessa caracterização negativa das décadas de 1950 e 1960 acerca da tecnologia de pesca Xavante, coleções etnográficas existentes no Museu do Índio/FUNAI, no Rio de Janeiro, incluem flechas de ponta serrilhada que, segundo nos foi explicado por velhos de Pimentel Barbosa, eram projetadas especialmente para a pesca (entrevista concedida por Tsidowi Wai'adzatse e Tseretsu a Carlos E.A. Coimbra Jr. e James R. Welch no Rio de Janeiro, em 25 de novembro de 2009).

0080/14
134
J. J. J.

Ainda que pouco freqüentes, as técnicas de pesca atuais incluem o uso de arco e flecha, geralmente combinado com o uso de uma planta tóxica aos peixes, o timbó (*Paullinia* sp.). Esse tipo de pesca é geralmente realizado nas lagoas do Rio das Mortes, em particular as da margem direita. Essa técnica é utilizada durante a estação seca em locais onde o nível da água corrente é relativamente baixo.

Mais comumente, nos dias atuais a pesca é realizada com linhas de náilon, anzóis e chumbada. A linha pode ser diretamente arremessada com as mãos, sem o uso de vara. No Rio das Mortes, a pesca é feita a partir das margens ou na água, com o emprego de canoa ou barco de alumínio (voadeira). Na região de Wedezé, os locais de pesca preferidos são os bancos de areia e pedras próximos às várias ilhas do Rio das Mortes, perto das bocas dos cursos d'água que desembocam no rio principal ou ao longo de ambas as margens. As lagoas também são consideradas excelentes locais para a pesca. Aquelas com abertura para o Rio das Mortes podem ser acessadas por barco ou a pé, enquanto as que não possuem abertura para o rio são acessadas a pé.

3.1.4. Agricultura

Embora os Xavante, assim como outros grupos indígenas classificados na família lingüística Jê, tenham sido descritos na literatura etnográfica como "agricultores incipientes", há poucos motivos para se acreditar que eles sejam, tradicionalmente, caçadores-coletores exclusivos, apenas recentemente convertidos à agricultura. Uma indicação de que os Xavante vêm praticando a agricultura há muito tempo é a presença de diversas variedades de milho indígena, distintas das híbridas cultivadas em escala comercial. As variedades indígenas de milho são consideradas muito antigas, o que pode indicar um traço de independência nos estágios iniciais da domesticação desse cereal (Brieger et al., 1958).

De acordo com registros anteriores (Maybury-Lewis, 1984 [1967]) e relatos orais de velhos Xavante de Pimentel Barbosa (James R. Welch, dados inéditos), os Xavante tinham três alimentos vegetais domesticados antes do contato permanente com o SPI. Esses eram o milho (*Zea mays*), feijões (*Phaseolus* sp.) e abóbora (*Cucurbita* sp.). Eles também cultivavam plantas não comestíveis, como o algodão (*Gossypium* sp.) e o urucum (*Bixa orellana*). Diversos tipos de tubérculos e raízes silvestres são trazidos para serem plantados nas roças. Existe certa discordância entre os velhos Xavante quanto ao status histórico da mandioca (*Manihot esculenta*). Apesar de Maybury-Lewis (1984 [1967]) não



0030/11
135
8/10/11

a considerar presente antes do contato, alguns velhos afirmam que os Xavante cultivavam uma variedade com caule vermelho, que foi perdida e posteriormente substituída pela atual variedade em uso (James R. Welch, dados inéditos). Um homem explicou que a mandioca de caule vermelho que os Xavante tinham antes do contato não era, de fato, tradicionalmente Xavante, mas teria sido adquirida algum tempo depois de chegarem à região do rio das Mortes, porém antes do contato com o SPI. Atualmente, diversas variedades de outras plantas introduzidas são cultivadas pelos Xavante (Tabela 3.1).

Tabela 3.1. Alimentos comumente cultivados nas roças da TI Pimentel Barbosa, 2009.

Nome	Nome Xavante	Tradicional	Introduzido
Arroz	<i>asaro</i>		X
Milho Xavante	<i>nõzõ</i>	X	
Milho não-indígena	<i>wa'ru</i>		X
Abóbora	<i>uzõné</i>	X	
Feijão Xavante	<i>uhí</i>	X	
Feijão não-indígena	<i>warazû nhip uhi</i>		X
Mandioca	<i>upá</i>		X
Tubérculos	<i>mõ'õni</i> (e outros)	X	
Melancia	<i>um'rẽzeiré</i>		X
Cana-de-açúcar	<i>buzé</i>		X
Banana	<i>pa'o</i>		X
Mamão	<i>momo</i>		X
Batata doce	<i>batata</i>		X

Fonte: James R. Welch, dados inéditos.

O milho Xavante tradicional apresenta sementes variando do branco e amarelo ao vermelho brilhante e preto arroxeado, com misturas dessas cores. Os Xavante de Pimentel Barbosa e Wedezé classificam as sementes principalmente com base em sua cor. Essas categorias são apresentadas na Tabela 3.2. O tipo de milho também é distinguido de acordo com o tempo que leva para maturar. Por exemplo, as variedades *nõzõ m'rari'* e *nõzõ m'rari topré* amadurecem mais rapidamente, enquanto que *nõzõ p'a* e *nõzõ pré* demoram mais (James R. Welch, dados inéditos). Esses diversos tipos são plantados em épocas diferentes de modo a levar em consideração os tempos de maturação próprios. Os Xavante apreciam bastante a variação de cor, especialmente a vermelha brilhante, estocando cuidadosamente sementes das várias colorações em cabaças separadas, que são

vedadas com cera de abelha (Flowers, 1983a, 1983b). Manter essas variedades de cor e forma de sementes e espigas de milho requer um conhecimento técnico apurado sobre seleção e cultivo de plantas, o que demanda profundo conhecimento agrícola.

Tabela 3.2. Sistema Xavante de classificação de milhos tradicionais segundo cor.

Nome Xavante	Descrição
<i>nõzõ m'rari</i>	Milho preto
<i>nõzõ m'rari topré</i>	Milho vermelho-escuro
<i>nõzõ p'a</i>	Milho branco
<i>nõzõ p'uzé</i>	Milho amarelo
<i>nõzõ pré</i>	Milho vermelho-claro
<i>nõzõ wawawi</i>	Milho rajado de preto-vermelho-branco

Fonte: James R. Welch, dados inéditos.

No passado, as safras agrícolas abasteciam plenamente os Xavante somente em épocas específicas do ano. Conforme observado por Maybury-Lewis (1984 [1967]), em 1958, após terem colhido o milho e comido parte dele, em março os Xavante saíram em expedições pelo cerrado, alimentando-se de tubérculos silvestres e palmito, além de carne de caça. Segundo o antropólogo, economizavam o resto do milho para consumirem no auge da estiagem (junho-agosto), quando os grupos familiares se reencontravam na aldeia. Ao chegarem, também já era possível colher feijão e abóboras, plantadas anteriormente. Maybury-Lewis (1984 [1967]) afirmou que essas eram as únicas plantações dos Xavante nessa época. Os períodos de colheita agrícola correspondiam com a época de realização das cerimônias mais importantes no ciclo de rituais (vide Parte 3.2).

Os homens limpam novas áreas para o estabelecimento de roçados derrubando árvores nas matas ciliares/de galeria nos primeiros meses da estação seca, o que dá tempo suficiente para que a matéria orgânica seque e queime convenientemente antes das primeiras chuvas, que são esperadas em meados de setembro. Na escolha de locais para roças, são também valorizadas as matas secas, inclusive aquelas associadas a tabocais localizadas nas áreas mais elevadas na porção noroeste da TI. Essas localidades são reconhecidas pelos Xavante como detentoras de solos férteis. As matas ciliares preferidas para os roçados são geralmente localizadas nas margens de pequenos rios ou, de acordo com a tradição oral Xavante, na margem do Rio das Mortes ou lagoas próximas. O solo nessas áreas é geralmente escuro, indicando riqueza de matéria orgânica. Ademais, os locais escolhidos para a abertura de roças freqüentemente exibem sinais de ocupação

prévia, incluindo resíduos de carvão e fragmentos de cerâmica que os velhos identificam como caracteristicamente Xavante devido ao seu estilo (vide Parte 5). O cerrado aberto *per se* nunca é utilizado como local para estabelecer roças. Entretanto, de alguns anos para cá, roças de arroz mecanizadas têm sido eventualmente abertas no cerrado, geralmente em associação com projetos promovidos pela FUNAI e outras organizações.

Tanto os homens quanto as mulheres plantam, mas cabe a elas capinar as roças, podendo contar também com a colaboração de homens. A época de abrir clareiras e plantar é trabalhosa para os Xavante, tanto que as famílias comumente se mudam para a proximidade das novas roças e lá acampam. No presente, muitas famílias mantêm casas semi-permanentes nas roças, onde permanecem durante as épocas mais intensivas de trabalho agrícola. As roças são semeadas, capinadas e colhidas pelas famílias. Considera-se que a produção pertence à família que abriu e cuidou da roça. De acordo com Graham (1995: 43-44),

“...cada mulher possui um ou mais roçados próprios, que são estabelecidos pelo seu marido e localizados em áreas adjacentes àquelas de suas irmãs e mãe. Comumente acompanhada de seus filhos pequenos, ela vai aos roçados diversas vezes por semana”.

Não é incomum, contudo, que pessoas ofereçam sua ajuda para trabalhar nas roças de parentes de outros domicílios, geralmente com a expectativa de receber parte da produção.

Os Xavante plantam os diversos cultígenos em áreas específicas das roças. Segundo observações realizadas por Nancy Flowers (1983a), abóboras são plantadas entre fileiras de milho. Feijões são semeados nos lugares onde anteriormente se plantou milho. Plantações de banana normalmente crescem ao redor do roçado. Arroz é comumente plantado em roças separadas. Outras plantas presente nas roças Xavante incluem mandioca-mansa, batata-doce, cará e melancia. Mamão e mandioca não são somente cultivados nas roças, como também podem ser encontradas no entorno das aldeias. Plantas não alimentícias cultivadas nas roças ou no entorno das aldeias incluem urucum e algodão. Por vezes, o arroz é plantado por até três anos na mesma roça, o que não acontece com o milho. Banana e mandioca são as culturas mais comuns nos roçados após o terceiro ano.

O milho amadurece entre janeiro e fevereiro. A colheita do arroz é uma atividade que se prolonga por vários meses, pois os Xavante o plantam em diferentes roças desde o início de outubro até dezembro. Os homens cortam e empilham o arroz com a ajuda das

0030/11
138
Jenne

mulheres. Elas são as responsáveis por “bater” o arroz, o que acontece nas próprias roças, de lá trazendo apenas os grãos, conforme as necessidades da família (Flowers, 1983a, 1983b). Após dois ou três anos, as roças deixam de ser cultivadas. Entretanto, isso não significa que sejam abandonadas. Mandioca, batata doce e cará, por exemplo, podem continuar a ser produzidos nessas áreas por dois anos ou mais. Mamoeiros e bananeiras também continuam a frutificar e até mesmo se propagam nas capoeiras por um período maior de tempo. Além disso, diversas plantas invasoras, típicas de sucessão secundária, podem crescer nesses ambientes. Entre esse grupo de plantas figura o ingá (*Inga* spp.), que dá frutos altamente apreciados por seu sabor doce. Outras plantas típicas de sucessão secundária e que germinam espontaneamente nas roças abandonadas podem ter valor medicinal, fornecer sementes comestíveis ou constituir fonte de fibras usadas na manufatura de vários utensílios, como cestas e esteiras.

Devido ao fato de a produção agrícola em solos de matas ciliares decair depois de dois ou três anos, é necessário deixá-los “descansar” por vários anos antes de iniciar novo plantio. Os Xavante planejam a rotatividade de suas plantações visando maximizar a produção e permitir a recuperação do solo antes de estabelecer novo plantio em um mesmo local. No passado, as aldeias eram freqüentemente realocadas quando a produtividade dos solos era reduzida. Hoje, a combinação de aldeias permanentes, aumento populacional, maior dependência na agricultura (especialmente associada à produção de arroz) e a necessidade de permitir a regeneração dos solos já utilizados têm feito com que as novas roças sejam abertas cada vez mais longe das aldeias.

3.1.5. Animais domésticos

Nas aldeias de Pimentel Barbosa e Wedezé, muitos animais silvestres que foram capturados ainda filhotes são mantidos como de estimação por períodos de tempo variados, embora eles não possam ser considerados domesticados. Não é incomum ver periquitos, papagaios e araras voando livremente nas aldeias. Freqüentemente, pais capturam e trazem para a aldeia filhotes de porcos-do-mato, antas e emas para agradar as crianças. Atualmente há também galinhas nas aldeias, criadas para a provisão de carne e ovos.

Nas últimas décadas, a depender do período, o rebanho bovino na TI Pimentel Barbosa variou bastante. Comumente as rezes são vendidas para levantar recursos para alguma necessidade coletiva (conserto de veículos, compra de combustível, etc.). Nos

0030/11
139
Geral

últimos anos, houve uma diminuição significativa na atividade pecuária na TI Pimentel Barbosa. No entanto, segundo vários relatos, há inúmeras reses desgarradas que perambulam livres na região do Rio das Mortes, sendo “caçadas” de vez em quando pelos Xavante.

3.1.6. Áreas de uso econômico

A Figura 3.1 apresenta um mapa com as principais áreas de uso econômico e os locais preferenciais para a realização de atividades de subsistência em Wedezé. Ao longo desta seção e nos capítulos seguintes serão feitas contínuas referências a este mapa. O mesmo foi preparado a partir de visitas a diversas áreas de Wedezé e de entrevistas, seguindo-se as metodologias indicadas na Introdução deste relatório.

Atualmente, há uma única aldeia na região englobada pela área proposta de Wedezé, ainda que em vários momentos anteriores da história Xavante tenham ocorrido múltiplas ocupações dessa área (vide Parte 1). Além dos habitantes daquela aldeia propriamente dita, os Xavante das diversas aldeias da TI Pimentel Barbosa utilizam regularmente a área de Wedezé para sua subsistência. O acesso a essa área se dá através de quatro pequenas estradas que interconectam não apenas as nove aldeias da TI Pimentel Barbosa, como também outros setores dessa terra indígena (Figura 3.4). No presente, no que pese o interesse unânime dos Xavante pela região de Wedezé, muitos se mostram relutantes em visitá-la devido à animosidade dos fazendeiros, pois não desejam conflitos com eles. Mesmo não podendo visitar a região com a frequência desejada, os mais velhos das atuais aldeias da TI Pimentel Barbosa que viveram em Wedezé entre as décadas de 1950 e 1970 se recordam dos locais que eram econômica e culturalmente importantes para os Xavante e procuram manter viva essa memória entre os jovens.

A área de uso de maior extensão em Wedezé utilizada pelos Xavante é o complexo “campos de murundu” (Figura 3.4). Esses campos se estendem desde o norte até o extremo sul da área proposta, cobrindo uma larga porção da região localizada entre o Rio das Mortes e o Rio Água Preta (a oeste e leste, respectivamente). Esses campos são utilizados pelos Xavante para numerosas atividades econômicas, em particular a caça. Os Xavante valorizam os campos de murundu pela presença de animais de caça, além de sua facilidade para caminhar e grande visibilidade devido a sua paisagem aberta. Essas características tornam os campos de murundu ideais para as estratégias de caça dos Xavante, que envolvem rastrear animais de grande porte e realizar caçadas coletivas,

essas com o uso de fogo para afugentar e facilitar o abate dos animais.

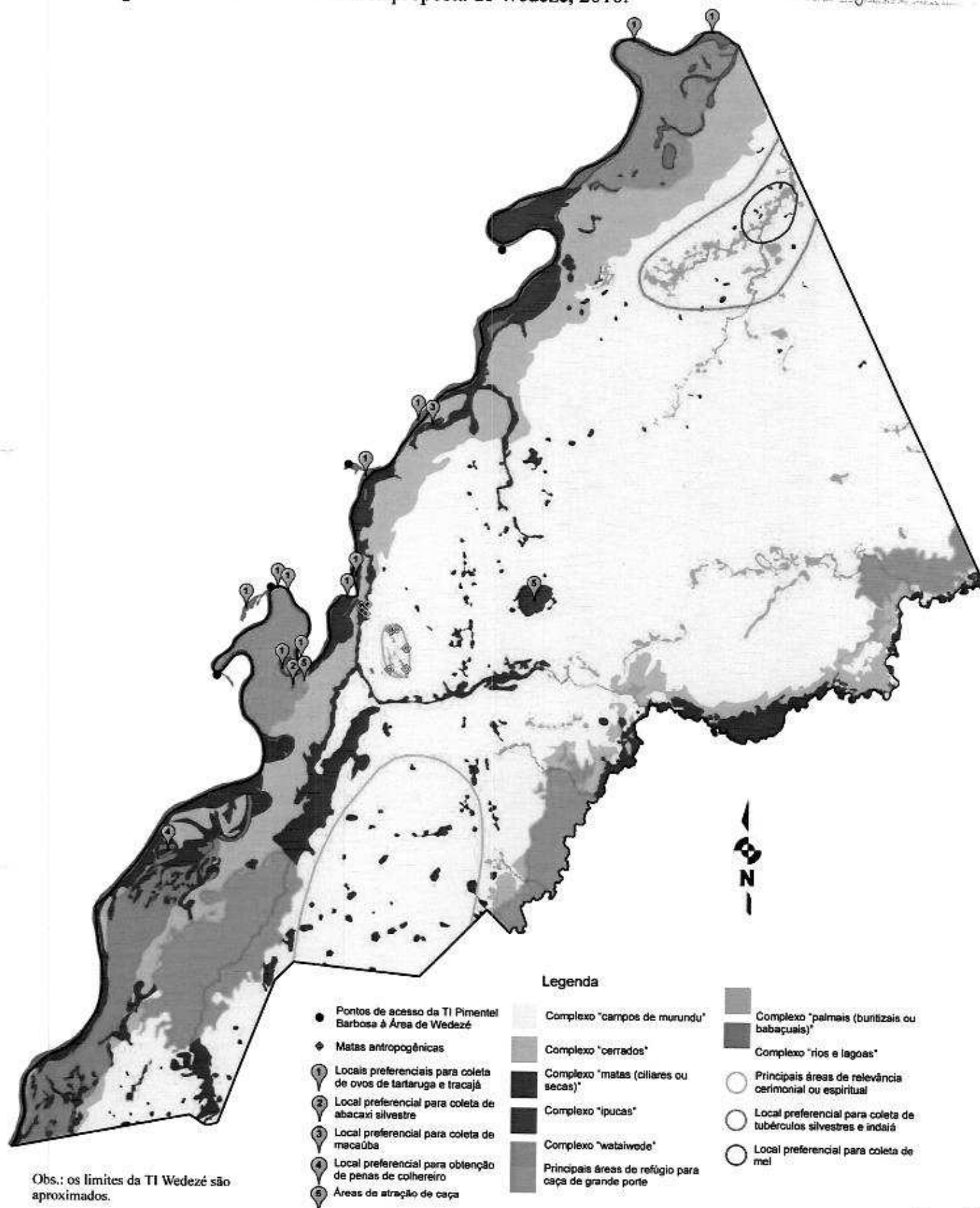
O uso do fogo nas caçadas realizadas nos campos de murundu acontece em geral no começo da estação seca (maio e junho). Segundo os Xavante, nessa época o capim ainda não está completamente seco e, aliado à umidade do solo, resulta em queimadas com temperaturas mais baixas, minimizando os efeitos adversos do fogo, sendo também de mais fácil controle. Os animais preferidos de caça dos Xavante nos campos de murundu incluem queixada (*Tayassu pecari*), catitu (*Tayassu tajacu*), diversas espécies de veado, tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*), várias espécies de tatu (família Dasypodidae) e seriema (*Cariama cristata*), dentre outros. Os jabutis (*Geochelone carbonaria*), particularmente apreciados pelos Xavante por sua carne, são também encontrados em grande número nos campos de murundu.

Nos campos de murundu são também procuradas muitas espécies de aves valorizados pelos Xavante como alimento e também por suas penas (vide Parte 5). Como descrito em detalhes na Parte 4, 46,9% das aves de valor econômico e cerimonial identificadas por esse GT são encontradas em áreas de campos de murundu (46 espécies, vide Tabela 4.2). Além disso, conforme já referido, o jabuti, considerado importante alimento, é também comum nos campos de murundu (Tabela 4.6). Insetos de importância econômica, em particular aqueles produtores de mel (seis tipos), também são abundantes nesses campos. Os Xavante identificam uma área específica, localizada na porção norte de Wedezé, em uma região que apresenta várias manchas de palmais (Figura 3.4), como sendo particularmente rica no que tange à presença de abelhas melíferas (em especial duas espécies, por eles denominadas *ub'ra* e *pi'u*).

Diversos alimentos silvestres de origem vegetal são encontrados nos campos de murundu. Conforme a Tabela 4.2, 24,6% das plantas ocorrem nesse ambiente (35,3% das frutíferas e 4,3% das plantas utilizadas por suas raízes ou tubérculos comestíveis). Entre as espécies mais valorizadas pelos Xavante como alimento, estão o jatobá-do-cerrado (*Hymenaea stigonocarpa*), murici (*Byrsonima* spp.), baru (*Dipteryx alata*), caju (*Anacardium* spp.), curiola (*Pouteria ramiflora*), pequi-do-cerrado (*Caryocar brasiliense*), babaçu (*Orbignya phalerata*) e indaiá (*Attalea* sp.). A polpa obtida do palmito de babaçu é considerada importante alimento quando os Xavante se deslocam pelos campos de murundu, pois provê sustento para os caçadores. Quanto às plantas de uso tecnológico identificadas, 6,5% são encontradas nos campos de murundu. Destacam-se a palmeira indaiá (*Attalea* sp.), da qual os Xavante extraem palha, e o tucum (*Astrocarium* sp.), de onde obtêm cordas para os arcos.

Figura 3.4. Áreas de uso na área proposta de Wedezé, 2010.

Projeto Nº 0020111
Folha Nº 141
Assinatura: [assinatura]



Obs.: os limites da TI Wedezé são aproximados.

Intercaladas no interior dos campos de murundu há diversas áreas de uso identificadas pelos Xavante. A primeira delas, constituída pelo complexo “ipucas”, tem ampla distribuição no interior desses campos (Figura 3.4). Por apresentarem coleções d’água perenes e solos úmidos praticamente ao longo de todo o ano, as ipucas atraem animais de caça, razão pela qual são consideradas importantes pelos Xavante do ponto de vista cinegético. Por exemplo, na região central da área proposta de Wedezé, há uma ipuca especialmente grande, que os Xavante denominam de Sére (indicada com um número 5 em vermelho na Figura 3.4). Esta ipuca é considerada pelos Xavante como um local de caça particularmente bom, pois provê refúgio aos animais que, de outra sorte, estariam continuamente expostos ao sol e à secura implacável dos campos de murundu. As ipucas são também locais importantes de coleta e, no passado, eram constantemente percorridas pelos Xavante durante as atividades de *trekking*. Mesmo no presente, quando os homens empreendem caçadas coletivas mais demoradas, utilizam as ipucas como local de acampamento devido à presença de água e plantas comestíveis.

A segunda área de uso situada em meio aos campos de murundu consiste no complexo “palmais”, composto primariamente por extensos buritizais que se desenvolvem nas nascentes de rios e brejos (Figura 3.4). Esses palmais são reconhecidos como importantes locais de caça e coleta. Como discutido em mais detalhes na Parte 4, nesses ambientes são encontrados 33,3% dos insetos valorizados como alimento, 7,1% das plantas comestíveis identificadas por este GT, destacando-se o buriti (*Mauritia flexuosa*), e 19,4% das plantas de uso tecnológico. Também digno de nota é o fato de o buriti apresentar importância tecnológica para os Xavante; suas folhas são empregadas na construção de casas e seu tronco utilizado nas corridas de toras (vide Parte 1). Em meio aos buritizais vivem diversas espécies de aves cuja carne e penas são também valorizadas pelos Xavante, como descrito acima.

Depois dos campos de murundu, o complexo “cerrados” constitui a área de uso mais extensa na região de Wedezé. Há áreas de cerrado ao longo da margem direita do Rio das Mortes e da margem esquerda do Rio Água Preta, assim como desde o extremo norte ao sul de Wedezé (Figura 3.4). Esses cerrados são muito valorizados pelos Xavante para a coleta de plantas de uso na alimentação (Tabela 4.2). Do total de plantas comestíveis identificadas pelo GT, 45,6% são encontradas nos cerrados (64,7% das plantas que fornecem frutos, 17,4% das plantas utilizadas por suas raízes e tubérculos e 66,7% das plantas utilizados como palmitos). Nas entrevistas realizadas na TI Pimentel Barbosa e na área de Wedezé, as principais plantas comestíveis encontradas nos cerrados

da área de Wedezé foram as seguintes: coquinho (*Bactrys* sp.), coroinha (espécie não identificada), baru (*Dipteryx alata*), pequi-do-cerrado (*Caryocar brasiliense*), jatobá-do-cerrado (*Hymenaea stigonocarpa*) e *tinini* (termo em Xavante para uma planta que pertence, possivelmente, à família Rubiaceae). Os cerrados também são altamente valorizados por suas plantas de uso tecnológico, com 25,8% das espécies por nós identificadas sendo encontradas nos cerrados de Wedezé (Tabela 4.3). Dentre essas, destaca-se o marolo-do-cerrado (*Annona coriacea*), jacarandá-do-cerrado (*Dalbergia miscolobium*) e sucupira-branca (*Pterodon pubescens*), por sua importância na arquitetura Xavante e o timbó (*Paullinia* sp.), empregado em pescarias coletivas.

As áreas de cerrado em Wedezé são também consideradas pelos Xavante como excelentes locais de caça. Entre as espécies mais valorizadas, destacam-se: anta (*Tapirus terrestris*), veado-mateiro (*Mazama americana*), tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*), caititu (*Tayassu tajacu*), cutia (*Dasyprocta aguti*), tatu-peba (*Euphractus sexcinctus*), tatu-canastra (*Priodontes maximus*) e tatu-bola (*Tolypeutes* sp.). Os cerrados são também valorizados por ali se encontrar o jabuti (*Geochelone carbonaria*). Das 98 espécies de aves utilizadas como alimento e para fins cerimoniais, 64,3% são encontradas nos cerrados (Tabela 4.7). Uma espécie de ave comumente avistada no cerrado, o jacu (*Penelope* spp.), é referida pelos Xavante como particularmente importante. Vale mencionar ainda que 77,8% dos insetos comestíveis identificados pelo GT são encontrados nos cerrados (Tabela 4.4).

Outra área de uso importante em Wedezé é o complexo “matas ciliares ou secas”. Essas matas são observadas sobretudo ao longo dos rio das Mortes e Água Preta, assim como seus tributários, conhecidos pelos Xavante como Seré Nārada e Wedezé Pá, ou Corixo São Domingos (vide Figuras 3.4 e 4.2). Três áreas de uso estão associadas a essas matas, como discutido abaixo: (1) áreas de refúgio para animais de caça de grande porte, (2) matas antropogênicas e (3) complexo “wataiwede”.

Matas ciliares e matas secas são locais de coleta de importantes espécies de plantas comestíveis, ainda que os Xavante prefiram obtê-las em outros tipos de ambiente, por serem de mais fácil acesso. Do total de plantas comestíveis, 64,9% são encontradas nas matas (Tabela 4.2). Mais especificamente, 50,0% dos frutos, 87,0% das raízes e tubérculos e 66,7% dos palmitos são obtidos nessas áreas. Entre as plantas especificamente mencionadas pelos Xavante por sua importância econômica e que são procuradas nas matas, destacam-se a macaúba (*Acrocomia aculeata*), o ingá (*Inga* spp.) e o jatobá-da-mata (*Hymenaea courbaril*). Há também uma espécie de fruta, chamada

wedezé²⁵ pelos Xavante (não identificada botanicamente), um tipo de palmito, quatro tipos de tubérculos (dois na família Dioscoreaceae e outros dois na família Marantaceae) e ainda duas raízes/tubérculos que não puderam ser identificados. As matas são também valorizadas pela presença do tucum (*Astrocaryum* sp.), cuja madeira é empregada na confecção dos arcos de caça e pela ocorrência de espécies de árvores que produzem resinas que os Xavante utilizam para purificar o corpo e promover o bem-estar espiritual. Quanto às plantas de uso tecnológico identificadas por esse GT, 58,1% são encontradas em áreas de mata (Tabela 4.3). Destacam-se algumas árvores de grande valor na construção de casas por possuírem madeira resistente e reta, como o falso-pau-brasil (*Brosimum rubescens*), o jacarandá-da-mata (*Dalbergia densiflora*), a garapa (*Apuleia leiocarpa*) e a pindaíba-vermelha (*Cardiopetalum calophyllum*).

Ainda que os Xavante não cacem com frequência nas matas ciliares, este tipo de vegetação é importante pois funciona ecologicamente como áreas de refúgio para animais de grande porte, incluindo o veado-catingueiro (*Mazama gouazoubira*), veado-mateiro (*Mazama americana*), queixada (*Tayassu pecari*), caititu (*Tayassu tajacu*), anta (*Tapirus terrestres*) e cervo-do-pantanal (*Blastocerus dichotomus*). As principais matas ciliares que funcionam como refúgio na região de Wedezé estão indicadas na Figura 3.4. A maior delas está situada nas duas margens do curso d'água denominado Wedezé Pá pelos Xavante (Corixo São Domingos na cartografia oficial), que se localiza na porção sul da área proposta de Wedezé. De acordo como os Xavante, é nesta área onde se reproduzem algumas das mais importantes espécies de grandes mamíferos que, posteriormente, se deslocam para as áreas de campo e de cerrado, situadas mais ao norte. Outras matas que servem de refúgio estão localizadas nas proximidades do Rio das Mortes, no extremo norte de Wedezé e na área imediatamente a sudoeste da aldeia de Wedezé, próxima do Rio Água Preta (vide Figura 3.4). Essas matas são consideradas pelos Xavante como essenciais para manter a integridade ecológica da área proposta e por sua capacidade para sustentar populações de animais, de modo a garantir as necessidades alimentares por meio de carne de caça. Essas áreas de refúgio são também importantes para a manutenção de populações de aves de importância econômica, incluindo o mutum-de-penacho (*Crax fasciolata*), jacu (*Penelope* spp.) e diversas espécies de gaviões.

Um segundo tipo de área de uso relacionado ao complexo de matas (ciliares ou

²⁵ Esse fruto dá nome ao Morro de Wedezé que, por sua vez, dá nome à aldeia e à área proposta nesse relatório.



secas) é representado pelas matas de origem antropogênica (vide Figura 3.4). Uma dessas matas antropogênicas foi identificada nas proximidades da aldeia de Wedezé e do morro de mesmo nome, próximo à aldeia. Tal mata está estreitamente relacionada a sítios arqueológicos vinculados à ocupações Xavante passadas (séculos XIX e XX) e, do ponto de vista florístico, é marcado pela abundância de árvores frutíferas que aí cresceram pelo acúmulo de sementes depositadas ao longo dos anos (vide Partes 4 e 5). Essas matas são muito valorizadas pelos Xavante para a coleta de frutas. Durante a primeira visita dos membros do GT à Wedezé, em outubro de 2009, observou-se que os Xavante estavam coletando diferentes frutos e outros produtos nessas matas.

Um terceiro tipo de área de uso associada ao complexo de matas (ciliares ou secas) é o chamado complexo “wataiwede”, localizado no extremo sudoeste de Wedezé. Como descrito na Parte 4, esta área apresenta uma vegetação bastante variável devido à dinâmica de mudanças ao longo das margens do Rio das Mortes, com seus ciclos de seca e cheia. Além da alternância de campos e buritizais, verificam-se nessa área manchas de matas ciliares e secas. O complexo “wataiwede” é muito valorizado pelos Xavante para fins de caça, em particular do veado-campeiro (*Ozotoceros bezoarticus*), queixada (*Tayassu pecari*) e cervo-do-pantanal (*Blastocerus dichotomus*). É também uma área preferencial de coleta do pequi-da-mata (*Caryocar* sp.) e murici (*Byrsonima* spp.).

O complexo “palmais” foi mencionado acima em relação aos buritizais que ocorrem associados a brejos e nascentes em meio aos campos de murundu (vide Figura 3.4). Outro tipo de palmeiral que ocorre em Wedezé é o babaçual (localmente conhecido como palhal). Como descrito na Parte 4, os babaçuais podem ser de pequena ou grande extensão, sendo os maiores denominados pelos Xavante como *nôrôwede*. Esses grandes babaçuais ocorrem, entre outras regiões, ao longo do limite leste da terra proposta de Wedezé, nas proximidades do Rio Água Preta. Há também babaçuais importantes por sua extensão ao redor da base do Morro de Wedezé e nas proximidades da aldeia de mesmo nome. Nesse caso, os babaçuais são de origem antropogênica, ou seja, resultam de ocupações anteriores dos Xavante na região, durante os séculos XIX e XX (vide Parte 1 e 5). Esses babaçuais são amplamente utilizados como áreas de coleta pelos Xavante que vivem hoje em Wedezé, em especial pelos cocos de babaçu (*Orbignya phalerata*), que são itens importantes na alimentação (Tabela 4.2). Vale destacar ainda que os babaçuais situados ao redor do Morro de Wedezé atuam também como área de atração de animais de caça.

A última área de uso existente em Wedezé é o complexo “rios e lagoas”. Além dos



dois cursos d'água principais que estabelecem os limites oeste e sudeste da terra (rios das Mortes e Água Preta), há ainda na área outros rios que, apesar de apresentarem menor vazão, não são menos importantes para os Xavante (vide Figura 4.1): (1) Wedezé Pá (Corixo São Domingos), que corre desde o limite sul de Wedezé até próximo da base do Morro de Wedezé, onde deságua no Rio das Mortes; (2) Seré Nãrada, localizado na região mais norte de Wedezé, também desaguando no Rio das Mortes; (3) Amhú Pá e Si Suire, também situados no extremo norte de Wedezé e afluentes do Rio Cristalino; (4) Mãra Rai Watôbrô, que corre em meio a uma longa faixa de mata ciliar até desaguar no Rio Água Preta, próximo do extremo leste de Wedezé; (5) U'ãhópô Nhô'u, que se localiza na região central de Wedezé e conflui no Rio Água Preta e (6) Wataiwede, que flui em meio a uma extensa mata ciliar até desaguar no Rio Água Preta, na porção sudeste de Wedezé (esse último rio não deve ser confundido com o tipo de vegetação de mesmo nome, localizado ao sudoeste dos limites da TI proposta de Wedezé, acompanhando o curso do Rio da Mortes).

A importância desses cursos d'água menores na ecologia de Wedezé é amplamente reconhecida pelos Xavante, pois os mesmos se interconectam às grandes áreas de matas ciliares situadas ao longo dos rios principais da região (Mortes e Água Preta). Deste modo, formam uma rede estratégica de corredores de fauna que permite o trânsito de diferentes animais entre os campos de murundu, os brejos e as várias áreas de matas ciliares (vide Parte 4). As mais de trinta lagoas existentes na área de Wedezé, situadas próximas ao Rio das Mortes, e muitas delas com denominações específicas em Xavante, são também integradas através dessa rede de cursos d'água de porte variado (vide Figura 4.1).

Cada qual desses rios e lagoas apresenta significativa importância econômica para os Xavante, podendo haver diferença no tocante à distribuição e/ou frequência de determinado recurso, a depender do rio ou lagoa. Um dos usos principais dos rios e lagoas é para a pesca. Das 41 espécies de peixes utilizadas como alimento identificados por este GT, 78,0% são obtidos (Tabela 4.5) nos rios maiores, 41,5% nas lagoas e 34,1% nos cursos d'água menores. Os ambientes límnicos são também valorizados para a caça de aves, tanto para fins alimentares como para a obtenção de penas. Das 98 espécies de aves utilizadas pelos Xavante e identificadas por este GT, 23,5% são caçadas preferencialmente nas proximidades dos rios e 19,4% nas lagoas (Tabela 4.7). Por exemplo, uma determinada lagoa – Sipa'aprere Nhô'u – é conhecida por sua grande concentração de colhereiros (indicada com uma número 4 em vermelho na Figura 3.4).



0030 / 11
147
Jensen

Tartarugas e tracajás são usualmente encontradas no Rio das Mortes e nas lagoas próximas. Na época de estiagem, os ovos de tartaruga e tracajá são coletados nas praias dos dois rios maiores e nas lagoas. Foram identificadas 11 praias que servem como lugares preferenciais para a coleta de ovos de quelônios aquáticos (indicada com o número 1 em vermelho na Figura 3.4).

As muitas lagoas existentes em Wedezé não são unicamente utilizadas para a pesca e caça de aves, como também para a caça de grandes animais e a coleta de alimentos silvestres de origem vegetal. Muitas lagoas são associadas aos chamados “barreiros”, que atraem animais de caça que se concentram em busca de sal para lamber. Um barreiro especialmente importante para os Xavante se localiza a alguns quilômetros a sudoeste da aldeia de Wedezé, na proximidade da lagoa U'ähöpó Nhõ'u, como indicado pelo número 5 em vermelho na Figura 3.4 (vide também Figura 4.1). Duas lagoas específicas são mencionadas pelos Xavante como locais importantes para a coleta de plantas. Uma delas, chamada Apsiré, é referida por sua concentração de abacaxi-do-cerrado (*Ananas spp.*), conforme indicado na Figura 3.4 com o número 2 em vermelho. Outra lagoa, chamada Seré nãrada, apresenta concentração da palmeira macaúba (*Acrocomia aculeata*), um item muito importante na alimentação dos Xavante (vide número 3 em vermelho na Figura 3.4).

3.2. Características da economia

3.2.1. Economia tradicional

Na seção anterior abordamos as atividades de coleta, caça, pesca e agricultura, sinalizando seus produtos principais, as tecnologias e estratégias nelas envolvidas e os principais locais nas quais são realizadas. Nesta seção, apresentamos um resumo da economia tradicional Xavante, incluindo o calendário de produção anual, a economia doméstica, a reciprocidade inter-familiar, a produção coletiva e a relação entre as atividades produtivas e a organização social.

O estudo mais aprofundado sobre a variação sazonal das atividades produtivas entre os Xavante foi feito por Nancy Flowers na década de 1970 (1983b). Apesar de certos aspectos terem mudado desde a época pré-contato, especialmente no que diz respeito ao crescimento de atividades agrícolas, seus achados, em geral, se aplicam igualmente à economia tradicional. Flowers observou que o ciclo agrícola começava em julho e agosto, quando as famílias começavam a abrir clareiras para o estabelecimento das novas roças (Tabela 3.3). Em agosto, as famílias que não estavam abrindo roças saíam em expedições de caça e coleta. Maybury-Lewis relatou que na década de 1950 os Xavante saíam em excursões freqüentemente entre maio e dezembro, quando as roças ainda não estavam produzindo (Maybury-Lewis, 1984 [1967]).

De acordo com Flowers (1983b), as atividades agrícolas iam de outubro até janeiro e fevereiro, com a colheita do arroz se estendendo até março. Durante a entressafra, as mulheres dedicavam menos tempo às roças, concentrando seus esforços na coleta de alimentos silvestres, o que ocorria de abril a dezembro. Apesar da caça individual acontecer durante todo o ano, caçadas coletivas eram mais freqüentes durante o período de seca, de maio a agosto. Entretanto, segundo Maybury-Lewis, caçadas coletivas podiam ocorrer até dezembro, em associação com a realização de expedições de *trekking*. Infere-se que, nesses últimos casos, as caçadas coletivas não envolviam o uso de fogo, comum durante a estiagem.



Tabela 3.3. Atividades produtivas sazonais na economia tradicional Xavante.

Atividade	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov	dez
Coleta				X	X	X	X	X	X	X	X	X
Caça individual	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Caça coletiva					X	X	X	X	X	X	X	X
Pesca				X	X	X						
Abertura de roças							X	X				
Capina de roças									X	X	X	
Plantio de roças										X	X	X
Colheita nas roças	X	X	X									
Excursões/Trekking					X	X	X	X	X	X	X	X

Apud Flowers (1983b) e Maybury-Lewis (1984 [1967]).

Um aspecto importante da economia tradicional Xavante é a sua dimensão doméstica, que envolve a colaboração de membros do mesmo domicílio nas atividades produtivas. Tradicionalmente, os domicílios Xavante são compostos por um homem adulto e sua mulher, suas filhas e seus genros (Maybury-Lewis, 1984 [1967]). Mesmo depois das filhas se casarem e terem filhos, permaneciam com os filhos na mesma casa, o que em larga medida ocorre até o presente. Devido aos Xavante praticarem padrão de residência uxorilocal, apenas seus filhos e netos deixam as casas onde nasceram. No contexto social domiciliar, recursos e esforços de produção são divididos. Por exemplo, genros tradicionalmente demonstram respeito por seus sogros através de uma série de comportamentos, incluindo a evitação de contato olho a olho e a comunicação verbal, além de oferecerem ajuda na roça e trazerem carne de caça (Flowers, 1983b; Maybury-Lewis, 1984 [1967]). As filhas, por sua vez, demonstram seu respeito para com seus pais ajudando nas roças, no preparo de alimentos, e no cuidado do domicílio e das crianças. As meninas participam desde cedo nos serviços domésticos. As mulheres da casa, geralmente grupos de irmãs de múltiplas gerações, participam na economia doméstica de maneira coletiva. Por exemplo, os cuidados das crianças são geralmente feitos pelas avós, tias e irmãs.

Como indicado acima, a produção na roça é, a princípio, uma atividade doméstica, com o esforço de trabalho e os produtos divididos entre os membros de um mesmo domicílio. No entanto, a divisão da comida entre domicílios diferentes também é uma prática muito comum e constitui um aspecto importante da economia tradicional Xavante. A circulação de alimentos entre os domicílios parece ser mais comum no caso da carne de

0030/11
350
J. J. J.

caça e peixe do que de alimentos cultivados (Flowers, 1983b). Presentes de comida parecem ser mais freqüentes entre domicílios pequenos do que entre domicílios maiores, que são economicamente mais independentes. Um estudo comparou o consumo de carne em dois domicílios, um menor e um maior (Flowers, 1983b). Apesar de ambos os domicílios consumirem aproximadamente a mesma quantidade de carne, o menor, que não tinha adultos ativamente caçando, obtinha 100% da carne que consumia a partir de outros domicílios, enquanto os maiores apenas 40%.

A circulação de comida ocorre tanto por ocasião de trocas diárias rotineiras quanto em contextos cerimoniais mais formais. No cotidiano, parentes e amigos se visitam. Em tais contextos, pessoas comumente levam presentes de uma casa para a outra ou aproveitam a oportunidade para pedir comida. Tais pedidos raramente são negados, exceto quando é impossível, apesar de algumas famílias tomarem medidas para esconder seus estoques de alimentos de pessoas de outras casas para que estas não sejam estimuladas a pedir (Flowers, 1983b). Como foi descrito acima, indivíduos também se envolvem no trabalho nas roças de outros domicílios na expectativa de receber algo em troca (vide Parte 3.1.4.). Essas trocas são parte da moral Xavante de reciprocidade, segundo a qual a oferta de presentes é altamente valorizada e o recebimento dos mesmos traz consigo a responsabilidade do retorno em algum momento futuro (James R. Welch, dados inéditos). O resultado dessa dinâmica social implica em fluxo constante de alimentos e outros bens entre os domicílios aparentados ou com outras formas de laços sociais.

A divisão de alimentos ocorre também em uma série de contextos sociais formais. Por exemplo, a carne obtida durante uma caçada coletiva pode estar associada a cerimônias de casamento ou rituais de iniciação (vide Partes 3.1 e 5). Caçadas coletivas freqüentemente produzem grandes quantidades de carne, que são cuidadosamente distribuídas para toda a comunidade (Figura 3.5). De modo geral, os mais jovens caçam e pescam para realizar atividades cerimoniais secretas, o que ocorre em locais distantes das aldeias. Nesses contextos, os homens jovens reservam uma quantidade da sua produção para os seus mentores (James R. Welch, dados inéditos). Outro contexto no qual a divisão de alimentos é institucionalizada refere-se às cerimônias nas quais crianças são pintadas pelos irmãos de suas mães (*danhorebzu'wa*). Depois de serem pintadas, as crianças recebem grandes bolos de milho, que são levados às suas casas. Nesse ritual, uma relação especial é criada entre o tio e os sobrinhos, no qual os tios tornam-se pais categóricos e, posteriormente, padrinhos nas cerimônias matrimoniais. A divisão de alimentos também

ocorre em rituais espirituais (*wai'a*), quando os iniciados presenteiam os seus guias espirituais com uma variedade de alimentos. Nesse contexto, as comidas preferidas como presentes são tubérculos silvestres e bolos de milho, mas outros itens também podem ser ofertados.

Outra forma de divisão de alimentos ocorre quando uma aldeia recebe contribuições de fora, por exemplo, da FUNAI ou de comerciantes locais. Quando isso ocorre, a comida é disposta de modo proeminente no centro da aldeia e é cuidadosamente repartida entre os domicílios.

Figura 3.5. Carne de caça, produto de caçada coletiva, sendo distribuída para a comunidade, TI Pimentel Barbosa, 2006.



Foto: James R. Welch

A prática de abrir roças domésticas, como foi descrito acima (Parte 3.1.4.), permanece como importante na economia atual dos Xavante de Pimentel Barbosa e Wedezé. Algumas aldeias, contudo, cultivam roças coletivas. Nos tempos atuais, atividades agrícolas coletivas restringem-se às lavouras mecanizadas de arroz, cultivadas com auxílio da FUNAI e outros recursos externos. Apesar desses campos serem limpos,

semeados e colhidos com suporte externo, grande parte do trabalho é feito por membros da aldeia (James R. Welch, dados inéditos). Particularmente durante as safras, grupos de pessoas dirigem-se às plantações para colher e ensacar o arroz. Esses grupos de trabalho são freqüentemente organizados nos conselhos de homens e incluem grupos de homens jovens e mulheres (Figura 3.6). O arroz produzido nessas áreas de plantio comunitário é então distribuído entre as famílias, complementando a produção das roças familiares, particularmente no final da seca, quando as reservas domésticas de alimento estão reduzidas.

Figura 3.6. Trabalho coletivo de ensacar arroz produzido em uma lavoura comunitária, TI Pimentel Barbosa, 2006.



Foto: James R. Welch

Outro aspecto importante da economia tradicional é o *trekking*, a prática de grupos de famílias viajarem para longe de suas aldeias em expedições de caça e coleta prolongadas (Maybury-Lewis, 1984 [1967]). Essa prática é conhecida na língua Xavante como *zōmori* ou, no caso de expedições envolvendo exclusivamente homens, *hōmono* (vide Parte 3). No passado, como já indicado, a maior parte da comunidade se deslocava por vastas áreas em determinados períodos do ano, quando passavam semanas ou meses longe da aldeia principal. Todavia, eles mantinham uma aldeia principal onde se reuniam na época do plantio e após a colheita. Segundo Maybury-Lewis (1984 [1967]: 99),

“Não raro a comunidade divide-se em grupos que tomam inicialmente



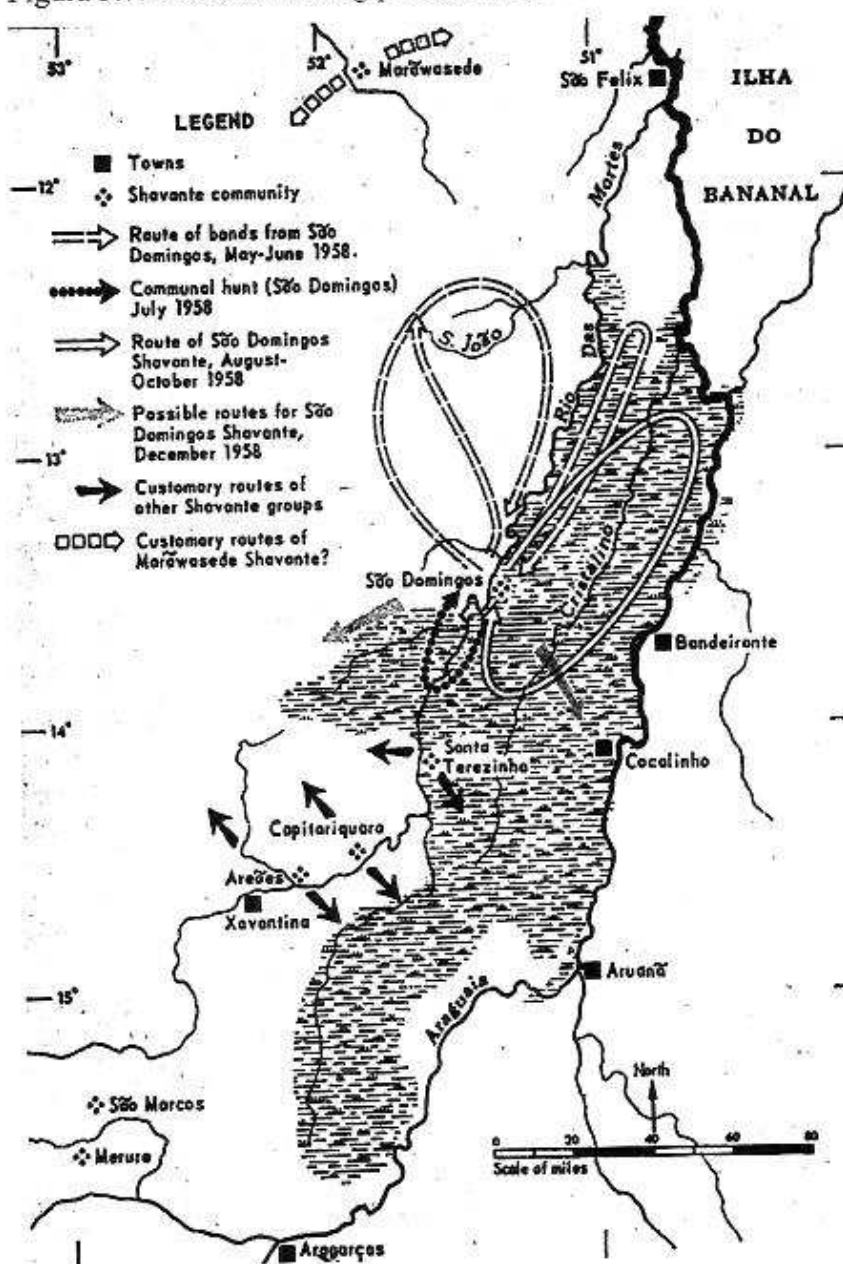
0030/11
153
Jenne

direções diferentes mas que voltam a se reunir depois de um pequeno intervalo... De modo geral, é possível dizer que o território de uma determinada comunidade era a área que ela conseguia explorar nas suas andanças, durante o espaço de um ano."

Ainda segundo esse autor, conforme já sinalizado na Parte 1 deste relatório, quando os Xavante viveram em Wedezé nos anos 1950, as excursões eram combinadas por ocasião das reuniões do conselho dos homens (*warã*) e duravam entre seis semanas a quatro meses, com muitas pessoas passando boa parte do ano longe da aldeia principal (Maybury-Lewis, 1984 [1967]). A Figura 3.7 mostra as rotas de *trekking* usadas por moradores de Wedezé, segundo mapa preparado por Maybury-Lewis, referente ao ano de 1958. Nesse ano, seis diferentes grupos familiares deixaram Wedezé partindo nas seguintes direções: (1) rumo nordeste, seguindo a margem direita do Rio das Mortes até próximo do ponto no qual o Rio Cristalino encontra o Rio Araguaia; (2) também rumo nordeste, cruzando o Rio Cristalino para até próximo do extremo sul da Ilha do Bananal; (3) para o sudeste, na direção de Cocalinho; (4) para o sudoeste, após cruzar o Rio das Mortes; (5) para o noroeste, após cruzar o Rio das Mortes e alcançando o Rio São João e (6) também para o noroeste, rumo a Marãiwasede.

A Figura 3.8 apresenta, de forma combinada, os dados sobre as rotas de *trekking* registradas por Maybury-Lewis para o ano 1958, com aqueles obtidos a partir de entrevistas realizadas entre outubro de 2009 e julho de 2010, para o período 1956-1972. Esse mapa indica, de forma evidente, um aspecto freqüentemente enfatizado pelos velhos – segundo eles, quando viviam em Wedezé, toda a área era utilizada durante as excursões de *trekking*. Muitas dessas excursões ultrapassavam os limites da área de Wedezé propriamente, fosse ao sul, ao norte, ao leste e ao oeste. Segundo as entrevistas, as excursões realizadas na região de Wedezé sempre seguiam as cabeceiras dos rios, onde a diversidade de alimentos e outros recursos é maior. Ao acampar nessas áreas, as mulheres tinham maior acesso aos vários produtos da coleta valorizados pelos Xavante. Considerando o objetivo dos homens de realizar caçadas coletivas durante as excursões, por vezes saíam dos acampamentos e rumavam em direção aos campos localizados nos interflúvios, com vistas a aproveitar a abundância da caça lá existente.

Figura 3.7. Rotas de *trekking* percorridas pelos Xavante de Wedezé em 1958.



Fonte: Maybury-Lewis (1984 [1967]: 100).

Essa priorização resultou em diversos padrões de movimentação em Wedezé. Primeiro, muitas excursões eram iniciadas com os grupos se dirigindo para a região mais ao norte, ao longo da margem direita do Rio das Mortes. Nesse caso, o retorno se dava por diferentes rotas pelo leste e sudeste, sempre cruzando rios e áreas de palmais, brejos, ipucas ou matas secas. Outras rotas dirigiam-se para o sul e sudeste, retornando pelo leste ou oeste. Como indicado pelos velhos durante as entrevistas, mudanças nas rotas podiam acontecer face à disponibilidade de caça e das plantas que os Xavante tinham interesse em coletar. Essas decisões faziam com que as rotas fossem planejadas de modo a cruzar rios

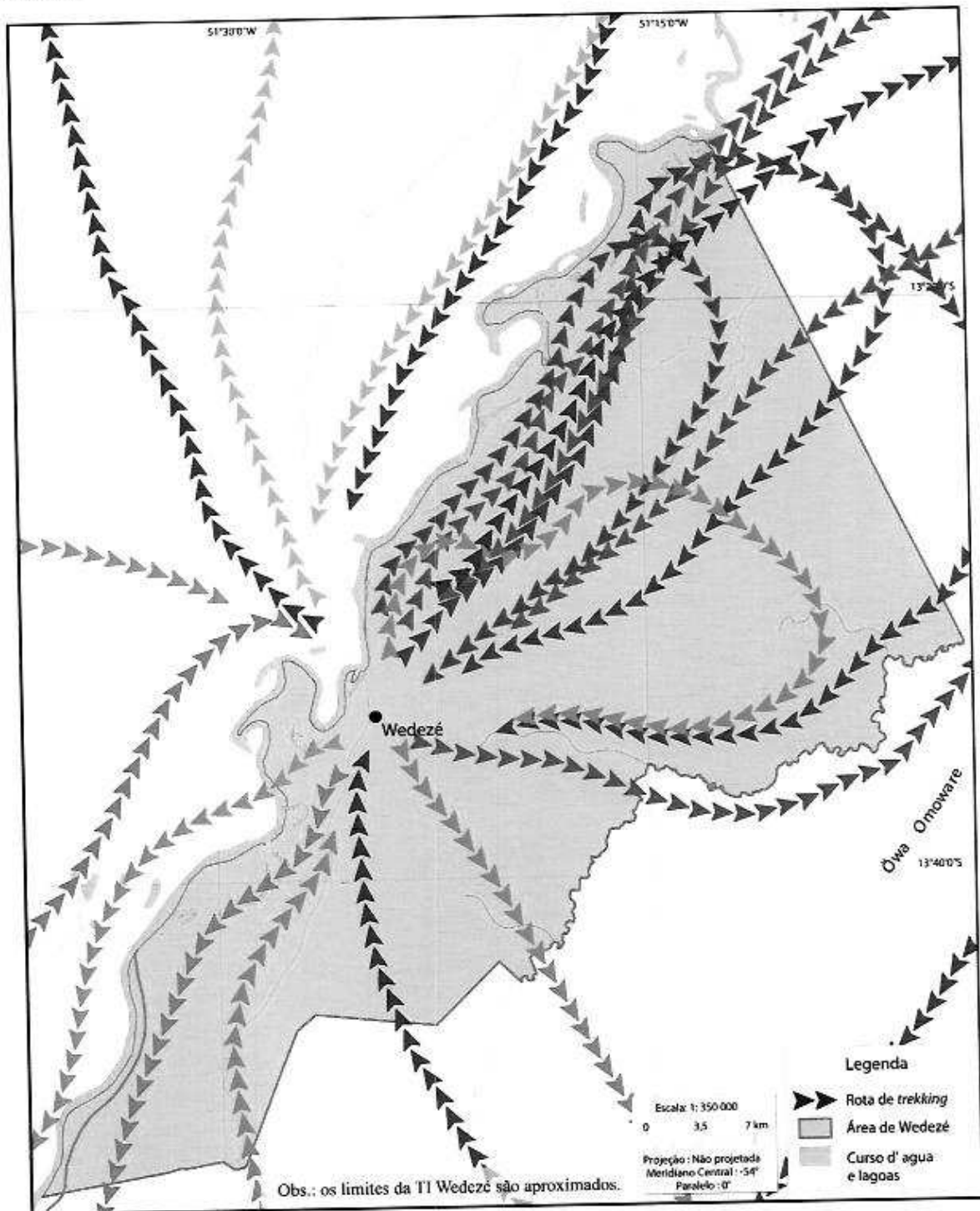
ou campos de murundu. Era comum atravessar os rios das Mortes, Água Preta e Cristalino durante essas excursões de *trekking*. Os recursos existentes, assim como os acampamentos visitados, continuam até hoje a ser reconhecidos pelos Xavante. Isso porque as excursões envolviam repetidas visitas a certos locais em diferentes estações do ano e em diferentes anos. Como descrito na Parte 2, a maioria das atuais aldeias Xavante estão situadas em locais que, no passado, eram utilizados para acampamentos.

Na maior parte dos casos, a seqüência de locais onde se acampava durante as excursões seguia um padrão comum, baseado no conhecimento quanto aos recursos lá existentes e também no tempo necessário para que as famílias ou os grupos de homens viajassem entre eles. Para dar um exemplo a partir da margem esquerda do Rio das Mortes, uma seqüência comum de locais de acampamento durante excursões de *trekking* que partiam de Wedezé era a seguinte: (1) um local às margens do Ribeirão Água Amarela (Figura 0.1), (2) o local onde atualmente se situa a aldeia Caçula (Figura 2.1), (3) o local onde existiu no passado uma aldeia chamada Asereré (Figura 1.8), (4) o local onde se localiza a atual aldeia de Pimentel Barbosa (Figura 2.1) e (5) o local onde se situa a atual aldeia de Wederã (Figura 2.1).

Tradicionalmente, essas expedições constituíam um aspecto importante na economia Xavante porque permitiam que famílias obtivessem recursos alimentares presentes em abundância em épocas específicas e em locais dispersos pelo território (Maybury-Lewis, 1984 [1967]). Isso era especialmente importante em épocas do ano quando os produtos agrícolas não estavam disponíveis. No passado, o *trekking* teve conseqüências importantes para a composição populacional das aldeias e das formas de atividades produtivas praticadas. Por exemplo, a população das aldeias era altamente variável dependendo da época do ano. Durante o período de colheita, quando muitas cerimônias importantes eram feitas, as aldeias estavam geralmente com uma população maior. Em outras épocas, quando a maior parte das famílias estava fora praticando *trekking*, ficavam com menos pessoas. O *trekking* também resultou em uma forma de territorialidade particular. Já na fase de expansão das frentes demográficas e econômicas não indígenas, enquanto que vastas áreas de cerrados da região eram rapidamente substituídas por pastagens e agroindústria, a população Xavante protegia ativamente seu território de invasões externas. Por essa razão, o *trekking* foi associado à reputação de "ferocidade" que impediu ou limitou a instalação de colonos e fazendeiros no leste mato-grossense até meados do século XX (vide Parte 1). Nas últimas décadas, a freqüência da prática de *trekking* diminuiu devido ao fato de que os Xavante de Pimentel Barbosa e

Wedezé experimentaram um processo de sedentarização associado a um conjunto de fatores históricos e socioeconômicos, o que é discutido em maior detalhe na próxima seção.

Figura 3.8. Rotas de *trekking* percorridas pelos Xavante de Wedezé entre as décadas 1950 e 1970.



Obs.: Diferentes cores são utilizadas para indicar rotas específicas. Cada rota originou-se da aldeia histórica de Wedezé e para lá retornou.

Fontes: Maybury-Lewis (1984 [1967]: 100) e entrevistas concedidas pelos velhos da TI Pimentel Barbosa e da aldeia Wedezé entre outubro de 2009 e julho de 2010.

3.2.2. Alterações ocorridas a partir do contato com a sociedade envolvente

Uma breve revisão acerca da forma como se deu a “pacificação” e subsequente assentamento dos Xavante é de fundamental importância para se entender o atual padrão de territorialidade e economia dos Xavante. Historicamente, a alta mobilidade dos Xavante, levando-os a explorar grandes extensões territoriais, era vista como um dos principais desafios para o sucesso de uma política indigenista que almejava assentar os indígenas em territórios circunscritos e liberar o restante da terra para a colonização. A agricultura era vista como a principal estratégia através da qual os Xavante poderiam vir a ser convencidos a abandonar seus costumes “nômades” e a permanecer dentro dos limites de um território pré-definido e demarcado pelo órgão indigenista. Segundo Maybury-Lewis (1984 [1967]: 94),

“O Serviço de Proteção aos Índios tentou insistentemente persuadir os Xavante a cultivar outras plantas, especialmente o aipim (macaxeira), arroz e bananas. As razões para esse procedimento são facilmente identificáveis: enquanto os Xavante continuassem sua existência nômade eles não explorariam satisfatoriamente, do ponto de vista econômico, seu território. Eles ocupavam uma extensão de terra que poderia sustentar um número bem maior de agricultores. Estava claro que, com o passar do tempo, essa região do Mato Grosso seria aberta à colonização e que os Xavante teriam de enfrentar o problema de sobreviver numa fração de seu território original. Se pudessem ser induzidos a incorporar a agricultura, teriam a vantagem de poder se adaptar, aos poucos, a uma situação inevitável; além disso, a tarefa de administrá-los seria bem mais fácil.”

No que pese os investimentos iniciais do SPI, foram necessárias algumas décadas após a “pacificação” para que os Xavante efetivamente iniciassem o processo de sedentarização das aldeias, passando a habitar um mesmo local durante a maior parte do ano e a fixar suas aldeias de maneira quase permanente, geralmente próximas a um posto indígena ou missão. Segundo Silva (1992), a década de 1960 foi um período no qual os Xavante absorveram os impactos do contato, foram expostos à rotina diária das missões e postos governamentais e acostumaram-se a usar produtos industrializados.

As décadas de 1960 e 1970 não foram apenas as imediatamente subsequentes ao contato permanente dos Xavante, mas também aquelas quando o Governo Federal deu início e efetivamente implantou uma série de programas planejados para desenvolver o leste de Mato Grosso. Esses programas envolveram basicamente a construção de rodovias e intensificação da migração, associados ao estabelecimento de projetos agrícolas e de colonização que mudaram definitivamente a cartografia da região. Foram implantados

0030/11
169
Gerson

núcleos urbanos de apoio rural que, gradativamente, transformaram-se nas principais cidades que hoje exercem influência sobre a vida dos Xavante de Pimentel Barbosa e Wedezé – Água Boa, Canarana e Ribeirão Cascalheira, dentre outras (Jepson, 2006; Oliveira, 1981; Santos, 1993).

As atuais terras Xavante foram demarcadas no fim da década de 1960 e início da década de 1970, em meio as essas rápidas e profundas transformações sociais. Não é de se surpreender que esse tenha sido um período de intensas disputas e generalizada especulação fundiária. Fortes interesses econômicos estiveram envolvidos nesse processo. Ao final, os territórios destinados à ocupação pelos grupos Xavante foram limitados a pequenas frações de terra isoladas umas das outras, ao passo que as terras em volta das missões e postos do SPI eram compradas e ocupadas por colonos e fazendeiros, alguns desses somando milhares de hectares (vide Parte 1 deste relatório para um detalhamento sobre essas disputas e impactos sobre a extensão das terras indígenas).

Devido aos anos de negligência que permitiram que fazendeiros adquirissem grandes extensões de terras dentro do território tradicional Xavante, quando a FUNAI deu início ao processo demarcatório, os resultados não agradaram tanto os índios como os proprietários de terra não indígenas. Por um lado, os fazendeiros alegavam que as reservas subtraíam “terras produtivas” ao Estado de Mato Grosso. Por outro lado, os índios reclamavam que as áreas que haviam sido demarcadas não eram adequadas ou suficientes para sua sobrevivência, além de não incluírem áreas tradicionais onde se localizavam aldeias antigas, cemitérios e outros sítios de valor histórico, cultural e cosmológico.

Fruto desse processo, os Xavante de Pimentel Barbosa e Wedezé experimentaram grandes mudanças na sua ecologia e subsistência entre as décadas de 1970 e 90 (Coimbra et al., 2002). Essas mudanças estiveram intimamente associadas a processos sócio-econômicos e políticos que ocorriam em nível nacional naquele período. O leste de Mato Grosso era um alvo importante dessa política (Brandford e Glock, 1985; Hees et al., 1987; Menezes, 1982; Oliveira, 1981). Vários programas de colonização, financiados pelo capital privado, foram implementados com amplo apoio do governo, por meio de crédito e incentivos fiscais. Como resultado dessa expansão, a população de Barra do Garças, cidade mais importante da região, teve um crescimento superior a dez vezes entre meados da década de 1960 e final da década de 80, passando de 14 mil para 150 mil habitantes (Menezes, 1982). A região tradicionalmente habitada pelos Xavante, que nos primórdios da colonização esteve dominada pela pecuária extensiva e agricultura de

subsistência, em poucos anos tornou-se um pólo de desenvolvimento econômico calcado na agricultura comercial de grande escala (Jepson, 2006).

No final da década de 70, técnicos da FUNAI em Brasília elaboraram o “Plano de Desenvolvimento Integrado para a Nação Xavante,” o qual ficou conhecido como “Projeto Xavante” (Coimbra et al., 2002; Garfield, 2001; Graham, 1995). As repercussões deste projeto foram profundas e duradouras na economia indígena. O “Projeto Xavante” foi uma manifestação da ideologia desenvolvimentista que predominou no Brasil nas décadas de 1970 e 80.

O objetivo dessas iniciativas, alinhadas com as políticas governamentais e desenvolvimento econômico que ocorriam no leste do Mato Grosso, era transformar os Xavante em grandes produtores de arroz, através da agricultura mecanizada. A estratégia Xavante de subsistência, baseada na exploração extensiva do cerrado sem almejar a produção de excedentes, era considerada incompatível com os processos econômicos que ocorriam na região, direcionados para a agricultura de escala comercial. Com isso, em poucos anos, a economia Xavante transformou-se radicalmente, passando a requerer investimentos maciços em sementes, fertilizantes e pesticidas, bem como máquinas com alto custo de manutenção.

O “Projeto Xavante” foi provavelmente mais ambicioso em extensão e escala que qualquer outro projeto elaborado pela FUNAI no início dos anos 70. Os antropólogos que testemunharam as várias fases do projeto nas terras indígenas Xavante referem-se a ele como “colossal” (Graham, 1995: 44), envolvendo “investimentos altíssimos” (Lopes da Silva, 1992: 376). Maybury-Lewis, que visitou várias terras indígenas Xavante em uma época em que o projeto estava em plena atividade, escreveu: “O Projeto Xavante é inquestionavelmente o projeto de desenvolvimento mais ambicioso já empreendido nos últimos anos pela FUNAI em benefício de um único grupo indígena” (Maybury-Lewis, 1985: 77).

Entre 1980 e 1985, o “Projeto Xavante” estava no auge. A rápida proliferação de novas aldeias nas terras indígenas Xavante nessa época foi, em parte, o resultado das condições criadas pelo Projeto. Uma nova aldeia poderia reivindicar um “projeto” próprio, com um trator, um caminhão e salários (Graham, 1987). Mas se se imaginou nos gabinetes de Brasília que o projeto manteria os líderes Xavante em suas aldeias, envolvidos nas plantações de arroz, ocorreu algo bastante diverso. Os líderes Xavante se deslocavam freqüentemente para Brasília, fazendo constantes exigências à administração da FUNAI, que na época atravessava um período crítico de instabilidade.

0030/11
161
Lemne

Não demorou muito para que o Projeto mostrasse sinais de que não iria tornar os Xavante economicamente autônomos. Ao contrário, ficou evidente que, para continuar em operação, o programa requeria subsídios constantes. Uma das razões do fracasso foi que o Projeto não forneceu aos Xavante a preparação técnica necessária para administrar um empreendimento que exigia conhecimento de finanças, *marketing* e agricultura mecanizada em larga escala.

A conclusão a que a maioria dos observadores chegou com relação ao “Projeto Xavante” é a de que este não foi apenas um desastre econômico, mas trouxe também conseqüências sociais não previstas para as comunidades envolvidas. Uma conseqüência direta do Projeto Xavante foi a incorporação do arroz como alimento básico na economia do grupo, apesar de não ter logrado a auto-suficiência econômica. Particularmente nos anos 1970 e 1980, mas também nos dias de hoje, a produção de arroz passou a se constituir em uma das principais atividades produtivas das famílias Xavante. Tanto naquela época quanto agora, quando arroz é produzido na TI Pimentel Barbosa exclusivamente para consumo indígena, trata-se de um item básico na maioria das refeições, por vezes consumido sem quaisquer outros itens oriundos da caça, pesca, coleta ou agricultura tradicionais. Essa mudança fundamental no padrão alimentar resultou na emergência de graves problemas de saúde, incluindo a desnutrição em crianças, a obesidade em adultos, o aumento dos níveis tensionais e surgimento de casos de hipertensão, diabetes e outras doenças crônicas (Coimbra et al., 2002; Welch et al., 2009). Uma das principais razões dos Xavante de Pimentel Barbosa e Wedezé buscarem a reintegração efetiva da terra de Wedezé é para potencializar seu acesso aos recursos silvestres ali abundantes (caça, peixes, frutos, etc) (vide Parte 4).

O Projeto Xavante ocorreu em conjunção com outras importantes mudanças políticas e socioeconômicas que, somadas, resultaram em um estilo de vida mais sedentário para os Xavante de Pimentel Barbosa e Wedezé. Em curto prazo, o projeto estimulou maior acesso a fontes de recursos financeiros e maior participação na economia de mercado, assim como a intensificação do envolvimento dos homens em atividades políticas externas a TI Pimentel Barbosa, tanto nos níveis regional como nacional. Nessa ocasião, os limites atuais dessa TI tinham sido estabelecidos há pouco tempo e se encontravam em processo de homologação, o que contribuiu para consolidar o padrão de circunscrição territorial dessa TI pelas fazendas. Além disso, durante esse período, a FUNAI disponibilizou atendimento básico de saúde nos postos indígenas e amplo acesso a bens industrializados. Esses e outros fatores de cunho histórico deflagaram um longo

0036/11
162
fmm

processo de transição que tendeu a distanciar os Xavante do padrão de mobilidade que caracterizou os períodos pré- e imediatamente pós-contato. A prática do *trekking* tornou-se menos freqüente conforme as pessoas tendiam a permanecer em suas aldeias e nas proximidades dos postos da FUNAI. Os Xavante também passaram a utilizar cada vez mais veículos motorizados para viajarem tanto no interior como além dos limites da TI. Com a falência do Projeto de Arroz, os Xavante vivenciaram situações de grande dificuldade, pois, de uma hora para outra, ficaram sem maquinário e insumos agrícolas para darem continuidade às atividades de agricultura intensiva. De certa forma, observa-se que, na década de 1990, houve uma certa retomada das atividades de caça e coleta, porém não necessariamente nos mesmos níveis que antes (Santos et al. 1997). No presente, observa-se que a tendência à sedentarização tem contribuído para a redução da diversidade da alimentação e diminuição dos níveis de atividade física, o que tem tido impacto negativo sobre a saúde da população. Estudos recentes têm apontado para a emergência de obesidade, hipertensão e diabetes mellitus como importantes desafios de saúde que os Xavante terão que lidar nas próximas décadas (Coimbra et al. 2002; Welch et al. 2009). Entre os mais jovens, a tendência à sedentarização restringiu o acesso a locais, dispersos no território, onde existem importantes recursos naturais, desse modo impactando negativamente na reprodução intergeracional de saberes culturalmente relevantes referentes ao ambiente.

Outra consequência do Projeto Xavante foi o aumento no faccionalismo, resultando na intensificação do processo de divisão de aldeias e no aparecimento de um número crescente de comunidades relativamente pequenas (Graham, 1987, 1995; Lopes da Silva, 1992). O modo como o Projeto foi implementado incentivou líderes emergentes a fundar suas próprias aldeias com o objetivo de receber benefícios diretamente da FUNAI. O número de aldeias reconhecidas pela FUNAI saltou de 16 em 1980 para 35 em 1985. Cinco dessas 35 tinham menos de 30 habitantes (Graham, 1995). Na TI Pimentel Barbosa surgiram duas novas aldeias (Caçula e Tanguro) nesses anos (vide também Parte 1 sobre esta questão).

Na década de 90, houve um visível recuo da presença da FUNAI nas terras Xavante. Esse fato coincidiu com amplos realinhamentos políticos no nível federal, que se deram ao longo dos anos 90 e que incluíram a redução do quadro administrativo, descentralização, redução da participação do Estado na economia e liberalismo econômico. Os programas assistenciais da FUNAI foram seriamente afetados por essa reorganização. Com o orçamento reduzido, os postos indígenas foram abandonados e a

pouca assistência nas áreas de educação e saúde que a FUNAI oferecia foi praticamente suprimida (Coimbra et al., 2002).

3.3. Relações sócio-econômico-culturais com outros grupos indígenas e com a sociedade envolvente

A partir da segunda metade da década de 1980, verifica-se um envolvimento crescente das lideranças Xavante na política nacional, inclusive por ocasião da realização da assembléia constituinte, com a promulgação da constituição de 1988 (Juruna et al., 1982; Souza et al., 1981). Durante a assembléia, a presença de um efetivo *lobby* indígena, constituído em sua maior parte de índios Kayapó e Xavante ritualisticamente pintados e adornados, manteve presente na mídia a questão dos direitos indígenas. Segundo Ramos (1998), a eficácia desse *lobby* deveu-se grandemente aos esforços da UNI (União de Nações Indígenas), uma organização fundada em 1980 por Ailton Krenak e um grupo de lideranças jovens que incluíam representantes de diversas terras indígenas Xavante. No bojo dessa militância política, em 1988 foi fundada a Associação dos Xavante de Pimentel Barbosa.

Com o fracasso do projeto de cultivo mecanizado de arroz em meados da década de 1980, bem como as mudanças estruturais na provisão de serviços públicos para as populações indígenas, as diversas comunidades Xavante começaram a buscar alternativas para sua histórica dependência da FUNAI. Um resultado foi que os Xavante, a partir da participação de um conjunto de jovens que saíram da terra indígena nas décadas de 1970 e 1980 para estudar em cidades no interior de São Paulo, se envolveram com ONGs nacionais e internacionais, especialmente as que apóiam culturas indígenas e programas ambientais (Franca, 2007)²⁶. Ao retornarem, eram jovens não apenas alfabetizados e fluentes em português, como também com crescentes ligações nacionais e internacionais, que se empenharam na divulgação da cultura Xavante. Esse realinhamento comparou-se ao que acontecia em outras regiões da Amazônia, onde havia uma presença crescente de ONGs promovendo programas de proteção ambiental associados a desenvolvimento comunitário.

O padrão de subsistência observado em Pimentel Barbosa a partir dos anos 1990 foi particularmente influenciado pelo fluxo de dinheiro oriundo de salários e pensões da

²⁶ Para mais detalhes sobre esse processo, vide Coimbra et al. (2002: 88-93).



0030711
164
J. J. J.

previdência social. Na época do Projeto Xavante, alguns Xavante se tornaram funcionários da FUNAI, nas funções de motorista, tratorista, assistente administrativo ou encarregado do posto indígena, e muitos ainda mantêm esses cargos. No presente, há um conjunto expressivo de idosos recebendo aposentadorias. Esses recursos possibilitam aos Xavante a compra de produtos manufaturados aos quais se habituaram e que hoje são necessários à sua vida cotidiana.

No final dos anos 1990, os caciques, alguns dos quais eram aqueles jovens que haviam estudado fora, continuaram a estabelecer relações com indivíduos e instituições em níveis nacional e internacional. Assim, foram desenvolvidos diversos projetos voltados para a questão ambiental, alguns dos quais com desdobramentos até o presente. O lançamento, em 1994, pela Quilombo Música e Warner Music Brasil, de *Etenhiritipá*, um CD de músicas Xavante, levou a uma sessão de gravação na aldeia de Pimentel Barbosa, então também conhecido como Etênheritipá, com o grupo de rock Sepultura, o que obteve muita publicidade (Almudena, 1995; Anônimo, 1995; Vianna, 1996). Em 1992, a aldeia de Pimentel Barbosa hospedou, por duas semanas, um grupo de adolescentes alemães cuja visita foi patrocinada por uma revista ambientalista de circulação nacional (Pappiani, 1992).

Em 1997, os Xavante da aldeia de Pimentel Barbosa, com a assistência do Núcleo de Cultura Indígena (NCI), produziram um livro, *Wamrême Za'ra: Nossa Palavra* (Seruburã et al., 1998), para lembrar à sua maneira os 50 anos desde o contato às margens do Rio das Mortes. Jovens da comunidade, alfabetizados em ambas as línguas, gravaram e traduziram mitos Xavante e reminiscências dos mais velhos do tempo do contato (Sereburã et al., 1998). Ao mesmo tempo, uma mostra em São Paulo incluiu fotografias da "pacificação" dos Xavante em 1946, do acervo do Museu do Índio, no Rio de Janeiro. Essas fotos históricas, juntamente com outras recentes tiradas na comunidade, constam do livro. O NCI também produziu um vídeo que tenta apresentar a história do contato do ponto de vista dos participantes (Pereira, 1997).

Essas primeiras publicações deram início a uma grande produção cultural das aldeias da TI Pimentel Barbosa na década de 2000. Em colaboração com artistas e outras organizações (não-governamentais e governamentais), as diferentes comunidades lançaram diversos produtos nos mercados nacional e internacional que divulgaram aspectos da cultura Xavante para o público. Na área de filmagem, foram produzidos documentários sobre os rituais espirituais (Waiassé e Prodoti, 2005), as estratégias da comunidade para lidar com a sociedade nacional (Franca, 2007), a alimentação

0030/11
165
femine

tradicional (Xavante e Parinaí'á, 2007) e a vida das mulheres (Abreu e Flória, 2010; Flória, 2008), entre outros. Entre as diversas apresentações e exposições que foram realizadas nesse período, vale mencionar que, para comemorar o Dia do Índio em 2005, o Museu do Índio/FUNAI promoveu a exposição "A'urê Xavante: Múltiplos Olhares" em colaboração com a aldeia Pimentel Barbosa. Membros das comunidades também têm se envolvido nas artes cênicas como consultores e atores, como na peça de 2004, *In My Dream, I Start Walking*, dirigida por Jean Lambert-Wild. Mais recentemente, segundo depoimentos colhidos na TI Pimentel Barbosa, jovens Xavante também estariam participando como atores do filme *Xingu*, dirigido por Cao Hamburger, que se encontrava em fase de produção na época. Essas diversas produções culturais recentes ilustram que os Xavante da TI Pimentel Barbosa e da área de Wedezé estão se diversificando economicamente, priorizando a cultura tradicional e sua divulgação junto ao público brasileiro.

4. QUARTA PARTE: MEIO AMBIENTE

4.1. Introdução

4.1.1. Clima

Não é possível obter dados meteorológicos e climáticos específicos para a região de Pimentel Barbosa e Wedezé face à inexistência de estação meteorológica na área. No entanto, é razoável admitir que o clima dessa região se comporta como no restante da planície interfluvial Mortes-Araguaia.

A temperatura média anual na região é de 20-22°C e as médias das temperaturas máximas no mês mais quente, setembro, podem atingir 30-36°C. Nos meses mais frios (junho-julho), as médias de temperatura diária variam entre 15-24°C (máxima) e 8-18°C (mínima) (Gonçalves et al., 1993; Nimer, 1977, 1979).

A média pluviométrica anual na região varia de 1.750 mm a 2.000 mm. As chuvas, entretanto, não são distribuídas uniformemente ao longo do ano. Assim como em outras áreas da região Centro-Oeste, as estações são divididas em um período chuvoso (dezembro-fevereiro) e outro seco (maio a agosto). Nos meses mais secos, a média pluviométrica se reduz para 10-30 mm ou menos (Eiten, 1972, 1994; Nimer, 1977, 1979). Apesar da curta duração da estiagem, esta deixa suas marcas na paisagem, conforme observa o botânico Aylthon B. Joly,

“Toda a vegetação herbácea e arbustiva baixa em geral seca e desaparece. As gramíneas ficam com folhas e colmos esturricados, com cor amarelo-dourada característica. Os arbustos esparsos perdem suas folhas, os ramos secos persistem.” (1970)

4.1.2. Relevo, solos e hidrografia

O relevo da região da TI Pimentel Barbosa e a área de Wedezé é marcado por duas formações principais. No sentido norte-sul, e principalmente na área atualmente demarcada da TI Pimentel Barbosa, destaca-se a Serra do Roncador, com predomínio de relevo levemente ondulado, intercalado por formas dissecadas tabulares (chapadões) e escarpas íngremes (Askew Moffat et al., 1970). A altimetria oscila entre 300 a 400 m nos pontos mais altos, situados a oeste da terra indígena. Essa serra constitui importante divisor de bacias hidrográficas, pois os rios que aí nascem e seguem para o oeste compõem a Bacia do Rio Xingu, enquanto que os que rumam para o leste alimentam a

Bacia do Rio Araguaia (Innocêncio, 1977; Moreira, 1977).

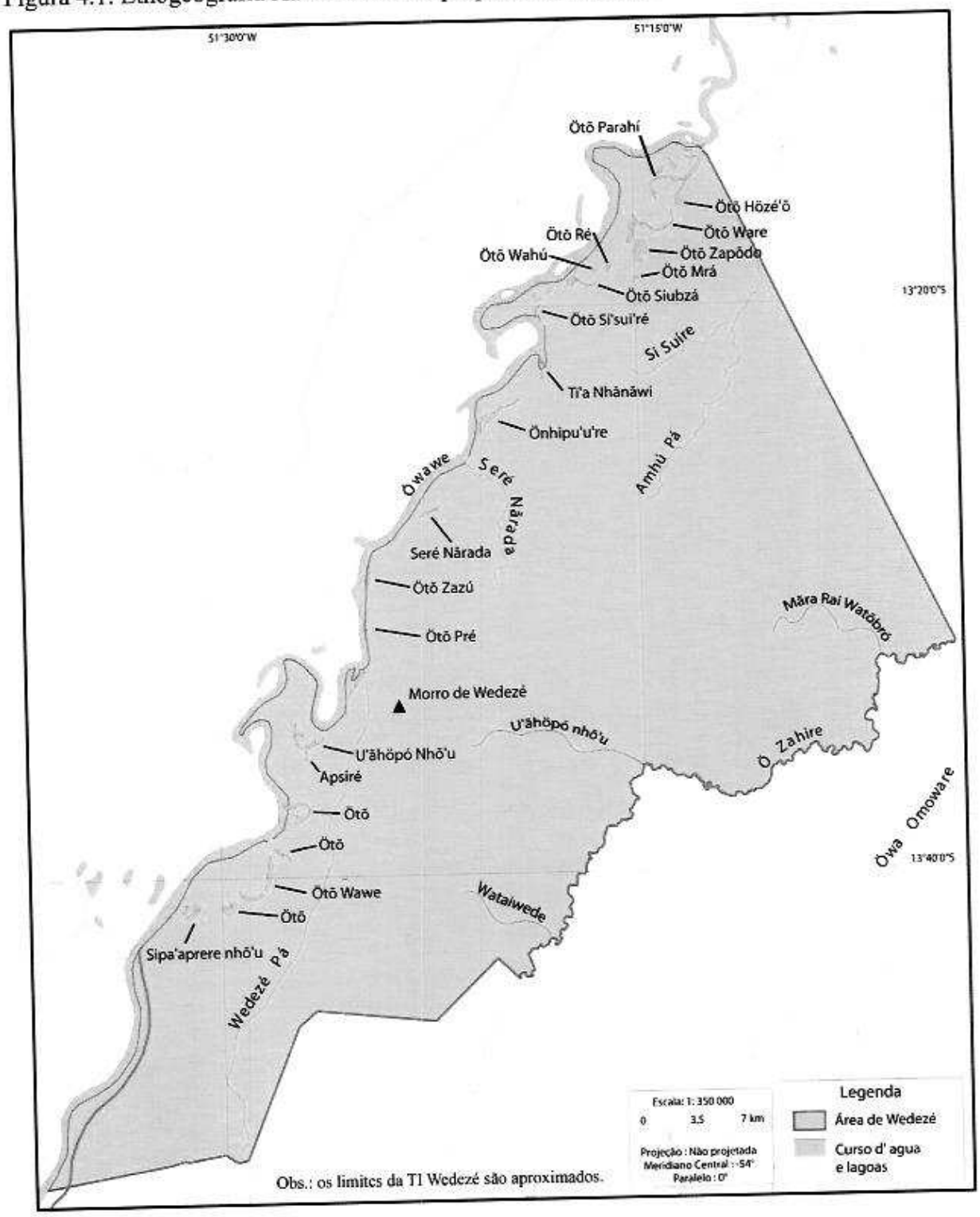
A segunda formação geológica que se destaca na região é a Depressão do Araguaia, onde se situa a vasta planície sedimentar do Araguaia (ou do Bananal), também conhecida como Pantanal Mortes-Araguaia ou, simplesmente, Pantanal do Araguaia. Essa planície caracteriza-se pela regularidade do relevo, com altitudes que variam entre 200 a 300 m (Innocêncio, 1977; Moreira, 1977; Regis, 1993). Apresenta ainda complexa rede de drenagem, que inclui inumeráveis córregos e rios que carregam variável volume d'água, típico de planícies fluviais.

Em relação à região da TI Pimentel Barbosa e Wedezé, essa planície localiza-se no limite leste da terra indígena atualmente demarcada, acompanhando ambas as margens do Rio das Mortes e se estendendo para o leste em direção ao Rio Araguaia. Portanto, trata-se de relevo dominante na área de Wedezé, vindo a exercer grande influência sobre a vegetação.

Dentre os rios que se destacam na etnogeografia Xavante, seja por motivos históricos ou ecológico-econômicos, figuram os rios Curuá ou Sujo (Höpöre Pá em Xavante), Água Amarela (Nörösupré Pá), Riozinho (Uzöhuiré) e Corixão (Etêzaitipá), todos afluentes da margem esquerda do Rio das Mortes (Öwawe). Vale mencionar que os rios Curuá e Corixão estabelecem os limites sul e norte, respectivamente, da TI Pimentel Barbosa. Ao leste do Rio das Mortes, na área de Wedezé, vale destacar o Rio Água Preta (Ö Zahire), afluente da margem direita do Rio Cristalino (Öwa Omoware), que por sua vez deságua na margem direita do Rio das Mortes, há vários quilômetros de distância ao norte de Pimentel Barbosa e Wedezé (vide Figura 4.1). O Corixo São Domingos (Wedezé Pá) assume relevância na história do contado pois, próximo à sua desembocadura no Rio das Mortes, localizavam-se o antigo posto do SPI e a aldeia que foi instalada após o contato. Finalmente, em relação ao Rio das Mortes propriamente dito, vale frisar que este constitui um curso d'água de fundamental importância para os Xavante, tanto do ponto de vista cerimonial como econômico. Tanto o curso principal do Rio das Mortes quanto as muitas lagoas situadas em ambas as margens são continuamente utilizadas pelos Xavante para os fins de subsistência e obtenção de matérias-primas, principalmente penas, para a confecção de artefatos de uso cotidiano e ritual (vide Partes 4.3 e 5).



Figura 4.1. Etnogeografia Xavante da área proposta de Wedezé.



Os solos mais freqüentes na Planície do Araguaia são do tipo plintossolos e gleissolos, que se caracterizam por não apresentarem boa drenagem, permanecendo inundados por longos períodos (Martins et al., 2006; Reatto et al., 1998). Os poucos estudos edafológicos disponíveis para a região evidenciam solos de baixo potencial agrícola devido a sua elevada acidez, baixa capacidade de troca catiônica e carência de nutrientes essenciais (Martins et al., 2006). Por se tratar de uma área de inundação, a vegetação que predomina em Wedezé se apresenta adaptada ao encharcamento sazonal dos solos, proporcionando as condições para o desenvolvimento de um padrão vegetacional complexo e raro que, do ponto de vista ecológico, é muito frágil.

4.2. Vegetação

A vegetação que cobre a maior parte da região de Pimentel Barbosa e Wedezé é conhecida como “cerrado”, que inclui diferentes fitofisionomias (vide Figura 4.2). Trata-se do segundo maior bioma do Brasil, caracterizado por se apresentar de maneira altamente diversificado, podendo variar desde floresta densa a campo de gramíneas, com ou sem árvores e arbustos (Eiten, 1972, 1994; Ferri, 1980; Ratter et al., 1973).

A adaptação ao fogo constitui um traço distintivo do cerrado. Segundo vários autores, essa característica se desenvolveu em resposta a uma história de incêndios freqüentes (antropogênicos ou não) e resultaram no desenvolvimento de uma enorme variedade de biomassa subterrânea. Essa biomassa inclui diversos tipos de tubérculos, rizomas, caules subterrâneos e outros órgãos que constituem importante reserva de água e de nutrientes (Castro e Kauffman, 1998; Eiten, 1972; Rizzini e Heringer, 1961). No cerrado, mais de 70% da biomassa vegetal pode estar sob a superfície (Castro e Kauffman, 1998), o que, na visão de vários ecólogos, configuram “uma floresta de cabeça para baixo”. Essas adaptações permitem que a vegetação cresça vigorosamente após as queimadas, mesmo antes das primeiras chuvas (Coutinho, 1990; Eiten, 1972; Miranda et al., 2002).

Além da freqüência de queimadas, outros fatores ambientais podem atuar na determinação do tipo de cerrado que se desenvolve em uma dada região, como a profundidade e drenagem dos solos, seu nível de acidez e saturação de alumínio (Askew et al., 1971; Askew Moffatt et al., 1970; Eiten, 1972; Ferri, 1977; Freitas e Silveira, 1977; Goodland e Ferri, 1979; Malavolta et al., 1977).

Segundo os botânicos, cinco tipos estruturais básicos de cerrado podem ser



distinguidos em Pimentel Barbosa e Wedezé:²⁷ a) *campo limpo* – em sua maioria, campos de gramíneas com pequenos arbustos e/ou palmeiras surgindo aqui e ali; b) *campo cerrado* – cerrado aberto com predominância de gramíneas e herbáceas, com árvores e arbustos de altura variável dispersos; c) *cerrado (stricto sensu)* – geralmente composto por 30%-40% (ou menos) de cerrado semi-aberto ou formas arbóreas baixas, com árvores dispersas variando de três a cinco metros de altura; d) *cerradão* – forma arbórea mais alta, com árvores atingindo 10-15 metros e, ocasionalmente, formando um dossel fechado; e) *matas ciliar e de galeria* – mata perenifólia formando dossel fechado que se desenvolve em áreas de solos úmidos e bem drenados, além de bem estruturados, ricos em húmus e micronutrientes essenciais, geralmente acompanhando cursos d'água ou em torno de lagoas e nascentes. A Figura 4.2 apresenta os principais tipos de vegetação presentes na TI Pimentel Barbosa e na área proposta de Wedezé. Esse mapa, que serve como referência para o restante dessa seção, foi gerado segundo métodos detalhados na Introdução deste relatório.

A Tabela 4.1 apresenta o sistema Xavante de etno-classificação das diferentes fitofisionomias presentes em Pimentel Barbosa e Wedezé. Em linhas gerais, nota-se grande correspondência entre os principais padrões vegetacionais identificados pelos Xavante e aqueles reconhecidos por ecólogos e botânicos que estudaram a região. Há, contudo, tendência a um maior detalhamento de tipos e subtipos no caso de ambientes complexos e que apresenta particular interesse para os Xavante, como no caso dos buritizais e tabocais.

É importante observar que, apesar das peculiaridades botânicas e edáficas de cada um desses domínios, a variação das formas estruturais no cerrado é:

“...completamente contínua no sentido de que grupos de árvores podem ser encontrados em qualquer região, o que pode abranger uma sequência que vai desde formações arbóreas, passando por todas as categorias de cerrado e savana estrutural, até (usualmente) somente campo de gramíneas” (Eiten, 1972).

Esse mosaico de fitofisionomias oferece vasta extensão de recursos florísticos e faunísticos que são explorados periodicamente pelos Xavante, tanto na obtenção de alimentos como na produção tecnológica (cestaria, cordoaria, construção, etc.).

²⁷ Para os fins desse relatório, seguiremos a nomenclatura fitofisionômica dos tipos de cerrado proposta por Eiten (1972, 1994), com algumas adaptações, baseadas em Ribciro e Walter (2008).

Tabela 4.1. Etno-classificação Xavante de tipos de vegetação do cerrado.

Nome em Xavante	Descrição em português	Ocorrência em Wedezé
<i>amhú</i>	Cerrado <i>stricto sensu</i>	Sim
<i>apê</i>	Campo limpo (inclui campo de murundu)	Sim, muito
<i>buru</i>	Capoeira (a expressão também é usada para "roça")	Sim
<i>buru'rã</i>	Ipuca	Sim, muito
<i>ĩtehudu</i> (ou <i>rop'itehudu</i>)	Mistura de campo sujo e cerradão no qual predominam árvores de murici	Não
<i>mãrã</i>	Matas ciliares/de galeria	Sim, muito
<i>nõrõwede</i>	Babaçual extenso	Sim
<i>sadarã</i>	Faixa de campo limpo úmido situado entre mata ciliar e cerrado	Sim
<i>sai'iti're</i>	Mata seca alta ou cerradão em meio ao cerrado	Sim
<i>sirãpré</i>	Vegetação rupícola	Sim, pouco
<i>sisuiré</i>	Área de brejo caracterizada pela presença de poucas palmeiras de buriti	Sim, muito
<i>u'mrânã</i>	Mata seca com tabocal em áreas elevadas	Não
<i>u'mrãtaré'hiwasede</i>	Tabocal na beira do rio	Sim
<i>uiwedehu</i>	Buritizal denso em área de brejo	Não
<i>uiwedenom'rohõ</i>	Buritizal com quilômetros de extensão	Sim
<i>wataiwede</i>	Matas inundadas, perto de lagoas, onde predominam solos arenosos	Sim, muito

No fundo dos vales ou às margens dos muitos rios e riachos sinuosos de águas claras que atravessam o território Xavante, desenvolvem-se matas de galeria ou ciliares, constituídas por formações arbóreas densas, com árvores atingindo alturas de 15 a 40 m, formando uma franja de largura variável (geralmente entre 100 a 200 m de largura, mas podendo estender-se) que acompanha os cursos d'água em ambas as margens. Os solos que sustentam esse tipo de vegetação são do tipo podzólicos e latossolos, apresentando-se com altos teores orgânicos, bem estruturados e drenados. Essas áreas são especialmente valorizadas pelos Xavante para a abertura de roças, onde cultivam milho, mandioca, feijão, abóbora, arroz e outros cultivares (vide Parte 3.1).

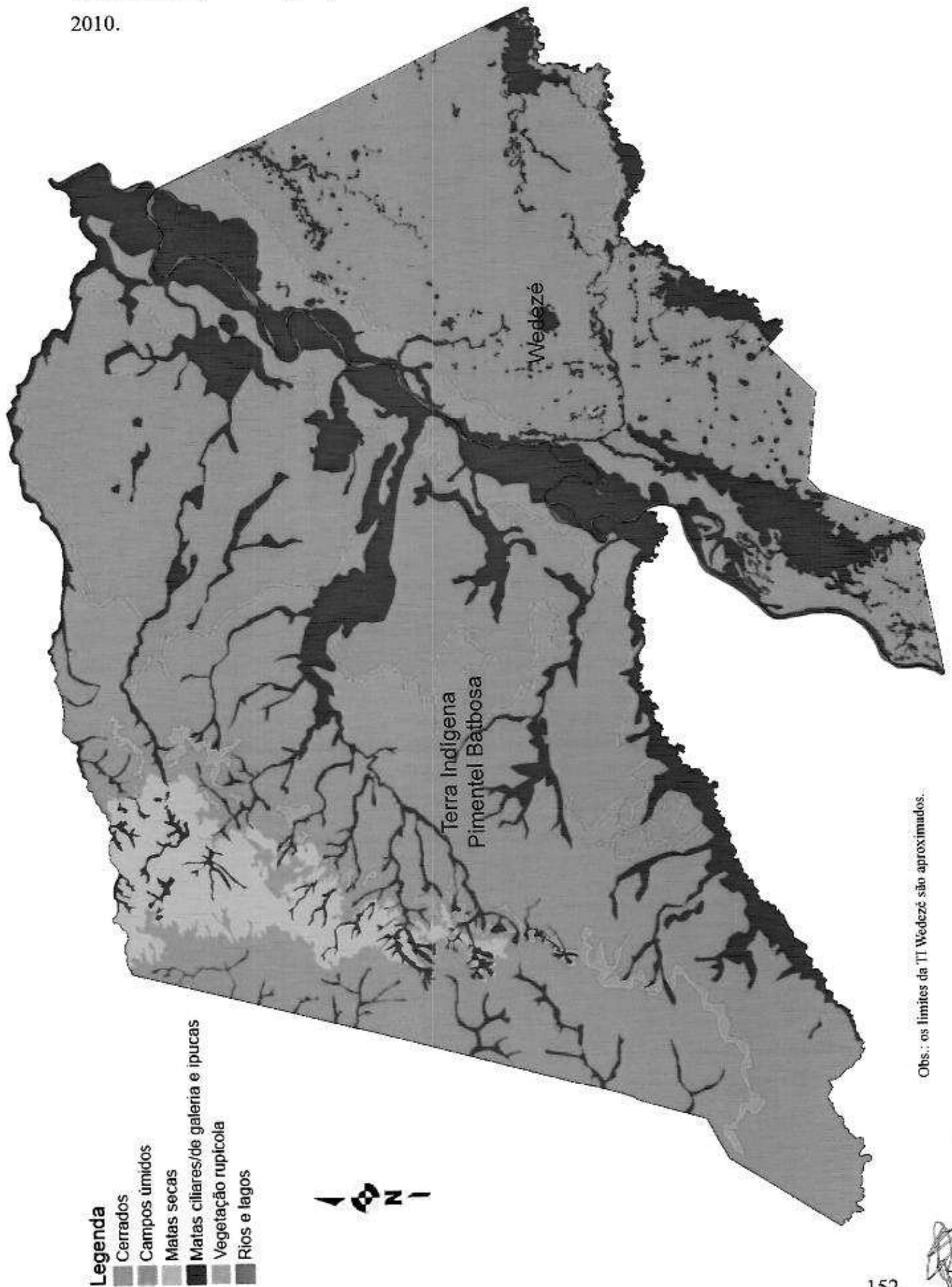
Alternativamente, em áreas onde o lençol freático atinge a superfície durante a maior parte do ano e onde os solos tendem a permanecer encharcados, as espécies lenhosas dão lugar às palmeiras, que em determinadas áreas podem se desenvolver formando extensas veredas dominadas pelo buriti (*Mauritia flexuosa*). Nessas áreas também cresce a buritirana (*Mauritiella armata*), sob a forma de densas touceiras. Isoladamente, observa-se a presença do açaí (*Euterpe* sp.), além de numerosas espécies herbáceas típicas de ambientes brejosos, com destaque para as famílias Cyperaceae, Poaceae, Juncaceae, Lentibulariaceae e Pontederiaceae.

0030/11
172
Jenné

Nas duas subseções que se seguem são descritos os aspectos distintivos da fitofisionomia das áreas de Pimentel Barbosa e Wedezé, com ênfase para a última.



Figura 4.2. Tipos de vegetação na TI Pimentel Barbosa e na área proposta de Wedezé, 2010.



4.2.1. Aspectos distintivos da vegetação da TI Pimentel Barbosa

Do ponto de vista fitofisionômico, a área da TI Pimentel Barbosa é predominantemente recoberta por cerrado *stricto sensu* e suas principais gradações ou tipos e cobertura de gramíneas (Figura 4.3). Esse cerrado, denominado *amhú* pelos Xavante (Tabela 4.1), apresenta basicamente um estrato herbáceo com presença de árvores de pequeno e médio porte, de aspecto retorcido e casca profundamente sulcada.

Figura 4.3. Cerrado *stricto sensu*, TI Pimentel Barbosa, 2009.

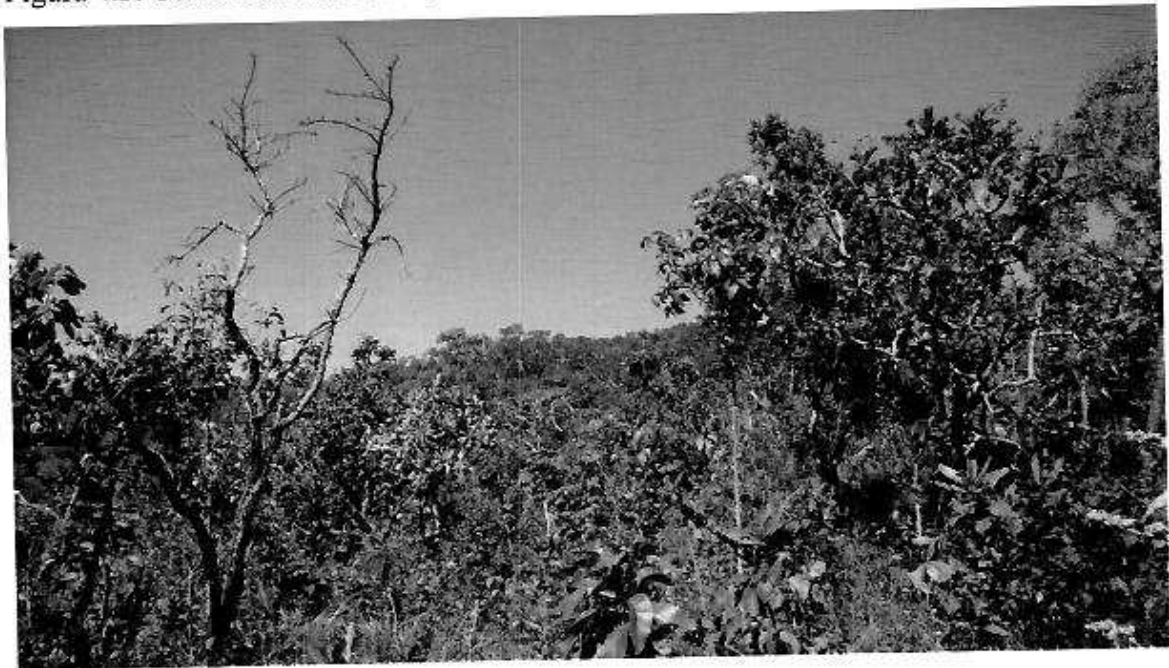


Foto: Carlos E.A. Coimbra Jr.

Predominam espécies lenhosas de hábito arbustivo ou arborescente, destacando-se o araticum (*Annona crassiflora*), baru (*Dipteryx alata*), bate-caixa (*Palicourea rigida*), cagaiteira (*Eugenia dysenterica*), chapéu-de-couro (*Salvertia convallariaeodora*), caju (*Anacardium humile*), curiola (*Pouteria ramiflora*), faveira (*Dimorphandra mollis*), ipê ou pau d'arco (*Tabebuia* spp.), jacarandá-do-cerrado (*Dalbergia* sp.), jatobá (*Hymenaea stigonocarpa*), jenipapo-de-cavalo (*Tocoyena formosa*), lixeira (*Curatella americana*), mama-cadela (*Brosimum gaudichaudii*), mangaba (*Hancornia speciosa*), muxiba (*Erythroxylum tortuosum*), pau-doce (*Vochysia* spp.), pau-santo (*Kielmeyera* spp.), pau-terra (*Qualea grandiflora*), pau-terra-roxo (*Qualea parviflora*), paineiras (*Pseudobombax* spp. e *Eriotheca pubescens*), sucupira-branca (*Pterodon* spp.), pequi (*Caryocar*

0030/11
175
ferrugem

brasiliense) e vassoura-de-bruxa (*Ouratea* sp.)²⁸. Variações locais na densidade e altura do estrato arbóreo são comumente observadas, sendo relacionadas principalmente à profundidade e drenagem dos solos. Portanto, a pouca distância uma da outra, podem ser observadas áreas de cerrado denso e copado alto e áreas de cerrado ralo, com árvores baixas e esparsas, onde predominam as gramíneas.

Em meio aos cerrados de Pimentel Barbosa vislumbra-se rica flora de palmeiras. Essas podem crescer isoladamente ou formar touceiras, a depender da espécie ou do ambiente específico no qual se encontram. Observa-se também certa tendência à concentração de indivíduos de uma mesma espécie em determinada área. Dentre as espécies mais altas, destaca-se a macaúba (*Acrocomia aculeata*), por prover cocos muito procurados pelos Xavante como alimento. O gênero *Syagrus* encontra-se representado por diferentes espécies produtoras de frutos comestíveis, com destaque para a guariroba (*Syagrus oleracea*) e coquinho-católé (*Syagrus comosa*). A palmeira indaiá (*Atalea* sp.), de caule subterrâneo, tem suas folhas utilizadas na cobertura de casas. O butiá (*Butia* sp.), também de caule subterrâneo, é outra espécie produtora de pequenos frutos comestíveis. Do ponto de vista alimentar, além dos frutos, os Xavante valorizam muito os palmitos obtidos a partir de várias espécies de palmeiras do cerrado e elaboram formas complexas de preparo desse alimento, como descrito na Parte 3 desse relatório.

Além de usarem produtos de diferentes espécies de palmeiras na alimentação e tecnologia, os Xavante reconhecem a forte interação destas com a fauna de aves e de mamíferos, por sua atração sobre espécies de valor cinegético, como a anta, cutia e porcos-do-mato.

Ainda em relação às palmeiras, chama a atenção o fato de não haver babaquais²⁹ em Pimentel Barbosa, o que comumente é mencionado pelos Xavante como uma de suas motivações para excursionarem freqüentemente à Wedezé em busca dos muitos produtos fornecidos por essa palmeira, de uso alimentar, cosmético/cerimonial e tecnológico (vide também Parte 3). Vale mencionar que o babaçu tem sido amplamente reconhecido, tanto por ecólogos como por antropólogos, como espécie indicativa de áreas antropizadas, ou seja, paisagens modificadas por atividades humanas (Balée, 1994; Eiten, 1972; Ribeiro e Walter, 2008). Nesse sentido, sua ocorrência como espécie dominante em determinadas

²⁸ Espécies observadas às margens da estrada que liga a BR-158 à aldeia Pimentel Barbosa (anotadas a partir do limite da terra indígena) e ao longo de uma pequena estrada no interior da reserva que liga essa mesma aldeia à margem esquerda do Rio das Mortes.

²⁹ Formações vegetais dominadas pelo babaçu (*Orbignya phalerata*).

áreas de Wedezé, formando babaçuais, constitui forte indício da antiguidade da ocupação humana (e Xavante em particular) no lado leste do Rio das Mortes (vide Figura 3.4)³⁰.

Ao nordeste da TI Pimentel Barbosa, ao longo da sinuosa estrada que faz a ligação das aldeias Pimentel Barbosa e Etênhiritipá com a aldeia Wederã, há extensas áreas de campo sujo, denominadas pelos Xavante de *ĩntehudo* ou *rop'tehudo*. Trata-se de um tipo de cerrado que cresce em áreas de solos rasos, pedregosos e bem drenados, apresentando poucos arbustos ou árvores baixas, geralmente agrupadas em pequenas "ilhas". A presença de gramíneas e ciperáceas é marcante. Nesses campos, verificou-se a presença de grande concentração de murici (*Byrsonima* spp.). Esse fruto, conhecido pelos Xavante como *wesu'are*, tem uma polpa agri-doce muito apreciada.

A oeste das aldeias Pimentel Barbosa, Etênhiritipá e Wederã, no sentido da BR-158, o relevo sobe rapidamente em direção ao chapadão que cruza a terra indígena no sentido norte-sul. A altimetria nessa área oscila de 350 a 400 metros. Principalmente nas bordas da serra, nota-se a presença de vegetação rupícola, típica de ambientes rupestres. Esses ambientes são caracterizados por apresentarem solos rasos em meio a afloramentos rochosos. As famílias de maior destaque incluem espécies de Asteraceae, Cyperaceae e Poaceae. Encontra-se nesse ambiente a característica canela-de-ema (*Velozia* sp.), cactos globosos (*Melocactus* sp.), além de espécies de orquídeas e bromélias terrestres. Há poucas espécies de hábito arbustivo, em geral crescendo por entre as fendas das rochas, com destaque para as famílias Melastomataceae, Myrtaceae e Rubiaceae. A ocorrência desse tipo de vegetação em Pimentel Barbosa é restrita e, para os Xavante, pouco relevante economicamente.

Os cerradões e matas secas em Pimentel Barbosa não se apresentam em grandes áreas contínuas. Ocorrem de maneira dispersa em meio ao cerrado *stricto sensu*, geralmente em regiões de solos mais férteis não sujeitas a alagamento. Do ponto de vista florístico, cerrado e cerradão compartilham muitas espécies arbóreas. No entanto, no cerradão, tendem a se desenvolver mais, geralmente formando um dossel que pode atingir a altura de 12-15 m. Dentre algumas espécies mais comuns, destacam-se o carvoeiro (*Sclerolobium* sp.), lixeira (*Curatella americana*), sucupiras (*Bowdichia* sp. e *Pterodon* sp.), pequi (*Caryocar brasiliense*), jacarandá (*Dalbergia miscolobium*), pau-terra (*Qualea* sp.) e unha-de-vaca (*Bauhinia* sp.), dentre outras.

Na porção noroeste da TI Pimentel Barbosa, em particular associados às chapadas,

³⁰ Sobre este ponto, vide entrevista com o F.S. Magalhães na seção 4.2.2 desse relatório.

há áreas relativamente extensas de matas secas, caracterizadas pela presença de vigoroso crescimento de bambus (*Bambusa* spp. e *Guadua* spp.) em alguns trechos. Esses setores de matas são identificados pelos Xavante como tabocais (*u'mrãñã*), sendo possível que se tratem de ambientes que se aproximam do conceito de "florestas-de-bambu" ou florestas ombrófilas com bambu³¹, ou ainda estarem indicando áreas de perturbação antropogênica. Na TI Pimentel Barbosa, esse complexo vegetacional se desenvolve em terrenos não sujeitos a inundações. Em alguns trechos o crescimento das tabocas forma verdadeiros chavascais de difícil penetração. Isso porque as espécies de bambu que aí se desenvolvem, por terem hábito escandente (apóiam-se nas árvores), formam intrincadas redes de ramos que crescem em todas as direções (Burman e Filgueiras, 1993; Clark, 1990). Segundo os Xavante, essas áreas funcionam como abrigos para queixadas e caititus, assim como para mamíferos de médio porte, como paca e cutia. Além disso, os Xavante também utilizam os tabocais para coletar hastes para as flechas e determinados tipos de tubérculos apreciados como alimento (Tabela 4.2).

No sentido leste, a partir das aldeias Pimentel Barbosa, Etênheritipá e Wederã, ao longo de uma estrada que dá acesso ao Rio das Mortes, se visualizam heterogêneo mosaico de fitofisionomias de cerrado. O viçoso e extenso cerrado *stricto sensu* que domina a maior parte desse trajeto é caracterizado pela presença do cajueiro-do-cerrado (*Anacardium humile*), araticum (*Annona crassiflora*), pau-santo (*Kielmeyera* spp.), pau-doce (*Vochysia* spp.), lixeira (*Curatella americana*), cagaita (*Eugenia dysenterica*), jenipapo-bravo (*Tocoyena formosa*), jacarandá-do-cerrado (*Dalbergia miscolobium*), lobeira (*Solanum lycocarpum*), mandioqueira (*Didymopanax macrocarpum*), ipê (*Tabebuia* sp.), paineiras (*Pseudobombax grandiflorum* e *Pseudobombax tomentosum*), mangaba (*Hancornia speciosa*), tingui (*Magonia pubescens*), baru (*Dipteryx alata*), faveira (*Dimorphandra molis*), bolsa-de-pastor (*Zeyheria montana*) e pequi (*Caryocar brasiliense*), dentre outras árvores. Ao longo desse mesmo percurso estão ainda presentes as seguintes espécies de palmeiras: *Syagrus oleracea*, *Butia* sp., *Acrocomia aculeata* e *Atallea* sp. Em meio a esse extenso cerrado, são dignas de nota as manchas de vegetação onde predomina o pau-terra (*Qualea grandiflora*) ou o murici (*Byrsonima* spp.). Passados cerca de vinte quilômetros do percurso, o cerrado que marca esse trajeto é subitamente interrompido. A vegetação torna-se arbustiva e logo surgem os campos, dominados por extrato herbáceo, nos quais se vêem espécies de Poaceae, Cyperaceae e Orchidaceae.

³¹ Vide IBGE (1991).

dentre outras famílias botânicas. A umidade do solo aumenta conforme mais próximo do rio. Surgem então extensos campos de murundu onde se vêem espécies lenhosas, de hábito arbustivo ou arbóreo, no topo das ilhotas associadas a cupinzeiros que se destacam em meio ao tapete herbáceo (vide Parte 4.2.2). A margem da lagoa é recoberta por mata ciliar. Portanto, ao longo de um trajeto de aproximadamente vinte e cinco quilômetros, se visualizam diferentes tipos de cerrado, campo e mata. Para os Xavante, essa diversidade de paisagens é de grande importância, pois possibilita múltiplos usos.

4.2.2. Aspectos distintivos da vegetação de Wedezé

A vegetação da região de Wedezé está constituída por cinco grupos bem distintos de fitofisionomias (vide Figura 4.2): (a) áreas de cerrado (incluindo seus principais subtipos, como cerrado *stricto sensu*, campo sujo, campo limpo e cerradão); (b) campos úmidos (com ou sem murundu); (c) matas (ciliares, de galeria, palmeirais de buriti ou babaçu e ipucas)³². Além desses grupos, observa-se em áreas específicas a presença de matas antropogênicas que identificam os sítios ocupados por antigas aldeias Xavante e áreas de perturbação antrópica associadas ao desenvolvimento de fazendas na região. Em relação às matas antropogênicas que marcam sítios arqueológicos, trata-se de um complexo vegetacional que ocorre em vários pontos no entorno do Morro de Wedezé. Esse complexo se caracteriza pelo predomínio de árvores frutíferas de uso na alimentação Xavante, de uma maneira que não se vê em outros tipos fitofisionômicos na região. Essas matas constituem verdadeiros pomares, que se formaram ao longo do tempo desde as primeiras ocupações Xavante na região em meados do século XIX. Podem se apresentar na forma típica de semicírculo, se diretamente associadas a aldeias antigas, ou mais amorfas. São, portanto, estreitamente vinculadas a ocupações Xavante pretéritas na região de Wedezé (vide Parte 5).

Na margem direita do Rio das Mortes, onde se situa Wedezé, e seguindo para o leste, rumo aos rios Cristalino e Araguaia, chamam a atenção na paisagem as extensas áreas conhecidas como campos limpos com murundus ou, simplesmente, campos de murundus (Figuras 4.2, 4.4 e 4.5). Esses campos, denominados *apé* pelos Xavante, apresentam solos pouco férteis e com baixa capacidade de drenagem, sujeitos a

³² Nessa Parte do relatório, palmeirais de buriti ou de babaçu são incluídos na categoria matas (ciliares e de galeria). Vale mencionar que o mesmo não se aplica à descrição de áreas de uso na Parte 3 (vide Figura 3.4).

inundações anuais. Do ponto de vista da flora, os extensos campos de murundu são recobertos por um tapete herbáceo constituído principalmente por gramíneas e ciperáceas, em meio ao qual se distribuem incontáveis morrotes de diferentes, mas sempre de pequenos tamanhos, com vegetação arborea-arbustiva denominados murundus (*rató* em Xavante). Na época das chuvas, quando o campo está alagado, os murundus funcionam como ilhas, o que propicia o desenvolvimento de espécies lenhosas típicas do cerrado *stricto sensu*. Outra característica importante dos murundus é sua associação obrigatória com cupins de montículo, insetos típicos do cerrado³³. Segundo vários autores, a gênese do campo de murundu está associada à atividade de determinadas espécies de cupins. Esses insetos promovem importante melhoria nas condições do solo no entorno do montículo que constitui a colônia, permitindo assim a sucessão vegetacional gradativa, porém localizada, de espécies de hábito arbóreo-arbustivo. Esse tipo de paisagem é marcante em Wedezé, recobrendo cerca de 75% de toda a área (vide Figura 4.2).

Figura 4.4. Campo de murundu, área de Wedezé, 2010.

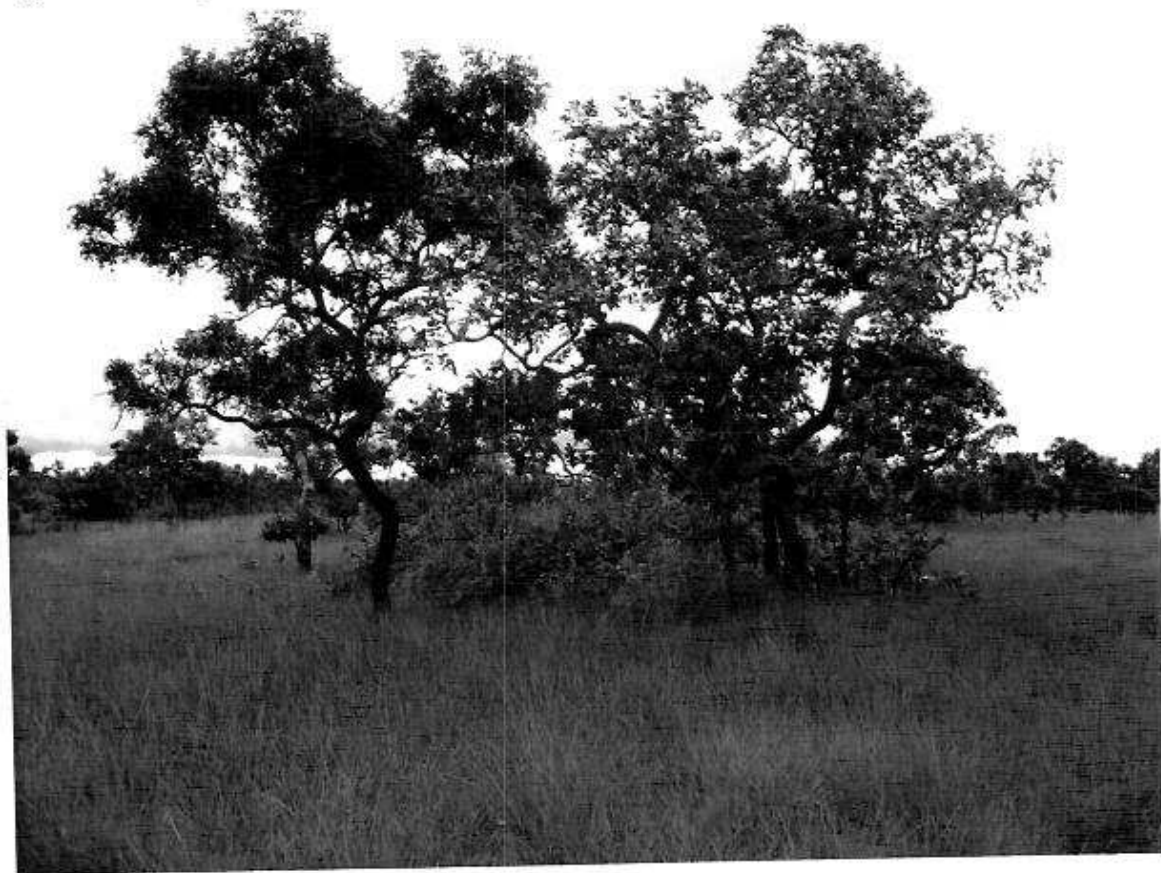


Foto: James R. Welch.

³³ Cupins dos gêneros *Armitermes* e *Cornitermes* têm sido comumente associados aos murundus (Oliveira-Filho, 1992a, 1992b).

Em meio aos campos de murundu destacam-se fragmentos florestais descontínuos, como que “ilhas” de vegetação densa, denominadas ipucas³⁴ (*buru'ra* entre os Xavante). Essa interessante e rara formação paisagística é freqüente na região de Wedezé e considerada típica da planície de inundação interfluvial do complexo Mortes-Araguaia, constituindo ecossistema fragilíssimo por sua baixa capacidade de regeneração frente à ação antrópica (vide Parte 4.4). Essa região é ciclicamente inundada pelas cheias dos rios das Mortes e Araguaia, tratando-se de extensa superfície rebaixada, com inúmeras depressões e altimetria variando ente 150-180 m (Innocêncio, 1977; Martins et al., 2006).

Figura 4.5. Campo de murundu com ipucas, área de Wedezé, 2009.

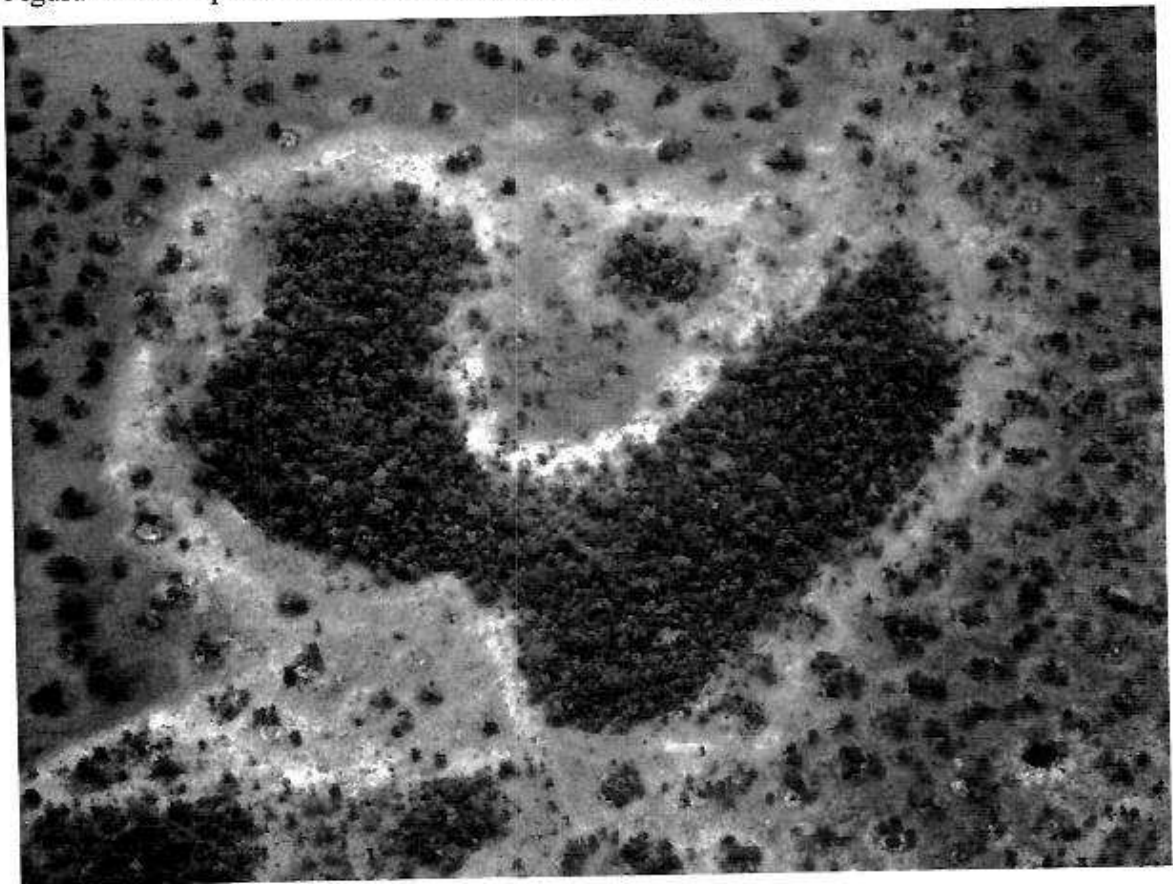


Foto: Carlos E.A. Coimbra Jr.

Apesar de, fisionomicamente, assemelharem-se às matas ciliares, as ipucas são distintas do ponto de vista de sua composição florística, pois as espécies que aí crescem são altamente adaptadas à inundações cíclicas e duradouras. Segundo Martins (2006; 2002), as espécies arbóreas mais freqüentes e de maior porte encontradas nesses

³⁴ “Ipuca”: corruptela do tupi, *i'puera* (*i* = ‘água’; *puera* = ‘que já foi’), em referência a terrenos alagados, onde as águas se conservam por vários meses, *apud* Cunha (1982: 157).

ambientes são a jacareuba (*Calophyllum brasiliense*) e *Vochysia* sp. Do ponto de vista ecológico, as ipucas constituem elementos essenciais à drenagem da planície, pois durante a estação das chuvas concentram água e estabelecem ligações hídricas entre os vários rios, córregos e lagoas da região (Martins et al., 2006). Tais ligações são de grande importância para a dispersão de micronutrientes, sementes e várias espécies de peixes. Durante os meses de estiagem, quando o campo está seco e até mesmo os cursos d'água menores secam, as ipucas exercem forte atração sobre a fauna de mamíferos de médio e grande porte (anta, porcos do mato, veado), assim como de aves como o mutum e o jacu, que aí se concentram em busca de água. Os campos de murundu e ipucas exercem grande influência sobre a economia de subsistência dos Xavante por proporcionarem oportunidades únicas para a caça e coleta, conforme indicado na Parte 3.

Para os Xavante, esse tipo de planície é reconhecido como área de caça de grande importância (vide Figura 3.4). Por esse motivo, grupos de caçadores Xavante anualmente planejam extensas caçadas na região, principalmente durante os meses de estiagem. Segundo os caçadores Xavante, as pequenas lagoas protegidas por vegetação arbórea densa atraem mamíferos de grande porte e de alto valor cinegético, como a queixada, caititu, anta, cervo e veado.

O cerrado que circunda o Morro de Wedezé e a atual aldeia de mesmo nome apresenta áreas vegetacionais dominadas por fruteiras comestíveis como uma de suas características mais interessantes. Em uma dessas áreas situada na face oeste do morro há grande adensamento de cajueiros (*Anacardium occidentale*), em meio aos quais se alternam árvores de jatobá (*Hymenaea stigonocarpa*) e pequi (*Caryocar brasiliense*), dentre outras. Nota-se também nessas áreas a presença de palmeiras de macaúba (*Acrocomia aculeata*) e guariroba (*Syagrus oleracea*). Ao longo da trilha que leva à aldeia e Wedezé, por sua vez, a espécie de fruteira que predomina é o oiti (*Couepia grandiflora*), chegando a formar grandes adensamentos em alguns pontos. A distribuição atípica de espécies de uso alimentar pelos Xavante, isto é, formando verdadeiros pomares em meio ao cerrado, constitui importante evidência botânica de uso continuado dessa região por esse povo indígena desde tempos remotos. Digno de nota é o fato de, durante uma de nossas visitas a essa região, um velho Xavante da aldeia Wedezé que nos acompanhou identificou inúmeros fragmentos de cerâmica Xavante antiga, parcialmente enterrada, justamente em uma dessas áreas de fruteiras, onde cresciam muitos cajueiros (vide Parte 5 e Figura 5.5).

De modo geral, os principais cursos d'água que cruzam o território de Wedezé são

margeados por matas ciliares ou de galeria. Trata-se de vegetação predominante arbórea, perenifolia, que viceja sob condições de solos úmidos, bem drenados e ricos em húmus e micronutrientes essenciais. Em alguns casos, como nas margens dos rios São Domingos (Öwawe em Xavante) e Água Preta (Ö Zahire), na porção sul da TI proposta, as matas ciliares são particularmente densas e largas, podendo se estender por até 5 a 6 km de largura.

Dentre as espécies arbóreas observadas nas matas ciliares de Wedezé de uso potencial na alimentação, etnomedicina e/ou tecnologia Xavante, destacam-se o ipê (*Tabebuia* sp.), piqui-da-mata (*Caryocar* sp.), mirindiba (*Terminalia glabrescens*), pau-breu (*Protium* sp.), imbaúba (*Cecropia* spp.), ingá (*Inga* spp.), jatobá-da-mata (*Hymenaea coubaril*), faveiro (*Platypodium elegans*), copaíba (*Copaifera langsdorffii*) e guapeva (*Pouteria torta*).

Ainda nas áreas de matas ciliares, ou próximo destas, os Xavante expressam grande interesse pelos “palmeirais” ou “palhais”. Essas formações se caracterizam por apresentarem predomínio de uma mesma espécie de palmeira, como que “ilhas” em meio à mata ciliar. Para os Xavante, destacam-se os palhais de tucum-da-mata (*Astrocaryum tucuma*), pela madeira utilizada na confecção de arcos e de babaçu (*Orbignya phalerata*), pelas amêndoas apreciadas na alimentação.

O babaçu (*nõrõ*) constitui importante recurso alimentar ente os Xavante, podendo as amêndoas serem consumidas puras ou combinadas a outros pratos. A presença do babaçu na TI Pimentel Barbosa é rara, mas na região de Wedezé há extensos palmeirais que constituem forte atrativo para os Xavante. Segundo F.S. Magalhães³⁵,

“[Na junção do Rio Água Preta com o Rio Cristalino]... tem muito coco de babaçu... [Os Xavante] iam muito lá pegar coco de babaçu, a castanha... para uso de rituais... e no dia a dia também... Eles utilizam o coco para passar no cabelo, na pele... Não tem [babaçu na atual terra indígena]... Não sei por que não tem... Eu já andei em toda a reserva... todos os pontos... não tem babaçu... Não é uma região de babaçu... Tem mais é macaúba, piaçava, que é aquele coquinho do cerrado... [Para substituir o babaçu] tinha o coquinho da piaçava... que não é tão rico em óleo, mas eles utilizavam... mas sempre... estavam voltando lá, no São Domingos, na região lá da serra do Água Preta, para buscar coco de babaçu...”. (Trecho de entrevista concedida a Ricardo Ventura Santos, Jorge Luiz de Paula, Januária Pereira Mello e Hugo Meireles Heringer, dezembro de 2009)

³⁵ F.S. Magalhães conviveu durante sua juventude entre os Xavante de Wedezé, antes da mudança da aldeia e do antigo posto do SPI, que posteriormente se tornou da FUNAI, para o lado esquerdo do Rio das Mortes. Magalhães fala a língua Xavante fluentemente e é funcionário da FUNAI em Água Boa, Mato Grosso.



Em áreas de solos mal drenados ou brejosos, a heterogeneidade de espécies de dicotiledôneas dá lugar a formações praticamente contínuas de buritis (*Mauritia flexuosa*), conhecidas regionalmente como buritizais ou veredas (Ribeiro e Walter, 2008). Em Wedezé, comumente observa-se também nessas áreas a presença de densas touceiras da palmeira buritirana (*Mauritiella armata*). Costumeiramente, essas formações vegetacionais são encontradas nas nascentes e cabeceiras e, na TI proposta, assumem grandes proporções ao norte, em especial nas cabeceiras do Corixo da Forquilha (vide Figura 3.4). Além de constituírem importante fonte de alimento (frutos de buriti) e de matéria prima para a confecção de trançados, adornos e objetos de usos ritual (como a tora utilizada nas tradicionais “corridas de tora de buriti”), os buritizais são reconhecidos pelos Xavante como relevantes à fauna, por proverem abrigo e alimento para as aves, assim como para diversos animais terrestres e aquáticos.

4.2.3. Vegetação de valor alimentar, tecnológico e cultural

Como mencionado na descrição dos métodos de pesquisa sobre o componente etnobiológico na Introdução deste relatório, muito do conhecimento botânico tradicional dos Xavante é, por convenção cultural, considerado secreto, pertencendo a indivíduos, famílias ou segmentos específicos da sociedade. Portanto, segundo esse princípio tradicional acerca da propriedade de conhecimento sobre as plantas, não é considerado apropriado compartilhar esses saberes com pessoas que não são também tidas como donas desses conhecimentos. Esse princípio se faz particularmente importante no caso das plantas de usos medicinal, cerimonial ou de valor espiritual. Por essa razão, no que diz respeito ao componente etnobiológico, o GT optou por focar sua pesquisa em dois domínios específicos que são não considerados de pertencimento específico na sociedade Xavante: plantas de importância alimentar e tecnológico. Vale mencionar que, no âmbito das plantas utilizadas como alimento, também há restrições no que tange a determinadas raízes e tubérculos silvestres, cujo conhecimento é do domínio feminino. Nesse caso, são apresentados apenas os nomes na língua Xavante, omitindo-se as identificações científicas. Nesta seção, plantas utilizadas como alimentos e aquelas de uso tecnológico pelos Xavante da TI Pimentel Barbosa e de Wedezé são discutidas. Adicionalmente, são providos comentários gerais, sem as denominações científicas, do uso plantas para fins medicinais, cerimônias e de valor espiritual.

A Tabela 4.2 apresenta uma lista parcial das plantas silvestres de importância



alimentar para os Xavante (ou seja, plantas cultivadas não estão incluídas). Quando disponíveis, são indicadas as identificações científicas (família e nome científico), assim como os nomes em português e em Xavante. Também estão indicadas informações sobre as partes da planta que são consumidas e os locais onde ocorrem. Do total de 57 plantas listadas, 27 tem indicações de gênero ou espécie e 21 de família. Nomes científicos não estão disponíveis para nove plantas. Devido à metodologia empregada ("levantamento rápido"), esta lista não é representativa do conjunto de plantas utilizadas como alimento pelos Xavante (vide Introdução). Não obstante, está incluída a maioria das plantas de importância econômica. As famílias com maior número de plantas silvestres utilizadas como alimento incluem Dioscoreaceae (12 plantas), Arecaceae (10), Fabaceae (6) e Rubiaceae (4, além de uma possível espécie adicional). Quanto às partes consumidas, predominam os frutos (34 plantas) raízes e tubérculos (23) e palmito (3).

Tabela 4.2. Lista parcial de plantas de importância na alimentação dos Xavante de Pimentel Barbosa e Wedezé.

Família botânica	Nome científico	Nome em português	Nome em Xavante	Porção consumida	Local de ocorrência
Anacardiaceae	<i>Anacardium</i> spp.	Caju; Cajú	mô'ôni'to	Frutos	Campos de murundu, cerrados
Apocynaceae	<i>Hancornia speciosa</i>	Mangaba	ritô	Frutos	Campos de murundu, cerrados
Arecaceae	<i>Acrocomia aculeata</i>	Macaúba	a'ôdo (sé, se 'u'êne)	Frutos, palmitos	Cerrados
Arecaceae	<i>Astrocaryum</i> sp.	Tucum	zô'râi'rô	Frutos	Cerrados, matas
Arecaceae	<i>Attalea</i> sp.	Indalá	nô'nôre	Frutos	Campos de murundu, cerrados
Arecaceae	<i>Bactrys</i> sp.	Coquinho	tirire	Frutos	Cerrados
Arecaceae	<i>Mauritia flexuosa</i>	Buriti	uzu	Frutos	Matas, buritizais
Arecaceae	<i>Mauritiella armata</i>	Buritirana	asereré	Frutos	Buritizais, brejos, matas
Arecaceae	<i>Oenocarpus bacaba</i>	Bacaba	wa'a	Frutos	Matas
Arecaceae	<i>Orbignya phalerata</i>	Babaçu	nô'rô	Frutos, palmitos	Babaquais, cerrados, matas
Arecaceae	<i>Scheelea phalerata</i>	Uricuri	tirisu'a	Frutos	Cerrados
Arecaceae	—	Coquinho	tiri	Frutos, palmitos	Matas
Bromeliaceae	<i>Ananas</i> spp.	Abacaxi-do-cerrado	apst	Frutos	Cerrados, tabocais, matas e campos de murundu
Caryocaraceae	<i>Caryocar brasiliense</i>	Pequi-do-cerrado	abareturê	Frutos	Cerrados
Caryocaraceae	<i>Caryocar</i> sp.	Pequi-da-mata	abarê	Frutos	Cerrados, matas
Chrysobalanaceae	<i>Conopia grandiflora</i>	Oiti	wede'râwasa	Frutos	Campos de murundu, matas
Dioscoreaceae**	*	—	mo'ôni	Raízes e tubérculos	Matas
Dioscoreaceae**	*	—	mo'ôni'hâi're	Raízes e tubérculos	Cerrados, matas
Dioscoreaceae**	*	—	mo'ônisupô	Raízes e tubérculos	Cerrados, tabocal

Família botânica	Nome científico	Nome em português	Nome em Xavante	Porção consumida	Local de ocorrência
Dioscoreaceae**	*	—	mo'õitvapu	Raízes e tubérculos	Matas, tabocal
Dioscoreaceae**	*	—	parabubu	Raízes e tubérculos	Buritizais, matas
Dioscoreaceae**	*	—	patede	Raízes e tubérculos	Cerrados, matas
Dioscoreaceae**	*	—	patetehoi wawi	Raízes e tubérculos	Matas
Dioscoreaceae**	*	—	patetesui're	Raízes e tubérculos	Matas
Dioscoreaceae**	*	—	pizi	Raízes e tubérculos	Matas
Dioscoreaceae**	*	—	pono'e're	Raízes e tubérculos	Cerrados, matas
Dioscoreaceae**	*	—	tõmosu	Raízes e tubérculos	Matas
Dioscoreaceae**	*	—	ubdi	Raízes e tubérculos	Paisagens antropogênicas
Fabaceae	*	—	wededu	Raízes e tubérculos	Matas
Fabaceae	<i>Hymenaea courbaril</i>	Jatobá-da-mata	a'õ	Frutos	Matas
(Caesalpinioideae)					
Fabaceae	<i>Hymenaea</i> sp.	Jatobá	te'rõ	Frutos	Campos de murundu
(Caesalpinioideae)					
Fabaceae	<i>Hymenaea stigonocarpa</i>	Jatobá-do-cerrado	a'õ'õirê	Frutos	Cerrados
(Caesalpinioideae)					
Fabaceae (Faboideae)	<i>Dipteryx alata</i>	Baru	wede'rã pó	Frutos	Campos de murundu, cerrados, matas
Fabaceae (Mimosoideae)	<i>Inga</i> spp.	Ingá	rênhõ	Frutos	Matas
Lamiaceae	<i>Vitex polygama</i>	Tarumã	ber-ãsirã	Frutos	Matas

Família botânica	Nome científico	Nome em português	Nome em Xavante	Porção consumida	Local de ocorrência
Malpighiaceae	<i>Byrsonima</i> spp.	Murici	wesú'á're	Frutos	Campos de murundu, cerrados
Marantaceae**	*	—	uzasiwá'a	Raízes e tubérculos	Matas, tabocais
Marantaceae**	*	—	wô	Raízes e tubérculos	Matas
Marantaceae**	*	—	wô uriré	Raízes e tubérculos	Campos de murundu
Moraceae	<i>Brasimnia gaudichaudii</i>	Mama-cadela	zera'ê'rã	Frutos	Campos de murundu, cerrados
Myrtaceae	<i>Eugenia dysenterica</i>	Cagaíta	warazú'asazé	Frutos	Campos de murundu, cerrados
Rubiaceae	<i>Cordia macrophylla</i>	Marmelo do cerrado	tômoti	Frutos	Cerrados, matas
Rubiaceae	<i>Genipa americana</i>	Jenipapo	wede'rã	Frutos	Matas
Rubiaceae	—	—	tômoti'rãirudu	Frutos	Cerrados
Rubiaceae	—	—	tômoti'topsú	Frutos	Cerrados
Rubiaceae (?)	—	—	tinini	Frutos	Campos de murundu, cerrados
Sapotaceae	<i>Pouteria ramiflora</i>	Curiola	wa'yé	Frutos	Campos de murundu, cerrados
Zingiberaceae**	*	—	sibzibi	Raízes e tubérculos	Matas, tabocais
—	*	—	buruwô	Raízes e tubérculos	Matas, tabocais
—	*	—	mai'are	Raízes e tubérculos	Matas, tabocais
—	*	—	rãtepewé	Raízes e tubérculos	Matas
—	*	—	uzupódô	Raízes e tubérculos	Campos úmidos, matas

Família botânica	Nome científico	Nome em português	Nome em Xavante	Porção consumida	Local de ocorrência
—	*	—	<i>uzusiwa'a</i>	Raízes e tubérculos	Matas, tabocal
—	*	—	<i>wapsāparahi</i> (<i>wapsānhib'ratahi</i>)	Raízes e tubérculos	Matas
—	—	Coroinha	<i>titopré</i>	Frutos	Cerrados
—	—	—	<i>wedezé</i>	Frutos	Matas
—	—	—	<i>wetē'rāti</i>	Frutos	Matas

(-) Taxon não-identificado.

(?) Taxon provável, baseado em avaliação coletiva a partir de imagens disponibilizadas em guias de campo publicados recentemente (Silva Jr et al., 2005; Silva Jr. e Pereira, 2009), durante oficina realizada com homens velhos na aldeia Pimentel Barbosa (14/05/2010).

(*) Divulgação da espécie não autorizada pelos Xavante.

(**) Apud Lecuvenberg (2007).

Obs.: "Matas" inclui matas de galeria, ciliar, cerrado e mata seca com ou sem "tabocal". Não foram incluídas plantas domesticadas.

0030/11
388
fenne

Como descrito na Parte 3, no que diz respeito à economia Xavante, a coleta de alimentos é primariamente uma atividade feminina. Não obstante, os homens, quando caçando ou em excursões, por vezes também coletam produtos específicos. É comum ver mulheres chegando à aldeia com cestos cheios de frutos e outros produtos coletados, algo menos freqüente no caso dos homens. Os produtos coletados são predominantemente divididos no próprio domicílio, com parentes próximos e por vezes com vizinhos. Na aldeia de Wedezé, talvez mais do que nas demais aldeias da TI Pimentel Barbosa, plantas coletadas constituem parte importante da dieta. Isso ocorre porque durante as pesquisas do GT os habitantes dessa aldeia não possuíam meio de transporte regular para as cidades próximas e a maior parte não possuía rendimentos financeiros ou acesso regular a cestas básicas e outros benefícios sociais. Desse modo, as mulheres da aldeia de Wedezé saem regularmente para coletar, em geral no entorno da aldeia. Não se distanciam muito pois, além da falta de transporte motorizado, receiam conflitos com os fazendeiros da região. Já os homens, por vezes, trazem produtos coletados em locais mais distantes da área de Wedezé, em particular quando voltam de caçadas (vide Parte 4.3).

Os alimentos silvestres de origem vegetal listados na Tabela 4.2 ocorrem em diversos tipos de vegetação e são coletadas nas mais diversas áreas de Wedezé. A maior parte das plantas listadas (64,9%) são encontradas em matas (de galeria, ciliares, cerradão ou matas secas, com ou sem "tabocal", incluindo ipucas). Matas secas, cerradão e ipucas são locais preferenciais de coleta e são visitados pelas mulheres com freqüência. Essas matas, muitas das quais consideradas locais preferenciais de coleta, encontram-se amplamente distribuídas em Wedezé, formando manchas dispersas. Uma mata de particular importância para a coleta localiza-se nas proximidades da aldeia de Wedezé e se estende ao longo do Corixo São Domingos (Wedezé Pá), alcançando um curso d'água chamado pelos Xavante de U'ãhópó Nhô'u na, situado na região do Rio Água Preta (vide Figuras 3.4 e 4.1). As matas antropogênicas localizadas nas proximidades da aldeia de Wedezé são particularmente ricas em frutas comestíveis. As árvores frutíferas ali localizadas cresceram ao longo de décadas e sua formação está associada a ocupações anteriores dos Xavante na região (vide Figura 3.4 e Parte 5). Ainda que as matas de galeria e ciliares não sejam locais preferenciais de coleta de plantas, são usualmente visitadas para a obtenção de raízes e tubérculos, por serem lá mais freqüentes (vide abaixo).

Do total de plantas listadas, 45,6% ocorrem em áreas de cerrado. Na região de Wedezé, os cerrados situam-se predominantes ao longo da margem direita do Rio das

0030/11
190
femina

Mortes e na margem esquerda do Rio Água Preta, entre matas ciliares e campos de murundu. Esses cerrados se estendem desde o extremo norte até o sul da área de Wedezé.

Uma proporção de 24,6% das plantas listadas na Tabela 4.2 é encontrada em campos de murundu. Este é o tipo de vegetação mais comum na região de Wedezé, ocupando parte expressiva da área que se entende desde o Rio das Mortes até o Rio Água Preta, do limite norte ao sul da TI proposta (Figura 4.2). Esses campos são amplamente utilizados pelos Xavante, constituindo importantes áreas de caça e de coleta de plantas silvestres que crescem nos murundus, ipucas (vide acima), babaçuais, buritizais e brejos. Essas áreas apresentam uma menor quantidade de plantas comestíveis: buritizais (5,3% das plantas listadas), babaçuais (1,8%) e brejos (1,8%).

Buritizais e babaçuais ocorrem em áreas de Wedezé que apresentam água de forma perene. Para os Xavante, as áreas que apresentam grandes extensões dessas palmeiras são particularmente importantes. Segundo eles, buritizais com quilômetros de extensão (*uiwedenom'rohö*) estão localizados ao extremo sul da TI proposta, entre os rios das Mortes e São Domingos, na área denominada Wataiwede (vide Figura 3.4). Trata-se de um ambiente com uma complexa composição botânica devido às influências, ao longo do tempo, do curso do Rio das Mortes. Grandes babaçuais (*nôrôwede* em Xavante), também ocorrem em Wedezé, especialmente ao longo das margens do Rio Água Preta. Verificam-se ainda extensos babaçuais no entorno do Morro de Wedezé, em associação a uma floresta antropogênica resultante de sucessivas ocupações Xavante a partir de meados do século XIX (vide Parte 1 e Figura 3.4). Por sua proximidade, esse babaçal é muito usado pelos atuais residentes da aldeia de Wedezé em suas atividades de coleta.

Dentre as 33 plantas cujos frutos são utilizados, 30 foram identificadas segundo família, gênero ou espécie (uma das quais tem a espécie não confirmada). Das 13 famílias botânicas, a de maior frequência de espécies é a Arecaceae (10 espécies). Dentre os frutos dessa família, 5 são consumidos como amêndoas e 5 como polpas. As amêndoas podem ser consumidas cruas ou tostadas. Delas pode ser extraído óleo utilizado para passar no cabelo. No caso das demais famílias, a polpa constitui a parte consumida.

Dentre as plantas silvestres cujos frutos são consumidos pelos Xavante e que estão listadas na Tabela 4.2, 64,7% ocorrem em áreas de cerrado *strito sensu*. Como descrito acima, esse tipo de vegetação acompanha a margem direita do Rio das Mortes e a margem esquerda do Rio Água Preta ao longo de toda a extensão da área proposta de Wedezé. Outras 50,0% são obtidas em áreas de mata (de galeria, ciliares, cerradão ou matas secas) e 35,3% em campos de murundu. Além disso, 8,8% são encontradas em

buritizais, babaçuais e brejos. Além dessas áreas, os Xavante da TI Pimentel Barbosa e de Wedezé mencionam três locais específicos que são considerados importantes para fins da obtenção de certos frutos. O primeiro é a lagoa Apsiré, localizada próxima do Rio das Mortes ao sul da aldeia de Wedezé (Figura 4.1), que apresenta grande quantidade de abacaxi-do-cerrado (*Ananas spp.*) (vide número 2 em vermelho na Figura 3.4). O segundo é a lagoa Seré Nãrada, localizada ao norte da aldeia de Wedezé, próxima a um curso d'água de mesmo nome (Figura 4.1), que se constitui em um local importante para a coleta de macaúba (vide número 3 em vermelho na Figura 3.4). O terceiro é uma área de cerrado com palmais, no extremo norte de Wedezé, valorizada pela presença da palmeira indaiá (vide área delineada por linha verde na Figura 3.4).

Dentre as 23 plantas cujas raízes ou tubérculos são consumidos, 17 foram identificadas no nível de família. Informações sobre gênero e espécie não são indicadas neste relatório de modo a proteger o fato de que se trata de conhecimento de domínio privado das mulheres. Das 17, 12 pertencem à família Dioscoreaceae, três à família Marantaceae, uma à família Fabaceae e uma à família Zingiberaceae. Vinte espécies ou variedades de raízes ou tubérculos são consumidos assados. Esse grupo de alimentos amiláceos é considerado pelos Xavante como extremamente saudável por sua rica composição nutricional e capacidade de fortalecer o corpo. A raiz da família Zingiberaceae é utilizada no preparo de uma bebida considerada muito saudável.

Plantas valorizadas por suas raízes e tubérculos comestíveis ocorrem em matas (87,0% das raízes e tubérculos indicados na Tabela 4.2), cerradões (13,0%), cerrados (17,4%), campos de murundu (4,3%), campos úmidos (4,3%) e ambientes antropogênicos (4,3%). Como descrito acima, matas, cerrados e campos de murundu são comuns na região de Wedezé. Campos úmidos também ocorrem com frequência, apresentando-se como manchas dispersas, próximos às margens do Rio das Mortes e do Rio Água Preta. As variedades de raízes e tubérculos que ocorrem em ambientes antropogênicos são cultivadas pelos Xavante em suas roças. Por esse motivo, podem ser encontradas em roças antigas, inclusive naquelas abandonadas desde muitos anos.

As três espécies de palmeiras (família Arecaceae) incluídas na Tabela 4.2 e cujos palmitos são consumidos na alimentação (*Acrocomia aculeata*, *Orbignya phalerata* e outra espécie não identificada) são, em geral, coletados pelas mulheres. Após secos, podem ser consumidos crus ou pilados de modo a produzir uma farinha fina que é utilizada para preparar mingau ou um tipo de pão. Essas palmeiras ocorrem em áreas de cerrado, matas e babaçuais. Suas distribuições estão descritas acima.

A Tabela 4.3 apresenta uma lista parcial das plantas silvestres de importância tecnológica, seguindo o mesmo formato que a Tabela 4.2 de plantas comestíveis. Do total de 31 plantas, 24 têm indicações de gênero ou espécie. As famílias com maior número de plantas utilizadas como alimento incluem Arecaceae (6 plantas), Fabaceae (4) e Annonaceae (3). Quanto às partes utilizadas, predominam a madeira (15 plantas) os frutos (7) e as folhas (4).

As plantas de uso tecnológico, apresentadas na Tabela 4.3, ocorrem principalmente nos seguintes tipos de vegetação na área de Wedezé: matas (58,1% das plantas), cerrados (25,8%), palmeiras e brejos (19,4%), paisagens antropogênicas (16,1%) e campos de murundu (6,5%). Os locais e distribuições desses ambientes são apresentados acima, na descrição sobre plantas comestíveis.

Tabela 4.3. Lista parcial de plantas de valor tecnológica dos Xavante de Pimentel Barbosa e Wedezé.

Família botânica	Nome científico	Nome em português	Nome em Xavante	Porção utilizada	Local de ocorrência
Annonaceae	<i>Cardiopetalum calophyllum</i>	Pindaíba-vermelha	<i>bururêware</i>	Madeira, embira	Matas
Annonaceae	<i>Gnattieria sellowiana</i>	Embira-preta	<i>wedetô'a</i>	Madeira, embira	Matas
Annonaceae	<i>Annona coriácea</i>	Marolo-do-cerrado	<i>tôsirî</i>	Madeira	Cerrados
Arecaceae	<i>Attalea</i> spp.	Indaiá	<i>nônôre</i>	Folha, fruto	Campos de murundu, cerrados
Arecaceae	<i>Mauritia flexuosa</i>	Buriti	<i>uzu</i>	Folha, madeira	Matas, buritizais
Arecaceae	<i>Mauritiella armata</i>	Buritirana	<i>asererê</i>	Folha	Buritizais, brejos, matas
Arecaceae	<i>Asrocaryum aculeatum</i>	Tucumã-da-mata	<i>umhi'a</i>	Madeira	Matas, paisagens antropogênicas
Arecaceae	<i>Asrocaryum</i> sp.	Tucumã-de-touccira	<i>umhi'a</i>	Folha	Matas, campos de murundu, tabocais
Arecaceae	<i>Orbignyia phalerata</i>	Babaçu	<i>nôô</i>	Frutos	Babaçuais, cerrados, matas
Clusiaceae	<i>Calophyllum brasiliense</i>	Jacaruba	<i>wantomowede</i>	Madeira	Matas, buritizais
Costaceae	<i>Costus</i> spp.	Caná-do-brejo	<i>oi'o</i>	Haste, raiz	Matas, buritizais, paisagens antropogênicas
Curcubitaceae	<i>Lagenaria</i> sp.	Cabaça	<i>u'mre</i>	Fruto	Paisagens antropogênicas
Cyperaceae	<i>Hypolytrum</i> sp.	Capim-navalha	<i>a'e</i>	Semente	Brejos
Fabaceae	<i>Apuleia leiocarpa</i>	Garapa	<i>wede'a</i>	Madeira	Matas
(Caesalpinioidae)					
Fabaceae	<i>Dalbergia densiflora</i>	Jacarandá-da-mata	<i>wantomowede</i>	Madeira	Matas
(Faboideae)					
Fabaceae	<i>Dalbergia miscolobium</i>	Jacarandá-do-cerrado	<i>wê</i>	Madeira	Cerrados
(Faboideae)					
Fabaceae	<i>Pterodon pubescens</i>	Sucupira-branca	<i>uibrowede</i>	Madeira	Cerrados, paisagens antropogênicas
(Faboideae)					
Lythraceae	<i>Physocalymma sacaberrimum</i>	Cega-machado	<i>wedetede</i>	Madeira	Matas, cerrados

Família botânica	Nome científico	Nome em português	Nome em Xavante	Porção utilizada	Local de ocorrência
Lythraceae	<i>Lafoensia</i> sp.	Mirindiba	ĩrãĩrã	Casca	Matas, cerrados, paisagens antropogênicas
Moraceae	<i>Brosimum rubescens</i>	Falso-pau-brasil	bruđu	Madeira	Cerrados, matas
Myrtaceae	<i>Myrcia</i> sp.	—	wede 'a' rã	Fruto	Mata ciliar
Poaceae	<i>Guadua</i> spp.	Taboca	ĩĩ	Colmo	Matas, tabocais
Poaceae	<i>Guadua</i> spp.	Taboca	u' m' rãã	Colmo	Matas, tabocais
Sapindaceae	<i>Paullinia</i> sp.	Timbó	abawazi	Haste	Matas, cerrados, tabocais
—	—	—	arãã si' u	Madeira	—
—	—	—	bôti	Madeira	—
—	—	—	õptaire	Fruto	—
—	—	—	wamaresu 'a	Madeira	—
—	—	—	wede 'n' horo' lo	Casca	—
—	—	—	T'ru' murire	Fruto	—
—	—	—	ĩrãdupurê	Fruto	—

(-) Taxon não-identificado.
Obs.: "Matas" inclui matas de galeria, ciliar, cerrado e mata seca com ou sem "tabocal".

Nº 0030/11
194
femme

0030/11
195
Lima

Para concluir esta seção, vale uma breve referência quanto ao uso de plantas para fins medicinais, cerimoniais e espirituais. Algumas dessas plantas são consideradas de conhecimento público entre os Xavante ou, por vezes, somente entre homens ou mulheres. Outras são de conhecimento ainda mais restrito, compartilhado somente entre membros de certos grupos sociais (por exemplo, homens participantes de grupos espirituais ou mulheres velhas) ou de grupos familiares (Maybury-Lewis, 1984 [1967]). Por exemplo, o conhecimento secreto das mulheres tende a ser transmitido matrilinearmente entre mães e filhas (Welch, 2009). Alguns dos segredos mais valorizados pelas mulheres incluem plantas relacionadas à gravidez e ao parto, assim como técnicas de manufatura de cerâmica e uso de ervas. Os homens, por sua vez, também têm conhecimentos especializados sobre o uso de plantas de valor cerimonial e espiritual. Alguns desses conhecimentos envolvem os tipos de madeira utilizados para fazer brincos, fibras para a confecção de pulseiras e tornozeleiras, pós de origem vegetal para purificação e fortalecimento, assim como muitos outros que não são revelados. Para os Xavante, cada um desses itens apresenta qualidades específicas, como a de proteger, promover a saúde ou atrair coisas boas. Uma consequência do contexto social da etnomedicina Xavante é que esse conhecimento não é universal. Em alguns casos, indivíduos que não têm acesso a determinado conhecimento podem solicitar a pessoas que o detém que lhes preparem certos itens ou que lhes prestem um serviço específico. Por exemplo, um homem pode pedir a outro, de outra família, que lhe prepare um tipo específico de brinco. Homens e mulheres cotidianamente saem para coletar plantas de uso medicinal, cerimonial e espiritual para serem utilizados em rituais, para satisfazer as necessidades de alguém que esteja doente ou em atenção ao pedido de outra pessoa. A área de Wedezé é frequentemente utilizada para esses fins devido à abundância de recursos de plantas de uso secreto, alguns dos quais não são tão abundantes na TI Pimentel Barbosa. Contudo, devido ao caráter de segredo envolvido nessas atividades, os locais específicos de coleta não podem ser revelados ou detalhados neste relatório.

4.3. Os Xavante e a fauna de Pimentel Barbosa e Wedezé

A fauna de ocorrência no bioma dos cerrados é destacada na maioria dos levantamentos pela grande riqueza de espécies, especialmente em alguns grupos zoológicos. Do ponto de vista histórico, é importante destacar que pioneiras contribuições científicas ao conhecimento da fauna da região Centro-Oeste do Brasil foram realizadas

0030/11
396
Jennel

com base em investigações conduzidas na macrorregião que atualmente inclui a TI Pimentel Barbosa e Wedezé. Esta área compreende uma faixa que se estende desde o Alto Rio Xingu, a oeste, até o Médio e Alto Rio Araguaia, a leste, incluindo a Serra do Roncador e o Rio das Mortes, territórios imemoriais do povo Xavante (Pine et al., 1970; Pinto e Camargo, 1948; Vieira, 1951).

Em um dos primeiros levantamentos sistemáticos da fauna do cerrado, Costa et al. (1981) listou 1501 espécies de vertebrados (excluindo peixes), das quais 935 eram aves, 298 mamíferos e 268 répteis. Silveira (2008), por sua vez, totalizou 840 espécies de aves para o cerrado, das quais trinta e três foram consideradas endêmicas à região. Na região do médio curso do Rio das Mortes, Melo (2007) identificou setenta e duas espécies de peixes, incluídas em dezessete famílias distintas. É, portanto, altamente diversa e rica a comunidade de peixes do complexo hidrográfico formado pelos rios Araguaia e Mortes (Araújo et al., 2007; Melo et al., 2005; Melo et al., 2004). Quanto aos insetos da região de cerrado, estima-se a existência de cerca de 90.000 espécies. Porém, especialistas consideram que esse número ainda está longe de ser preciso. Abelhas e cupins perfazem porcentual expressivo da fauna da região, representando aproximadamente 35% e 23% do total (Aguiar et al., 2005-2007).

Os Xavante detêm profundos conhecimentos etnozoológicos, com complexo sistema de classificação da fauna (vide, por exemplo, o estudo etnoornitológico de Carrara, 1997) e múltiplas estratégias para maximizar o rendimento de seus investimentos em atividades de caça e pesca.

Dentre os insetos utilizados pelos Xavante, nove tipos foram identificados segundo família ou gênero. Sete deles pertencem à família Apidae, um à família Formicidae e outro à família Vespidae (Tabela 4.4). Dentre os insetos, as abelhas silvestres sem ferrão (família Apidae; subfamília Meliponinae) e vespas (Vespidae) se destacam na alimentação dos Xavante por produzirem mel, que é muito apreciado. Dentre as oito espécies de abelhas produtoras de mel, seis são encontradas em campos de murundu, seis em áreas de cerrado, quatro em matas secas com tabocal, três em matas de galeria e ciliares e três em buritizais. Como descrito anteriormente, todos esses tipos de vegetação estão presentes em Wedezé, com exceção de matas secas com tabocal. Ainda que muitas áreas de Wedezé sejam valorizadas devido à presença de abelhas melíferas, há uma região que é particularmente conhecida por sua abundância de variedades de mel. Essa área se localiza na porção norte de Wedezé, em uma região com campos de murundu e palmais, como indicado na Figura 3.4. Os Xavante também apreciam como alimento

Nº	0030/11
DATA	19/
ASSINATURA	fonne

tanajuras e saúvas, insetos da família Formicidae. Esses insetos são encontrados em áreas de cerrados, matas de galeria e ciliares e paisagens antropogênicas (pastos), todos com ampla distribuição em Wedezé (Figura 4.2).





MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI
Diretoria de Proteção Territorial
Coordenação Geral de Identificação e Delimitação
SEPS Quadra 702 Sul - Bloco A - Edifício Lex - 3º Andar
Brasília/DF - 70390-025
Tel.: (61) 3313-3721

FUNAI/SEPRO
Serviço de Expedição e Protocolo



08620.016998/2011-30

PROC. nº 0030/11
Fls. 198
Rubrica

PROC. 08620	-DV
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO	
X	

Memorando nº 641 /CGID/2011

Brasília, 18 de Novembro de 2011.

Ao: Setor de Protocolo – SEPRO

Assunto: Processo de Identificação e Delimitação
Ref.: Processo nº 08620.0030/2011 – Terra Indígena Wedezé

1. Tendo em vista a legislação específica sobre as quantidades máximas de folhas por volume, estamos encaminhando 1º volume do processo em referência e, em anexo, documentação em ordem cronológica, para formação de novo volume.
2. Outrossim, solicitamos que retifique no primeiro volume o nome do município para : COCALINHO.

Atenciosamente,


Giovana Acácia Tempesta
Coordenadora Geral de Identificação e Delimitação



Ministério da Justiça

TERMO DE ENCERRAMENTO DE VOLUME

SISTEMA DE GERENCIAMENTO DE DOCUMENTOS/PROCESSOS MJDOC

FUNAI/SEPRO - Serviço de Expedição e Protocolo

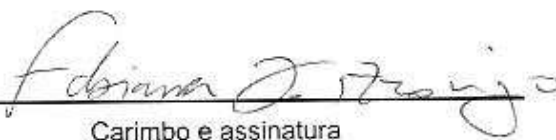
TERMO DE ENCERRAMENTO DE VOLUME

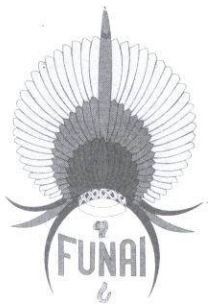
Rubrica: _____
Fls: _____
Proc. nº: _____

Ao(s) 28 dia(s) do mês de Novembro de 2011, procede o encerramento deste volume, nº do Processo 08620.000030/2011-91, contendo 198 folhas, abrindo-se em seguida o volume nº 2.

Para constar, eu FABIANA OLIVEIRA DE ARAÚJO, sobrecrevo e assino.

Proc. nº: 0030/11
Fls: 199
Rubrica: 185


Carimbo e assinatura



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

NÚMERO DO PROCESSO

PROC. 08620-000030/2011-91

DATA: 06/01/2011

INCLUSO NQ MJ DOC

2º VOLUME

INTERESSADO

GRUPO INDÍGENA XAVANTE

DOCUMENTO PRIMÁRIO

MEMORANDO
Espécie

INF 01/CGID/11
Nº

Procedência

04/01/2011

Data

ASSUNTO

IDENTIFICAÇÃO E DELIMITAÇÃO DA T.I. WEDEZÉ

CÓDIGO

RESUMO

IDENTIFICAÇÃO E DELIMITAÇÃO DA TERRA INDÍGENA WEDEZÉ LOCALIZADA NO MUNICÍPIO DE COCALINHO, MATO GROSSO, DE OCUPAÇÃO TRADICIONAL DO POVO INDÍGENA XAVANTE

MOVIMENTAÇÃO					
DATA		DESTINO	DATA		DESTINO
01	28-11-11	CGID.	21		
02			22		
03			23		
04			24		
05			25		
06			26		
07			27		
08			28		
09			29		
10			30		
11			31		
12			32		
13			33		
14			34		
15			35		
16			36		
17			37		
18			38		
19			39		
20			40		

08620/2011-91



Ministério da Justiça

TERMO DE ABERTURA DE VOLUME

SISTEMA DE GERENCIAMENTO DE DOCUMENTOS/PROCESSOS MJDOC

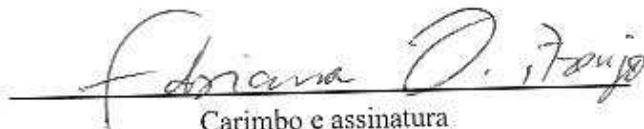
FUNAI/SEPRO - Serviço de Expedição e Protocolo

TERMO DE ABERTURA DE VOLUME

Proc. nº: 0030/11
Fol.: 200
Rubrica: 15

Ao(s) 28 dia(s) do mês de Novembro de 2011, procede a abertura deste volume, de nº 08620.000030/2011-91, que se inicia com a folha nº 200.

Para constar, eu FABIANA OLIVEIRA DE ARAÚJO, sobrescrevo e assino.


Carimbo e assinatura

Data: 28/11/2011

Hora: 17:05

Emitido por: FABIANA OLIVEIRA DE ARAÚJO
FUNAI/SEPRO

Ministério da Justiça

Página 1 de 1

Tabela 4.4. Lista parcial de insetos de importância na alimentação dos Xavante de Pimentel Barbosa e Wedezé.

Família zoológica	Nome científico	Nome em português	Nome em Xavante	Categoria etnolingüística	Locais de ocorrência
Apidae	*	*	<i>abzô</i>	<i>ropĩ</i> (abelha)	Campos de murundu, cerrados
Apidae	*	*	<i>ameri</i>	<i>ropĩ</i> (abelha)	Buritizais, campos de murundu, matas secas/tabocais
Apidae	*	*	<i>etômorã</i>	<i>ropĩ</i> (abelha)	Campos de murundu, cerrados
Apidae	*	*	<i>nhânãrã</i>	<i>ropĩ</i> (abelha)	Cerrados, matas ciliares/de galeria, matas secas/tabocais
Apidae	*	*	<i>pi'u</i>	<i>ropĩ</i> (abelha)	Buritizais, campos de murundu, cerrados
Apidae	*	*	<i>rãzô</i>	<i>ropĩ</i> (abelha)	Cerrados, matas ciliares/de galeria, matas secas/tabocais
Apidae	*	*	<i>ub'rã</i>	<i>ropĩ</i> (abelha)	Campos de murundu
Formicidae	<i>Atta</i> spp.	Tanajura, saúva	<i>rãti'io</i> (<i>rãti'uzé</i>)	<i>zô'mhu</i> (formiga)	Cerrados, matas ciliares/de galeria, paisagens antropogênicas
Vespidae	*	*	<i>wamhanare</i>	<i>ropĩ</i> (abelha)	Buritizais, campos de murundu, cerrados, matas ciliares/de galeria, matas secas/tabocais

* Não-identificado.

Fonte: Carlos E.A. Coimbra Jr. e James R. Welch, dados inéditos.

Proc. no 0030/11
Fis. 201
Rubrica 135

Foram identificadas 41 espécies de peixes que os Xavante valorizam como alimento (Tabela 4.5), pertencentes a 13 diferentes famílias. Predominam espécies da família Characidae (17 espécies), Pimelodidae (7 espécies) e Anostomidae (4 espécies). De um total de 41 espécies, 78,0% ocorrem em grandes rios, 41,5% em lagoas, 34,1% em rios pequenos e 7,3% em brejos ou buritizais. Os dois principais rios existentes na região de Wedezé são o Rio das Mortes, a oeste, e o Rio Água Preta, a leste. Lagoas estão presentes em ambos os rios, mas são mais comuns na margem direita do Rio das Mortes, tanto na parte sul como ao norte (Figura 4.1). Uma evidência do alto significado cultural e econômico que os Xavante atribuem às lagoas reside no fato de que apresentam um detalhado conhecimento etnogeográfico sobre elas, incluindo nomes específicos para a maioria (Figura 4.1).

Para a pesca, os Xavante lançam mão de diferentes estratégias que, a depender do local e/ou da estação, pode incluir o uso do timbó, arco e flecha ou linha e anzol convencionais. A complexidade estrutural da bacia hidrográfica do Rio das Mortes, com intrincada rede de cursos d'água de variado calado, lagoas e brejos, implica em grande diversidade de abrigos e locais de alimentação para os peixes. Tamanha diversidade de habitat aquáticos requer, por parte do pescador, profundos conhecimentos de ecologia dos ecossistemas aquáticos da região de modo a garantir o sucesso da pescaria.

Os répteis contribuem ao cardápio alimentar dos Xavante com três espécies de quelônios – a tartaruga e o tracajá, capturados principalmente nas águas rasas do Rio das Mortes e nas lagoas em seu entorno, e o jabuti, que pode ser encontrado em diferentes tipos de cerrado ou nas matas (Tabela 4.6). Esses quelônios são altamente valorizados por sua carne. Na época de estiagem, quando o nível do Rio das Mortes é baixo e as praias ficam expostas, a coleta de ovos de quelônios recém depositados nas praias é motivo de mobilização de grupos familiares. Além das lagoas e águas do Rio das Mortes, onde a tartaruga e o tracajá são capturados, foram identificadas 11 praias que servem como locais preferenciais para a coleta de ovos (Figura 3.4).

É grande o número de aves de interesse para os Xavante, tanto pelo seu uso na alimentação como pelas penas, de grande relevância na produção de adereços usados em contextos cerimoniais. Por meio de entrevista coletiva realizada com velhos Xavante da aldeia Pimentel Barbosa, tendo por base o estudo etnozoológico de Carrara (1997), foi possível identificar 98 espécies de aves de valor cultural, número inferior ao total de espécies de aves por eles utilizado (Tabela 4.7). Dessas aves, 64 são usadas como alimento e 81 por suas penas. Noventa e cinco foram identificadas segundo gênero ou

espécie. As famílias com maior número de espécies incluem: Alcedinidae (12 espécies), Psittacidae (10), Caprimulgidae (7), Columbidae (7), Falconidae (6), Trochilidae (6), Tinamidae (5) e Anatidae (4). Os Xavante são exímios conhecedores das relações entre a fauna ornitológica e a vegetação, identificando, por exemplo, árvores frutíferas que atraem determinadas aves.

Devido à grande mobilidade apresentada por esse grupo zoológico, espécies de aves são geralmente encontradas nos vários ambientes. Os Xavante reconhecem os vários tipos de habitat e as associações específicas de diferentes espécies e grupos de aves com esses locais. As 98 espécies documentadas são buscadas pelos Xavante em nove diferentes tipos de paisagens ou vegetação. Em ordem decrescente, são encontradas em áreas de cerrado (64,3% das espécies), matas secas com tabocal (63,3%), matas de galeria ou ciliares (49,0%), campos de murundu (46,9%), rios (23,5%), paisagens antropogênicas – pastos (21,4%), lagoas (19,4%), buritizais (10,2%) e serras (2,0%). Vale frisar que essas frequências, segundo paisagem ou vegetação, não são mutuamente excludentes, ou seja, diversas dessas espécies ocorrem em mais de um ambiente. Todos esses tipos de vegetação e de paisagens ocorrem em Wedezé, com exceção de matas secas com tabocal. As localizações são discutidas acima. Adicionalmente, a principal serra em Wedezé é o chamado Morro de Wedezé (São Domingos), localizado nas proximidades da aldeia de Wedezé (Figuras 4.1 e 4.6). Há espécies de aves, inclusive algumas que os Xavante valorizam por suas penas para fins cerimoniais, que se encontram predominantemente nas lagoas da região de Wedezé (Figura 4.1). Em particular, há uma lagoa, chamada Sipa'aprere Nhõ'u, que é conhecida por apresentar uma grande população de colhereiros. Sua localização está indicada com um número 4 em vermelho na Figura 3.4.

Figura 4.6. Foto aérea do Morro de Wedezé, área de Wedezé, 2009.



Foto: James R. Welch

Tabela 4.5. Lista parcial de peixes de importância na alimentação dos Xavante de Pimentel Barbosa e Wedezé.

Família zoológica	Nome científico	Nome em português	Nome em Xavante	Locais de ocorrência	Fontes
Anostomidae	<i>Leporinus affinis</i>	Piau-flamengo	pezatô 'nhîhîdô	Rios grandes, rios pequenos	1, 2
Anostomidae	<i>Leporinus friderici</i>	Piau-cabeça-gorda	pezatô 'wantô	Rios grandes, rios pequenos	1, 2
Anostomidae	<i>Leporinus trifasciatus</i>	Piau-açu	pezatô 'wizâhu	Rios grandes, rios pequenos	1, 2
Anostomidae	<i>Schizodon vittatus</i>	Piau-vara	pezatô 'pâ	Rios grandes, rios pequenos	1, 2
Auchenipteridae	<i>Ageneiosus inermis</i>	Boca-larga	madubé	Rios grandes, rios pequenos	1, 2
Characidae	<i>Asiatax</i> spp.	Piaba	pe 'awawê	Rios pequenos	1
Characidae	<i>Brycon falcatus</i>	Voadeira	pehôi 'ré	Rios grandes, rios pequenos	1, 2
Characidae	<i>Brycon</i> sp.	Matrinchã	pehôi 'ré 'wawê	Rios grandes	1, 2
Characidae	<i>Chalceus spirostus</i>	Rabo-vermelho	pehôi 'ré	Rios grandes, rios pequenos	1, 2
Characidae	<i>Myiurus torquatus</i>	Pacu	pezapôtô 'wâra	Rios grandes	1, 2
Characidae	<i>Mylossoma duriventre</i>	Pacu-manteiga	pezapôtô 'wâra	Rios grandes	1, 2
Characidae	<i>Piaractus brachipomus</i>	Caranha	zôrô 'ro 'ôwarîwa	Rios grandes	1, 2
Characidae	<i>Pygocentrus nattereri</i>	Piranha-vermelha	wa 'wa 'ahoripré	Lagoas, rios grandes	1, 2
Characidae	<i>Serrasalminus rhombus</i>	Piranha-preta	wa 'wa 'râ	Rios grandes	1, 2
Characidae	<i>Tetragonopterus argenteus</i>	Pataca	pe 'â 'tomozapôdô	Lagoas, rios grandes, rios pequenos	1, 2
Characidae	<i>Tomates</i> sp.	Curupeté	pezapôarâ 'râ	Rios grandes	1, 2
Characidae	<i>Triporthicus auritus</i>	Sardinha comprida	penhō 'ontomwâ	Lagoas, rios grandes	1, 2
Characidae	<i>Triporthicus trifurcatus</i>	Sardinha	penhō 'ontomwâ	Lagoas, rios grandes	1, 2
Characidae	*	Piabinha	pe 'apré	Rios pequenos	1
Cichlidae	<i>Astronotus</i> spp.	Acará-açu, apaiari	pe 'wâpru	Brejos, lagoas, rios grandes, rios pequenos	1
Cichlidae	<i>Cichla monoculus</i>	Tucunaré	piwarâtomê	Lagoas	1, 2
Cichlidae	<i>Crenicichla lugubris</i>	Sabão	pépê	Lagoas, rios grandes, rios pequenos	1, 2
Ctenopomidae	<i>Boulengerella cuvieri</i>	Bicuda	pépâ	Rios grandes	1, 2
Cynodontidae	<i>Hydrolycus armatus</i>	Cachorra	pe 'wainhipiti	Rios grandes	1, 2
Erythrinidae	<i>Hoplias malabaricus</i>	Traira	zu 'u 'e	Brejos, lagoas, rios pequenos	1, 2
Erythrinidae	*	Yô-yô	zusu	Buritizais, lagoas	1
Gymnotidae	<i>Gymnotus carapo</i>	Tuvira	paipé	Lagoas	1, 2

Família zoológica	Nome científico	Nome em português	Nome em Xavante	Locais de ocorrência	Fontes
Hemiodontidae	<i>Hemiodus unimaculatus</i>	Bananinha	<i>pewaduboni</i>	Lagoas, rios grandes	1, 2
Loricariidae	<i>Squaliforma emarginata</i>	Cascudo	<i>pehōi'véré</i>	Rios grandes, rios pequenos	1, 2
Osteoglossidae	<i>Osteoglossum bicirrhosum</i>	Aruaná	<i>pe'invare</i>	Lagoas	1, 2
Pimelodidae	<i>Brachyplatystoma filamentosum</i>	Filhote	<i>petop'ráre</i>	Rios grandes	1, 2
Pimelodidae	<i>Hemisorubim platyrhynchos</i>	Jurupoca	<i>sadahi'uptépré</i>	Lagoas	1, 2
Pimelodidae	<i>Phractocephalus hemiopterus</i>	Pirarara	<i>pest'wazari'ō</i>	Rios grandes	1, 2
Pimelodidae	<i>Pimelodus blochii</i>	Mandi	<i>sadahi</i>	Lagoas	1, 2
Pimelodidae	<i>Pirirampus pirinampu</i>	Barbado	<i>pewatasupó</i>	Rios grandes	1, 2
Pimelodidae	<i>Pseudoplatystoma fasciatum</i>	Pintado	<i>sadahi'rāpó</i>	Lagoas, rios grandes	1, 2
Pimelodidae	<i>Zungaro zungaro</i>	Jaú	<i>pérá</i>	Rios grandes	1, 2
Pristigasteridae	<i>Pellona castelnaeana</i>	Tubarana	<i>peti'zé</i>	Rios grandes	1, 2
Prochilodontidae	<i>Prochilodus nigricans</i>	Papa-terra	<i>petomā'hópó</i>	Lagoas, rios grandes	1, 2
Prochilodontidae	<i>Semaprochilodus brama</i>	Jaraqui	<i>petomā'zarebepré</i>	Lagoas, rios grandes	1, 2
Sciaenidae	<i>Plagioscion squamosissimus</i>	Curvina	<i>pestwetepará</i>	Rios grandes	1, 2

* Não-identificado.

Fontes: (1) Carlos E.A. Coimbra Jr. e James R. Welch, dados inéditos; (2) Melo et al. (2005).

Tabela 4.6. Lista parcial de répteis de importância na alimentação dos Xavante de Pimentel Barbosa e Wedezé.

Família zoológica	Nome científico	Nome em português	Nome em Xavante	Locais de ocorrência
Podocnemididae	<i>Podocnemis expansa</i>	Tartaruga	u' rãihôpó	Lagoas, rios
Podocnemididae	<i>Podocnemis unifilis</i>	Tracajá	u' rãihôpó (u' rãihôpori)	Lagoas, rios
Testudinidae	<i>Geochelone carbonaria</i>	Jabuti	u' ã	Campos de murundu, cerrados, matas ciliares/de galeria, matas secas/tabocais

Fonte: Carlos E.A. Coimbra Jr. e James R. Welch, dados inéditos.

Tabela 4.7. Lista parcial de aves de importância na alimentação e para obtenção de penas (de uso tecnológico ou ritual) dos Xavante de Pimentel Barbosa e Wedezé.

Família zoológica	Nome científico	Nome em português	Nome em Xavante	Locais de ocorrência	Uso como alimento	Uso das penas
Accipitridae	<i>Accipiter bicolor</i>	Gavião-bombachinha-grande	<i>arobonho'wa</i>	Campos de murundu, cerrados, matas secas/tabocais		X
Accipitridae	<i>Leptodon cayanensis</i>	Gavião-de-cabeça-cinza	<i>arobonho'wa (si'u'u'e)</i>	Campos de murundu, cerrados, matas secas/tabocais		X
Accipitridae	<i>Buteo magnirostris</i>	Gavião-carijó	<i>bôôhiti</i>	Campos de murundu, cerrados, matas ciliares/de galeria, matas secas/tabocais		X
Accipitridae	<i>Buteo platypterus</i>	Gavião-de-asa-larga	<i>bôôhiti</i>	Campos de murundu, cerrados, matas ciliares/de galeria, matas secas/tabocais		X
Accipitridae	<i>Elanus leucurus</i>	Peneira	<i>sistirén</i>	Campos de murundu, cerrados, matas secas/tabocais		X
Accipitridae	<i>Harpagus bidentatus</i>	Gavião-rapina	<i>tepêpanhipré</i>	Cerrados, matas secas/tabocais	X	X
Accipitridae	<i>Ictinia plumbea</i>	Sovi	<i>tepêpanhipré</i>	Cerrados, matas secas/tabocais	X	X
Accipitridae	<i>Buteo albicaudatus</i>	Gavião-de-rabo-branco	<i>wanhôh'wa</i>	Campos de murundu, cerrados, serras	X	X
Accipitridae	<i>Buteo swainsoni</i>	Gavião-papa-gafanhoto	<i>wanhôh'wa</i>	Campos de murundu, cerrados, serras	X	X
Accipitridae	<i>Heterospizias meridionalis</i>	Gavião-caboclo	<i>warîpe</i>	Campos de murundu, cerrados, matas secas/tabocais	X	X
Alcedinidae	<i>Chloroceryle americana</i>	Martim-pescador-pequeno	<i>senhimi'wa</i>	Lagoas, rios		X
Alcedinidae	<i>Megasceryle torquata</i>	Martim-pescador-grande	<i>senhimi'wa</i>	Lagoas, rios		X
Anatidae	<i>Carina moschata</i>	Pato-selvagem	<i>mã'u</i>	Lagoas, rios	X	

Família zoológica	Nome científico	Nome em português	Nome em Xavante	Locais de ocorrência	Uso como alimento	Uso das penas
Anatidae	<i>Dendrocygna autumnalis</i>	Marreca-cabocla	mã'u	Lagoas, rios	X	
Anatidae	<i>Neochen jubata</i>	Pato-corredor	mã'u	Lagoas, rios	X	
Anatidae	<i>Sarkidiornis melanotos</i>	Pato-de-crista	mã'u	Lagoas, rios	X	
Anatidae	<i>Dendrocygna viduata</i>	Irerê	mã'u wa'are	Lagoas, rios	X	
Anhimidae	<i>Anhima cornuta</i>	Anhuma	a'ã'ru	Matas ciliares/de galeria, matas secas/tabocais	X	X
Anhimidae	<i>Chauna torquata</i>	Tachá	siwai'ô	Lagoas, rios		X
Ardeidae	<i>Egretta thula</i>	Garça-branca-pequena	siba'u	Lagoas, matas ciliares/de galeria	X	X
Ardeidae	<i>Tigrisoma lineatum</i>	Socó-boi	sã'rehõ	Rios	X	X
Ardeidae	<i>Butorides striatus</i>	Socozinho	sõrehõ'u'ere	Lagoas, rios	X	X
Bucconidae	<i>Monasa spp.</i>	Chora-chuva	mo'onihidi	Matas ciliares/de galeria, rios		X
Caprimulgidae	<i>Chordeiles pusillus</i>	Bacurazinho	pé'ere	Campos de murundu, cerrados, matas ciliares/de galeria, matas secas/tabocais		X
Caprimulgidae	<i>Nyctiprogne leucopyga</i>	Bacurau-de-cauda-barrada	pé'ere	Campos de murundu, cerrados, matas ciliares/de galeria, matas secas/tabocais		X
Caprimulgidae	<i>Podager nacunda</i>	Coruçã	re'pu	Campos de murundu, cerrados, matas ciliares/de galeria, matas secas/tabocais		X
Caprimulgidae	<i>Caprimulgus maculicaudus</i>	Bacurau-de-rabo-maculado	sihõni	Cerrados, matas ciliares/de galeria, matas secas/tabocais		X
Caprimulgidae	<i>Lurocalis semitorquatus</i>	Tuju	sihõni	Campos de murundu, cerrados, matas secas/tabocais		X
Caprimulgidae	<i>Caprimulgus rufus</i>	João-corta-pau	sihõnibõrã	Campos de murundu, cerrados, matas ciliares/de galeria, matas secas/tabocais		X

Família zoológica	Nome científico	Nome em português	Nome em Xavante	Locais de ocorrência	Uso como alimento	Uso das penas
Caprimulgidae	<i>Hydropsalis brasiliensis</i>	Bacurau-tesoura	<i>sihōnibōpa (di' i' hū)</i>	Campos de murundu, cerrados, matas ciliares/de galeria, matas secas/tabocais		X
Cardinalidae	<i>Piranga flava</i>	Sanhaçu-de-fogo	<i>si'pré</i>	Lagoas, rios	X	X
Cariamidae	<i>Cariama cristata</i>	Seriema	<i>waritire</i>	Campos de murundu, cerrados, paisagens antropogênicas	X	X
Ciconiidae	<i>Mycteria americana</i>	Cabeça-seca	<i>si'ndi'ré</i>	Lagoas, rios	X	X
Ciconiidae	<i>Jabiru mycteria</i>	Tuiuti	<i>za'u'ê</i>	Lagoas, rios	X	X
Columbidae	<i>Columba picazuro</i>	Asa-Branca	<i>nā'pré</i>	Matas ciliares/de galeria, matas secas/tabocais	X	
Columbidae	<i>Leptotila spp.</i>	Juriti	<i>nā'pré</i>	Matas ciliares/de galeria, matas secas/tabocais	X	
Columbidae	<i>Zenaida macroura</i>	Pomba-de-bando	<i>nā'pré</i>	Matas ciliares/de galeria, matas secas/tabocais	X	
Columbidae	<i>Columba squamata</i>	Fogo-apagou	<i>nāire'u'ê</i>	Campos de murundu, cerrados, matas secas/tabocais	X	X
Columbidae	<i>Claravis pretiosa</i>	Pomba-de-espelho	<i>utu'u</i>	Cerrados, matas ciliares/de galeria, matas secas/tabocais	X	
Columbidae	<i>Columba speciosa</i>	Pomba-trocal	<i>utu'u</i>	Cerrados, matas ciliares/de galeria, matas secas/tabocais	X	
Columbidae	<i>Patagioenas cayennensis</i>	Pomba-galega	<i>utu'upré</i>	Matas ciliares/de galeria, matas secas/tabocais	X	X
Corvidae	<i>Cyanocorax cyanomelas</i>	Gralha-cinza	<i>a'apré</i>	Cerrados, matas secas/tabocais	X	X
Corvidae	<i>Cyanocorax cristatellus</i>	Gralha-do-campo	<i>mhā'nhā</i>	Campos de murundu, cerrados		X
Corvidae	<i>Cyanocorax spp.</i>	Gralha	<i>utōrané</i>	Cerrados, matas ciliares/de galeria, matas secas/tabocais		X
Cotingidae	<i>Cotinga cayana</i>	Anambé-azul	<i>si'uzé</i>	Cerrados, matas ciliares/de galeria, matas secas/tabocais		X

Família zoológica	Nome científico	Nome em português	Nome em Xavante	Locais de ocorrência	Uso como alimento	Uso das penas
Cracidae	<i>Penelope</i> spp.	Jacu	<i>a'apré</i>	Cerrados, matas ciliares/de galeria, matas secas/tabocais	X	X
Cracidae	<i>Crax fasciolata</i>	Mutum-de-penacho	<i>a'ra'ru</i>	Matas ciliares/de galeria, matas secas/tabocais	X	X
Emberizidae	<i>Coryphospingus pileatus</i>	Tico-tico-rei-cinza	<i>sirãihômore</i>	Cerrados, paisagens antropogênicas	X	X
Emberizidae	<i>Arremon</i> spp.	Tico-tico	<i>sirãwawi</i>	Cerrados, paisagens antropogênicas	X	X
Emberizidae	<i>Paroaria coronata</i>	Cardeal	<i>wahi'ware</i>	Cerrados, paisagens antropogênicas		X
Eurypygidae	<i>Eurypyga helias</i>	Pavãozinho-do-pará	<i>mã'u'wa'are</i>	Lagoas, rios	X	
Falconidae	<i>Falco femoralis</i>	Falcão-de-coleira	<i>arobonho'wa</i>	Campos de murundu, cerrados, matas secas/tabocais		X
Falconidae	<i>Falco rufifigularis</i>	Cauré	<i>arobonho'wa</i>	Campos de murundu, cerrados, matas secas/tabocais		X
Falconidae	<i>Microastur ruficollis</i>	Gavião-caburé	<i>arobonho'wa</i>	Campos de murundu, cerrados, matas secas/tabocais		X
Falconidae	<i>Microastur semitorquatus</i>	Gavião-relógio	<i>bãohitire (arobonho'wa)</i>	Campos de murundu, cerrados, matas ciliares/de galeria, matas secas/tabocais		X
Falconidae	<i>Mitvaco chimachima</i>	Gavião-carrapateiro	<i>pineinhure</i>	Campos de murundu, cerrados, matas ciliares/de galeria, paisagens antropogênicas, matas secas/tabocais		X
Falconidae	<i>Daptrius ater</i>	Gavião-de-anta	<i>sihãrôpré</i>	Lagoas, rios		X
Fluvicolinae	<i>Contopus cinereus</i>	Papa-moscas-cinzentos	<i>sizadahu</i>	Campos de murundu, cerrados	X	X
Fringillidae	<i>Euphonia chlorotica</i>	Fim-fim	<i>sizadahu</i>	Campos de murundu, cerrados	X	X
Galbulidae	<i>Galbula</i> spp.	Ariramba	<i>siwatapare</i>	Lagoas, matas ciliares/de galeria, rios, matas secas/tabocais		X

Família zoológica	Nome científico	Nome em português	Nome em Xavante	Locais de ocorrência	Uso como alimento	Uso das penas
Icteridae	<i>Psarocolius</i> spp.	Japu	<i>simanapiteiwawê (uritidu)</i>	Lagoas, matas ciliares/de galeria, rios, matas secas/tabocais		X
Nyctibiidae	<i>Nyctibius griseus</i>	Urutau-comum	<i>hō'are</i>	Campos de murundu, cerrados, matas secas/tabocais		X
Psittacidae	<i>Brodiaea chrysoptera</i>	Periquito-de-asa-dourada	<i>abre</i>	Cerrados, matas ciliares/de galeria, paisagens antropogênicas, matas secas/tabocais	X	X
Psittacidae	<i>Brodiaea chiriri</i>	Periquito	<i>rêri'uptabire</i>	Matas ciliares/de galeria	X	X
Psittacidae	<i>Anodorhynchus hyacinthinus</i>	Arara-azul-grande	<i>sô'i'ara</i>	Matas secas/tabocais	X	X
Psittacidae	<i>Ara ararauna</i>	Arara-de-barriga-amarela	<i>sôm'té</i>	Buritizais, campos de murundu, cerrados, matas secas/tabocais	X	X
Psittacidae	<i>Ara couloni</i>	Maracanã-de-cabeça-azul	<i>sôm'té</i>	Buritizais, campos de murundu, cerrados, matas secas/tabocais	X	X
Psittacidae	<i>Ara macao</i>	Araracanga	<i>sôm'té</i>	Buritizais, campos de murundu, cerrados, matas secas/tabocais	X	X
Psittacidae	<i>Ara severa</i>	Maracanã-guaçu	<i>sôm'té</i>	Buritizais, campos de murundu, cerrados, matas secas/tabocais	X	X
Psittacidae	<i>Pionites leucogaster</i>	Marianinha-de-cabeça-amarela	<i>wai'hôre</i>	Buritizais, campos de murundu, cerrados, matas ciliares/de galeria, paisagens antropogênicas, matas secas/tabocais	X	X
Psittacidae	<i>Amazona aestiva</i>	Papagaio-verdadeiro	<i>wai'hôre</i>	Buritizais, campos de murundu, cerrados, matas ciliares/de galeria, paisagens antropogênicas, matas secas/tabocais	X	X

Família zoológica	Nome científico	Nome em português	Nome em Xavante	Locais de ocorrência	Uso como alimento	Uso das penas
Psittacidae	<i>Amazona xanithops</i>	Papagaio-galego	<i>waitôre</i>	Buritizais, campos de murundu, cerrados, matas ciliares/de galeria, paisagens antropogênicas, matas secas/tabocais	X	X
Ramphastidae	<i>Ramphastos</i> spp.	Tucano	<i>nôrô'wáda</i>	Buritizais, campos de murundu, cerrados, matas ciliares/de galeria, matas secas/tabocais	X	X
Ramphastidae	<i>Pteroglossus castanotis</i>	Araçari-castanho	<i>pizi'ire</i>	Matas ciliares/de galeria, matas secas/tabocais	X	X
Ramphastidae	<i>Pteroglossus bitorquatus</i>	Araçari-de-pescoço-vermelho	<i>zúb'ô're</i>	Matas ciliares/de galeria, matas secas/tabocais	X	X
Rheidae	<i>Rhea americana</i>	Ema	<i>mã</i>	Campos de murundu, cerrados, paisagens antropogênicas	X	X
Strigidae	<i>Bubo virginianus</i>	Corujão-orelhudo	<i>sirediti</i>	Buritizais, cerrados, matas ciliares/de galeria	X	X
Thamnophilidae	<i>Formicivora</i> spp.	Papa-formiga	<i>sinho'utu'uhöre</i>	Campos de murundu, cerrados	X	X
Thraupidae	<i>Cissopis leverianus</i>	Tietinga	<i>siwata'ôdöre</i>	Campos de murundu, cerrados, paisagens antropogênicas	X	X
Threskiornithidae	<i>Ajaja ajaja</i>	Colhereiro-americano	<i>siba'a'pré</i>	Lagoas, matas ciliares/de galeria, rios	X	X
Threskiornithidae	<i>Theristicus caudatus</i>	Curicaca	<i>sôta'are</i>	Buritizais, campos de murundu, rios, paisagens antropogênicas	X	X
Tinamidae	<i>Crypturellus variegatus</i>	Inhambu-anhangá	<i>apto'ô'ubzu</i>	Cerrados, matas ciliares/de galeria, matas secas/tabocais	X	X
Tinamidae	<i>Tinamus major</i>	Inhambu-açu	<i>apto'ô'ubzu</i>	Campos de murundu, cerrados, matas ciliares/de galeria, paisagens antropogênicas, matas secas/tabocais	X	X

OC. n.º 0030/11
Fis. 213
Rubrica 13

Família zoológica	Nome científico	Nome em português	Nome em Xavante	Locais de ocorrência	Uso como alimento	Uso das penas
Tinamidae	<i>Tinamus tao</i>	Azulona	<i>apto'ô'ubzu</i>	Campos de murundu, cerrados, matas ciliares/de galeria, paisagens antropogênicas, matas secas/tabocais	X	X
Tinamidae	<i>Crypturellus undulatus</i>	Jão	<i>dati'ô'u</i>	Lagoas, rios, matas secas/tabocais	X	
Tinamidae	<i>Rhynchotus rufescens</i>	Perdiz	<i>wi'i</i>	Campos de murundu, cerrados, paisagens antropogênicas, matas secas/tabocais	X	X
Trochilidae	<i>Amazilia</i> spp.	Beija-flor	<i>arãrã</i>	Campos de murundu, cerrados, matas ciliares/de galeria, paisagens antropogênicas, matas secas/tabocais	X	X
Trochilidae	<i>Anthracoceros nigrifrons</i>	Beija-flor-de-veste-preta	<i>arãrã</i>	Campos de murundu, cerrados, matas ciliares/de galeria, paisagens antropogênicas, matas secas/tabocais	X	X
Trochilidae	<i>Eupetomena macroura</i>	Beija-flor-tesoura	<i>arãrã</i>	Campos de murundu, cerrados, matas ciliares/de galeria, paisagens antropogênicas, matas secas/tabocais	X	X
Trochilidae	<i>Chrysomitris</i>	Beija-flor-vermelho	<i>arãrãre</i>	Campos de murundu, cerrados, matas ciliares/de galeria, paisagens antropogênicas, matas secas/tabocais	X	X
Trochilidae	<i>Colibri serriviridis</i>	Beija-flor-de-orelha-violeta	<i>arãrãre</i>	Campos de murundu, cerrados, matas ciliares/de galeria, paisagens antropogênicas, matas secas/tabocais	X	X

Família zoológica	Nome científico	Nome em português	Nome em Xavante	Locais de ocorrência	Uso como alimento	Uso das penas
Trochilidae	<i>Lophornis magnificus</i>	Topetinho-vermelho	<i>arârârê</i>	Campos de murundu, cerrados, matas ciliares/de galeria, paisagens antropogênicas, matas secas/tabocais	X	X
Trogonidae	<i>Trogon</i> spp.	Surucua	<i>sinhopré</i>	Matas ciliares/de galeria, rios, matas secas/tabocais	X	
Tyrannidae	<i>Todirostrum</i> spp.	Ferreirinho	<i>sinhati' wairób're</i>	Matas ciliares/de galeria, rios	X	
*	*	*	<i>pa'a</i>	Cerrados, matas ciliares/de galeria, matas secas/tabocais		X
*	*	*	<i>siwawê</i>	Cerrados, matas ciliares/de galeria, matas secas/tabocais		X
*	*	*	<i>urêbêhidi</i>	Cerrados	X	

* Não-identificado.

Fontes: A nomenclatura zoológica e os nomes comuns em português e em Xavante seguem Carrara (1997), Sick (1985) e Costa et al. (1981). Locais de ocorrência obtidos por entrevista com velhos Xavante (Carlos E.A. Coimbra Jr. e James R. Welch, dados inéditos), utilizando os nomes indígenas fornecidos por Carrara (1997).

Quanto aos mamíferos de valor na alimentação dos Xavante, merecem destaque quatro espécies de cervos e veados, duas espécies de porco-do-mato, a anta e o tamanduá-bandeira, por serem estes os mamíferos mais valorizados do ponto de vista cinegético e alimentar (Tabela 4.8). A notícia de que alguém avistou (ou pressentiu através do cheiro ou barulho característico) uma vara de porcos nas proximidades da aldeia ou nas roças é capaz de rapidamente mobilizar um grupo de caçadores para saírem em seu percalço. Roedores de médio porte, como a paca e a cutia, o quati e diferentes espécies de tatu também costumam ser caçados de maneira oportunista quando são avistados ao longo de alguma trilha. Os Xavante são exímios rastreadores, sendo capazes de seguir o trajeto recente de um determinado animal através da identificação de rastros, tipo das fezes ou marcas deixadas pelos dentes na vegetação (no caso de animais herbívoros). Além disso, conhecem bem a associação entre árvores frutíferas e a fauna, o que facilita sobremaneira a localização da espécie desejada a depender da estação de frutificação.

Ao saírem para caçar, os homens Xavante tendem a circular por toda a área proposta de Wedezé. Os homens da aldeia Wedezé saem em busca de áreas de caça ou pesca geralmente seguindo para o norte, margeando os campos e matas ciliares paralelas ao Rio das Mortes, adentrando os campos de murundu e ipucas situados ao nordeste e sudeste da área. Os homens que vivem na aldeias da TI Pimentel Barbosa geralmente chegam à região de Wedezé por quatro pontos que lhes permitem acessar suas áreas de caça preferidas (vide Figura 3.4). No entanto, atualmente os caçadores Xavante não chegam a circular por todas as áreas principais de caça de Wedezé. Como evidenciado durante entrevistas realizadas pelo GT em todas as aldeias na fase final do trabalho de campo, prevalece entre os Xavante uma sensação de muita animosidade por parte dos fazendeiros, o que os leva a concluir que percorrer essas terras pode ser perigoso.

Uma vez que as expedições de caça por vezes duram vários dias ou semanas, ou envolvem o uso de veículos motorizados, há ocasiões quando os Xavante caçam em áreas situadas a grandes distâncias da aldeia de Wedezé, assim como dos quatro pontos de acesso utilizados por aqueles que procedem da TI Pimentel Barbosa. Excursões recentes de caça que foram referidas em entrevistas aos integrantes desse GT chegaram a atingir a região do Rio Água Preta, aproximadamente na mesma latitude da aldeia de Wedezé, as ipucas e campos de murundu que fazem limite com o Rio das Mortes a oeste, o Rio Água Preta a leste, um curso d'água chamado Seré Nārada em Xavante, situado ao norte, e outro denominado U'āhōpō Nhō'u ao sul (vide Figura 4.1). Uma ipuca particularmente grande, na região central de Wedezé, é bem conhecida pelos Xavante como local

preferencial de caça, sendo denominada de Séré (vide número 5 em vermelho na Figura 3.4). Outra área estratégica para caçar consiste nos barreiros, pois o elevado teor de sal mineral verificado nesses solos atrai diversos animais, como a anta e porcos do mato, que aí permanecem por largos períodos lambendo o barro. Em Wedezé, os barreiros ocorrem especialmente nas margens das lagoas. Um dos maiores, muito visitado pelos Xavante em suas caçadas, está localizado próximo do Rio das Mortes, na parte sul de Wedezé (vide número 5 em vermelho na Figura 3.4).

Durante as expedições de caça, os homens Xavante aproveitam para coletar plantas comestíveis, pescar, localizar jabutis e abater aves. Fazem isso por diversas razões. Em primeiro lugar, caçar seguidamente por um ou mais dias é extenuante. Conseqüentemente, à medida que esses outros alimentos são obtidos, os mesmos são imediatamente consumidos. Além disso, os caçadores valorizam a oportunidade de obter quantidades adicionais de alimentos, de maneira que os mesmos possam ser trazidos de volta à aldeia, onde serão compartilhados com parentes e vizinhos. No caso de uma caçada não bem sucedida, os homens ao menos podem retornar à aldeia com alimentos coletados, ao invés de chegarem com as mãos vazias. O resultado dessa estratégia cultural pragmática é que os mesmos locais utilizados para caçar, conforme descritos acima, também são rotineiramente usados para a coleta de alimentos silvestres.



Tabela 4.8. Lista parcial de mamíferos de importância na alimentação dos Xavante de Pimentel Barbosa e Wedezé.

Família zoológica	Nome científico	Nome em português	Nome em Xavante
Caviidae	<i>Cavia aperea</i>	Preá	asânâzé (rutómhó'a)
Cervidae	<i>Blastocerus dichotomus</i>	Cervo-do-pantanal	pozé
Cervidae	<i>Mazama americana</i>	Veadão-mateiro	pône
Cervidae	<i>Mazama gouazoubira</i>	Veadão-catingueiro	poné'ê're
Cervidae	<i>Ozotoceros bezoarticus</i>	Veadão-campeiro	aihô
Cuniculidae	<i>Cuniculus paca</i>	Paca	rawa
Dasipodidae	<i>Dasypoda aguti</i>	Cutia	zâhure
Dasypodidae	<i>Cabassous unicinctus</i>	Tatu-de-rabo-mole	warã uhôzadã'a
Dasypodidae	<i>Dasypus novemcinctus</i>	Tatu-galinha	warã'u
Dasypodidae	<i>Dasypus septemcinctus</i>	Tatu-galinha-pequeno	warã're
Dasypodidae	<i>Euphractus sexcinctus</i>	Tatu-peba	warahôbô
Dasypodidae	<i>Priodontes maximus</i>	Tatu canastra	warãwawe
Dasypodidae	<i>Tolypeutes</i> sp.	Tatu bola	warã'huê
Myrmecophagidae	<i>Myrmecophaga tridactyla</i>	Tamanduá bandeira	paci
Myrmecophagidae	<i>Tamandua tetradactyla</i>	Tamanduá mirim	patire
Procyonidae	<i>Nasua</i> sp.	Quati	wa'ô
Procyonidae	<i>Nasua</i> sp.	Quati	wa'ôpisi
Tapiridae	<i>Tapirus terrestris</i>	Anta	uhôdô
Tayassuidae	<i>Tayassu pecari</i>	Queixada	uhô
Tayassuidae	<i>Tayassu tajacu</i>	Caíiti	uhôre

Fonte: Carlos E.A. Coimbra Jr. e James R. Welch, dados inéditos.



A exemplo do que se conhece a partir da literatura disponível para outros povos indígenas no Brasil, os Xavante não domesticaram, no sentido estrito, animais da fauna silvestre (Carvalho, 1951; Sick, 1985: 85). No entanto, é comum ver-se nas casas indígenas, tanto na TI Pimentel Barbosa como na aldeia Wedezé, inúmeras espécies silvestres que são criadas como animais de estimação. Araras-azuis, papagaios, diversas espécies de periquitos, gaviões, jabutis e porcos-do-mato são facilmente vistos nas aldeias, geralmente soltos e junto às casas de seus donos. Em 2005, James R. Welch (dados inéditos) observou até mesmo a presença de uma anta na aldeia de Pimentel Barbosa que, por ter sido criada desde filhote, acostumou-se de tal forma à vida na aldeia que durante muito tempo, já adulta, voltava à aldeia para uma breve “visita”, após dias de perambulação pelo cerrado.

4.4. Impactos das atividades antrópicas e manejo de recursos naturais

Apesar da importância ecológica da vasta planície hidromórfica conformada pelos rios das Mortes e Araguaia, o avanço da fronteira agrícola na região representa grave ameaça à conservação desse rico ecossistema. A intensificação da colonização do leste de Mato Grosso a partir das décadas de 1960 e 1970 (Jepson, 2006; Menezes, 1982; Oliveira, 1981; Santos, 1993) se fez acompanhar por uma série de atividades econômicas que têm exercido forte impacto sobre o ambiente, gerando áreas extensas de desmatamento, assoreamento de cursos d'água e erosão, principalmente às margens dos grandes rios devido à destruição de matas ciliares. A implantação de extensas áreas dominadas por monoculturas de soja, arroz e cana-de-açúcar na região trazem consigo, além dos efeitos nefastos imediatos sobre a flora e fauna nativas, o risco da poluição ambiental com herbicidas e defensivos agrícolas que, devido ao processo de lixiviação, atingem não apenas o curso principal dos grandes rios, mas também suas cabeceiras, como têm sido apontado recentemente para a região do Alto Rio Xingu (Bôas, 2000; Sanches, 2007).

A agropecuária comercial de larga escala exerce grande impacto sobre a vegetação e fauna nativas da região, transformando rapidamente áreas de cerrado em campos de pastagens artificiais ou plantações de soja (Klink e Machado, 2005; Ratter et al., 1997). Uma análise dos impactos ambientais em uma área de 3646 km² situada ao leste de Mato Grosso, com foco nos municípios de Canarana e Água Boa, vizinhos à TI Pimentel Barbosa, concluiu que aproximadamente 24% da área de cerrado da região foi

profundamente transformada pela agropecuária de larga escala (Brannstrom et al., 2008). Esse mesmo estudo apontou que apenas 40% da vegetação nativa da região permanece preservada, sendo que expressiva parcela se encontra nos limites da TI Pimentel Barbosa.

O mapa reproduzido na Figura 4.7, gerado a partir de imagens de satélite no período 1990-2005, demonstra a extensão dos desmatamentos praticados no entorno da TI Pimentel Barbosa e a centralidade do território Xavante na conservação ambiental da região, por se tratar de uma das poucas áreas onde ainda prevalecem áreas extensas e contínuas de cerrado (Figura 4.7). Esse mapa também evidencia a tendência histórica que se deu a oeste da TI Pimentel Barbosa, marcada por desmatamentos efetuados antes da década de 1990. Comparativamente, o processo de desmatamento ao leste foi iniciado mais recentemente. Por se tratar de um complexo ecológico raro e fragilíssimo, a região de Wedezé, dominada por campos de murundu e ipucas, encontra-se seriamente ameaçada pela expansão das atividades agropecuárias na região, como destacaram Marimon & Lima (2001) em levantamento realizado em diferentes áreas do Município de Cocalinho, Mato Grosso.

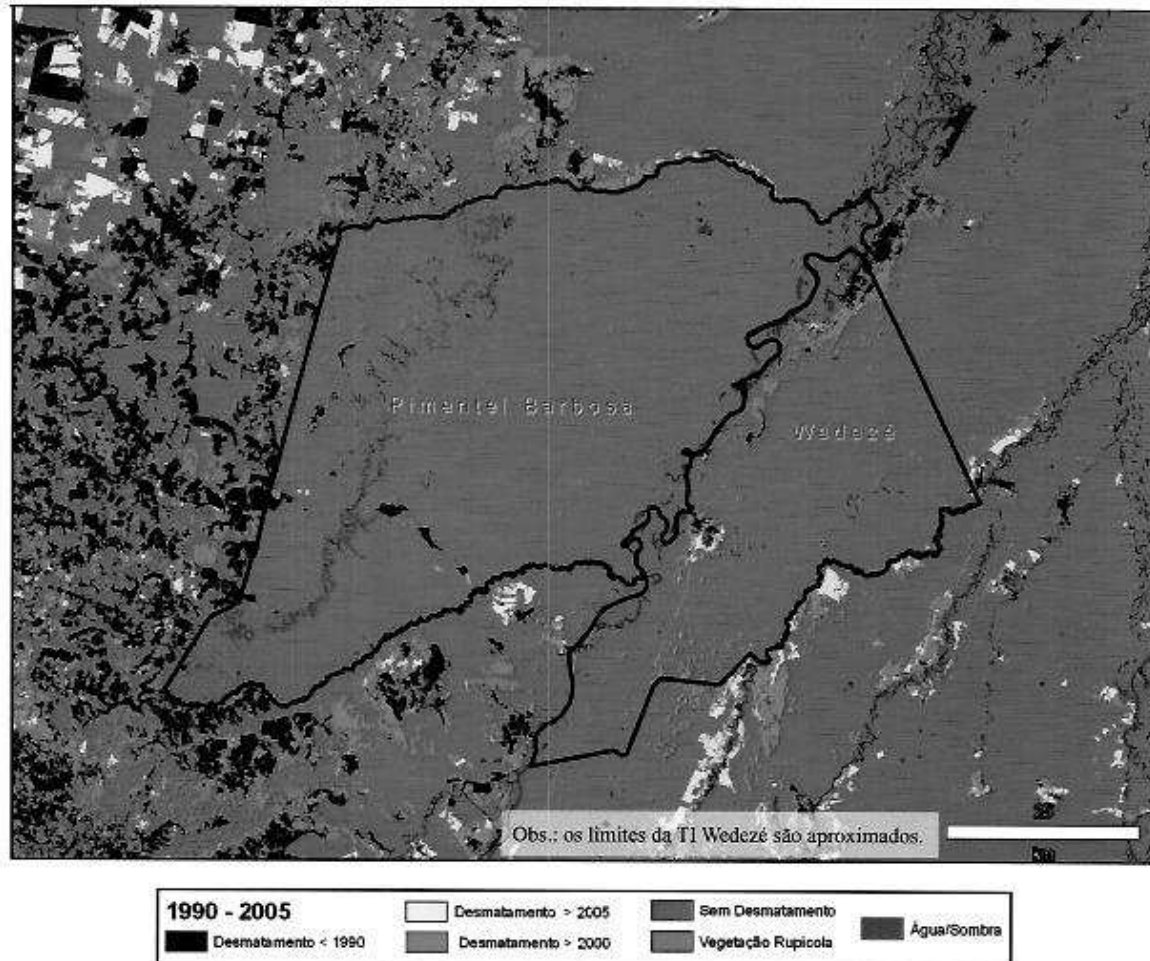
A intensificação da pesca comercial no Rio das Mortes e em suas lagoas, em geral utilizando técnicas altamente danosas aos ecossistemas aquáticos da região, como o espinhel, redes de lance a até mesmo dinamite, constitui motivo de grande preocupação para os Xavante de Pimentel Barbosa e Wedezé (Melo et al., 2005). Não são raras as situações de constrangimento e tensão quando grupos de Xavante se encontram com pescadores que, não raro, chegam a acampar na margem esquerda do Rio das Mortes, em pleno território da TI Pimentel Barbosa. Outra importante ameaça à região de Wedezé, principalmente no que diz respeito aos ecossistemas aquáticos, é o controverso projeto da Hidrovia Araguaia-Tocantins, que inclui o Rio das Mortes, e contra o qual lideranças Xavante e demais etnias da região têm exercido forte oposição face aos seus efeitos imediatos sobre a fauna de peixes, quelônios aquáticos e outros animais cujos hábitat estão relacionados a essa planície (Santilli, 2008).

Apesar de ainda pouco conhecida, a fauna dos cerrados encontra-se fortemente ameaçada devido à expansão das fronteiras agrícolas na região Centro-Oeste. Cerca de 70% desse bioma ainda não foi amostrado do ponto de vista de inventário faunístico (Silveira, 2008), o que configura uma situação alarmante do ponto de vista ambiental, dado que diferentes estimativas dão conta de que, desde a década de 1960, o cerrado perdeu cerca de 40% de sua extensão original (Silveira, 2008). O impacto dessa perda de vegetação nativa é avassalador sobre a fauna. Por exemplo, dentre os mamíferos listados



para o cerrado, dezessete espécies encontram-se incluídas na lista nacional de espécies ameaçadas de extinção (MMA, 2003).

Figura 4.7. Desmatamento na região de Pimentel Barbosa e Wedezé no período de 1990-2005, a partir de imagens de satélite.



Ao contrário dos grandes pecuaristas, pescadores comerciais e outros brasileiros não-indígenas que se estabeleceram no leste de Mato Grosso em décadas recentes, os povos indígenas dessa região tem manejado com sucesso os recursos ambientais do cerrado ao longo de milênios (Barbosa e Schmitz, 2008). Em muitas situações que somente há poucos anos atrás começaram a serem pesquisadas, os povos indígenas no Brasil têm amplificado o potencial de produção do ambiente, através de práticas agrícolas enriquecedoras do solo³⁶, manejo do fogo ou semi-domesticação de espécies vegetais de

³⁶ Esses solos são geralmente chamados de terra preta arqueológica ou simplesmente "terra-preta", constituindo áreas de terra fértil resultante da acumulação de detritos orgânicos resultante da atividade

(assinatura)

importância alimentar ou tecnológica (Posey, 1985).

4.5. Fogo antropogênico e sustentabilidade ambiental

Como descrevemos na Parte 3 desse relatório, o fogo é usado pelos Xavante para a realização de caçadas coletivas em determinadas épocas do ano. Como descrito na Parte 3, atualmente essa prática continua sendo praticada e valorizada com entusiasmo pelos membros das comunidades da TI Pimentel Barbosa e Wedezé. Avaliações insuficientemente informadas acerca da prática de caçadas de fogo no cerrado comumente partem do princípio de que tal prática constitui importante fator de destruição desse bioma (e.g., Alves, 2008). Essa visão também tem sido expressa por partes interessadas na região, sendo utilizada para sustentar argumentos contrários à demarcação de terras indígenas no Estado (e.g., Zopone Jr, 2004). Agências ambientalistas, por sua vez, não têm incorporado, para os fins de gestão ambiental, a noção de que o emprego controlado de fogo pode ter efeitos ecológicos positivos no contexto do manejo de áreas de cerrado protegidas (Pivello, 2006; Ramos-Neto e Pivello, 2000). Devido à pouca atenção prestada à literatura científica por parte de técnicos e até mesmo pesquisadores, o debate acerca dos efeitos ecológicos do fogo no cerrado tem sido equivocado e parcial, ao mesmo tempo em que não tem levado em consideração as estratégias indígenas de manejo da paisagem através do fogo. Além disso, também tem ignorado a importância da caçada de fogo como central ao empenho dos Xavante em manterem sua cultura, face às recentes transformações verificadas na esfera de sua economia alimentar (veja Parte 3) (Coimbra et al., 2002; Welch et al., 2009).

Ao longo das últimas décadas, botânicos e ecólogos desenvolveram extensa literatura que demonstra que o cerrado evoluiu na presença de incêndios naturais e que o regime de queimadas pode ter um efeito positivo sobre a biodiversidade desse bioma (Miranda et al., 2002; Pivello, 2006). O botânico Leopoldo M. Coutinho afirma que:

“O fogo não deve, porém, ser considerado sempre um desastre para a fauna. Ele também pode proporcionar-lhe certos benefícios. Após uma queimada, os insetos polinívoros e nectarívoros beneficiam-se da resposta floral das plantas, nas quais encontram grande disponibilidade de pólen e néctar. Algum tempo depois, essas flores produzirão frutos e sementes que alimentarão outros animais. O próprio rebrotamento vegetativo é de grande importância para aqueles que se alimentam de folhas e brotos tenros, como o vcado-campeiro, a ema etc. Por isso, a densidade desses

animais torna-se maior nas áreas queimadas, que funcionam para eles como um oásis em plena estação seca". (Coutinho, 2002: 90)

Segundo esse mesmo autor, figura dentre os aspectos mais interessantes dos estudos ecológicos disponíveis o fato de muitas plantas e animais do cerrado apresentarem uma gama de adaptações ao fogo que lhes permite não apenas sobreviver aos incêndios, mas tornarem-se melhor adaptados. Dentre as plantas, exemplos de tais adaptações incluem a rápida regeneração das partes aéreas, estímulo à floração e à germinação, assim como a dispersão de sementes após o fogo (Coutinho, 1980). Outros estudos, por sua vez, também mostraram que regimes de queimadas que variam em intensidade, sazonalidade e frequência, assim como o tipo de vegetação existente anteriormente à queima, podem ter efeitos significativamente distintos sobre a biomassa e estrutura da vegetação após o fogo (Castro e Kauffman, 1998; Kauffman et al., 1994). Um estudo recente concluiu que a queima periódica de uma área resultaria em incêndios de menor intensidade e mais fragmentados, sendo conseqüentemente menos destrutivos do que queimadas em áreas protegidas do fogo (Ramos-Neto e Pivello, 2000). O conjunto desses estudos demonstra que o fogo no cerrado não pode ser tratado como um fenômeno uniforme, pois são muitos os fatores envolvidos na determinação de incêndios que podem vir a ser mais ou menos destrutivos. Em suma, sugerem ainda que incêndios esporádicos podem ser vantajosos para a biodiversidade do cerrado, podendo ser considerados como importante técnica de manejo ambiental (Miranda et al., 2002)

Um tema sobre o qual não há consenso diz respeito às conseqüências ecológicas da intensificação da frequência de incêndios. No entanto, os resultados de pesquisas recentes demonstram que mesmo a queimada anual não é uniformemente destrutiva, apesar de, nesses casos, ser possível verificar alterações ecológicas mais significativas no ambiente. Uma série de estudos controlados foi realizada para testar os efeitos da queima repetida sobre diversos indicadores ecológicos. Um desses estudos concluiu que incêndios anuais realizados em uma mesma área teriam impacto limitado sobre a riqueza e a diversidade de espécies arbóreas, segundo medições da biomassa radicular (Castro-Neves, 2007). Outra pesquisa concluiu que, se por um lado incêndios anuais em uma mesma área reduziriam a riqueza de espécies, por outro estimulariam o aparecimento de espécies vegetais específicas (Silva e Batalha, 2008).

O manejo indígena do cerrado tem sido documentado para diversos grupos étnicos do Centro-Oeste, incluindo os Kayapó e Krahô, que pertencem ao mesmo grupo lingüístico Jê que os Xavante (Anderson e Posey, 1985, 1987; Hecht, 2009; Mistry et al.,



2005; Posey, 1985). Esses estudos mostram como que esses povos possuem amplo conhecimento acerca dos efeitos do fogo sobre o ambiente e o empregam com frequência para produzir transformações ecológicas desejáveis. Esse é também o caso dos Xavante.

Usualmente, a caçada de fogo entre os Xavante é organizada pelos velhos em meio a longas conversas que levam em conta inúmeros fatores capazes de afetar a produtividade da caça em uma dada área a curto e longo prazo (James R. Welch, dados inéditos). A conjunção de uma gama de fatores é considerada no planejamento de uma caçada de fogo, que incluem o momento mais apropriado para a sua realização, a frequência de caçadas prévias que ocorreram no local, estação do ano, posição das estrelas no céu, condições meteorológicas, umidade do solo, secura das folhas e quantidade de matéria vegetal seca na superfície do solo. O planejamento da caçada de fogo contempla ainda a distribuição espacial dos focos de fogo com o objetivo de minimizar os efeitos do incêndio (Fragoso et al., 2000), segundo os tipos de vegetação na área e a disposição de barreiras naturais ao fogo como cursos d'água e matas ciliares/de galeria.

Um dos efeitos desse processo de planejamento é que, em um dado ano e de um ano para outro, as queimadas antropogênicas tendem a ser espacialmente distribuídas no território. Essa dinâmica é ilustrada na Figura 4.8, que inclui dados obtidos a partir de quatro imagens de satélite disponíveis para a TI Pimentel Barbosa e Wedezé, referentes aos anos de 1990, 2000, 2005 e 2009. A comparação das áreas queimadas nesses anos (indicadas em tons vermelhos) mostra diferenças importantes ao longo do tempo. Além disso, fica evidente que, no período de 2000-2009, as queimadas foram menos frequentes em Wedezé. Isso ocorreu possivelmente porque os Xavante não costumam usar fogo nas caçadas realizadas na área de Wedezé, de modo a minimizar eventuais conflitos com os fazendeiros. Na TI Pimentel Barbosa, por sua vez, os Xavante continuam a manejar a paisagem utilizando técnicas tradicionais que incluem o fogo³⁷.

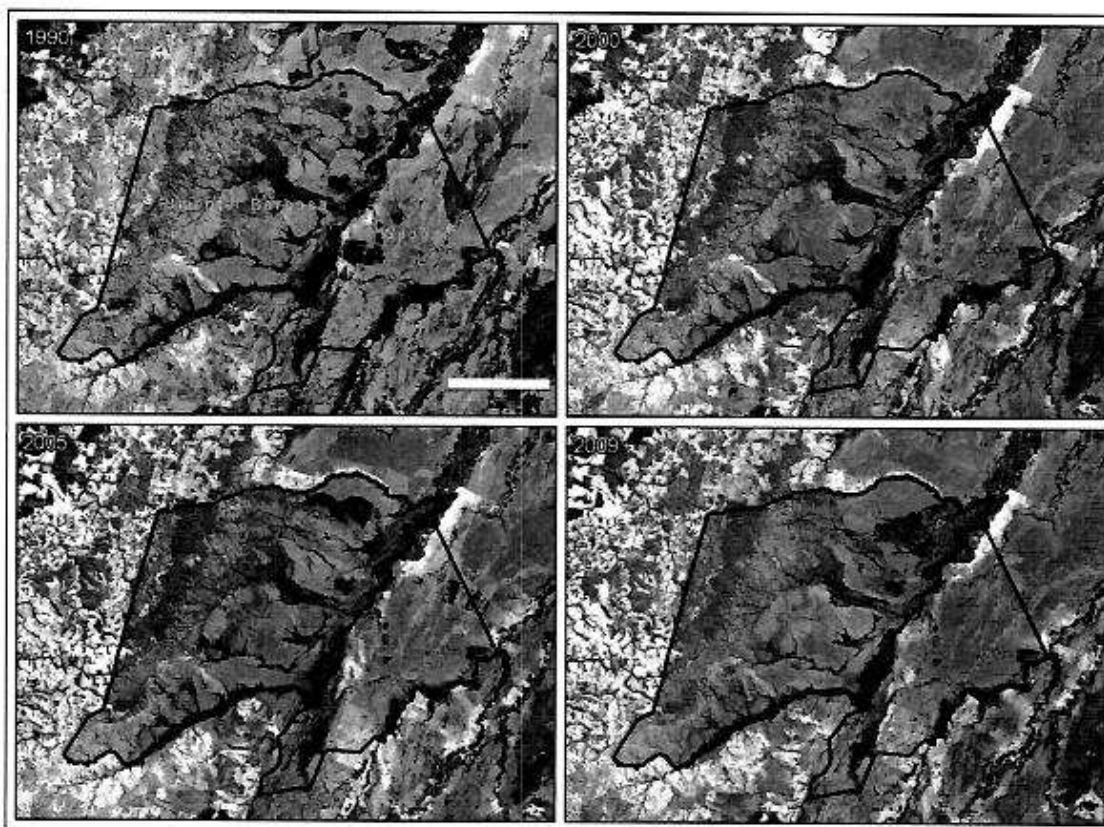
Muita atenção é dada à sustentabilidade das caçadas de fogo em longo prazo, como evidenciado pelo debate interno à comunidade. Por exemplo, a adequação de dada caçada de fogo, realizada em um momento específico, pode ser alvo de críticas por parte dos velhos, segundo os quais os caçadores jovens teriam ateadado fogo em local ou ocasião inadequado (James R. Welch, dados inéditos). Ao planejarem uma caçada de fogo, os

³⁷ Conforme discutido em detalhes na Parte 3, as atividades de caçada de fogo, além da dimensão de obtenção de alimentos, são de suma importância na reprodução cultural do povo Xavante, estando intimamente relacionadas com cerimônias de iniciação e de casamento, entre outros aspectos da vida social.



velhos comumente discutem o tempo que se passou desde a última queimada em uma dada área para assegurar que houve tempo necessário à recuperação da vegetação e para que suficiente biomassa seca tenha se acumulado na superfície para garantir um bom fogo. Segundo os Xavante, na eventualidade de tempo suficiente desde a última caçada não ter se passado, a vegetação não queimará de modo a propiciar uma caçada bem sucedida. Por outro lado, eles asseguraram que, caso tenha se passado muito tempo, o resultado será um fogo que queimará muito rápido e quente, tornando-se perigoso para os caçadores e levando a uma caçada menos produtiva.

Figura 4.8. Imagens de satélite da TI Pimentel Barbosa e Wedezé referentes aos anos 1990, 2000, 2005 e 2009, evidenciando em vermelho a distribuição de áreas queimadas.



Obs.: os limites da TI Wedezé são aproximados.

Intrínseco a essa discussão é o conhecimento cultural dos Xavante acerca dos efeitos positivos do fogo sobre o cerrado (James R. Welch, dados inéditos). Mesmo os caçadores mais jovens reconhecem, a partir de sua própria experiência, que o rebrotamento após o fogo se dá rapidamente e é vicejante. Segundo caçadores Xavante, a única mudança visível quatro a oito semanas após muitos incêndios é o surgimento de folhagem de coloração verde intensa em áreas onde anteriormente predominava um tom

amarelo-queimado e sem brilho (Figuras 4.9 e 4.10). Passado algum tempo, esses caçadores retornam aos campos queimados, já que sabem que lá encontrarão vários mamíferos atraídos pelos brotos frescos e macios do capim recém-brotado. Os velhos são ainda mais sutis em sua leitura da paisagem, reconhecendo as espécies de plantas que rapidamente rebrotam após as queimadas, assim como o fato de a fauna terrestre ser pouco impactada pelos incêndios devido a sua mobilidade e a tendência de os mesmos ocorrerem em padrão de mosaico, possibilitando várias rotas de fuga para a fauna entre os vários focos de fogo.

Estudos recentes que têm avaliado a eficácia do manejo ambiental praticado pelos Xavante têm demonstrado sua sustentabilidade de longo prazo. Por exemplo, Marimon & Felfili (2001), com base em estudo etnobotânico realizado na TI Areões, demonstraram a eficiência do manejo de áreas de cerrado dominadas pelo pau-brasil-do-cerrado (*Brosimum rubescens*), em oposição aos fazendeiros vizinhos. Para os Xavante, essa espécie reveste-se de grande importância tecnológica e cerimonial, por fornecer a madeira utilizada na confecção das bordunas de cor vermelha. Por sua vez, os fazendeiros destroem extensas áreas de cerrado onde se concentra essa espécie para utilizar a madeira na confecção de mourões para cercas e currais.

Outros estudos concluíram que espécies importantes do ponto de vista cinegético não apresentaram reduções populacionais significativas após as queimadas ou evidência de caça excessiva de determinada espécie sob o regime atual de caçadas (Fragoso et al., 2000; Prada e Marinho-Filho, 2004; Villalobos, 2002). Em relação ao impacto do fogo sobre a fauna de pequenos mamíferos do cerrado, Briani et al. (2004) concluíram que esses animais se apresentam altamente adaptados a incêndios na vegetação, sugerindo que os estágios de sucessão pós-fogo podem estimular a biodiversidade desse grupo faunístico. Em um estudo sobre ecologia de répteis no cerrado, Leite (2007) sugere que as queimadas também podem contribuir para a manutenção da biodiversidade desse grupo zoológico. No entanto, esse autor adverte que no caso das queimadas antrópicas, "...a alta frequência e curta periodicidade, bem como a completa supressão das queimadas devem ser evitadas" (2007: x).

No caso da TI Pimentel Barbosa faz-se importante destacar o processo de recuperação vegetal que se deu a partir da retirada das fazendas dos limites da TI. Conforme descrevemos na Parte I, quase toda essa área chegou a ser ocupada por fazendas que praticaram extenso desmatamento até pouco antes da homologação da demarcação dos limites atuais da TI Pimentel Barbosa, em 1986. A Figura 4.8 mostra, em



quatro momentos diferentes, como se deu a expansão do desmatamento no entorno da área. Em oposição a esse cenário, o processo no interior da TI foi no sentido de recuperação do cerrado em áreas que foram previamente destinadas a pastagens ou cultivo de arroz. Essa análise comparativa demonstra o potencial das estratégias de manejo ambiental Xavante no tocante à preservação e recuperação de áreas de cerrado degradadas pelo agronegócio (vide Parte 4.4).

Em resumo, as evidências disponíveis a partir de pesquisas realizadas em diferentes ecossistemas no leste de Mato Grosso, apontam para a eficácia das estratégias indígenas de manejo ambiental e para graves impactos negativos ocasionados pela intensificação das atividades agropecuárias de larga escala na região.

Enquanto a atenção acadêmica acerca do uso do fogo pelos indígenas tem se voltado quase que exclusivamente para os seus impactos sobre o cerrado, os Xavante também atribuem grande importância ao papel das caçadas de fogo na esfera sociocultural. Para os Xavante, queimar a vegetação não se reduz a uma técnica de caça ou a uma estratégia de manejo da paisagem. Para eles, caçar com fogo é também um importante símbolo de identidade étnica e uma maneira altamente valorizada de promover valores e capacidades sociais entre os homens jovens. Além disso, esse tipo de caçada constitui um componente central no âmbito da vida cerimonial Xavante, sendo considerada por eles como crucial para sua integridade sócio-cultural. Essa realidade é comumente obscurecida pela atenção externa voltada quase que exclusivamente para o debate sobre a sustentabilidade ecológica, que raramente leva em consideração o ponto-de-vista indígena.



Figura 4.9. Sucessão vegetal em área de cerrado na TI Pimentel Barbosa, evidenciando o rápido rebrotamento aproximadamente cinco semanas após a queimada, maio de 2005.



Foto: James R. Welch.

Figura 4.10. Comparação entre área não-queimada (lado direito) e área queimada quatro semanas atrás (lado esquerdo), em campo de murundu na TI Pimentel Barbosa, junho de 2010.

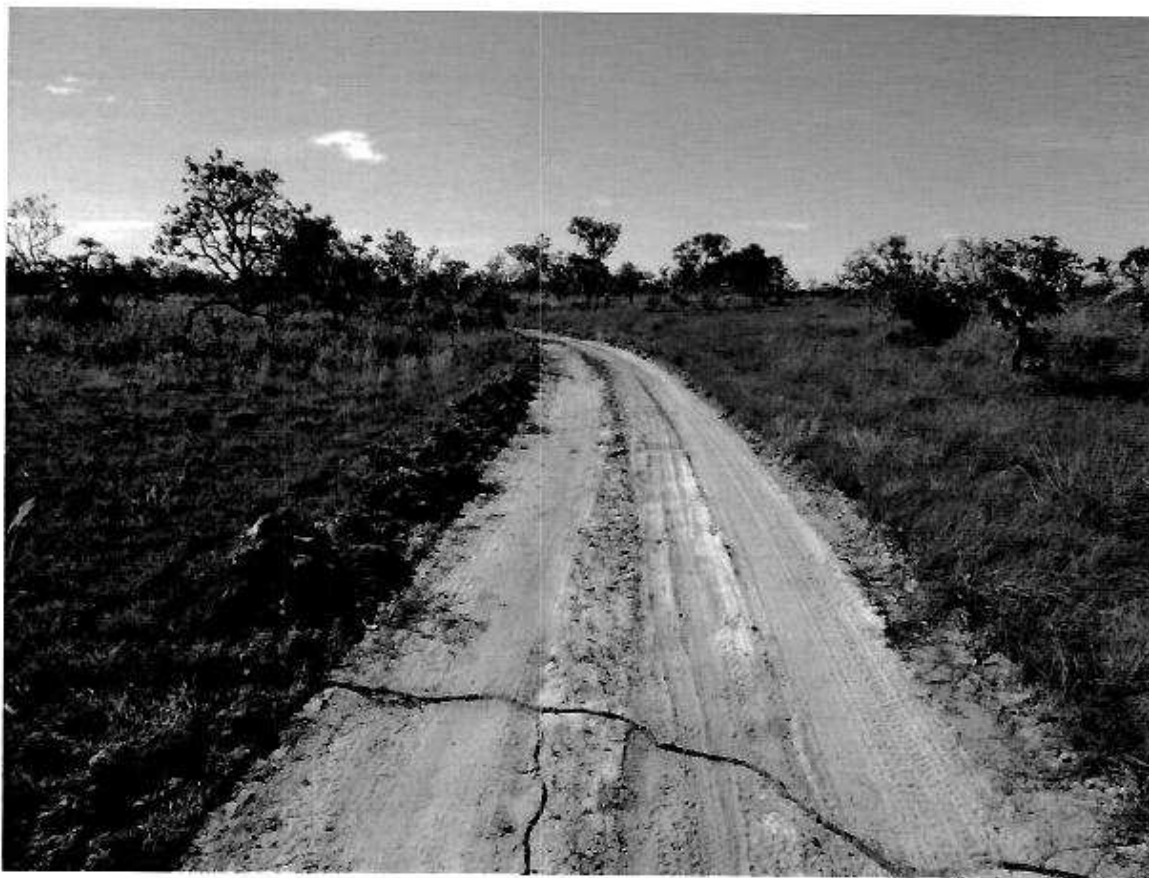


Foto: James R. Welch.

4.6. Justificativa ambiental para os limites da área proposta de Wedezé

Do ponto de vista ambiental e etnoambiental, a região de Wedezé, conforme proposta nesse relatório (Figura 0.1), reveste-se de suma importância. Sua localização no interflúvio Mortes-Araguaia representa a única área com efetiva possibilidade de manejo sustentável em meio a uma região que se encontra sob grande pressão da expansão agropecuária (como é o caso da monocultura de soja) no leste mato-grossense e oeste goiano.

Conforme vimos na Parte 4, os campos inundáveis de murundu que predominam na área de Wedezé (vide Figura 4.2) constituem ecossistema fragilíssimo, com limitado potencial agrícola e baixa capacidade de sustentação de rebanhos bovinos (Wilcox, 1999). A introdução de gado nessas áreas leva à rápida alteração da estrutura física dos solos, reduzindo sua permeabilidade e ocasionando sua exaustão (Araújo et al., 2010; Longo et

[Handwritten signature]

al., 1999). O pisoteio excessivo deixa verdadeiras “cicatrices” em meio aos murundus, afetando diretamente o equilíbrio da frágil cobertura vegetal herbácea, como se pode ver através de imagem aérea feita pela equipe do GT (Figura 4.11).

Figura 4.11. Foto aérea das trilhas feitas pelo gado em meio aos murundus, área de Wedezé, 2009.

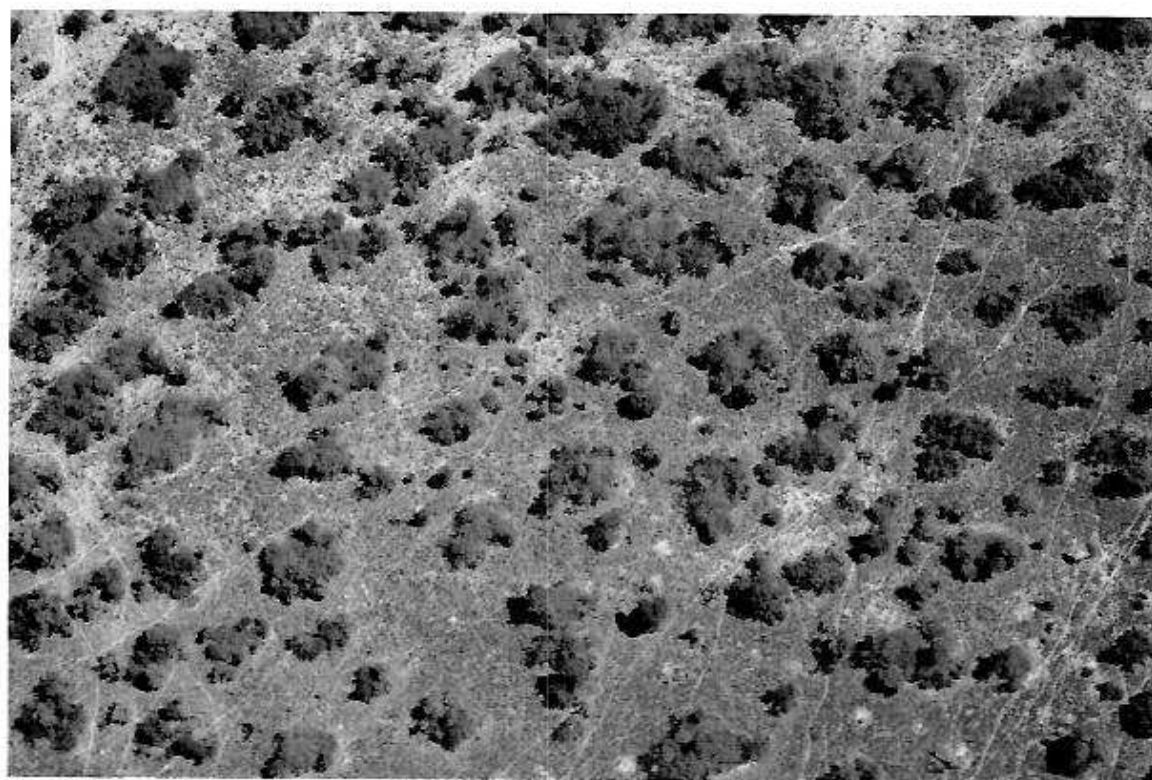


Foto: James R. Welch

A atividade agropecuária traz outra ameaça à região, representada pela invasão de espécies vegetais exóticas, em especial os capins africanos, como *Melinis minutiflora* (gordura), *Hyparrhenia rufa* (jaraguá), *Panicum maximum* (colonião) e *Brachiaria* spp. (braquiária), amplamente utilizados nas fazendas atualmente situadas em Wedezé e em seu entorno como forrageiras para a criação de gado. Segundo Pivello (Pivello Carvalho et al., 1999; Pivello Shida et al., 1999), essas espécies de capim adaptam-se bem ao cerrado por aí encontrarem condições ecológicas semelhantes àsquelas de seus habitats de origem – as savanas africanas. Do ponto de vista ecológico, os capins africanos exercem forte competição com as espécies nativas do cerrado, pois, ao formarem espesso tapete de biomassa, reduzem a luminosidade na superfície do solo, impedindo a germinação e, conseqüentemente, a regeneração de habitats (Pivello Shida et al., 1999).

[Handwritten signature]

Sob a perspectiva de conservação e sustentabilidade ambiental, a região de Wedezé também é estratégica por apresentar, à margem direita do Rio das Mortes, próximo às confluências dos rios Corixão e Água Suja, grandes complexos de lagoas (Figura 4.1). Essas lagoas se conectam ao rio e servem de criadouro para inúmeras espécies de peixes, ninhaias para aves palustres e abrigos para grandes mamíferos, como a anta. Os limites norte e sul da terra ora proposta visam incorporar esses conjuntos de lagoas por se tratarem de complexos límnicos interligados, de relevância tanto para a fauna silvestre quanto para a economia Xavante. Manter a integridade desses ambientes é muito importante para a ecologia geral da região face às interações ecológicas existentes.

Ao todo, existem aproximadamente 30 lagoas de tamanhos e profundidades variadas na margem direita do Rio das Mortes, que se conectam ao leito principal do rio através de canais de calado variável³⁸. As lagoas ao longo do Rio das Mortes, incluindo aquelas localizadas na área de Wedezé, em particular, são reconhecidas e nomeadas pelos Xavante (Figura 4.1), o que demonstra sua importância para esse povo. Em entrevistas realizadas com um grupo de velhos da TI Pimentel Barbosa foram colocados em destaque alguns peixes de grande valor na alimentação e que se encontram nesses ambientes lacustres, como o tucunaré (*Cichla* spp.), trairão (*Hoplias* spp.) e pintado (*Pseudoplatystoma fasciatum*). Apesar de a ecologia de peixes neotropicais ainda ser pouco conhecida, algumas dessas espécies encontram-se particularmente ameaçadas, seja pela pesca predatória, represamento de rios, assoreamento de lagoas e/ou a poluição dos ambientes aquáticos por metais pesados, como o mercúrio. A pesca predatória, como a praticada por pescadores comerciais que ilegalmente atuam na região de Wedezé, e/ou a fragmentação desse complexo lacustre podem ter consequências graves e irreversíveis sobre a população de determinadas espécies de peixes mais sensíveis à ação antrópica. Em oposição a esse padrão de uso predatório de recursos naturais, os Xavante pescam com fins unicamente de subsistência, de modo que suas práticas são altamente sustentáveis no longo prazo.

Por exemplo, em estudo recente sobre a ecologia e a genética do tucunaré, peixe de alto valor comercial e que também é muito apreciado pelos Xavante, a bióloga Vera Almeida-Val e equipe demonstraram como esta espécie, cujas sub-populações vivem em lagoas separadas e se encontram e acasalam quando migram para o leito central dos rios

³⁸ Há também inúmeras lagoas pequenas ao longo da margem esquerda do Rio Água Preta. Essa região, contudo, não chegou a ser visitada pelo GT (vide Parte 6).



(que no caso dos Xavante é representado pelo complexo de lagoas e pelo Rio das Mortes), pode ser afetada quando ocorre a destruição de seu hábitat – desmatamento do entorno, assoreamento, represamento, etc. (Barletta et al., 2010; Lima et al., 2010). Os resultados da investigação mostram que a fragmentação dos habitats lacustres leva à rápida perda da variabilidade genética por interromper o fluxo gênico entre as diversas sub-populações de tucunaré que habitam lagoas diferentes.

Na região de Wedezé, as matas que circundam as lagoas são ricas em espécies arbóreas de utilidade para os Xavante, seja na alimentação ou para fins tecnológicos. Os velhos da TI Pimentel Barbosa destacaram a presença de várias espécies de uso em cordoaria, madeira para fazer arco (*Astrocaryum* sp.), resinas de uso ritual ou farmacológico e diversos frutos comestíveis, como o jatobá-da-mata (*Hymenaea courbaril*), ingá (*Inga* sp.), genipapo (*Genipa americana*) e abacaxi-silvestre (*Ananas* spp.), dentre outras.

O complexo de lagoas existente na área proposta de Wedezé também se destaca por sua rica avifauna. Segundo os velhos, as matas que circundam as lagoas apresentam grande concentração de ninhais (também conhecidos regionalmente como “poleiros”) de aves palustres, cujas penas são valorizadas pelos Xavante para a confecção de diferentes adornos de uso ritual, como as garças (*Ardea alba* e *Egretta thula*; Família Ardeidae), de plumagem alva e delicada. Na família Ciconiidae há três espécies mencionadas pelos Xavante: o socó (*Ardeola striata*), o maguari (*Ciconia maguari*) e o jabiru ou tuiuiu (*Jabiru mycteria*). Finalmente, o colhereiro é procurado por suas penas de coloração rosa (*Ciconia maguari*, Família Threskiornithidae). Outro grupo de aves que se faz presente na vegetação que circunda as lagoas são os gaviões (Família Accipitridae), cujas penas também são importantes do ponto de vista tecnológico e sócio-cultural para os Xavante. Algumas espécies de *Spizaetus* e *Heterospizias*, dentre outros gêneros que se alimentam de pequenos répteis, peixes ou mesmo de outras aves menores, são avistadas com relativa facilidade pousadas nos galhos das árvores mais altas, sempre atentas ao espelho d’água.

O complexo hidrográfico do Rio das Mortes que, além das lagoas, inclui o leito do rio principal, assim como suas muitas ilhas e praias, é também estratégico do ponto de vista da preservação de quelônios aquáticos. Dentre eles, destacam-se, na família Pelomedusidae, a tartaruga (*Podocnemis expansa*) e o tracajá (*Podocnemis unifilis*); na família Chelidae, o raro matá-matá (*Chelus fimbriatus*). Há ainda outras espécies de cágados (Chelidae) pouco conhecidas, haja vista que os levantamentos sobre fauna de quelônios na bacia hidrográfica do Rio das Mortes são limitados. No tocante ao esforço

de conservação desse ecossistema, vale mencionar a existência do Refúgio de Vida Silvestre de Quelônios do Araguaia e Rio das Mortes do Estado de Mato Grosso, criado por meio do decreto estadual No. 7520 de 21 de setembro de 2001 (Mato Grosso, 2001). Esse refúgio tem uma área de aproximadamente 33.245 ha de sobreposição com as fazendas que correspondem à terra indígena proposta de Wedezé. Segundo o coordenador do projeto “Refúgio”, com o qual conversamos na sede do IBAMA em Canarana, essa importante iniciativa opera a partir de um posto avançado situado na confluência do Rio Corixão com o Rio das Mortes e tem como foco de suas atividades a identificação e proteção de ninhos de quelônios do gênero *Podocnemis* ao longo das praias do Rio das Mortes e seus principais afluentes. Infelizmente, trata-se de uma iniciativa isolada e subfinanciada, que oferece pouca resistência à pressão exercida pelos numerosos grupos de pescadores ilegais que circulam no Rio das Mortes principalmente na estação seca, em busca de quelônios, pirarucu e outros peixes de elevado valor comerciais. Os Xavante se indignam com o que percebem como sendo uma invasão do trecho do rio que lhes pertence e, sempre que podem, tomam medidas próprias para impedir que os pescadores continuem atuando na área. O coordenador do projeto disse-nos ainda que os Xavante têm sido importantes aliados dos esforços de proteção dessa bacia hidrográfica, denunciando a invasão do rio por pescadores ilegais. A partir de denúncias feitas pelos indígenas, a equipe do projeto “Refúgio” já realizou o confisco de embarcações, motores e equipamentos pertencentes aos invasores³⁹.

A porção norte de Wedezé também apresenta, ao centro e leste da área proposta, importante complexo de nascentes, em sua maioria associadas ao Corixo da Forquilha (conhecido pelos Xavante como Amhú Pá), afluente do Rio Cristalino (Figura 4.1). Essa região, de alto valor etnoambiental para os Xavante (vide Parte 3), se distingue pela presença de muitos brejos e densas veredas de buritis (*Mauritia flexuosa*) que se interligam, constituindo ecossistema frágil e de difícil recuperação no caso de o mesmo vir a se tornar alvo de atividades agropecuárias (Figura 3.4). Do ponto de vista ecológico, as veredas assumem grande importância na distribuição dos rios, assim como na sustentação da fauna, funcionando como local de pouso, fonte de alimento e de aninhamento para inúmeras espécies de aves. Em relação à fauna terrestre e aquática, os buritizais atuam também como refúgio, abrigo e fonte de alimento para numerosas

³⁹ Possivelmente, a sobreposição dessa unidade de conservação com a TI de Wedezé não implicará em prejuízo. Isso porque a unidade pode ser mantida uma vez que não impõe restrições fundiárias e tendo em vista a colaboração já existente entre os Xavante e a administração da unidade.



espécies de mamíferos, peixes e répteis. Esse ecossistema é ainda estratégico para a fauna terrestre, em especial de mamíferos como a anta e porcos do mato, por proporcionar corredores faunísticos que interligam matas ciliares.

Apesar do reconhecimento de sua importância para o bioma do cerrado, os buritizais vêm sendo progressivamente devastados na região de Wedezé pela expansão das atividades agropastoris (Ramos et al., 2006). Na época da seca, quando o nível d'água está baixo, o gado adentra o buritizal em busca de água e capim verde. Dada às características do solo que predomina nesse ambiente, o pisoteio exercido por rebanhos de bovinos pode ocasionar compactação e erosão irreversíveis, trazendo também consequências aos mananciais d'água subterrâneos face à conseqüente redução da taxa de infiltração. Na estação das chuvas, quando os campos de murundu estão alagados, esse extenso complexo límico propicia a dispersão de sementes, peixes e pequenos répteis por toda essa bacia que, em última instância, alimenta o Rio Araguaia. Em entrevistas realizadas por esse GT com os velhos da TI Pimentel Barbosa e a aldeia Wedezé, essa região foi apontada como rica em méis de diversas espécies de abelhas silvestres (Família Apidae; Subfamília Apinae), que são chamadas pelos Xavante de *ameri*, *nhânârã*, *ub'rã* e *pi'u*, dentre outras. Há também nessa região muitos frutos comestíveis e fibras de uso tecnológico (vide Parte 4.2). Do ponto de vista faunístico, os velhos Xavante destacam a presença de grandes varas de queixadas e caititus, incluindo fêmeas acompanhadas de seus filhotes.

Ao sul de Wedezé, destacam-se duas matas ciliares de grandes proporções (Figura 4.2). A maior delas, situada entre uma região pantanosa denominada Wataiwede ao oeste e por campos de murundu ao leste, acompanha o curso do Corixo São Domingos, até sua confluência com o Rio das Mortes. Essa grande mata, designada Wedezé Pá pelos Xavante, o mesmo termo que utilizam para o Corixo São Domingos, é rara por sua extensão e localização, constituindo uma área de refúgio de fauna de relevância ímpar por sua dinâmica ecológica, sendo muito valorizada pelos Xavante (Figura 3.4). Além dessa mata, a área proposta de Wedezé apresenta outros importantes complexos de matas ciliares que acompanham o traçado do Rio Água Pretas até sua desembocadura no Rio Cristalino, no limite leste da terra (Figura 4.2).

É interessante notar que a localização geográfica desses complexos de matas ciliares é de grande relevância do ponto de vista da ecologia animal. Isto porque, entre eles, há extensas áreas de campos de murundu e ipucas (Figura 4.2). Essa zona de interflúvio dos rios São Domingos-Água Preta é, segundo os Xavante, de particular

interesse cinegético (ou seja, de caça), haja vista que grandes mamíferos (varas de porcos-do-mato, anta, etc.) perambulam por esses campos em busca de alimentos, sempre retornando às matas para evitar o calor excessivo, obter água e repousar.

Por tanto, em relação aos mamíferos, as matas ciliares cumprem dois papéis de alta relevância ecológica: (1) servem como corredores de fauna, promovendo dispersão de espécies entre distintos biomas e (2) constituem áreas estratégicas para a provisão de água, alimento e abrigo para a maioria das espécies (August, 1983; Cole, 1960; Fonseca e Redford, 1985; Johnson et al.; Redford e Fonseca, 1986). No tocante às aves, as extensas matas ciliares localizadas ao sul e sudeste de Wedezé representam áreas ímpares para a conservação de grande número de aves que ali aninham e encontram alimento. Segundo Silva (1997), 51,8% das espécies de aves registradas no cerrado vivem principalmente nesses habitats e 20,8% são encontradas tanto nas matas quanto nos cerrados propriamente ditos.

Segundo zoólogos que têm se dedicado ao estudo da fauna do cerrado, a maioria das espécies de mamíferos ali encontrados não são considerados típicos de formações vegetais abertas, mas sim de áreas florestais densas, como as matas ciliares (Marinho-Filho et al., 2002; Redford e Fonseca, 1986). De acordo com esses autores, ainda que as matas ciliares representem uma área relativamente pequena, da ordem de 10% ou menos em comparação aos demais ecossistemas que compõe o bioma do cerrado (Eiten, 1978), concentram aproximadamente 75% da mastofauna (Redford e Fonseca, 1986)⁴⁰.

O destaque à importância estratégica das matas ciliares para a fauna não é exclusivo de zoólogos e ecólogos que se dedicam ao estudo do cerrado. Os Xavante também reconhecem o valor dessas matas para a conservação da fauna e sustentabilidade ambiental da região de Wedezé como um todo. A extensa mata do Corixo São Domingos, já referida nesta seção, designada de Wedezé Pá pelos Xavante, é citada pelos velhos como local de refúgio de animais como veados (*Mazama gouazoubiria*, *M. americana*), porcos-do-mato (*Tayassu pecari* e *T. tacaju*) e anta (*Tapirus americanus*), dentre outros. Além de sua importância do ponto de vista faunístico, os Xavante também valorizam as matas ciliares como locais estratégicos para a obtenção de alimentos específicos (frutos, palmitos, raízes), além de possuir grande variedade de méis de abelhas silvestres (vide

⁴⁰ Segundo revisão de Redford e Fonseca, de um total de 100 espécies de mamíferos listadas para o cerrado, apenas 24 espécies seriam de ocorrência exclusiva em áreas abertas como o cerrado *stricto sensu* e campos. No entanto, como observam esses autores, apesar de listadas como espécies de formações savânicas, muitas na realidade perambulam oportunisticamente pelos cerrados em busca de alimento, mas retornam às matas para buscar água e abrigo (1986).

Parte 3). No caso particular do complexo de matas ciliares/de galeria do Rio Água Preta, os Xavante destacam ainda a presença de palmais de babaçu (*Orbignya phalerata*), denominados *nôrôwede*. Tradicionalmente, quando ocupavam a região de Wedezé, os Xavante realizavam excursões de grupos familiares a essa região para a coleta de cocos, cujas amêndoas são muito apreciadas na alimentação, conforme vimos na Parte 3 desse relatório.

Para a fauna em geral, e em especial no caso de alguns grupos zoológicos, como os mamíferos de médio e grande porte, a fragmentação de habitats representa séria ameaça à sobrevivência de populações de artiodáctilos, primatas, carnívoros e edentados, dentre outras ordens particularmente mais vulneráveis à extinção. Assim como os mamíferos, inúmeras espécies de aves do cerrado também são sensíveis à fragmentação de seu habitat, como demonstraram estudos recentes realizados em diferentes áreas de cerrado da Região Centro-Oeste (Machado, 2000; Marini, 2001; Roma, 2006).

Áreas extensas de refúgio florestal, como as que se encontram ao sul e sudeste da área proposta de Wedezé, somadas ao corredor florestal representado pelas matas ciliares do Rio das Mortes, são estratégicas por funcionarem como vias naturais que promovem o fluxo gênico entre sub-populações de diversos mamíferos (Cáceres et al., 2010; Carvalho et al., 2009; Eizirik et al., 2001; Oliveira et al.). Desse modo, as terras de Pimentel Barbosa e Wedezé interconectam-se com a floresta amazônica ao norte, através da bacia do Rio Araguaia, assim como a outras áreas da Região Centro-Oeste, através dos rios das Mortes, São Domingos e Cristalino, cujas cabeceiras localizam-se a centenas de quilômetros ao sul da terra indígena. A região onde se localiza a TI Pimentel Barbosa encontra-se também ligada à bacia do Rio Xingu por intermédio principalmente do Rio Tanguro. Essas intrincadas redes de intercâmbios florísticos e faunísticos existentes dentro da área proposta de Wedezé só são possíveis por meio das matas ciliares e veredas de buritis, razão pela qual é fundamental assegurar a integridade destas, não as fragmentando.

Do ponto de vista de conservação e sustentabilidade ambiental de longo prazo, a garantia integral de ecossistemas reveste-se de suma importância. Portanto, considerando a centralidade do cerrado na cultura Xavante e do papel desse povo na conservação desse complexo bioma ao longo do tempo, nunca serão demais os esforços no sentido de se evitar a fragmentação de habitats no curso de um processo de demarcação de área a ser protegida. Nesse tocante, vale discutir em particular as extensas matas situadas ao sul da área proposta de Wedezé, principalmente aquela localizada ao longo do Corixo São

Domingos (vide Figura 4.2).

As matas ciliares são particularmente vulneráveis à ação antrópica. Os extensos desmatamentos praticados nas fazendas situadas na região de Wedezé para fins agropastoris comumente avançam pela mata até a beira do rio, como se verifica, por exemplo, em trechos situados na margem direita do Rio Preto, ou mesmo ao longo do Rio das Mortes, à montante do limite sul da TI Wedezé (Figura 4.7). A remoção da vegetação nessas áreas ocasiona rápida e contínua erosão, tornando o solo imprestável para a agricultura e alterando profundamente as características físico-químicas do curso d'água principal, com sérias conseqüências para a fauna aquática (Wantzen et al., 2006). Além disso, o stress hídrico que se verifica na vegetação das franjas, geralmente associado às queimadas, leva a importantes alterações na estrutura e composição de espécies tanto vegetais quanto animais, o que resulta em redução da diversidade (Cáceres et al., 2010; Lobo e Guimarães, 2008).

A proteção integral de ecossistemas requer também que se delimite uma zona de amortecimento ou tampão (*buffer*) no entorno da área principal a ser protegida. Do ponto de vista de conservação, um dos principais papéis desempenhados pela zona de amortecimento é evitar o efeito de borda, isto é, a alteração na estrutura ou composição das espécies nas franjas de uma área protegida, principalmente quando se trata de um fragmento de pequenas dimensões. Considerando que os desmatamentos praticados na região tendem a avançar por sobre as matas ciliares, assegurar a integridade da grande mata ciliar do Corixo São Domingos e sua continuidade até a margem direita do Rio das Mortes constitui garantia adicional à manutenção da biodiversidade na região (Ratter et al., 1997; Redford e Fonseca, 1986).

Em comparação às formas de manejo ambiental empregadas pelo agronegócio na Região Centro-Oeste, as estratégias Xavante tem se mostrado mais sustentáveis ao longo prazo (vide Parte 4.5). A Figura 4.8 demonstra o caráter mais conservador do manejo ambiental Xavante *vis-à-vis* as formas de manejo empregadas pelas fazendas vizinhas à TI Pimentel Barbosa, onde se verificam extensas áreas degradadas em poucos anos de uso.

Em suma, a área de Wedezé é constituída por inúmeros ecossistemas altamente interligados, incluindo pequenos, médios e grandes rios, dezenas de lagoas, vegetações e paisagens de diversos tipos (cerrado, palmais, matas ciliares e campos de murundu, dentre muitas outras). Esses ecossistemas sustentam uma complexa e diversificada fauna (desde insetos, passando por peixes, aves e mamíferos). Os limites da terra que está sendo



proposta (Terra Indígena Wedezé) levam em consideração não somente aspectos relacionados aos usos que os Xavante fazem da região e sua importância histórica para os indígenas, como também limites territoriais que, de fato, garantam que, do ponto de vista ecológico, a área funcione de forma biológica e ecologicamente integrada. Como detalhado ao longo deste relatório, as formas de manejo tradicionais dos Xavante são compatíveis com a manutenção da sustentabilidade do complexo ecossistema que é a região de cerrados do Brasil Central.



5. QUINTA PARTE: REPRODUÇÃO FÍSICA E CULTURAL

5.1. Reprodução física

Os dados mais atualizados sobre a dinâmica demográfica dos Xavante, incluindo natalidade e mortalidade, datam de 1999-2004, compondo um dos mais detalhados perfis demográficos existentes para um povo indígena no Brasil⁴¹. Apresentados a seguir, foram produzidos no âmbito da tese de doutorado defendida por Luciene Guimarães de Souza (na época, técnica da Fundação Nacional de Saúde/FUNASA) na ENSP/FIOCRUZ, tendo como orientador Ricardo Ventura Santos (Souza et al., 2011; Souza, 2008).

Os dados apresentados dizem respeito não somente aos Xavante de Pimentel Barbosa e Wedezé, como também àqueles de outras terras indígenas, o que torna possível um olhar comparativo. Ficará evidente, entre outros aspectos, que os Xavante de Pimentel Barbosa apresentam, no conjunto das Terras Indígenas Xavante, as mais elevadas taxas de crescimento populacional no período sob análise.

Os dados demográficos apresentados a seguir advêm de duas fontes principais: listagens domiciliares e registros de eventos vitais (vide detalhamento em Souza et al., 2011; Souza, 2008). As informações populacionais, em nível domiciliar, foram coletadas de 1999 a 2004 com o preenchimento do Cadastro da Família Indígena (CAFI). O CAFI é o instrumento de coleta do módulo demográfico que serviu de base para a implantação do Sistema de Informação da Atenção à Saúde Indígena (SIASI) da Fundação Nacional de Saúde (FUNASA). Essas fichas foram atualizadas pelo menos uma vez a cada ano, gerando um fluxo de registros contínuos de eventos vitais, casamentos, composição dos domicílios e migração. Os recenseamentos e suas atualizações foram realizados pelas Equipes de Saúde do Distrito Sanitário Especial Indígena Xavante que atuavam nas aldeias, pólos-base e casas de Saúde do Índio.

O registro dos eventos vitais (mortes e nascimentos) é oriundo dos relatórios mensais enviados pelas equipes dos Pólos-Base e das Casas de Saúde do Índio à sede do Distrito Sanitário Especial Indígena Xavante (DSEI Xavante). Todos os registros produzidos em serviço eram enviados especificamente para o setor de operações do DSEI Xavante, em Barra do Garças, onde Luciene Guimarães de Souza atuava como

⁴¹ Nesta parte do relatório utilizamos dados demográficos para o período 1999 a 2004, pois é para este intervalo que há a disponibilidade de detalhados indicadores demográficos, a partir do trabalho realizado por Luciene Guimarães de Souza. Na Parte I deste relatório são fornecidos dados de volume da população Xavante referente ao ano de 2008.

responsável pela consolidação e avaliação das informações produzidas pelas equipes.

Para fins de apresentação dos resultados demográficos, foram estimados indicadores para dois triênios (1999-2001 e 2002-2004). A população da TI Marãiwatsede foi considerada no conjunto da população de Pimentel Barbosa no segundo triênio. Na análise de migração e evolução do número de aldeias, essa população foi avaliada em separado. Um detalhamento sobre os procedimentos de construção do banco de dados e das análises demográficas conduzidas pode ser encontrado em Souza (2008) (vide também Souza et al., 2011).

5.1.1. Evolução da população

No período 1999-2004, a população Xavante passou de 9.642 para 11.988 indivíduos, apresentando um crescimento médio anual de 4,4% (Tabela 5.1).

A maior concentração da população Xavante se encontrava na TI Parabubure, que em 2004 possuía 4.795 habitantes, representando 40% da população total. São Marcos é outra Terra Indígena com grande concentração de população (2.566 habitantes), representando 21,4% do total da população.

O maior crescimento populacional foi registrado na TI Pimentel Barbosa (5,2% ao ano) (Tabela 5.1). Nessa tabela, a população Xavante residente na área de Wedezé está incluída juntamente com aquela da TI Pimentel Barbosa, pois os dados apresentados foram coletados antes do estabelecimento da aldeia Wedezé. Vale destacar que, com uma taxa de crescimento anual de 5,2%, a população de Pimentel Barbosa e Wedezé tenderá a duplicar a cada 14 anos, aproximadamente, trazendo consigo novas necessidades de utilização do espaço territorial.

Tabela 5.1. Terras indígenas, população Xavante, incremento do número de aldeias e crescimento médio anual, 1999-2004.

TI (hectares)	1999		2004		Crescimento médio anual da população (r)
	População	% sobre o total da população	População	% sobre o total da população	
Parabubure (224.447)	3857	40,0	4795	40,0	4,6
São Marcos (188.478)	2138	22,2	2566	21,4	3,9
Pimentel Barbosa (328.966)	1297	13,5	1446	12,1	5,2
Sangradouro- Volta Grande (100.280)	1033	10,7	1256	10,5	3,9
Arcões (218.515)	890	9,2	1093	9,1	4,4
Marechal Rondon (98.500)	427	4,4	520	4,4	4,2
Marãiwatsede (168.000)	-	-	312	2,6	-
Total	9642	100,0	11988	100,0	4,4

Fonte: SIASI, FUNASA (DSEI Xavante) e Souza (2008).

Obs.: Parabubure inclui as TI Chão Preto, Parabubure e Ubawawe.

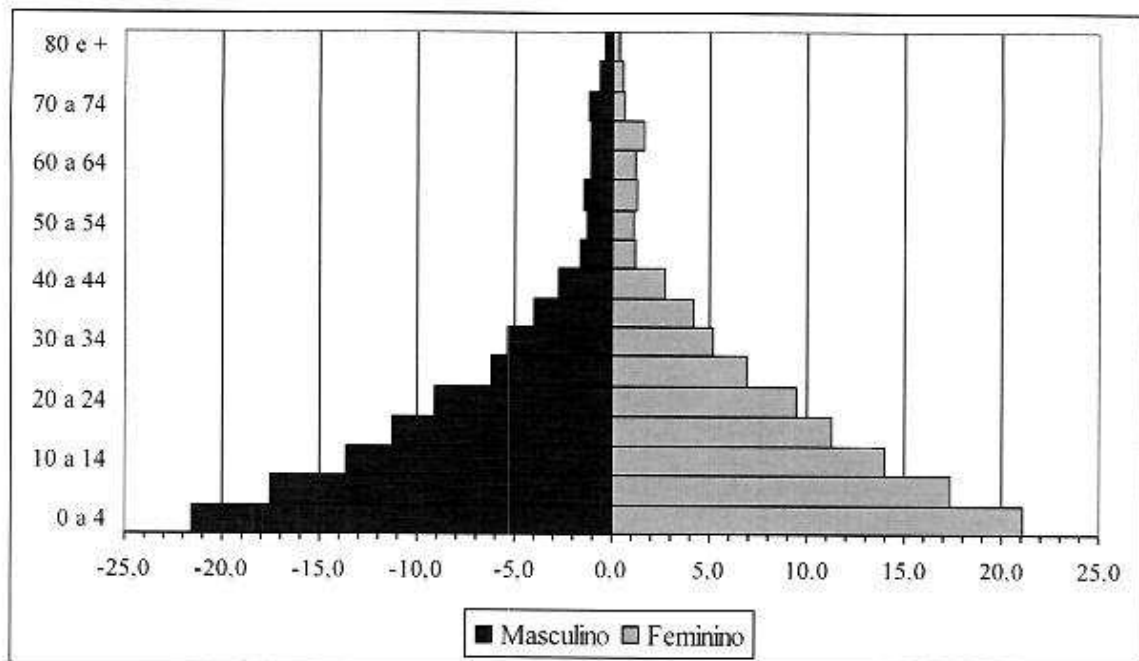
5.1.2. Composição por sexo e idade

As estruturas por idade e sexo do conjunto da população Xavante e das populações habitantes das várias terras indígenas, segundo grupos quinquenais de idade, para o ano de 2004, são apresentadas em forma de pirâmides nas figuras a seguir⁴².

A Figura 5.1, referente à pirâmide etária do total da população Xavante, em 2004, apresenta contorno compatível com o de populações extremamente jovens, com altos níveis de natalidade e de mortalidade, combinação que proporciona elevado crescimento vegetativo. A largura da base dessa pirâmide mostra que, aproximadamente, 40% do total da população, têm menos de 5 anos de idade. A reentrância acentuada que se inicia nas idades de 40 a 44 anos, principalmente no sexo masculino, que corresponde às gerações nascidas antes de 1960, possivelmente reflete os efeitos da alta mortalidade vivenciada pelos Xavante nas décadas de 1950 e 60, o que explicaria, em parte, a constrição apresentada na pirâmide (Figura 5.1).

⁴² Nesta Parte do relatório são apresentados dados demográficos referentes a 2004, enquanto que na Parte I foram apresentados dados referentes a 2008. Apresentam-se aqui dados de 2004 pois, além das informações sobre volume de população e composição por sexo e idade, são também informados indicadores demográficos de mortalidade e fecundidade que não estão disponíveis para períodos mais recentes.

Figura 5.1. Pirâmide etária do total da população Xavante, 2004

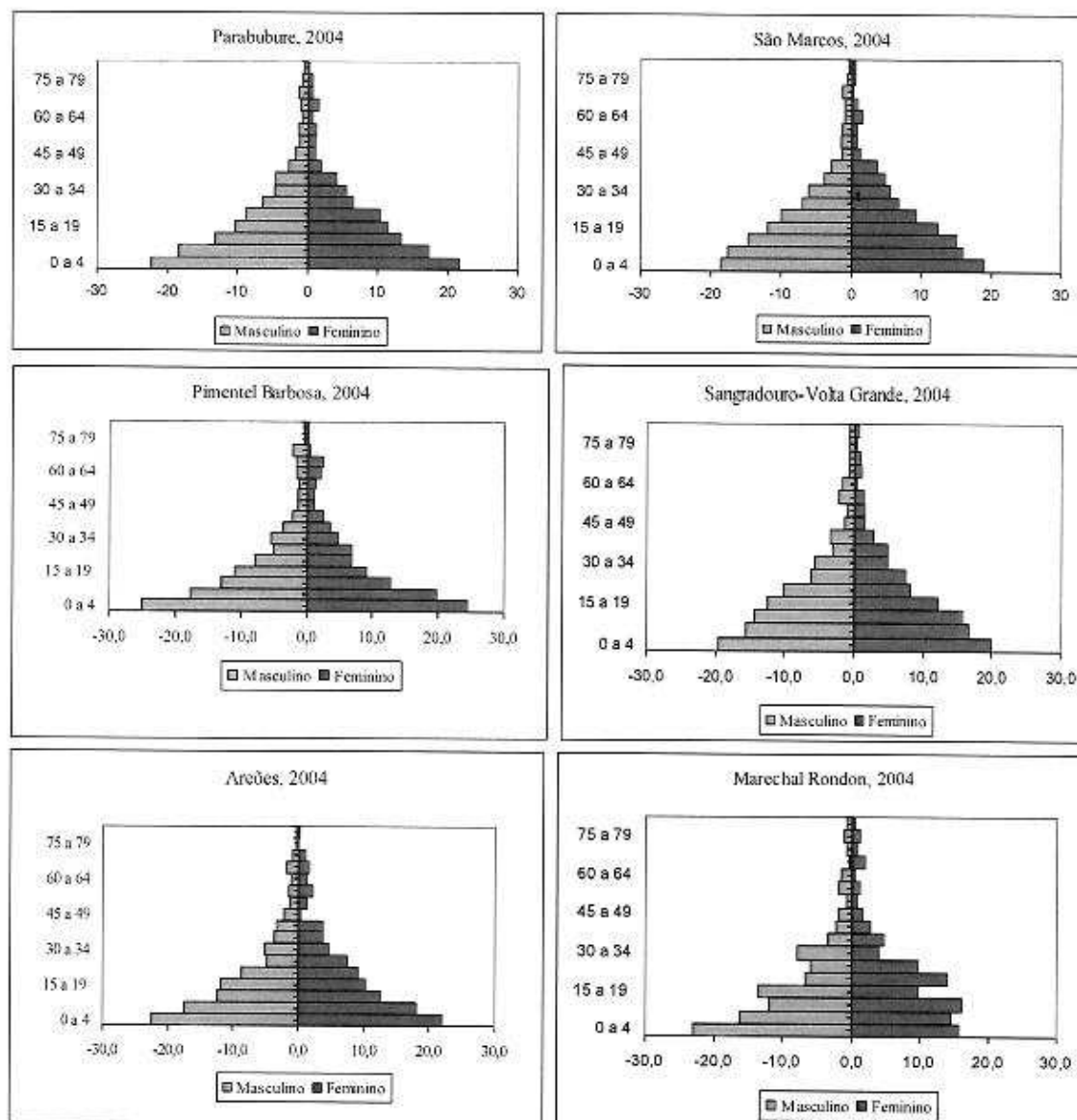


Fonte: SIASI, FUNASA (DSEI Xavante) e Souza (2008).

Na Figura 5.2 estão representadas as pirâmides etárias da população Xavante por terra indígena, que de maneira geral são muito semelhantes entre si. Os contornos destas pirâmides, como mencionado para o conjunto da população Xavante, refletem os efeitos dos altos níveis de natalidade e de mortalidade, com a base larga e a diminuição desta à cúspide, sendo um indicativo de população jovem com idade mediana baixa.

(Assinatura)

Figura 5.2. Pirâmides etárias da população Xavante, segundo terra indígena, Mato Grosso, 2004.

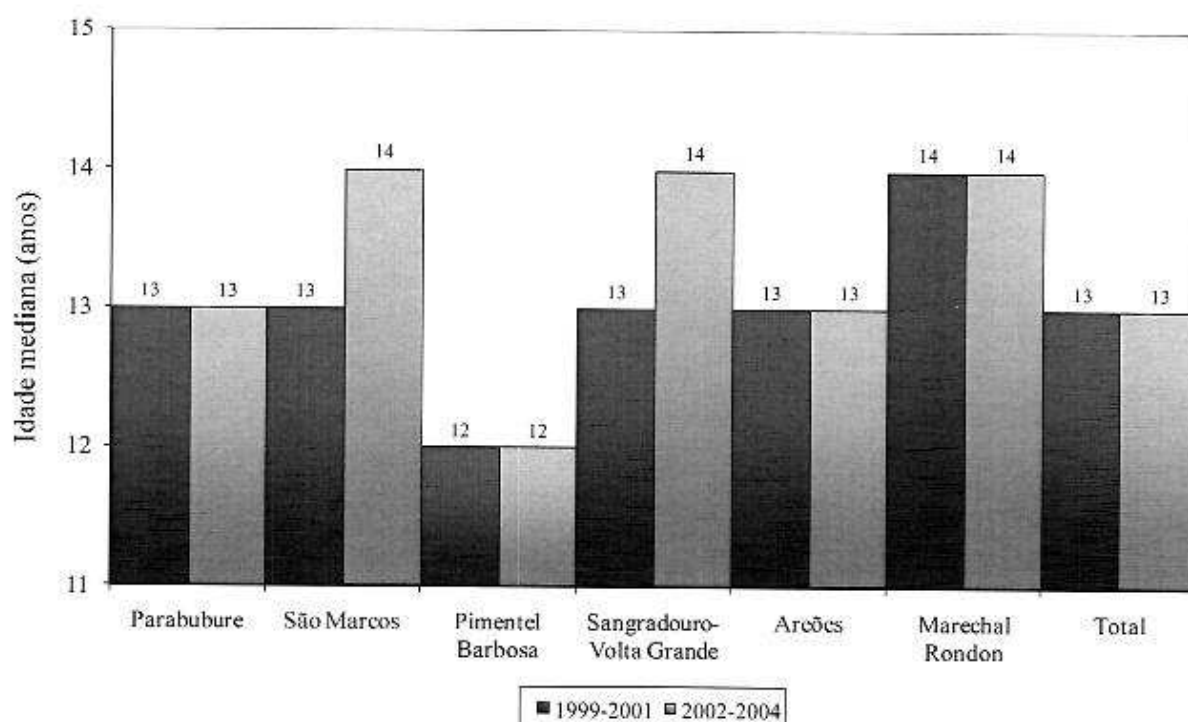


Fonte: SIASI, FUNASA (DSEI Xavante) e Souza (2008).

Obs.: A população da TI Marãiwatsede de 2004 foi considerada na TI Pimentel Barbosa e as TI Chão Preto e Ubawawe foram incluídas na TI Parabubure.

A idade mediana da população Xavante é de 13 anos, ou seja, 50% da população tem menos de 13 anos e 50% mais que 13 anos. Associada a mais elevada fecundidade, Pimentel Barbosa concentra a população mais jovem, com idade mediana de 12 anos nos dois triênios considerados (Figura 5.3).

Figura 5.3. Idades medianas da população Xavante, por terras indígenas, Mato Grosso, 1999-2001 e 2002-2004.



Fonte: SIASI, FUNASA (DSEI Xavante) e Souza (2008).

Obs.: A população da TI Marãiwatsede de 2004 foi considerada na TI Pimentel Barbosa e as TI Chão Preto e Ubawawe foram incluídas na TI Parabubure.

A distribuição proporcional da população segundo três grandes grupos de idade, por Terra Indígena e para o total da população, em 1999-2001 e 2002-2004, é apresentada na Tabela 5.2. Esses indicadores confirmam a estrutura etária excepcionalmente jovem da população Xavante em seu conjunto e nas seis TI. A proporção de população menor de 15 anos de idade se manteve estável, em aproximadamente 53% nos dois triênios. O mesmo ocorreu com a proporção de população de 50 anos ou mais anos, que se manteve em torno de 7%. A maior proporção de população < de 15 anos é encontrada na TI Pimentel Barbosa (aproximadamente 56%).

Tabela 5.2. População Xavante (%) por terra indígena, segundo três grupos de idades, Mato Grosso, 1999-2001 e 2002-2004.

Grupos de idade (anos)	Parabubure		São Marcos		Pimentel Barbosa		Sangradouro-Volta Grande		Areões		Marechal Rondon		Total	
	1999-2001	2002-2004	1999-2001	2002-2004	1999-2001	2002-2004	1999-2001	2002-2004	1999-2001	2002-2004	1999-2001	2002-2004	1999-2001	2002-2004
0 a 14	53,7	53,4	53,4	51,4	56,2	56,4	53,8	51,7	53,4	52,7	51,1	49,9	53,8	53,0
15 a 49	38,8	39,8	40,1	42,2	34,2	35,1	38,7	41,0	37,9	39,4	41,0	42,8	38,4	39,9
50 e +	7,6	6,8	6,6	6,4	9,6	8,5	7,6	7,3	8,7	7,9	7,9	7,3	7,7	7,1
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: SIASI, FUNASA (DSEI Xavante) e Souza (2008).

Obs.: A população da TI Marãiwatsede de 2004 foi considerada na TI Pimentel Barbosa e as TI Chão Preto e Ubawawe foram incluídas na TI Parabubure.

5.1.3. Natalidade e fecundidade

A taxa bruta de natalidade (TBN) do conjunto da população Xavante estimada para a média do período 1999-2004 é de 59,2 nascimentos por mil habitantes. Mesmo considerando a flutuação aleatória dos pequenos números referentes aos indicadores calculados por triênios, esses dados sugerem uma queda da natalidade no conjunto da população, próxima de 6%, passando a TBN de 61,2 nascimentos por mil habitantes no período 1999-2001 para 57,3 por mil em 2002-2004, no total das Terras Indígenas (Tabela 5.3).

Na média do período 1999-2004, o maior nível de natalidade foi registrado em Pimentel Barbosa.

Tabela 5.3. Taxas brutas de natalidade por mil habitantes e variação relativa dessas taxas, Terras Indígenas Xavante, Mato Grosso, 1999- 2001 e 2002-2004.

Terra Indígena	1999 -2001	2002-2004	Variação Relativa (%)	1999-2004
Parabubure	64,1	52,7	-17,8	58,1
São Marcos	58,3	45,1	-22,6	51,4
Pimentel Barbosa	67,3	60,3	-10,4	63,5
Sangradouro-Volta Grande	52,6	46,1	-12,4	49,1
Areões	58,9	56,7	-3,7	57,7
Marechal Rondon	56,4	42,1	-25,4	48,8
Total	61,2	57,3	-6,4	59,2

Fonte: SIASI, FUNASA (DSEI Xavante) e Souza (2008).

Obs.: A população da TI Marãiwatsede de 2004 foi considerada na TI Pimentel Barbosa e as TI Chão Preto e Ubawawe foram incluídas na TI Parabubure.

A evolução da fecundidade das mulheres Xavante pode ser observada por meio das taxas de fecundidade total (TFT) dos triênios 1999-2001 e 2002-2004, indicador que expressa o número médio de filhos nascidos vivos por mulher durante o seu período reprodutivo (Tabela 5.4). A TFT estimada para a média do período de 1999-2004 é de 7,7 filhos nascidos vivos por mulher. Apesar do elevado nível de fecundidade encontrado, o comportamento das TFT ao longo do período também aponta para uma tendência de declínio, que chega a atingir 1,4 filhos a menos, em média, por mulher.

No tocante aos diferenciais por TI, observa-se que o maior nível de fecundidade no período foi registrado em Pimentel Barbosa (10,2). Com exceção de Pimentel Barbosa e Areões, nas demais TI registrou-se expressivo declínio da fecundidade no segundo triênio.

Tabela 5.4. Taxas de fecundidade total (TFT) observadas em mulheres Xavante de 10-44 anos, Mato Grosso, 1999-2001 e 2002-2004.

Terra Indígena	1999-2001	2002-2004	1999-2004
Parabubure	8,7	7,4	8,0
São Marcos	8,1	6,0	6,9
Pimentel Barbosa	10,2	10,1	10,2
Sangradouro - Volta Grande	7,7	6,0	6,7
Areões	7,9	7,7	7,8
Marechal Rondon	7,8	4,9	6,2
Total	8,5	7,4	7,7

Fonte: SIASI, FUNASA (DSEI Xavante) e Souza (2008).

Obs.: A população da TI Marãiwatsede de 2004 foi considerada na TI Pimentel Barbosa e as TI Chão Preto e Ubawawe foram incluídas na TI Parabubure.

5.1.4. Mortalidade

As taxas brutas de mortalidade (TBM) observadas para o conjunto da população Xavante oscilaram entre 12,7 e 11,4 óbitos por mil habitantes durante o período 1999-2001 e 2002-2004, sendo em média de 12,1 óbitos por mil habitantes a observada e 11,4 a padronizada, apresentando uma redução (Tabela 5.5). Desagregando-se as taxas médias do período por Terra Indígena, verifica-se que os níveis da mortalidade diferem bastante.

Tabela 5.5. Taxa Bruta de Mortalidade (TBM) por mil habitantes, segunda terra indígena, sexo e triênio, população Xavante, Mato Grosso, 1999-2001 e 2002-2004.

Terra Indígena	TBM Observada		TBM Padronizada		1999-2004	
	1999-2001	2002-2004	1999-2001	2002-2004	Observada	Padronizada
Parabubure	13,6	11,7	12,3	11,0	12,6	11,6
São Marcos	12,6	13,7	12,0	14,9	13,2	13,4
Pimentel Barbosa	11,7	10,0	9,8	9,2	10,7	9,4
Sangradouro-Volta Grande	9,3	10,5	9,8	12,9	10,1	10,4
Areões	17,7	9,8	16,3	8,9	13,5	13,0
Marechal Rondon	6,0	8,0	5,4	9,6	7,4	7,4
Total	12,7	11,4	9,1	11,1	12,1	11,4

Fonte: SIASI, FUNASA (DSEI Xavante) e Souza (2008).

Obs.: A população da TI Marãiwatsede de 2004 foi considerada na TI Pimentel Barbosa e as TI Chão Preto e Ubawawe foram incluídas na TI Parabubure. A TBM padronizada corrige para diferenças em composição etária.

A mortalidade infantil do conjunto da população Xavante estimada para a média do período 1999-2004 foi de 96,7 óbitos de crianças menores de 1 ano por mil nascidos vivos. Os dados apresentam uma tendência de queda, próxima de 15%, passando a TMI de 103,3 óbitos em 1999-2001 para 89,8 por mil em 2002-2004 no total das Terras Indígenas (Tabela 5.6).

Desagregando-se as taxas médias do período 1999-2004 por Terra Indígena, verifica-se que os níveis da mortalidade infantil diferem bastante, apresentando uma diferença de 42,5% entre o nível mais alto (129,5), em São Marcos, e o menor (74,4), em Sangradouro-Volta Grande.

As médias dos dois triênios foram agrupadas em três grupos classificado por magnitudes de acordo com a Organização Mundial da Saúde: grupo I (baixas) - valores inferiores a 20 óbitos infantis por 1.000 nascidos vivos; grupo II (médias) - valores entre 20 a 49 óbitos por 1.000 nascidos vivos; grupo III (altas) - valores superiores a 50 óbitos por 1.000 nascidos vivos. Observa-se que São Marcos apresentou um índice acima de 100 por mil. As taxas são altas em todas as terras indígenas, ainda que em algumas (Areões, Parabubure e Pimentel Barbosa) tenham experimentado redução.

Tabela 5.6. Taxa de mortalidade Infantil (TMI) por mil nascidos vivos, segundo Terras Indígenas Xavante, Mato Grosso, 1999-2001 e 2002-2004.

Terra Indígena	1999 - 2001	2002 - 2004	1999-2004
Parabubure	95,4	89,4	92,5
São Marcos	123,1	136,9	129,5
Pimentel Barbosa	108,7	59,0	83,3
Sangradouro-Volta Grande	59,2	89,8	74,4
Areões	147,2	50,3	96,5
Marechal Rondon	66,7	95,2	79,7
Total	103,3	89,8	96,7

Fonte: SIASI, FUNASA (DSEI Xavante) e Souza (2008).

Obs: A população da TI Marãiwatsede foi considerada na TI Pimentel Barbosa.

5.1.5. Comentários gerais

Os dados apresentados acima mostram que, de 1999 a 2004, a população Xavante apresentou um crescimento médio anual de 4,4%, com as taxas de crescimento oscilando em torno dos 4,0%. O maior crescimento foi registrado na TI Pimentel Barbosa (5,2%). A elevada taxa de crescimento populacional dos Xavante encontra paralelo no que vem sendo reportado para diversos outros povos indígenas no Brasil (Pagliaro et al., 2005).

Os dados demográficos para os Xavante indicam que o crescimento vegetativo ou natural, diferença entre nascimentos e mortes, foi o principal fator responsável no expressivo aumento da população. O componente migração foi irrelevante. Do ponto de vista da fecundidade, as análises indicam uma TFT de 7,7 filhos por mulher no período de 1999 a 2004. Em uma sociedade na qual o casamento e a maternidade são praticamente universais, as mulheres iniciam seu período reprodutivo na primeira metade da segunda década de vida, atingindo o pico da fecundidade entre os 20-29 anos. Em consequência, tem-se uma população demograficamente jovem, com 54,0% abaixo de 15 anos. Esses resultados para os Xavante, seja no tocante à estrutura populacional e aos indicadores demográficos específicos, são bastante similares ao que tem sido reportado para outros povos indígenas que apresentam elevadas taxas de crescimento populacional (Pagliaro et al., 2005).

Um aspecto demográfico e epidemiológico de grande importância é que os elevados níveis de crescimento dos Xavante se fazem acompanhar de taxas de mortalidade bastante elevadas. Assim, a taxa bruta de mortalidade no período de 1999 a

2004 foi de 12,1 por mil. Já a mortalidade infantil foi de 96,7 por mil crianças nascidas vivas. Para fins de comparação, vale ressaltar que para o Brasil, em 2000, a taxa de mortalidade infantil foi de 29,6 por mil, e a do Centro-Oeste de 21,2 por mil (Simões, 2002).

Lunardi et al. (2007) realizaram uma análise das causas de hospitalização dos Xavante no período de 2000 a 2002. Foram pesquisados prontuários em oito hospitais que atendem aos Xavante das terras indígenas Areões, Pimentel Barbosa, Sangradouro e São Marcos. Observou-se que mais da metade dos pacientes eram crianças < 5 anos (65,8%). As cinco principais causas de hospitalização foram: doenças do aparelho respiratório (41,5%); doenças infecciosas e parasitárias (17,4%); gravidez, parto e puerpério (12,7%); doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas (9,7%); e lesões, envenenamentos e conseqüências de causas externas (3,7%). Se excluídas as causas relacionadas à gravidez, parto e puerpério, a distribuição passou ser a seguinte: doenças do aparelho respiratório (47,7%); doenças infecciosas e parasitárias (19,9%); doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas (11,2); e lesões, envenenamentos e conseqüências de causas externas (4,3%). As crianças Xavante foram proporcionalmente mais hospitalizadas por doenças infecciosas e parasitárias, respiratórias e desnutrição que as não indígenas de Mato Grosso. Os autores concluíram que o perfil de morbidade hospitalar Xavante é coerente com a reconhecida precariedade do perfil sanitário e nutricional predominante nas aldeias.

Os resultados demográficos aqui apresentados evidenciam uma expressiva variabilidade interna dos grupos Xavante quanto aos indicadores demográficos e epidemiológicos. As diferenças se manifestam em praticamente todas as dimensões analisadas, incluindo natalidade, fecundidade e mortalidade. No caso da taxa de fecundidade total, no período de 1999 a 2004, houve uma variação de 6,2 (Marechal Rondon) a 10,2 (Pimentel Barbosa).

As análises apontam também para uma tendência de redução da mortalidade infantil ao se comparar os triênios 1999-2001 e 2002-2004. Como apontado por Souza (2008) e Souza et al. (2011), é bastante provável que essa redução se deva à implantação do Subsistema de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas a partir de 1999. Ainda que o subsistema de atenção à saúde indígena apresente muitas deficiências, é inquestionável que houve uma ampliação do acesso dos indígenas aos serviços e programas de saúde. Não obstante, vale destacar que a mortalidade infantil do povo Xavante é extremamente elevada quando comparada aos dados nacionais (quase 5 vezes mais), o que aponta para desigualdades importantes e que precisam ser enfrentadas.



Em resumo, no que diz respeito aos Xavante de Pimentel Barbosa e Wedezé especificamente, compartilham com os demais grupos Xavante um padrão de elevada natalidade e mortalidade. Quanto às crianças, a mortalidade infantil, incluindo aquelas de Pimentel Barbosa, é bastante mais elevada, indicando deficiências na atenção à saúde. Chama atenção que os Xavante de Pimentel Barbosa apresentam as mais elevadas taxas de fecundidade total dentre todos os grupos Xavante, o que faz com que apresentem também a mais jovem população. Com uma taxa de crescimento anual de aproximadamente 5%, a população de Pimentel Barbosa tenderá a duplicar a cada 14 anos.

5.2. Aspectos cosmológicos e cerimoniais

De acordo com Maybury-Lewis (1984 [1967]), para entender a cosmologia Xavante, é necessário primeiro compreender o tema da feitiçaria. Isso porque, na sociedade Xavante, a morte é frequentemente atribuída à feitiçaria, que esteve envolvida em muitas disputas políticas que levaram a separações de aldeias e realocações no passado (vide Parte 1.3.). Uma forma de feitiçaria entre os Xavante envolve o uso de fórmulas secretas para a produção de diversos tipos de “pó ruim”, que para fazer efeito deve ser colocado em contato com a vítima de forma secreta (Maybury-Lewis, 1984 [1967]: 344). A tais procedimentos são geralmente imputadas doenças graves, como a tuberculose (Basta et al., 2010).

As mortes de adultos nas aldeias de Pimentel Barbosa e Wedezé levam a rituais funerários elaborados, que muitas vezes duram de três a cinco dias e envolvem a presença de parentes e outras pessoas, em estado de luto, que vêm de várias aldeias. Corpos são enterrados em covas profundas nos cemitérios próximos às aldeias (Maybury-Lewis, 1984 [1967]). As covas, inclusive aquelas em aldeias abandonadas, são frequentemente visitadas pelos familiares vivos, que as limpam e saúdam os mortos. Os locais do enterro são lembrados por gerações. Os mais jovens acompanham seus parentes mais velhos durante essas visitas e aprendem as histórias e locais de sepultamento de seus ancestrais.

A cosmologia Xavante envolve grande número de espíritos e divindades, sendo alguns mitológicos e outros ancestrais que viveram no passado (Maybury-Lewis, 1984 [1967]). Uma maneira de invocar a influência dessas entidades é através do ritual espiritual conhecido como *wai'a*. Com poucas exceções, rituais espirituais são considerados pelos Xavante como domínio exclusivo dos homens. O sistema espiritual

masculino envolve uma hierarquia de classes de idade, que determinam os papéis dos indivíduos e suas responsabilidades (Welch, 2010b). Adquirir poder espiritual depende do sucesso de um homem quanto a ter acesso aos seres sobrenaturais (espíritos e ancestrais) durante esses rituais. Como explicou um velho Xavante, o meio tradicional de se curar doenças graves não é pelo xamanismo (pajés), mas através de cerimônias espirituais coletivas, nas quais todos os homens se unem de modo a possibilitar a cura por meios espirituais (entrevista concedida por Valdo Pari'õwá a Carlos E.A. Coimbra Jr. e James R. Welch na aldeia Pimentel Barbosa em 02 de junho de 2009).

Segundo as pesquisas do James R. Welch (2010b), aproximadamente a cada 15 anos um grupo de jovens, em processo de iniciação espiritual, passa a participar de cerimônias de iniciação (*darini*). Nessas ocasiões, pré-iniciados se tornam iniciados (*wai'ãra*), um status que os acompanhará até as próximas cerimônias de iniciação espiritual. Acima da hierarquia de iniciados espirituais estão os chamados guardas (*dama'ai'a'wa*) e cantores (*zõ'ra'si'wa*). Aqueles indivíduos acima do grau de cantor ocupam, juntos, o último grau espiritual de pós-oficiais (*wai'a'rada*). O grau de pós-oficial é o mais elevado na seqüência espiritual e é considerado como algo próximo de uma “aposentadoria espiritual”, já que o indivíduo já não mais terá uma participação formal até a sua morte.

No sistema acima descrito, homens de todas as idades são divididos em metades, algo que influencia todas as dimensões espirituais pessoais e coletivas na sociedade Xavante (Welch, 2010b). Apesar de Maybury-Lewis (1984 [1967]) especular que o pertencimento não se deve à adoção de um critério particular, pesquisas mais recentes (Welch, 2009) mostram que, quando os meninos são iniciados no sistema espiritual, seus pais levam em consideração algumas características físicas na escolha da metade a qual a criança irá se filiar. Indivíduos menores ou mais baixos são designados como os “donos da madeira” (*wedehõri'wa*). Durante rituais espirituais, nas partes inferiores de suas pernas, é desenhada uma série de três linhas verticais e eles carregam bordunas em seus braços cruzados. Indivíduos mais altos ou fortes são chamados de “donos do chocalho” (*umretede'wa*). Suas pernas são marcadas com uma série de duas linhas verticais e eles usam chocalhos nos tornozelos. Afiliações a metades também fazem com que os participantes sejam subdivididos espacialmente, quando formam duas filas separadas ou se posicionam em lados opostos de um círculo ou, alternativamente, andam em pares (Giaccaria e Heide, 1972 [1984]; Müller, 1976). Maybury-Lewis (1962: 136) descreve a diferença entre *umretede'wa* e *wedehõri'wa* como uma “intersecção entre duas classes de

espíritos, uma conferindo o poder gerativo (vida) e outro o poder agressivo (morte)". Os *umretede'wa* invocam um espírito benevolente (*danhimi'ie*), que está associado com as flechas sagradas de cana carregadas pelos iniciados mais velhos (*ti'ipê*). Por sua vez, os *wedehōri'wa* lutam para dominar um espírito malevolente (*simi'hō'pāri*), que é responsável por ventos destrutivos. Apesar de todos os participantes espirituais poderem invocar ambos os espíritos, ou um terceiro espírito considerado poderoso mas perigoso (*pi'u*), seu espírito moiático (ou seja, ligado a sua metade espiritual) afeta toda sua performance espiritual e treinamento.

Mulheres também têm seus próprios segredos, que geralmente não são compartilhados com os homens (Welch, 2009). Mas há contextos cerimoniais específicos nas quais as mulheres participam com os homens. Alguns exemplos de rituais que incluem tanto homens quanto mulheres são as lutas (*wa'i*), corridas de toras (*uiwede*), casamentos (*dabasa*) e rituais etários de passagem (*danhono*). Esses rituais são realizados nas aldeias ou próximos a elas, apesar de freqüentemente envolverem componentes materiais que requerem excursões para certas áreas localizadas distantes das aldeias.

5.2.1. Áreas de usos rituais

De acordo com velhos Xavante, antigas aldeias são especialmente valorizadas por apresentarem em seu redor cemitérios onde estão enterrados parentes queridos (vide Parte 5.2.4.). Além disso, são importantes pois lá esses ancestrais, além de parentes e amigos, participaram de cerimônias importantes, como rituais espirituais (*wai'a*), lutas (*wa'i*), corridas de tora (*uiwede*), casamentos (*dabasa*) e ritos etários de iniciação (*danhono*). Estes últimos são especialmente valorizados pelos mais velhos, por ter sido através desses rituais que cada indivíduo passou a pertencer a uma dada classe de idade. Essas classes formam a base de muitas cerimônias e da identidade social de um Xavante no decorrer de sua vida. Quando velhos visitam os locais onde se situavam as aldeias onde passaram sua infância, freqüentemente lembram de suas experiências como jovens membros de uma classe de idade. Para os homens, isso inclui lembranças de morar com seus companheiros de classe de idade na casa dos pré-iniciados (*hō*), onde aprenderam de seus mentores como cantar e como ser adultos responsáveis. A antiga aldeia dos anos 1950 e 1960, próximo do posto do SPI em São Domingos, na área de Wedezé, é lembrada com emoção por muitos velhos. De acordo com Luizinho Hipru (entrevista concedida a Carlos E.A. Coimbra Jr. e James R. Welch, na aldeia de Pimentel Barbosa em 02 de junho de 2009),

foi ali que a classe de idade chamada *tirowa'rada* foi iniciada na cerimônia *danhono*. Nas várias aldeias atuais da TI Pimentel Barbosa, e também em Wedezé, há diversos membros ainda vivos dessa classe. Luizinho relembrou que moraram na casa dos pré-iniciados e foram iniciados na antiga aldeia Wedezé.

A área de Wedezé não é valorizada apenas pelos rituais que lá foram conduzidos no passado, mas também pela sua importância pelos atuais rituais realizados pela população das aldeias de Wedezé e a TI Pimentel Barbosa. Uma das principais razões pelas quais Wedezé continua sendo de extrema importância para atividades rituais é que lá se encontra uma rica fonte de uma substância que os homens Xavante dizem ser extremamente valiosa na sua cultura. Essa substância, usada nas cerimônias de cura e nos rituais espirituais, é considerada um segredo cultural que não pode de modo algum ser revelado para quem não participa no sistema espiritual Xavante, que geralmente inclui os não-Xavante e as mulheres Xavante. Como um homem adulto explicou, “na cultura Xavante existem alguns segredos [em Wedezé] que os velhos só revelam durante as cerimônias. Os homens sabem que existe lá e por isso eles dizem que essa área é muito rica” (entrevista concedida por Valdo Pari'ôwá a Carlos E.A. Coimbra Jr. e James R. Welch na aldeia Pimentel Barbosa em 02 de junho de 2009). Os velhos de duas aldeias, Pimentel Barbosa e Etênhiritipá, indicaram para membros desse GT que esse precioso material não pode ser nomeado ou descrito em detalhes neste relatório, mas pode sim ser descrito em linhas gerais para destacar sua importância. Segundo eles, essa substância, extremamente rara, é considerada sagrada porque atrai espíritos poderosos e pode ser usada para reduzir dor, curar doenças graves e fortalecer a energia de uma pessoa. É encontrada com mais frequência nas áreas de campo de murundu, que são mais prevalentes na região de Wedezé do que no que é a área da TI Pimentel Barbosa (vide Parte 4). Em particular, eles citaram como área de concentração dessa substância os campos de murundu no sul da área proposta de Wedezé, entre o Rio Água Preta e o Rio das Mortes (indicado com uma linha em cor laranja na Figura 3.4).

A região de Wedezé é altamente valorizada também pelos Xavante por ser uma rica fonte de caça, algo não somente importante do ponto de vista alimentar como também cerimonial. Caçadas coletivas, incluindo aquelas entre os meses de maio e agosto que utilizam o fogo, levam à produção de grande quantidade de carne, um pré-requisito para diversos rituais. Os animais de caça preferidos são a anta (*Tapirus terrestris*), o queixada (porco do mato) (*Tayassu pecari* e *Pecari tajacu*) e o veado (*Blastocerus dichotomus*, *Ozotoceros bezoarticus*, *Mazama gouazoubira*, e *Mazama americana*),

dentre outros (Welch, 2009). Os locais onde se realizam as caçadas coletivas na área de Wedezé são discutidos em detalhe na Parte 3.

Existem dois tipos de cerimônias de casamento na cultura Xavante: uma delas (*dabasa isemere*) é mais elaborado e envolve presentear os pais da noiva com uma grande cesta de carne de caça; a outra (*dabasa isere*) é menos elaborada e, além disso, a caça não é entregue em uma cesta. Ambos os tipos são precedidos de caçadas coletivas nas quais os homens buscam acumular grandes quantidades de carne de caça para que o noivo entregue em frente à casa da noiva. Segundo os Xavante, quanto maior a quantidade, maior a satisfação dos pais da noiva (Welch, 2009). Depois de o noivo ter entregue uma quantidade satisfatória de carne de caça, o casamento é concluído em uma outra cerimônia, na qual a noiva ajoelha-se em uma esteira na frente de sua casa para que colares especiais sejam retirados de seu pescoço. O presente na forma de carne de caça é depois compartilhado com toda a aldeia e também com parentes selecionados de outras aldeias. O que ocorre é que, depois que o noivo entrega a carne, ela é rapidamente levada para a casa de um irmão da mãe da noiva (*danhorebzu'wa*, seu padrinho cerimonial). A partir daí, é distribuída para membros de outros domicílios. Em um casamento bem sucedido, membros de todas as casas na aldeia recebem um bom pedaço de carne, de modo que compartilham a alegria das famílias dos noivos.

Caçadas de casamento continuam a ser realizadas na região de Wedezé. As mais recentes delas, empreendidas por homens da TI Pimentel Barbosa, aconteceram durante as estações secas de 2010 e 2011. Em geral, as caçadas realizadas na região de Wedezé em anos recentes não fizeram uso do fogo, de modo a evitar atrito com os fazendeiros. Em relação à área percorrida, essas caçadas acontecem em um raio de aproximadamente 25 quilômetros a partir dos pontos de acesso (vide Figura 3.4). Além disso, habitantes da atual aldeia de Wedezé já realizaram diversas cerimônias de casamento, cada uma delas com caçadas associadas. Durante as entrevistas realizadas pelo GT, os Xavante das aldeias de Pimentel Barbosa e Wedezé manifestaram que se sentem constrangidos quanto a caçar na área proposta de Wedezé por conta da presença de fazendeiros e por não se sentirem seguros.

Caçadas coletivas são também realizadas em duas fases das cerimônias preparatórias das classes de idade (Maybury-Lewis, 1984 [1967]; Welch, 2010a). Uma primeira caçada coletiva (*uiwedezada'ra*) acontece geralmente um ano antes do término do ciclo de iniciação. Nessa ocasião, os mentores dos garotos que vivem na casa dos pré-iniciados promovem uma caçada coletiva, da qual participam a maior

parte dos homens da aldeia. Uma modalidade especial de divisão de carne é praticada durante essas caçadas, segundo a qual a produção diária é dividida entre quatro grupos de caçadores, cada um deles composto por homens de diversas classes de idade, desde jovens a velhos. Posteriormente, ao final da expedição de caça, a carne é dividida entre os mentores que promoveram a caçada e entre membros do grupo de idade dos adultos recém iniciados. Ao retornarem para suas casas, esses homens geralmente entregam a carne para as suas parentes de sexo feminino, que por sua vez se incumbem de fazer novas distribuições entre os membros do domicílio. A mais recente caçada deste tipo aconteceu na região de Wedezé em 2009, local escolhido pelo conselho de homens (*warã*) por ser considerado mais produtivo que áreas localizadas na TI Pimentel Barbosa.

Uma segunda caçada coletiva é feita durante os rituais de iniciação (*danhono*), que ocorrem aproximadamente a cada cinco anos. Nessas ocasiões, homens mais velhos realizam caçadas por algumas semanas de modo a obter bastante carne de caça que será entregue para os líderes da classe de adolescentes em fase de iniciação que irão, a seguir, distribuí-la na comunidade. Essas caçadas e as cerimoniais associadas são organizadas pelos homens velhos detentores de duas prerrogativas cerimoniais (*pahöri'wa* e *tebe*). Como Maybury-Lewis observou, as mulheres freqüentemente deixam a aldeia em expedições de coleta enquanto os homens estão nessas expedições de caça (Maybury-Lewis, 1984 [1967]). No momento de distribuição, a carne obtida é empilhada em um ponto central da aldeia para a distribuição. A caçada é uma parte fundamental dos rituais de iniciação não somente para que todas as famílias tenham abundância de alimentos para celebrar as cerimônias, mas também para reconhecer os líderes do grupo de iniciantes, assim como os membros da comunidade que contribuíram para a formação destes.

Além das caçadas coletivas associadas com as cerimônias preparatórias das classes de idade, excursões de caça e pesca também são organizadas pelas classes de idade mais jovens com o objetivo de ensaiar os cantos a serem apresentados na aldeia em vários contextos cerimoniais. Como indicado na Parte 1, o sistema tradicional de classes de idade requer que membros das classes iniciados mais recentemente cantem e dançam em performances públicas. O sucesso dessas apresentações depende de ensaios freqüentes, que em geral ocorrem em locais remotos, para que os outros membros da comunidade não ouçam as músicas com antecedência. Os homens das classes de idade mais recentemente iniciadas viajam para Wedezé para caçadas coletivas ou para expedições de pesca, por ocasião das quais realizam ensaios. Apesar

de não anunciarem publicamente para a comunidade, é comumente sabido que tais viagens têm como um de seus objetivos justamente oferecer a possibilidade de realização dos ensaios. Outro aspecto importante dessas viagens é a oportunidade para que os jovens em iniciação demonstrem suas capacidades de cumprir os papéis sociais esperados de homens adultos. Homens jovens participam com entusiasmo nas expedições de suas classes de idade rumo à Wedezé e outros locais para, na volta, trazerem carne e peixe para seus mentores e suas famílias.

Os locais das caçadas cerimoniais, nos casos de casamentos e de cerimônias relacionadas às classes de idade, variam e são geralmente determinados pelo conselho de homens. Em particular, acontecem em locais indicados por homens mais velhos que são considerados os donos dos conhecimentos secretos da caça (*abazé'tede'wa*). A região de Wedezé é especialmente favorável para a realização de caçadas coletivas por ter grandes populações de animais de caça (vide Partes 3 e 4). Caçadas coletivas continuam sendo realizadas em Wedezé, apesar dos Xavante não utilizarem fogo quando ali caçam pois, segundo eles, não querem gerar atritos com os fazendeiros. Frequentemente, os caçadores vindos da TI Pimentel Barbosa chegam a Wedezé de barco pelo Rio das Mortes através de quatro pontos de acesso (vide Figura 3.4), partindo das praias em direção à região a direita do rio. As caçadas são realizadas nas vastas áreas de campos e de cerrado da região de Wedezé, e os Xavante afirmam que a área de mata fechada situada na porção sul é especialmente importante, pois é lá que os animais se reproduzem (vide Partes 3 e 4). Esse padrão de utilização da área de Wedezé como campo de caça lembra aquele descrito em um documento do SPI de 1944, que descreve essa mesma área como “campo de caça” para os Xavante, que naquela época viviam em aldeias situadas no lado esquerdo do Rio das Mortes (SPI, 1944).

A área de Wedezé é extremamente importante também para a aquisição de penas para fins cerimoniais. Penas são itens importantes da indumentária ritual Xavante, estando presentes nas “gravatas” (*danhorebzu'a*) que os homens adultos usam quase que diariamente e em diversas outras formas de indumentária cerimonial (Maybury-Lewis, 1984 [1967]; Müller, 1976). Nas palavras do Tsuptó Xavante, cacique da aldeia Pimentel Barbosa, “na cultura Xavante, sem penas não há cerimônias” (entrevista concedida a Carlos E.A. Coimbra Jr. e James R. Welch na aldeia Pimentel Barbosa em 13 de maio de 2010). Conforme detalhado no trabalho de Carrara (1997: 280), que teve foco na etnoornitologia Xavante, as penas mais valorizadas são

as que tem as seguintes origens:

“a ema e a seriema; os tinamídeos (inambus; tururim; perdiz e; jaó); os ciconídeos (jaburu; cabeça-seca; garças; guaná; socós), o colhereiro-americano, o corocoró e o tapicuru e, a curicaca; o tachã-do-sul, o peneira, o trintaréis-grande e o corta-água; os patos; os urubus; os acipitrídeos e falconídeos (gaviões e falcões); os mutuns, a anhumá, o jacupeba, o jacuaçu e o aracuã; o carão; o saracuratrê-potes e o pinto-d’água-comum; o quero-quero, a mexeriqueira e a batuíra, os maçaricos; algumas espécies de pombas; os psitacídeos (araras, maracanãs, aratingas, papagaios, periquitos, maitacas, etc); o biguatinga; as corujas e o urutau; alguns curiangos; as andorinhas (passeriformes) e andorinhões (agrupamento Xavante, onde se encontra o *buru’õtõ wawẽ*, gavião-tesoura); os beija-flores e o cambacica (passeriforme); os martim-pescadores, o bico-de-agulha e a ariramba-bronzeada; o João-bobo; o bico-de-brasa e; os tucanos e araçaris”.

A classificação científica desses pássaros e seus habitats em Wedezé são apresentados em detalhes na Parte 4 deste relatório. Vale ressaltar que alguns dos pássaros cujas penas são mais valorizadas são encontrados apenas nos campos e em ambientes ribeirinhos, que são mais prevalentes na área de Wedezé que na TI Pimentel Barbosa (vide Partes 3 e 4). Em uma oficina de resgate cultural patrocinada pelo Museu do Índio/FUNAI, vários velhos de Pimentel Barbosa mostraram suas coleções de penas para usos rituais e para a fabricação de flechas de vários tipos. Nesses depoimentos, os velhos enfatizaram que muitas delas haviam sido obtidas na área de Wedezé (gravação da data de 15/05/2009, arquivado no Museu do Índio, Rio de Janeiro).

Wedezé é também uma área importante de coleta de plantas de valor medicinal, cerimonial e espiritual. O conhecimento de muitos dos usos é considerado secreto e propriedade de homens ou mulheres de certas famílias. Sendo segredos, os usos não podem ser apresentados nesse relatório. Porém, é possível citar alguns exemplos que ilustram, de forma geral, esses usos, sem divulgar seus segredos específicos. Por exemplo, um velho mencionou que as matas ciliares localizadas em Wedezé contêm dois tipos de resina de árvore que são aplicadas na pele para purificar o corpo e atrair bons espíritos. Apesar dessas plantas serem comumente conhecidas, seus usos para fins medicinais são privados e não podem ser revelados neste relatório (entrevista concedida a Carlos E.A. Coimbra Jr. e James R. Welch na aldeia Pimentel Barbosa em 13 de janeiro de 2010). Também são encontrados em Wedezé plantas de valor cerimonial de conhecimento geral. Por exemplo, o óleo de alguns cocos do mato, como das palmeiras babaçu (*Orbignya phalerata*) e indaiá (*Attalea* sp.), é aplicado no cabelo em alguns contextos rituais. O óleo do coco de babaçu (*Orbignya phalerata*) também é utilizado



como ingrediente na produção de tinta de urucu (*Bixa orellana*), que é altamente valorizado em contextos cerimoniais. Esses cocos também são encontrados na TI Pimentel Barbosa, mas em menor quantidade que na área de Wedezé.

No passado, grupos de homens freqüentemente realizavam excursões na área de Wedezé para a coleta de plantas específicas de uso cerimonial. Nessas ocasiões, aproveitavam para também caçar, coletar outros produtos e também pescar ao longo do caminho para se alimentarem. Por exemplo, um velho da TI Pimentel Barbosa descreveu uma dessas excursões da qual participou, que ocorreu quando vivia em Wedezé nos anos 1950 e 1960. Na oportunidade, o grupo se deslocou na direção nordeste, ao longo da margem direita do Rio das Mortes, retornando pela região do Corixo da Forquilha (Amhú Pá), em busca de materiais para gravatas cerimoniais (Figura 3.8). Escolheram essa rota específica não somente para poderem atravessar a região que continha os materiais desejados, como também porque na região de transição entre as matas ciliares e os campos de murundu paralelos ao Rio das Mortes havia abundância de caça, além da área situada no entorno do Corixo da Forquilha ser rica em raízes e tubérculos (vide Partes 3 e 4). Esses e outros exemplos de rotas de *trekking* estão indicados na Figura 3.8.

5.2.2. Cemitérios

Cemitérios são de enorme importância cultural para o povo Xavante devido às conexões pessoais e cosmológicas com os ancestrais mortos, tanto os imediatos quanto os distantes, como descrita acima. De acordo com a cosmologia Xavante, as pessoas, quando morrem, podem se unir a falecidos considerados honrados e queridos, que moram em uma aldeia dos mortos, ou podem se unir a uma outra classe de espíritos, considerados perigosos e temidos (Maybury-Lewis, 1984 [1967]). Ancestrais benevolentes que se uniram à aldeia dos mortos servem de guias e oferecem conselhos aos seus parentes vivos pelos sonhos. Esses indivíduos mortos são lembrados por gerações. Por essa razão, cemitérios são locais valorizados, sendo visitados regularmente. Todos os velhos Xavante lembram onde seus parentes morreram e consideram sagrados esses locais.

Como foi mencionado acima, todas as aldeias Xavante que foram ocupadas por tempo suficiente para pelo menos um indivíduo morrer e ser enterrado têm pelo menos um cemitério em suas proximidades. Com isso, cemitérios são conhecidos pelos Xavante por serem associados com a maior parte dos sítios de antigas aldeias, sejam aquelas de um período histórico recente ou outras que foram habitadas muito tempo antes do nascimento

dos indivíduos que constituem a atual população (Figura 1.8). Todas as aldeias atuais que se situam em locais onde havia aldeias no passado (vide Parte 2) são reconhecidas como tendo mais de um cemitério.

Velhos de Pimentel Barbosa e Wedezé identificam pelo menos quatro cemitérios no entorno do Morro de Wedezé (Figura 5.4)⁴³. Desses, dois são associados a aldeias ocupadas em períodos mais antigos, por volta de meados do século XIX, quando o povo Xavante havia chegado na região do Rio das Mortes pela primeira vez (vide Parte 1). Os dois outros são mais recentes, relacionados a aldeias situadas aproximadamente no mesmo local entre as décadas de 1950 e 1970. Tanto os cemitérios mais antigos como os mais recentes contêm os restos mortais dos parentes de pessoas que ainda vivem em aldeias de Pimentel Barbosa e Wedezé. Um dos cemitérios mais recentes foi visitado pelo antropólogo David Maybury-Lewis na década de 1950. Como descrito por ele, o cemitério estava localizado próximo de uma área de mata, a cerca de 20 metros das casas (Maybury-Lewis, 1984 [1967]).

Segue uma lista parcial das pessoas enterradas nos dois cemitérios mais recentes, utilizados nas décadas 1950 e 1960, nas proximidades da atual aldeia Wedezé, acompanhada de suas relações de parentesco a residentes ainda vivos das aldeias atuais da TI Pimentel Barbosa e Wedezé (entrevista concedida por um grupo de velhos a James R. Welch na aldeia Pimentel Barbosa nas datas de 13 e 15 de maio de 2010):

1. Serewaipó, pai de Antônio, da aldeia Pimentel Barbosa, e Maria José, da aldeia Asereré, e tio paterno de Joaquim, da aldeia Reata.
2. Sere'uinvê, tio paterno de Hipru, da aldeia Pimentel Barbosa, e Simão, da aldeia Wedezé.
3. Perã, mãe do Hipru, da aldeia Pimentel Barbosa.
4. Wautomo'zawaté'ô, mãe de Wautomo'azu, da aldeia Etênheritipá, e Jacinta Ro'omrami'ô, da aldeia Tanguro.
5. Sinhõse'enhiptó, tia paterna de Sereburã, da aldeia Pimentel Barbosa, e Manezinho, da aldeia Caçula, e avó de Fernanda, da aldeia Wederã.
6. Criança sem nome, filho de Fernanda, da aldeia Wederã.
7. Wa'ato, avô de Roberto, da aldeia Pimentel Barbosa.
8. Sere'uivê, pai de Zilma, da aldeia Pimentel Barbosa.

⁴³ Devido à tradição Xavante de enterrar os mortos numa área adjacente à aldeia, é possível que, por ocasião da redação deste relatório, já exista um quinto cemitério, nas proximidades da atual aldeia Wedezé.

9. Buruwẽ, tio paterno de Eduardo, da aldeia Pimentel Barbosa, e Manoel Rite, da aldeia Caçula.
10. Rêzaiwẽ, primeira esposa de Daru, da aldeia Etênheritipá.
11. Pezarini'õ, mãe de João, da aldeia Pimentel Barbosa.
12. Serezãwẽ, pai de Pratsé, da aldeia Etênheritipá.
13. Awaro, irmão de Pratsé, da aldeia Etênheritipá.
14. Ro'o'amo, filha da irmã de Hipru, da aldeia Pimentel Barbosa.
15. Rêsisububu, mãe de Cristina, da aldeia Pimentel Barbosa.
16. Saranâté, tio paterno de Eduardo, da aldeia Pimentel Barbosa, e Manoel Rite, da aldeia Caçula.
17. Sinhose'e'uwẽ'õ, avó paterna de Irã e Floriano, da aldeia Etênheritipá.

Vale ressaltar que nem todos os cemitérios Xavante são localizados próximos a aldeias. Isso é porque, conforme detalhado na Parte 3 deste relatório, os Xavante tradicionalmente faziam *trekking*, o que envolvia deslocamentos por um amplo território. No caso de acontecerem mortes nessas viagens, os corpos eram sepultados em locais remotos que os velhos entrevistados não foram capazes de identificar com precisão para os membros do GT sem retornar aos locais. Um homem adulto de Pimentel Barbosa narrou porque a sepultura do pai dele, localizada dentro da área de Wedezé, é importante para ele:

“Eu nasci aqui em Pimentel Barbosa. O povo Xavante sempre andava de um lugar para outro. Aqui também já foi aldeia. Wedezé também foi uma aldeia muita antiga... As pessoas que moraram ali, meu avô e meu pai, não existem mais... Lá fica o cemitério do meu pai, Waremra. Ele faleceu lá, em Wedezé. Eu conheço bem o lugar onde ele foi enterrado, apesar de que eu não cheguei a conhecer o cara do meu pai enquanto ele estava vivo porque eu estava pequeninho. Mas eu sei através dos meus irmãos onde ele faleceu. Através deles, a história do meu pai ainda está viva. Mesmo que eu só guardo na memória, ela é passada para os filhos e os netos. Então isso não vai acabar.” (entrevista concedida por Valdo Pari'õwá a Carlos E.A. Coimbra Jr. e James R. Welch na aldeia Pimentel Barbosa em 02 de junho de 2009)

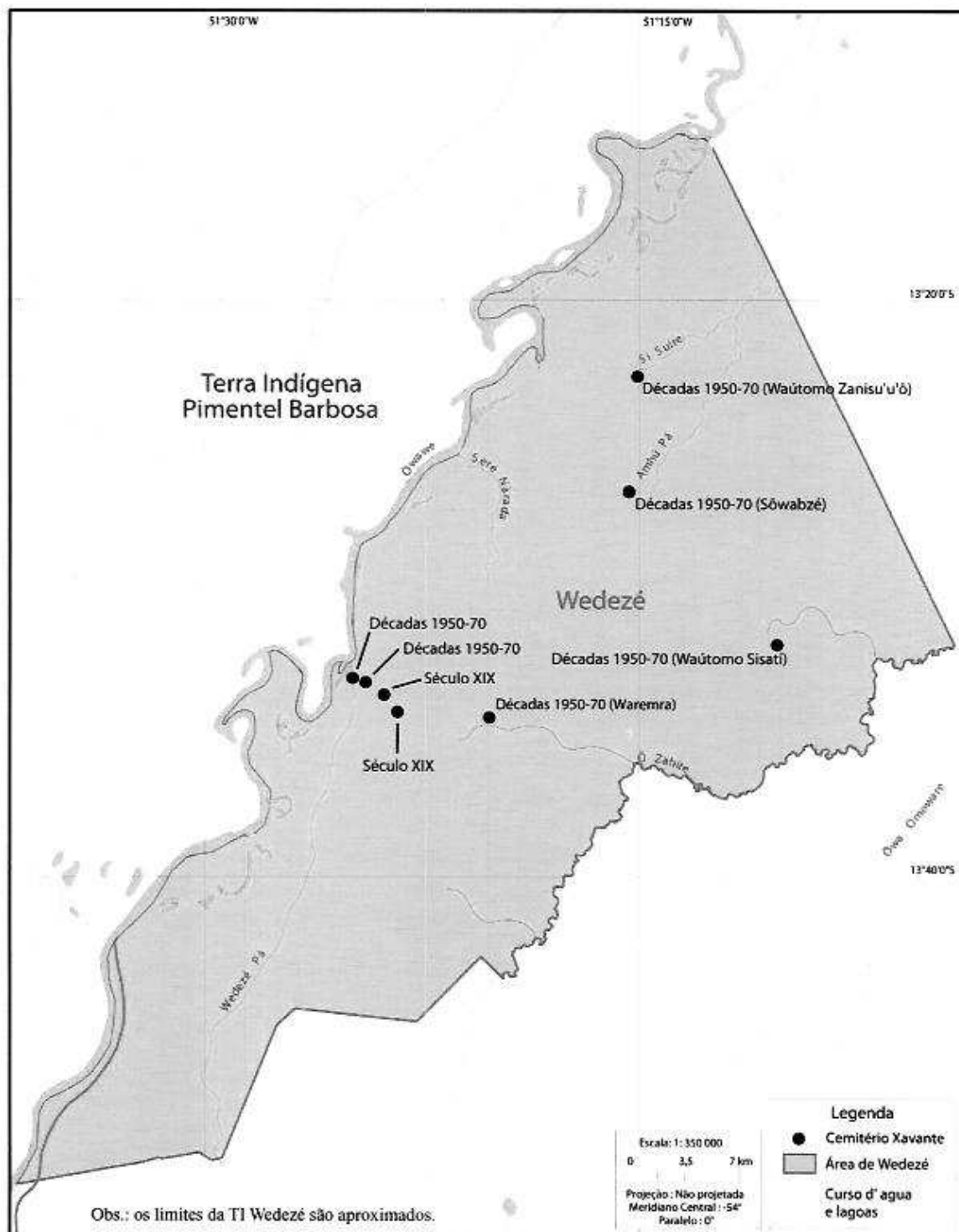
Na região de Wedezé, nas antigas rotas de *trekking*, há também sepultamentos de quatro pessoas cujos nomes são ainda lembrados pelos velhos da TI Pimentel Barbosa e a área de Wedezé (os locais desses cemitérios estão indicados na Figura 5.4). Os nomes dos indivíduos enterrados nesses locais eram, segundo aos relatos (entrevista concedida por um grupo de velhos a James R. Welch na aldeia Pimentel Barbosa nas datas de 13 e 15 de maio de 2010):



1. Sôwabzé, tio paterno de Eduardo da aldeia Pimentel Barbosa e Manoel Rite da aldeia Caçula.
2. Waútomô Zanisu`u`ô, relações de parentesco desconhecidas.
3. Waremra, pai de Valdo da aldeia Pimentel Barbosa e Mãra da aldeia Caçula.
4. Waútomô Sisatí, relações de parentesco desconhecidas.

Vale destacar que os velhos Xavante enfatizaram para o GT que há inúmeros outros sepultamentos na área de Wedezé, mas que os locais exatos não são mais lembrados ou os velhos que se lembram não tiveram condições de informar as localizações no mapa, sem visita.

Figura 5.4. Localização dos cemitérios e sepultamentos Xavante na região de Wedezé, 2010.



5.2.3. Lugares sagrados

Além dos cemitérios mencionados na seção anterior, considerados sagrados pelos Xavante, eles se referem ao Morro de Wedezé (São Domingos) como local de “morada dos espíritos” (entrevista concedida pelo conselho de velhos da aldeia Pimentel Barbosa, a Carlos E.A. Coimbra Jr. e James R. Welch em 02 de junho de 2009).

De forma semelhante, o mato em geral, seja em Wedezé, na TI Pimentel Barbosa ou outros territórios tradicionais do povo Xavante, é considerado sagrado devido às classes de espíritos que lá residem e que aconselham o povo Xavante nos sonhos e nas cerimônias espirituais. Como expressou um homem adulto, ele tinha a preocupação de que seu povo poderia perder o poder espiritual se as florestas onde moram tais espíritos, incluindo as localizadas em Wedezé, fossem desmatadas pelos fazendeiros (dados inéditos, James R. Welch).

5.2.4. Sítios arqueológicos

De acordo com recente pesquisa etnográfica conduzida com os velhos de Pimentel Barbosa (James R. Welch e Carlos E.A. Coimbra, dados inéditos), são reconhecidos pelos Xavante dois tipos de sítios arqueológicos de origem Xavante. O primeiro inclui antigas aldeias que apresentam artefatos e alterações de paisagem relacionados à vida cotidiana (vide Figura 1.8). Esse tipo de sítio arqueológico tem forma semi-circular, refletindo a disposição tradicional de aldeias Xavante (Wüst e Barreto, 1999). Também associados com esse primeiro tipo de sítio estão os cemitérios, que são considerados sagrados, conforme já detalhado. O segundo tipo de sítios arqueológicos reconhecidos pelos velhos Xavante inclui os locais de acampamento. Esses sítios foram em geral constituídos no decorrer das atividades de *trekking* pelo cerrado, muitas vezes em locais distantes das aldeias. Acampamentos antigos também podem ter sepulturas próximas, em geral de um ou poucos indivíduos que morreram nesses locais remotos.

Há divergência na literatura sobre a presença de cerâmica entre os Xavante na época pré-contato. Algumas caracterizações etnológicas mais antigas, baseadas em descrições etnográficas e históricas incompletas, avançaram a hipótese que os povos Jê do Brasil Central, incluindo o sub-grupo Jê Central, ao qual os Xavante pertencem, não possuíam conhecimento sobre a manufatura de cerâmica (Lowie, 1946; Willey, 1949). Entretanto, evidências arqueológicas e etnográficas mais recentes demonstram que a

cerâmica é característica tradicional dos povos Jê e era produzida pelos Xavante até poucas décadas atrás. Na região de Goiás e Mato Grosso, duas tradições arqueológicas de cerâmica são reconhecidas como associadas com aldeias circulares, do tipo que tipicamente caracteriza os povos Jê. Essas, chamadas Uru e Aratu, duraram de 800 a.C. a 1700 a.C. e de 800 a.C. a 1500 a.C., respectivamente (Barbosa e Schmitz, 2008; Wüst, 1994; Wüst e Barreto, 1999). Enquanto a tradição Uru era mais típica de aldeias em áreas de mata onde a base da agricultura indígena era a mandioca, a tradição Aratu era mais típica de áreas de cerrado, associada à agricultura de milho. Nas duas tradições, a presença de cerâmica é altamente associada com solos escurecidos, que os arqueólogos interpretam como indicação de espaços domésticos.

Apesar das especulações etnológicas segundo as quais os povos Jê nunca tiveram conhecimento da cerâmica, há ampla evidência etnográfica do período histórico que comprova a tese contrária. Segundo a arqueóloga Wüst (1989), os sítios Jê do Brasil Central geralmente apresentavam abundância de cerâmica até o contato com europeus, quando a prática foi interrompida. No caso Xavante, desde as primeiras descrições etnográficas, é amplamente reconhecida que a tecnologia ceramista foi domínio tradicional das mulheres, que utilizavam esses utensílios no preparo de alimentos (Giaccaria e Heide, 1972 [1984]; Maybury-Lewis, 1984 [1967]). Também há relatos de episódios históricos nos quais mulheres Xavante quebraram todas as suas panelas de cerâmica, aparentemente em protesto às circunstâncias desfavoráveis que marcaram o contato com não-indígenas em meados do século XX (Wüst em Giaccaria e Heide, 1972 [1984]; Moran, 1993: 130). Segundo Giaccaria e Heide (1972 [1984]: 104), desde esse momento, as mulheres Xavante que guardavam o conhecimento dessa tecnologia desistiram de dar continuidade à sua fabricação. Esses autores propuseram que foi esse evento que levou muitos observadores a suporem que os Xavante nunca souberam produzir cerâmica. Como demonstração da presença de cerâmica na cultura Xavante, vale mencionar que há espécimens de vasos em acervos museológicos no Brasil, inclusive no Museu do Índio/FUNAI (vide registro 5721, colecionado no ano de 1953).

Entrevistas etnográficas e levantamentos de superfície (James R. Welch e Carlos E. A Coimbra, dados inéditos) indicam que tanto as aldeias quanto os acampamentos antigos na TI Pimentel Barbosa e na área de Wedezé podem ser detectados pela presença de fragmentos de cerâmica e restos de carvão. Nos levantamentos de superfície realizados por esse GT, verificou-se que, nos locais identificados pelos Xavante como antigas ocupações, muitas vezes é observado um solo distintamente mais escuro que nas áreas das

redondezas, devido aos altos níveis de matéria orgânica. Tal padrão foi interpretado como indicação de espaços domésticos por arqueólogos que trabalharam em outras áreas com ocupação indígena no Brasil Central, conforme já mencionado (Wüst e Barreto, 1999). Por ser o fogo freqüente no cerrado, a presença somente do carvão é um indício pouco confiável de ocupação humana. Porém, nos sítios ocupados pelos Xavante no início dos anos 1950 e antes (vide Parte 1, Figura 1.8 e Figura 1.9), há consistente presença de fragmentos de cerâmica, que é diagnóstica de ocupação humana.

Segundo os velhos Xavante entrevistados por esse GT, a fabricação e o uso de cerâmica pelos Xavante de Pimentel Barbosa e Wedezé deixaram de acontecer nos anos 1950 devido à abundância de panelas de metal e outros utensílios distribuídos pelo SPI. Por meio de levantamentos na superfície (ou seja, sem escavações), sítios que foram ocupados depois da produção de cerâmica ter sido interrompida são geralmente detectáveis apenas pela presença de solos escurecidos e de alguns tipos de artefatos, incluindo ferramentas de pedra e objetos metálicos de origem industrial.

Dois tipos distintos de cerâmica foram observados nos levantamentos de superfície realizados em sítios arqueológicos identificados pelos velhos Xavante como pertencentes aos seus ancestrais próximos. O primeiro tipo é grande em tamanho e com espessura considerável. Seu formato é redondo, com base chata e borda grossa. As dimensões de um exemplar, estimadas segundo o tamanho e a curvatura de alguns fragmentos, eram de aproximadamente 60cm de diâmetro, 2cm de espessura e com uma borda de 7cm de espessura. O segundo tipo possui dimensões e espessura variáveis, mas tende a ser consideravelmente menor, mais fino e sem borda. Nenhum dos dois tipos apresenta decorações. De acordo com velhas da aldeia Pimentel Barbosa, ambos os tipos de cerâmica eram feitos pelas suas mães e tias, algo que presenciaram quando eram crianças. Essas mulheres, em geral já falecidas, têm descendentes em várias outras aldeias na TI Pimentel Barbosa e em Wedezé. As descendentes se lembram que dois tipos de temperos, de origem vegetal, eram usados na preparação da cerâmica. A identificação dessas plantas é considerada um conhecimento secreto das velhas de famílias específicas e não foi autorizado para a inclusão neste relatório.

Apesar dos artefatos de cerâmica serem especialmente comuns em sítios de aldeias antigas, também podem estar presentes em acampamentos. De acordo com velhos que quando jovens participaram na prática de *trekking*, panelas de cerâmica eram levadas pelas mulheres nessas viagens, sendo descartadas quando quebravam. Há registro da presença de fragmentos de cerâmica na superfície de inúmeros sítios de acampamento e

ao longo de trilhas antigas usados pelas Xavante (James R. Welch, dados inéditos).

Conforme já mencionado, os velhos Xavante reconhecem quatro sítios arqueológicos de aldeias antigas na área de Wedezé (Figura 1.8). Membros do GT visitaram três desses sítios em dezembro de 2009. Os sítios das aldeias mais antigas estão localizados na base do Morro de Wedezé, um no lado norte e outro no lado oeste. De acordo com a tradição oral Xavante (vide Parte 1), quando chegaram no Rio das Mortes, depois de um longo e complexo processo de migração vindos do leste, da região de Goiás, ali se estabeleceu uma aldeia, antes portanto de Sôrepre, que fica a oeste do Rio das Mortes (James R. Welch, dados inéditos). Esses sítios são vistos como tendo sido ocupados pelos Xavante quando eles ainda eram politicamente unidos, antes portanto da separação dos sub-grupos que agora residem nas várias terras indígenas. Considerando a história das migrações, a ocupação de sítios na região de Wedezé deve ter acontecido inicialmente em meados do século XIX. De acordo com os relatos orais, a primeira ocupação na base do Morro de Wedezé durou muitos anos, tendo terminado apenas quando colonizadores passaram a viver nas proximidades e ocorreram conflitos entre alguns deles e os Xavante. Os nomes dos envolvidos nessa disputa ainda são lembrados pelos velhos que vivem em Pimentel Barbosa e em Wedezé (vide detalhes na Parte 1).

Membros do GT visitaram o sítio arqueológico de uma aldeia localizado ao norte do Morro de Wedezé, onde foi observada abundância de pedaços de cerâmica na superfície (Figura 5.5), solo escurecido por matéria orgânica e espécies de árvores conhecidas por estarem associadas com ocupações humanas (incluindo uma concentração notável de babaçu). Velhos que atualmente vivem em Wedezé relataram que essa aldeia era voltada para o norte, com a abertura do anel semi-circular de casas na direção de uma área com solos úmidos, ao invés de um curso d'água. Eles disseram que a água consumida na aldeia provinha de poços rasos escavados nesse solo úmido, o que é uma variação no padrão típico de aldeia Xavante (vide Parte 2). Apesar de não termos visitado o sítio a leste da Pedra de Wedezé, entrevistas com residentes de Wedezé indicaram que também apresenta abundância de cerâmica, talvez inclusive mais do que no sítio visitado.

Figura 5.5. Cerâmica de origem Xavante encontrada nas proximidades do Morro de Wedezé, 2009.

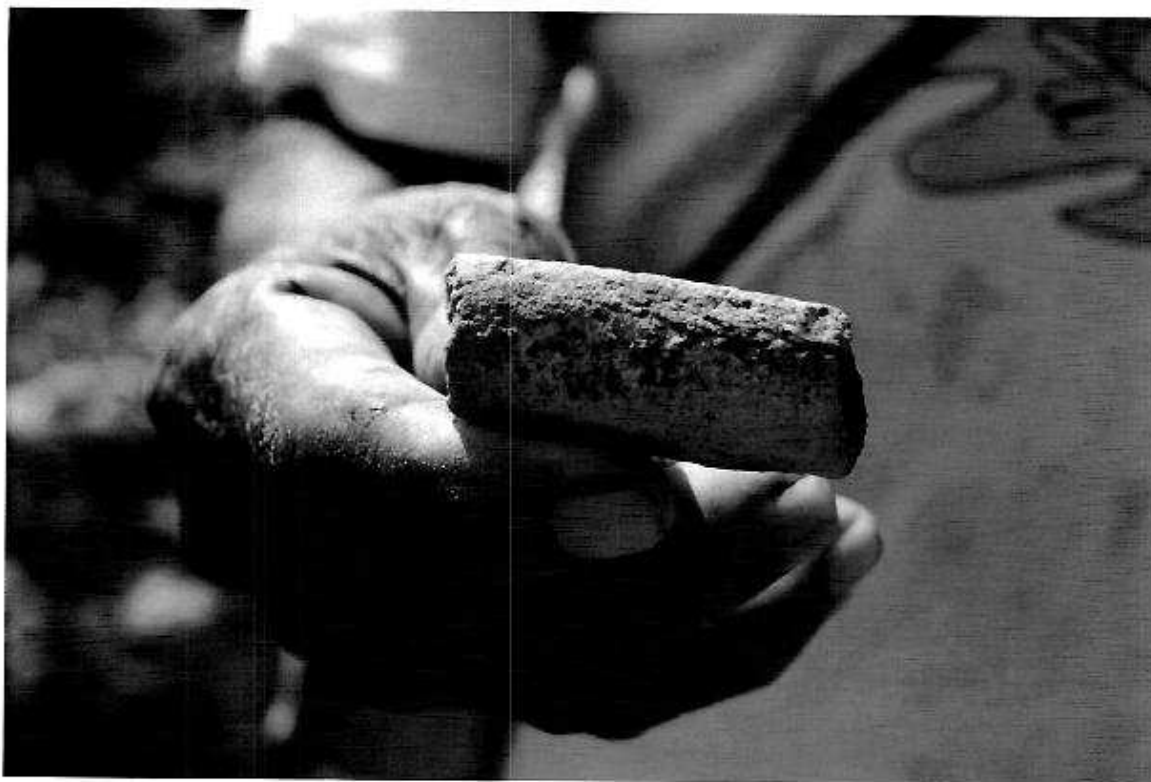


Foto: James R. Welch

Dois outros sítios de aldeias foram visitados pelos membros do GT nas redondezas do Morro de Wedezé. Ambos foram identificados pelos velhos Xavante como tendo sido ocupados aproximadamente nas décadas de 1950 e 1960, quando o posto indígena do SPI era localizado na margem direita do Rio das Mortes (vide Parte 1). Foi nessa época que o antropólogo David Maybury-Lewis realizou suas pesquisas etnográficas entre os Xavante de Wedezé, que formaram a base de seu clássico livro sobre a sociedade Xavante (Maybury-Lewis, 1984 [1967]). Nesse livro é apresentada uma coleção de fotos de uma aldeia que, no presente, é um desses dois sítios arqueológicos. As áreas desses dois sítios se sobrepõem e são remanescentes da presença da mesma comunidade que ocupou o local em momentos históricos distintos. Como discutido na Parte 1, a população de Wedezé, nos anos 1960, começou a se dividir, formando novas aldeias que se localizavam na margem esquerda do Rio das Mortes (Figura 1.8). De acordo com relatos orais, quando isto ocorreu, a população e o número de casas da aldeia de Wedezé diminuíram. Com a eliminação de várias casas que anteriormente faziam parte do semicírculo, típico do padrão das aldeias Xavante, os residentes reconstruíram a aldeia em um novo local, mas bastante próximo do anterior, de modo a restabelecer

esteticamente o semicírculo. Nenhum desses dois sítios tem cerâmica devido à interrupção de sua produção pelas mulheres, como anteriormente descrito.

Vários locais onde se situavam aldeias antigas podem ser detectados através da distribuição característica e frequência de certas espécies de plantas associadas à ocupação humana. O mais antigo desses sítios históricos, situado próximo ao Morro de Wedezé, apresenta um aspecto particularmente marcante por sua mata antropogênica, que inclui árvores de médio e grande porte, que cresceram formando um semicírculo, se destacando do entorno, onde predominam áreas de campo úmido e de cerrado baixo (Figura 4.2) (James R. Welch, dados inéditos). Esse formato vegetacional, na forma de uma aldeia Xavante típica, é tão marcante na paisagem que membros do GT visualizaram-no por ocasião de sobrevôo realizado em outubro de 2009 (Figura 5.6). Do ponto de vista florístico, verifica-se nessas matas o predomínio de importantes fruteiras para os Xavante, em uma frequência não vista fora desse contexto, destacando-se o pequi (*Caryocar* sp.), jatobá-da-mata (*Hymenaea courbaril*), macaúba (*Acrocomia aculeata*), ingá (*Inga* spp.), caju (*Anacardium* spp.) e espécies de rubiáceas e mirtáceas não identificadas, cujos pequenos frutos também possuem valor alimentar (Carlos E.A. Coimbra Jr., dados inéditos). Chama também atenção nessa mata a forte presença de plantas típicas de matas ciliares/de galeria, o que fortalece a interpretação de que a mesma deriva de práticas culturais. A concentração dessas espécies em sítios de aldeias antigas é explicada pelos velhos Xavante como consequência de se trazer frutas para as casas, seguindo-se o descarte das sementes no peridomicílio após o consumo. Essas observações sugerem que ocupações prévias podem permanecer aparentes nos padrões de vegetação por mais de sete décadas.

A vegetação do Morro de Wedezé é caracterizada por rico e denso cerrado que, conforme se sobe em direção ao seu cume, vai rareando, até adquirir uma fisionomia do tipo "campo sujo", caracterizado por predomínio de gramíneas e arbustos tortuosos dispersos, com poucas árvores. Nesses campos, observam-se cajui (*Anacardium humile*), murici (*Byrsonima* sp.), vassoura-de-bruxa (*Ouratea hexasperma*), pau-terra (*Qualea parviflora*) e pau-santo (*Kielmeyera speciosa*). No entorno da base de Wedezé, cresce um cerrado denso formado por árvores altas e extrato herbáceo-arbustivo espesso, que inclui bambus, o que torna difícil a locomoção. Esse cerrado é intercalado por extensas manchas de palmais de babaçu (*Orbignya phalerata*), constituída por palmeiras altas, o que representa importante fonte de cocos, coletados pelos Xavante para sua alimentação. Dentre as espécies arbóreas identificadas nesse cinturão de cerrado, destacam-se, dentre

as espécies arbóreas, lixeira (*Curatela americana*), vassoura-de-bruxa (*Ouratea hexasperma*), curiola (*Pouteria ramiflora*), tingui (*Magonia pubescens*), baru (*Dipteryx alata*), jacarandá-do-cerrado (*Dalbergia miscolobium*), cagaita (*Eugenia dysenterica*), bate-caixa (*Palicourea rigida*), jenipapo-de-cavalo (*Tocoyena formosa*), pau-terra (*Qualea* spp.), embiruçu (*Pseudobombax longiflorum*), paineira (*Eriotheca pubescens*), mandiocão-do-cerrado (*Schefflera macrocarpa*) e pau-doce (*Vochysia* spp.). A complexa vegetação do entorno do Morro de Wedezé contempla, ainda, áreas de provável origem antropogênicas pela grande concentração de árvores frutíferas de uso alimentar pelos Xavante, como caju (*Anacardium occidentale*), jatobá (*Hymenaea stagnocarpa*), macaúba (*Acrocomia aculeata*) e oiti (*Couepia grandiflora*). Nessas áreas nas quais predominam árvores frutíferas, há também locais onde podem ser encontradas grandes quantidades de cerâmica Xavante, como nos mostrou um velho da aldeia Wedezé que nos acompanhou em uma das visitas a essa área (vide Figura 5.5).

Figura 5.6. Vista aérea de antiga aldeia Xavante em Wedezé, na qual se nota crescimento diferenciado de vegetação em forma ferradura, 2009.



Foto: James R. Welch.

Informantes Xavante indicam que, além dos sítios arqueológicos de aldeias, também há sítios de acampamento em abundância na área de Wedezé. Três deles foram identificados pela presença de sepulturas individuais (Figura 5.4). Esses sítios de

acampamentos continuam a ser reconhecidos pelos Xavante de Pimentel Barbosa e Wedezé porque eles por vezes os visitam por ocasião de caçadas, pescarias e expedições de coleta. Assim como esses sítios foram valorizados no passado pelos seus recursos naturais, continuam a sê-lo nos dias de hoje (vide Partes 3 e 4).

5.3. Áreas necessárias à reprodução física e cultural

Como demonstrado nesse capítulo e nos anteriores, os dados históricos, demográficos, antropológicos e ambientais que justificam a área delimitada se adequam e aludem tanto em sua forma, seguindo a normatização da Portaria nº 14/1996, como em seu conteúdo, segundo os conceitos e preceitos apresentados no artigo 231 da Constituição Federal e no Decreto no. 1775/96, às legislações que orientam o processo administrativo de regularização fundiária das Terras Indígenas.

No último capítulo (Parte 7) recuperamos alguns dos principais aspectos apresentados neste relatório com vistas a detalhar as áreas na região de Wedezé necessárias à reprodução física e cultural da população Xavante.



6. SEXTA PARTE: LEVANTAMENTO FUNDIÁRIO E DELIMITAÇÃO

6.1. Características gerais do município de Cocalinho

A área que corresponde à Terra Indígena Wedezé proposta nesse relatório (Anexo X) se localiza inteiramente no município de Cocalinho, situado no Nordeste do Estado de Mato Grosso. A história e a ocupação do que é hoje a região de Cocalinho estão estreitamente relacionados com sua posição geográfica, às margens do Rio Araguaia (Ferreira, 2001). O rio, ao longo dos séculos, funcionou como a principal via de ocupação da região.

Segundo Ferreira (2001), o Governo de Mato Grosso, através de Decreto Lei Estadual no. 808, de 26 de abril de 1928, reservou uma área para o estabelecimento do que se passou a chamar de povoação de São José de Cocalinho⁴⁴. Na ocasião, a povoação fazia parte do município de Registro do Araguaia. Posteriormente, em 1948, com a criação do município de Barra do Garças, a povoação se tornou parte deste. Foi somente em 1986 que foi criado o município de Cocalinho propriamente, a partir de um desmembramento de Barra do Garças.

Atualmente, segundo dados do IBGE, Cocalinho tem uma área de aproximadamente dezesseis mil quilômetros quadrados. É dominado pelo bioma de cerrado (Ferreira, 2001:430). Em termos econômicos, atividades agropecuárias constituem a mais elevada porcentagem do produto interno bruto do município (53% do PIB municipal) (IBGE, 2010).

Por ter sido criado em 1986, foi a partir do Censo Demográfico de 1991 que passaram a ser coletados dados demográficos específicos para Cocalinho. Há, portanto, dados sobre o município derivados dos Censos Demográficos de 1991, 2000 e 2010 (IBGE, 2011). No período de 20 anos entre 1991 e 2010, a população de Cocalinho permaneceu praticamente estável (5457 e 5490 pessoas, respectivamente). Nas duas décadas aconteceu incremento da população urbana (de 2423 para 3647 pessoas) e expressiva diminuição da rural (de 3034 para 1843 pessoas). Em 2007, segundo a contagem de população realizada pelo IBGE, a população era de 5841 pessoas, o que sugere que, nos últimos anos, entre 2007 e 2010, o volume populacional total sofreu redução. Para o ano de 1991, a densidade demográfica na área rural era de 0,22 pessoas

⁴⁴ Esse povoado é provavelmente o mesmo identificado pelo missionário Glass (1911), por ele denominado de São José, próximo do qual foram avistados Xavante em 1909 (vide Parte 1).

por quilômetro quadrado, ou 2,2 pessoa a cada 10 quilômetros quadrados. Trata-se de um padrão de distribuição populacional característico de regiões com a presença de fazendas de grande extensão. Em 2010, essa densidade se reduziu drasticamente, para 0,11 pessoas por quilômetro quadrado, ou aproximadamente 1 pessoa para cada dez quilômetros quadrados. Acrescente-se que, em 2010, 56% da população rural do município era composta por homens, o que é esperado em se tratando de região dominada pela pecuária.

Ao longo do século XX, as regiões de cerrado de Mato Grosso foram sobretudo utilizadas para atividades de pecuária extensiva. Mais recentemente, a partir da década de 1980, a monocultura intensiva, inicialmente através do arroz e posteriormente soja, passou também a ocupar vastas áreas do cerrado matogrossense. Conforme já mencionado, a economia do município de Cocalinho é, sobretudo, baseada na agropecuária, com destaque para a pecuária com sistema de cria, recria, corte e leiteira (Ferreira, 2001:430).

Em 2006, o IBGE realizou um Censo Agropecuário em todo o país. A Tabela 6.1 apresenta informações sobre a condição legal das terras nos municípios do nordeste de Mato Grosso, que é a região onde está localizada Cocalinho. Os resultados indicam que havia 287 estabelecimentos agropecuários no município, a maioria dos quais classificados como “próprios” (ou seja, particulares). Um dado que chama atenção, condizente com os perfis demográfico e econômico do município descritos nos parágrafos acima, é que se trata de uma região no qual predominam grandes propriedades. Desse modo, dentre todos os municípios das três microrregiões localizadas no Nordeste do Estado, Cocalinho apresenta a maior área média por pessoa (4175 hectares).

Também a partir do Censo Agropecuário de 2006 é possível ter uma idéia do crescimento das atividades de pecuária em Mato Grosso. Entre 1996 e 2006 houve um aumento de aproximadamente 14 para 19 milhões de cabeças de gado, um incremento da ordem de 37%. Na região Centro-Oeste, somente Mato Grosso do Sul tem um rebanho de tamanho comparável. Contudo, em MS o crescimento do rebanho entre 1996 e 2006 foi de somente 3,2%. De todos os Estados da Federação, Mato Grosso é o terceiro quanto ao tamanho do rebanho, perdendo somente para Mato Grosso do Sul e Minas Gerais (aproximadamente 20 milhões de cabeças). Não foram localizados dados específicos para Cocalinho, mas possivelmente é o que apresenta um dos maiores rebanhos dentre os municípios do Nordeste de Mato Grosso (IBGE, 2006).

6.2. Trabalho de campo relacionado ao levantamento fundiário

As atividades de levantamento fundiário do GT aconteceram no período de 01 a 11 de julho de 2010. Foram realizadas em duas etapas: coleta de informações sobre coordenadas geográficas e visita a cartórios com vistas a levantar dados sobre a cadeia dominial das ocupações de não índios.

A primeira etapa envolveu deslocamento terrestre e por via fluvial até os pontos previamente identificados como aqueles que seriam os limites da área a ser delimitada. Participaram desta etapa membros do GT, na companhia do engenheiro agrimensor Sebastião Carlos Baptista, lotado na Coordenação Regional do Litoral Sudeste da FUNAI, e de lideranças indígenas, garantindo a participação indígena também nessa etapa do Grupo de Trabalho.

Inicialmente, a partir de Água Boa, de carro, foram percorridas estradas (em geral de terra) até a área mais ao sul da área em processo de identificação. Quando não foi possível alcançar os pontos (distante da estrada, no meio do cerrado ou na mata), as coordenadas foram obtidas a partir do programa Google Earth. A comparação de pontos previamente identificados a partir deste software com leituras de campo indicou alta concordância. Após percorridos os trechos ao sul, o que se deu ao longo de um dia, a equipe do GT se deslocou para região do Rio das Mortes. Para tanto, também saindo de Água Boa de carro, atravessou a Terra Indígena Pimentel Barbosa até sua porção mais ao leste, nas margens do Rio das Mortes. A partir de uma localidade denominada Posto de Vigilância ou Barreira Amarela (no mesmo local da antiga aldeia Pazahöi'waprê, vide Figura 1.8), a equipe se deslocou de barco inicialmente para a parte sul e, no dia seguinte, para a parte norte da área sob delimitação.

Vêm ocorrendo com frequência experiências negativas em recentes trabalhos de campo da FUNAI, não somente nas áreas Xavante, como também em outras regiões do país. Muitas vezes a tentativa de vistoria das propriedades gera situações de tensão e conflitos que chegam a inviabilizar os estudos e coleta de dados.

Para obter informações sobre as propriedades existentes na área delimitada, o GT utilizou do conhecimento local dos próprios índios e dos servidores da FUNAI. Porém, a principal referência neste sentido foi a obtenção de dados quanto aos proprietários originais dos títulos concedidos pelo Estado de Mato Grosso na região através de mosaicos oficiais fornecidos pelo Instituto de Terras de Mato Grosso – INTERMAT,

disponíveis nos arquivos da FUNAI⁴⁵. Tal trabalho deu-se sob a responsabilidade do engenheiro agrônomo Luis Antônio de Araújo, lotado na Coordenação Regional de Cuiabá.

Figura 6.1. Trabalho de coleta de dados de coordenadas geográficas na porção sul da área de Wedezé, julho de 2010.



Também foram buscados dados a respeito de propriedades existentes na região nos processos de concessão de atestados administrativos emitidos pela FUNAI. Constatou-se a existência de uma série de requerimentos da família Zonta, que possui várias matrículas de registro cartorial que compõem a propriedade que é conhecida localmente como Fazenda Remanso, na qual era situado o antigo Posto Pimentel Barbosa (São Domingos) do SPI, onde se localizavam as principais aldeias antigas e onde hoje se

⁴⁵ Sobre a documentação do INTERMAT, vale destacar um mapa de 2002 (Figura 1.2) discutido na Parte 1 deste Relatório. Entre outros aspectos, esse mapa tem a indicação de uma chamada “Estrada do SPI”, que partia do antigo Posto Indígena Pimentel Barbosa (ou São Domingos) na direção sul, rumo às cidades de Cocalinho e Aruanã. Tal mapa mostra, em particular pela presença da referida estrada, que a região de Wedezé era cortada por vias de acesso ao posto indígena, sugerindo que a titulação do Estado do Mato Grosso se deu numa época quando o posto do SPI ainda atuava na região.